

PSICOLOGIA CLÍNICA

Conflitos e desafios em famílias e casais

32.2

PSICOLOGIA CLÍNICA

Conflitos e desafios em famílias e casais

32.2

Maio–Agosto de 2020

PSICOLOGIA CLÍNICA, VOL. 32 N.2, MAI-AGO/2020

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

EDITORES RESPONSÁVEIS

Isabel Fortes
Esther Maria de M. Arantes

EDITORES ASSOCIADOS

Andrea Seixas Magalhães
Karla Patricia Holanda Martins
Lidia Levy de Alvarenga
Luciana Fontes Pessoa
Thomas Eichenberg Krahe

COMISSÃO EXECUTIVA

Isabel Fortes
J. Landeira-Fernandez

SECRETÁRIO EXECUTIVO: *Francisco Wellington Barreto*

SECRETÁRIA ADMINISTRATIVA: *Vera Lúcia L. da Silva*

REVISÃO: *Claudio R. C. Faria*

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: *Ingroup Tecnologia e Serviços Ltda.*

CONSELHO EDITORIAL

Adriana Wagner, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
Alberto Konicheckis, Université Paris Descartes – Paris V, Paris, França
Ana Maria Rudge, UVA, Rio de Janeiro, Brasil
Cleonice Alves Bosa, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
Eduardo João Ribeiro dos Santos, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
Fernando Urribarri, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina
Ilana Strozenberg, ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil
Jefferson Machado Pinto, UFMG, Belo Horizonte, Brasil
Jurandir Freire Costa, UERJ, Rio de Janeiro, Brasil
Luiz Augusto M. Celes, UnB, Brasília, Brasil
Luiz Eduardo Prado de Oliveira, Université de Bretagne Occidentale, Brest, França
Maria Consuelo Passos, UNICAP, Recife, Brasil
Maria da Graça Bompassor Borges Dias, UFPE, Recife, Brasil
Marta Gerez Ambrerin, Universidad Nacional de Tucumán, San Miguel de Tucumán, Argentina
Nelson da Silva Junior, USP, São Paulo, Brasil
Pierre Benghazi, Université Paris 8 – Vincennes St Denis, Paris, França
Renato Mezam, PUC-SP, São Paulo, Brasil
Roland Gori, Université de Provence Aix-Marseille I, Marseille, França
Silvia Helena Koller, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
Silvia Maria Abu-Jamra Zornig, PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil
Teresa Cristina Carreteiro, UFF, Niterói, Brasil

Apoio:



Departamento de Psicologia
PUC-Rio

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da PUC-Rio

PSICOLOGIA CLÍNICA. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Centro de Teologia e Ciências Humanas. Departamento de Psicologia. v. 32 nº 2, mai-ago/2020
CDD.157.9

ISSN: 0103-5665 (impresso)

ISSN: 1980-5438 (online)

MISSÃO DO PERIÓDICO

Divulgar trabalhos originais na área da Psicologia Clínica, contribuindo para a qualidade da pesquisa, para a produção de conhecimento e para a consolidação desse campo no Brasil.

LINHA EDITORIAL

A revista *Psicologia Clínica* é uma publicação quadrimestral de trabalhos originais que se enquadrem em alguma das seguintes categorias: relatos de pesquisa, estudos teóricos, revisões críticas da literatura, relatos de experiência profissional, notas técnicas e resenhas na área de psicologia clínica.

HOMEPAGE:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=0103-5665

PERIÓDICO INDEXADO NAS BASES DE DADOS:

NACIONAIS:

INDEX PSI www.bvs-psi.org.br

LILACS/BIREME lilacs.bvsalud.org

QUALIS (A2) www.periodicos.capes.gov.br

INTERNACIONAIS:

CLASE dgb.unam.mx/index.php/catalogos/seriunam

Latindex www.latindex.unam.mx/latindex/ficha?folio=17689

PsycINFO www.apa.org/pubs/databases/psycinfo/coverage.aspx#P

Redalyc www.redalyc.org/revista.oa?id=2910

EBSCO www.ebscohost.com/titleLists/foh-coverage.htm

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea
22453-900 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (55 21) 3527-2109
Fax: (55 21) 3527-1187
E-mail: psirevista@puc-rio.br

SUMÁRIO

SUMMARY

EDITORIAL 207

SEÇÃO TEMÁTICA – CONFLITOS E DESAFIOS EM FAMÍLIAS E CASAIS

THEMATIC SECTION – CONFLICTS AND CHALLENGES IN FAMILIES AND COUPLES

SECCIÓN TEMÁTICA – CONFLICTOS Y DESAFÍOS EN FAMILIAS Y PAREJAS

MULHER, MÃE E FILHA CUIDADORA: IMAGINÁRIOS COLETIVOS SOBRE
RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

*Woman, mother and daughter caregiver: collective imaginary about
intergenerational relations*

*Mujer, madre e hija cuidadora: imaginario colectivo sobre las relaciones
intergeneracionales*

Natália Del Ponte de Assis

Carlos Del Negro Visintin

Andrea de Arruda Botelho Borges

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg 213

ESTRATÉGIAS DE REGULAÇÃO EMOCIONAL DE PAIS: UMA REVISÃO DA
LITERATURA

Parents' emotional regulation strategies: a literature review

*Estrategias de regulación emocional de los padres de familia: una revisión de
la literatura*

Roberta Pereira Curvello

Deise Maria Leal Fernandes Mendes 231

GENDER ROLES IN LONG-TERM MARRIAGES: CONTINUANCE OR RUPTURE?

Papéis de gênero em casamentos de longa duração: permanências ou rupturas?

Papeles de género en matrimonios de larga duración: ¿permanencias o rupturas?

Ana Carolina Graner Araujo Oliveira

Carolina Leonidas

Fabio Scorsolini-Comin 251

DESIRE TO HAVE CHILDREN: EVIDENCE OF THE VALIDITY OF AN INSTRUMENT

Desejo de ter filhos: evidências de validade de um instrumento

Deseo de tener hijos: evidencia de validez de un instrumento

Jean Carlos Natividade

Amanda Londero-Santos

Nathalia Melo de Carvalho

Renata Machado de Mello

Rebeca Nonato Machado

Terezinha Féres-Carneiro 273

FATORES PREDITIVOS DE DESISTÊNCIA EM UM PROGRAMA PARA ADOLESCENTES COM SOBREPESO OU OBESIDADE: ESTUDO MERC

Predictive factors of dropout from a program for overweight or obese adolescents: MERC study

Factores predictivos de desistimiento en un programa para adolescentes con sobrepeso u obesidad: estudio MERC

Factores predictivos de desistimiento en un programa para adolescentes con sobrepeso u obesidad: estudio MERC

Raquel de Melo Boff

Natália Boff

Marina Alves Dornelles

Martha Wallig Brusius Ludwig

Andreia da Silva Gustavo

Ana Maria Pandolfo Feoli

Márcio Vinícius Fagundes Donadio

Margareth da Silva Oliveira..... 295

USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS POR ADOLESCENTES: ASSOCIAÇÕES COM PROBLEMAS EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS E O FUNCIONAMENTO FAMILIAR

Use of alcohol and other drugs by adolescents: associations with emotional and behavioral problems and family functioning

Uso de alcohol y otras drogas por adolescentes: asociaciones con problemas emocionales y comportamentales y el funcionamiento familiar

Ana Carolina Wolf Peuker

Joici Demetrio Caovilla

Crístofer Batista da Costa

Clarisse Pereira Mosmann 315

SUICIDAL BEHAVIOR IN WOMEN OF DIVERSE SEXUALITIES: SILENCED VIOLENCE <i>O comportamento suicida em mulheres de distintas sexualidades: violências silenciadas</i> <i>El comportamiento suicida en mujeres de distintas sexualidades: violencias silenciadas</i> Felipe de Baére Valeska Zanello	335
---	-----

SEÇÃO LIVRE

FREE SECTION

SECCIÓN LIBRE

PSICOTERAPIA DE ABORDAGEM GESTÁLTICA: UM OLHAR REFLEXIVO PARA O MODELO TERAPÊUTICO <i>Gestalt psychotherapy: a reflective look at the therapeutic model</i> <i>Psicoterapia de enfoque gestáltica: una mirada reflexiva hacia el modelo terapéutico</i> Manoel Antônio dos Santos Patrícia Francielly Araújo Lara Silva Lucila Castanheira Nascimento Marciana Gonçalves Farinha	357
--	-----

O ESTRUTURALISMO E ALGUMAS DE SUAS VICISSITUDES: POLÍTICA E SUJEITO <i>Structuralism and some of its vicissitudes: policy and subject</i> <i>El estructuralismo y algunas de sus vicisitudes: política y sujeto</i> Thales Fonseca.....	387
--	-----

RESENHA

REVIEW

RESEÑA

E O MUNDO PAROU! <i>And the world stopped!</i> <i>Y el mundo se detuvo!</i> Esther Maria de Magalhães Arantes Paulo Armando Esteves Martins Viana.....	413
--	-----

EDITORIAL

O número 32.2 da revista *Psicologia Clínica* compreende duas seções, uma temática e outra livre, além de uma resenha. A seção temática aborda “Conflitos e desafios em famílias e casais” e reúne sete artigos.

O primeiro, *Mulher, mãe e filha cuidadora: imaginários coletivos sobre relações intergeracionais*, dos autores Natália Del Ponte de Assis, Carlos Del Negro Visintin (ambos da PUC-Campinas, SP), Andrea de Arruda Botelho Borges e Tânia Maria José Aiello-Vaisberg (estes da USP), investiga imaginários coletivos sobre relações intergeracionais explorando a possibilidade de convivência entre diferentes gerações, em vários âmbitos sociais e institucionais. Metodologicamente, por meio da abordagem psicanalítica de um curta-metragem disponível na internet, os pesquisadores expostos a esse material, com atenção flutuante e associação livre de ideias, conduziram à produção de três campos de sentido afetivo-emocional que revelam a prevalência de crenças imaginativas sobre a convivência entre avós e netos, que seria lúdica e promoveria aprendizagens significativas, desde que sustentada por uma adulta capaz de cuidar de todos, inclusive financeiramente.

O artigo seguinte, *Estratégias de regulação emocional de pais: uma revisão da literatura*, das autoras Roberta Pereira Curvello e Deise Maria Leal Fernandes Mendes (ambas da UERJ), tem como objetivo traçar um panorama atual de publicações científicas sobre esse tema, entre 2008 e 2017. Dezesesseis artigos foram selecionados nas bases de dados Web of Science, PsychInfo e PubMed sobre a regulação emocional que se desenvolve, sobretudo, por meio das interações sociais das crianças com seus pais. A reavaliação cognitiva se destacou nas estratégias empregadas de modo a favorecer a ressignificação da experiência emocional. A maior parte dos estudos foi realizada nos Estados Unidos, e é defendida a necessidade de estudos brasileiros sobre o tema em outros contextos socioculturais.

O terceiro artigo da seção temática, *Gender roles in long-term marriages: continuance or rupture?*, dos autores Ana Carolina Graner Araujo Oliveira, Carolina Leonidas (ambas da UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, MG) e Fabio Scorsolini-Comin (da USP), busca analisar os relacionamentos conjugais e suas transformações ao longo dos tempos por meio de um estudo descritivo e qualitativo, entrevistando 32 casais unidos há, no mínimo, 30 anos, provenientes de cidades do interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais. As pesquisas apontam que o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos continuam atribuídos às mulheres, mesmo quando elas participam da economia familiar,

confirmando assim os papéis de gênero historicamente estabelecidos, embora possam ser observados manejos, principalmente por parte das mulheres.

O próximo artigo dessa seção, *Desire to have children: evidence of the validity of an instrument*, dos autores Jean Carlos Natividade (PUC-Rio), Amanda Londero-Santos (UFRJ), Nathalia Melo de Carvalho, Renata Machado de Mello, Rebeca Nonato Machado e Terezinha Féres-Carneiro (os últimos quatro da PUC-Rio), investiga o construto desejo de ter filhos, compreendido como uma avaliação subjetiva da intensidade da intenção de ter filhos e das consequências de tê-los, com o objetivo de elaborar um instrumento para mensurar esse desejo e buscar evidências de sua validade baseadas no conteúdo dos itens elaborados. Selecionados os itens mais representativos do construto, foi aplicada a escala a uma amostra de 419 adultos e os itens apresentaram parâmetros satisfatórios, capazes de cobrir adequadamente um amplo espectro do construto. Também foram testadas relações entre o desejo de ter filhos e outras variáveis, como a correlação positiva com o número de filhos pretendidos e a correlação negativa com tempo pretendido de espera para tê-los, provando ser o instrumento válido e útil tanto em pesquisas quanto em contextos clínicos.

O quinto artigo da seção temática, *Fatores preditivos de desistência em um programa para adolescentes com sobrepeso ou obesidade: estudo MERC*, dos autores Raquel de Melo Boff (da UCS – Universidade de Caxias do Sul, RS), Natália Boff, Marina Alves Dornelles (ambas da PUCRS), Martha Wallig Brusius Ludwig (da Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS), Andreia da Silva Gustavo, Ana Maria Pandolfo Feoli, Márcio Vinícius Fagundes Donadio e Margareth da Silva Oliveira (os últimos quatro da PUCRS), tem como objetivo identificar fatores potenciais de impacto sobre a desistência em um ensaio clínico randomizado. Para participar de 12 semanas de intervenção, foram selecionados adolescentes com sobrepeso ou obesidade do sexo masculino e feminino, utilizando-se a regressão logística binária para responder pelo desfecho de não conclusão. As regressões foram realizadas por bloco e as variáveis estudadas foram características demográficas e antropométricas, marcadores metabólicos, aspectos motivacionais, funcionamento psicológico e percepção das práticas alimentares parentais. Foi constatada uma taxa de desistência de quase 50%. Concluiu-se que a família e os aspectos relacionados à motivação para mudança podem ser determinantes de desistência em programas para perda de peso para adolescentes.

O artigo seguinte, *Uso de álcool e outras drogas por adolescentes: associações com problemas emocionais e comportamentais e o funcionamento familiar*, dos autores Ana Carolina Wolf Peuker (UFRGS e CPAD/HCPA – Hospital de Clínicas de Porto Alegre), Joici Demetrio Caovilla (Secretária de Assistência Social e da

Saúde de Chapadão do Lajeado, SC), Crístoper Batista da Costa Brasil (NECAF/Unisinos e Faculdade do CEFI, Porto Alegre, RS) e Clarisse Pereira Mosmann (NECAF/Unisinos, São Leopoldo, RS), tem como objetivo caracterizar o perfil de consumo de álcool e outras drogas em uma pesquisa descritiva com 126 adolescentes de escolas municipais e estaduais do Sul do Brasil e analisar possíveis associações entre o consumo, as variáveis cooperação, conflito e triangulação coparental, coesão familiar, conflito pais-filhos e problemas emocionais e de comportamento. Análises descritivas e inferenciais apontaram que 49,2% dos adolescentes já usaram álcool e 8,7%, tabaco. O uso de álcool correlacionou-se aos conflitos com a mãe e o de maconha aos conflitos com o pai. Os dados são discutidos à luz da literatura científica considerando sua relevância social e clínica. São sugeridas direções que investigações futuras podem tomar.

A seção temática termina com o artigo *Suicidal behavior in women of diverse sexualities: silenced violence*, dos autores Felipe de Baére e Valeska Zanello (ambos da UnB, DF), que visa a analisar as histórias e vivências pessoais de mulheres de diferentes orientações sexuais a fim de averiguar a relação do autoextermínio, apontado como efeito das difusas violências sofridas por elas nas esferas pública e privada, com os dispositivos de gênero e a sexualidade. Foram entrevistadas nove mulheres cisgênero, três autodeclaradas lésbicas, três bissexuais e três heterossexuais. Após análise das entrevistas, foram encontradas cinco categorias: “Masculinidade Adoecedora”, “Ideal Estético” e “Relações Românticas”, nos três grupos de orientação sexual; “Heterodissidência como Devassidão”, nos grupos de lésbicas e mulheres bissexuais; e a categoria “Cuidar” apenas entre as mulheres heterossexuais. Contudo, é necessário considerar outros demarcadores sociais que lhes impactam a saúde mental, a fim de não universalizar seu sofrimento psíquico, pois tais categorias apontam para similaridades e distinções nas narrativas de cada grupo, mas também para o impacto das violências de gênero, fundamentadas na misoginia social.

A seção livre se inicia com o artigo *Psicoterapia de abordagem gestáltica: um olhar reflexivo para o modelo terapêutico*, dos autores Manoel Antônio dos Santos (FFCLRP/USP, Ribeirão Preto, SP), Patrícia Francielly Araújo Lara Silva (UFU – Universidade Federal de Uberlândia, MG), Lucila Castanheira Nascimento (EERP/USP, Ribeirão Preto, SP) e Marciana Gonçalves Farinha (UFU, MG), que apresenta reflexões teóricas sobre os fundamentos filosóficos e teórico-epistemológicos que sustentam a abordagem gestáltica. Após breve retrospectiva histórica com seu surgimento em um cenário então dominado pelas perspectivas psicanalítica e comportamental, são examinados os fundamentos teórico-epistemológicos que sustentam e norteiam as intervenções da GT e em seguida, discorre-se conceitualmente sobre o modelo terapêutico da GT, onde o indivíduo é considerado um ser provisório que está em permanente

construção, a partir das relações que estabelece. Essas relações acompanham o movimento de inacabamento inerente à condição do homem, e a eterna reconstrução que caracteriza o devir humano. A última parte é dedicada à consideração de apontamentos críticos e identificação de limitações da abordagem. Ao final, demonstra-se que a GT reúne um acervo que contribui de modo significativo não apenas para a clínica psicoterápica, como também para o avanço do saber psicológico.

A seção livre é completada pelo artigo *O estruturalismo e algumas de suas vicissitudes: política e sujeito*, de Thales Fonseca (UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei, MG), que parte de dois questionamentos que se entrecruzam: um, que diz respeito aos limites do estruturalismo quanto à proposição de uma política emancipatória; e outro, sobre a importância que o conceito de sujeito pode ter para esse tipo de proposta política. Assim, após um brevíssimo percurso sobre o conceito de estrutura enquanto objeto central do estruturalismo, são articuladas as noções de ideologia e poder em Althusser e Foucault, partindo do caráter onipresente de tais instâncias na teoria desses filósofos, que se desdobram da onipresença do conceito de estrutura e das consequências de tal onipresença para a categoria de sujeito. Posteriormente, são mostradas as divergências existentes entre Lacan e outros autores no que tange ao conceito de sujeito, ressaltando o alcance político desse construto e da própria clínica psicanalítica.

Finalizamos esta edição com a resenha *E o mundo parou!*, sobre o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak (2019), dos autores Esther Maria de Magalhães Arantes (PUC-Rio e PPFH-UERJ) e Paulo Armando Esteves Martins Viana (PPFH-UERJ), que apresenta reflexões fundamentais acerca do livro de Krenak para a compreensão das nossas catástrofes contemporâneas, colocando em xeque, de maneira dramática, o nosso modo de vida dito civilizado, que acarreta mudanças climáticas, destruição das florestas, contaminação dos alimentos e poluição. Para Krenak, é totalmente absurda a ideia de nós, humanos, nos descolarmos da terra, vivermos numa abstração civilizatória e suprimirmos a diversidade. Com o advento da pandemia da COVID-19 em 2020, os autores salientam o pensamento de Krenak quando recomenda que aproveitemos este momento para fazermos uma pausa e uma correção de rumos, mas que não voltemos à chamada “normalidade”, pois se voltarmos, será uma desonra diante da morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. Segundo os autores da resenha, o livro se torna hoje um valioso companheiro, oferecendo ferramentas para pensarmos de maneira crítica tais noções e as transformações do mundo atual.

*Isabel Fortes
Esther Arantes*

SEÇÃO TEMÁTICA

Conflitos e desafios em famílias e casais

Mulher, mãe e filha cuidadora: imaginários
coletivos sobre relações intergeracionais

Estratégias de regulação emocional de pais:
uma revisão da literatura

Gender roles in long-term marriages:
continuance or rupture?

Desire to have children:
evidence of the validity of an instrument

Fatores preditivos de desistência em um programa para
adolescentes com sobrepeso ou obesidade: estudo MERC

Uso de álcool e outras drogas por adolescentes: associações com problemas
emocionais e comportamentais e o funcionamento familiar

Suicidal behavior in women of diverse sexualities: silenced violence

MULHER, MÃE E FILHA CUIDADORA: IMAGINÁRIOS COLETIVOS SOBRE RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

*WOMAN, MOTHER AND DAUGHTER CAREGIVER: COLLECTIVE
IMAGINARY ABOUT INTERGENERATIONAL RELATIONS*

*MUJER, MADRE E HIJA CUIDADORA: IMAGINARIO
COLECTIVO SOBRE LAS RELACIONES INTERGENERACIONALES*

Natália Del Ponte de Assis⁽¹⁾

Carlos Del Negro Visintin⁽²⁾

Andrea de Arruda Botelho Borges⁽³⁾

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg⁽⁴⁾

RESUMO

Inserindo-se no contexto de trabalhos científicos que vêm abordando o fenômeno, cada vez mais ampliado, de possibilidade de convivência entre diferentes gerações, em vários âmbitos sociais e institucionais, esta pesquisa tem como objetivo investigar imaginários coletivos sobre relações intergeracionais. Configura-se metodologicamente por meio da abordagem psicanalítica de um curta-metragem disponível na internet. Exposições dos pesquisadores ao material, em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias, permitiram a produção de três campos de sentido afetivo-emocional: “Sentidos para o viver”, “Sobra tudo para mim” e “Mulher/mãe/filha cuidadora”. Tais campos revelam a prevalência de crenças imaginativas segundo as quais a convivência entre avós e netos seria lúdica e promoveria aprendizagens significativas, desde que sustentada por uma adulta capaz de cuidar de todos. O quadro geral indica que relações

⁽¹⁾ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia como Profissão e Ciência, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil. email: nataliadpassis@gmail.com

⁽²⁾ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia como Profissão e Ciência, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil. email: carlos.visintin@gmail.com

⁽³⁾ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil.
email: andrea.a.botelho@gmail.com

⁽⁴⁾ Livre Docente em Psicopatologia pela Universidade de São Paulo (USP); Programa de Pós-Graduação em Psicologia como Profissão e Ciência, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas; Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. email: aiello.vaisberg@gmail.com

Esta pesquisa teve financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

saudáveis entre crianças e idosos requerem sustentação em termos do suprimento de suas necessidades materiais e afetivas, o que tende a permanecer sob responsabilidade de mulheres-mães-filhas que se encarregam do sustento financeiro, das tarefas domésticas e dos cuidados com os familiares.

Palavras-chave: idosos; mulheres; relações intergeracionais; imaginários coletivos; psicanálise.

ABSTRACT

In the context of scientific studies which consider the increasingly prevalent possibility of coexistence of different generations, in various social and institutional spheres, this study aims to investigate collective imaginaries about intergenerational relationships. It is organized around the application of the psychoanalytic method to a short film available online. The researchers' exposure to this material, in a state of floating attention and free association, led to the development of three fields of affective-emotional meaning: "Meaning for living", "It is all on me", and "Wife/mother/daughter caregiver". These fields indicate the prevalence of imaginative beliefs according to which the coexistence between grandparents and grandchildren would be playful and promote meaningful learning, provided an adult took care of the family. The general picture indicates that healthy relationships between children and the elderly requires support in terms of supplying their affective and material needs, which tends to be a responsibility assigned to women (wives, mothers and daughters), who usually are in charge of financial support, domestic chores, and family care.

Keywords: elderly people; women; intergenerational relations; collective imaginary; psychoanalysis.

RESUMEN

Debido a un problema de investigación relacionado con la convivencia entre las generaciones, el objetivo es conocer el imaginario colectivo sobre las relaciones intergeneracionales. Se justifica en la medida en que el aumento de la longevidad poblacional altere la convivencia en diversas áreas sociales, reflexionando en la clínica psicológica. Metodológicamente se configura a través del enfoque psicoanalítico de un cortometraje disponible en Internet. Las exposiciones de los investigadores psicólogos al material, en estado de atención flotante y libre asociación de ideas, permitieron la producción de tres campos de sentido afectivo-emocional: "Sentidos para vivir", "Todo lo que me queda" y "Mujer/madre/hija cuidadora". Estos campos revelan la prevalencia de creencias imaginativas

según las cuales la convivencia entre abuelos y nietos sería lúdica y promovería un aprendizaje significativo, si sostenido por un adulto capaz de cuidar de todos. El marco general indica que las relaciones saludables entre los niños y los ancianos requieren apoyo en términos del suministro de sus necesidades materiales y afectivas, que tiende a permanecer bajo la responsabilidad de las mujeres-madres-hijas que se encargan de la subsistencia, atención doméstica y familiar.

Palabras clave: ancianos; mujeres; relaciones intergeneracionales; imaginario colectivo; psicoanálisis.

Introdução – Os idosos e as relações intergeracionais

Reconhecendo que as profundas desigualdades sociais atuais (Morgan, 2017), herdadas do passado colonial de nosso país, afetam dramaticamente a vida dos brasileiros, não nos surpreende constatar que fenômenos tais como o aumento da expectativa de vida apresentem, entre nós, feições peculiares que demandam certa atenção. De fato, o aumento da expectativa de vida traz como consequência ampliação das oportunidades para que gerações mais novas possam conviver com pessoas idosas. Entretanto, em uma sociedade heterogênea como a brasileira, essa possibilidade pode ser vivida de diferentes formas, gerando momentos de enriquecimento de vínculos, mas também o enfrentamento de desafios. Assim, estudos que se inserem nessa temática se justificam, pois, apesar de potencialmente enriquecedoras, as relações intergeracionais podem se revelar problemáticas por muitas razões, entre as quais se incluem certa desvalorização do idoso, tido como representante de velhos tempos, já ultrapassados pelos avanços tecnológicos, e não como detentor de experiências relevantes no enfrentamento dos desafios do futuro (Whitaker, 2010). Constela-se, assim, um quadro de possíveis conflitos intergeracionais, que se expressa claramente na clínica psicológica contemporânea e na literatura voltada à saúde mental de idosos (Silva et al., 2015).

No que tange às condições socioeconômicas vigentes, devemos recordar que, na classe média, é mais comum que a família nuclear habite um domicílio que não é compartilhado com avós ou outros membros da família extensa. Entretanto, quando a situação de envelhecimento está no horizonte, ocorrem mudanças na dinâmica familiar na medida em que os idosos, que moram em outros domicílios ou instituições, demandarão atenção por parte dos adultos (Rabelo & Neri, 2014; Carriello et al., 2015). Assim, os idosos, anteriormente menos dependentes, requererão atendimento de novas necessidades resultantes da perda progressiva de autonomia, o que se torna mais comum à medida em que a idade avança.

Por outro lado, nas classes populares, pessoas de diferentes gerações frequentemente convivem sob um mesmo teto. Por esse motivo, somos recorrentemente confrontados, na clínica institucional, com situações de coabitação que reúnem pais, filhos, tios, primos, avós e até bisavós. Os idosos muitas vezes assumem posição ativa na vida dos netos durante a infância e adolescência. Alguns estudos indicam que avós representam parte significativa da renda familiar, das discussões, do cuidado, enfim, da criação de seus netos (Alves, 2013; Pinto et al., 2014; Oliveira et al., 2010). Bosi (1994), em tese de livre docência, já abordou a importância da relação entre avós e netos, apontando que os mais velhos podem contribuir significativamente para a formação das novas gerações, transmitindo conhecimentos e compartilhando experiências.

Atualmente, certa ênfase tem sido dada à questão da discriminação dos mais idosos, já que há indícios de que envelhecer tende a ser visto, em nossa sociedade, como algo ridículo, feio e assustador (Goldani, 2010). Estudiosos da teoria das representações sociais afirmam que circula uma visão segundo a qual a velhice estaria marcada por conotações negativas em que a figura do idoso sozinho, doente e dependente inclui-se no bojo da rejeição ao que é velho (Daniel et al., 2015). Seguindo essa linha, é válido lembrar que Bauman (2008) considera que existe, na contemporaneidade ocidental, certo fascínio por aquilo que é novo e descartável, bem como rejeição pelo que é velho e durável. Assim, num movimento dialético, as relações humanas também seriam moduladas por tais valorizações. Entretanto, também encontramos pesquisadores interessados em conhecer representações sociais sobre o envelhecimento ativo entre homens e mulheres, revelando maior associação da mulher com a esfera doméstica enquanto associam os homens às atividades de lazer, por exemplo (Daniel et al., 2016).

Por outro lado, alguns setores da sociedade civil posicionam-se contra o desprezo e desrespeito ao idoso. Vale, nesse sentido, lembrar o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, estabelecido na Conferência de Madri: “Reconhecemos a necessidade de fortalecer a solidariedade entre as gerações e as associações intergeracionais, tendo presentes as necessidades particulares dos mais velhos e dos mais jovens e de incentivar as relações solidárias entre gerações” (ONU, 2003, p. 22).

Encontramos pesquisadores preocupados em aproximar gerações na tentativa de preencher uma lacuna entre idosos e jovens. No Brasil, por exemplo, há estudos que compartilham reflexões sobre programas interventivos (França et al., 2010; Ferrigno, 2009; Souza, 2003) bem como iniciativas clínicas que favorecem interações entre diferentes grupos etários (Machado et al., 2003). De nossa parte, consideramos que tais programas e práticas clínicas expressam um sentido

de urgência e busca da sociedade por lidar com um grupo social que tende a se fragilizar com o tempo, o que é próprio da velhice, revelando uma dificuldade, institucional e comunitária, para sanar as necessidades da população idosa.

O interesse pelo idoso também se expressa em pesquisas que, embora aspirem se tornar úteis na transformação de condições do envelhecimento, não visam a produzir conhecimento para utilização imediata como fazem aqueles que investigam a eficácia de programas interventivos. Como exemplo, lembramos que, em trabalho psicanalítico anterior, encontramos imaginários coletivos, conceito que explicitaremos a seguir, preconceituosos e temerosos por parte de idosos sobre adolescentes dos dias de hoje (Assis et al., 2016). Consideramos que investigar imaginários coletivos de um grupo etário sobre outro, a fim de conhecer as fantasias e crenças que circulam entre as pessoas, pode se revelar interessante, tendo em vista a produção de conhecimento sobre relações intergeracionais que pode orientar práticas psicoprofiláticas e psicoterapêuticas, bem como contribuir com discussões e transformações sociais que visem à construção de relações éticas e solidárias entre as pessoas. Tais estudos podem se dar pela análise de produções culturais, tais como o curta-metragem que ora tomamos como material, na medida em que veiculam imaginários coletivos sobre relações intergeracionais.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo com uso do método psicanalítico que, como sabemos, desde os tempos inaugurais da psicanálise tem sido usado não apenas no atendimento a pacientes, mas também na abordagem de variadas manifestações humanas. Explicitamos que, conforme explicou Freud (1922/1996), psicanálise pode ser definida como um método de investigação dos processos afetivo-emocionais, um conjunto de teorias, e uma prática clínica. Esse método coloca-se logicamente anterior às teorias e procedimentos clínicos, uma vez que, quando a associação livre de ideias e a atenção flutuante são postas em marcha, por assim dizer, derivam de suas regras fundamentais as teorias e terapêuticas. Desse modo, todo o saber sobre a conduta e seus determinantes inconscientes encontra seus fundamentos à luz dos pilares desse método clínico, ou seja, a associação livre de ideias e a atenção flutuante, a partir da assunção de uma atitude de abertura ao encontro.

Como sabemos, o método psicanalítico, utilizado por todas as escolas (Herrmann, 1979, 2004), pode originar teorizações pulsionais, relacionais ou

que se acomodem entre esses dois polos (Greenberg & Mitchell, 1983). Adotamos um referencial relacional que enfatiza a importância de contextos macrosociais, conhecido como psicologia concreta ou psicologia da conduta (Bleger, 1963/2007; Politzer, 1928/2004; Ambrosio, 2013), no âmbito da qual foram forjados alguns conceitos metodológicos que aqui definiremos: conduta, campos de sentido afetivo-emocional e imaginários coletivos.

Definimos condutas como toda e qualquer manifestação ou ato humano, seja psíquico ou somático, sejam comportamentos exteriores ou obras deles derivadas. No âmbito da psicologia concreta, as condutas são compreendidas como eventos dramáticos, vale dizer, como fenômenos inerentemente vinculares e existenciais, e não como produto da interioridade psíquica individual. Ao passo em que a conduta conformar-se-ia como objeto de estudo de todas as ciências humanas, de acordo com Bleger (1963/2007), caberia à psicologia o estudo da dimensão emocional desses fenômenos.

Clarificamos que, no âmbito teórico da psicologia concreta (Bleger, 1963/2007), as condutas emergem de campos de sentido afetivo-emocional, que podem ser definidos como substratos afetivo-emocionais não conscientes, intersubjetivamente plasmados. Desse modo, afastamo-nos de uma visão de inconsciente metapsicológico e intrapsíquico para nos aproximarmos de uma concepção de inconsciente como trama de sentidos intersubjetivamente tecidos. Visamos, no contexto de pesquisa, a produzir tais campos, que são inconscientes intersubjetivos, por meio do trabalho interpretativo grupal, priorizando múltiplos olhares acerca do fenômeno no qual estamos interessados.

Os imaginários coletivos correspondem a conjuntos de condutas que visamos investigar. São, portanto, atos humanos, que criam mundos vivenciais, no âmbito dos quais se produzem e se reproduzem dialeticamente novas condutas (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008). Consideramos que o estudo psicanalítico de imaginários coletivos pode originar conhecimento relevante em termos da clínica psicológica e da realidade social.

O presente estudo se organizou por meio de uma sequência composta por três procedimentos investigativos, correspondentes a uma forma possível de operacionalização do método psicanalítico, que ora explicitamos:

- (1) Procedimento investigativo de seleção do material de pesquisa;
- (2) Procedimento investigativo de produção interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocionais ou inconscientes intersubjetivos;
- (3) Procedimento investigativo de interlocuções reflexivas.

Para cumprir o procedimento investigativo de seleção do material de pesquisa, definimos *a priori* alguns critérios de seleção, que se justificam na medida em que nos permitem entrar em contato com a temática estudada. São eles:

- (1) Produções cinematográficas em curta-metragem livremente disponibilizadas na internet;
- (2) Produções brasileiras lançadas entre 2000 e 2018;
- (3) Produções apresentando relações intergeracionais que incluam uma pessoa idosa;
- (4) Produções que gerem impactos afetivo-emocionais significativos.

Os três primeiros critérios são descritivos e se justificam diante do nosso interesse em produzir conhecimento de utilidade clínica sobre imaginários coletivos atuais.

O quarto critério, por sua vez, traz consigo uma complexidade maior, relacionada ao fato de a pesquisa qualitativa lidar basicamente com acontecimentos humanos puros de significado emocional, sem tornar irrelevante o fato de uma conduta se revelar mais altamente expressiva do que outra. Assim, a partir de um critério assumidamente mais psicanalítico, inspirado no conceito de sujeito típico (Frederico, 1979), selecionamos uma obra que se apresentou potentemente capaz de comunicar um certo imaginário. A utilização do critério relativo ao impacto contratransferencial foi possível porque, dados os três outros critérios, mantivemo-nos atentos aos curtas-metragens disponíveis na internet há alguns meses, desde que havíamos iniciado estudos preliminares sobre relações intergeracionais.

Tais critérios permitiram a seleção de um curta-metragem de aproximadamente quinze minutos intitulado “A Grande Viagem” (Fioratti, 2011). Essa produção chamou nossa atenção pelo modo sensível com que foi produzido e, também, por ter sido exibido em diversos lugares, incluindo a Mostra de Cinema de São Paulo – evento familiar aos pesquisadores –, o Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro e a Mostra Cinema e Direitos Humanos na América do Sul.

Tomamos esse curta-metragem “A Grande Viagem” – vale dizer, uma obra coletiva – como um acontecer humano ficcional produzido por personalidades transindividuais (Goldmann, 1971). Consideramos que o cinema, assim como todas as artes, é capaz de expressar modos de ser e viver prevalentes em determinados contextos, permitindo múltiplas leituras. Todo artista está imerso em seu

tempo histórico e, ao criar uma produção cultural, expressa aspectos do mundo em que vive. Pesquisas como as de Arós e Aiello-Vaisberg (2009), Chinalia (2012, 2017) e Montezi et al. (2013), que também utilizaram o método psicanalítico na análise de produções cinematográficas, testemunham o valor de filmes na pesquisa de imaginários coletivos.

A obra escolhida nesta pesquisa retrata a história de Mário, um idoso que vai morar com sua filha e seu neto. Apesar de nunca ter viajado, conhece a cultura de diversos países, pois teria sido vendedor de guias turísticos. Seu neto passa a acompanhá-lo nas brincadeiras diárias e ambos se beneficiam da relação que vai sendo construída por meio do brincar, enquanto a mãe/filha provavelmente se mantém ocupada com o trabalho e os afazeres domésticos. Mário não consegue mais distinguir com clareza o presente e o passado, mas parece se divertir enquanto passa as tardes com o neto.

O procedimento investigativo de produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional ocorreu a partir das sucessivas exposições dos pesquisadores ao filme, em estado de atenção flutuante e livre associação de ideias. Buscando interpretar o material, com vistas à produção dos campos psicológicos não conscientes, que subjazem aos imaginários coletivos sobre relações intergeracionais, seguimos as recomendações metodológicas de Fabio Herrmann (1979), tomadas como guias para a interpretação psicanalítica: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido afetivo-emocional emergente”. No contexto teórico-epistemológico em que nos movemos, faz sentido pensar a interpretação como criação/encontro de sentidos, baseando-nos na visão winnicottiana de “apresentação” (Winnicott, 1964/1982). Se, por um lado, o termo “apresentação” nos afasta de concepções positivistas, por outro, aproxima-nos de uma concepção segundo a qual toda interpretação é um gesto criativo, produto do trabalho intelectual do pesquisador-psicanalista.

Por fim, completamos a pesquisa com o procedimento investigativo de interlocuções reflexivas, que é o modo particular como concebemos a discussão dos resultados de pesquisa no contexto da pesquisa qualitativa com método psicanalítico. Nessa seção, buscamos dialogar com autores psicanalíticos e não psicanalíticos sobre os campos de sentido afetivo-emocional interpretativamente produzidos. Aqui, cessamos o uso do método psicanalítico para realizar um trabalho teorizante de cunho reflexivo sobre os resultados, vale dizer, os campos de sentido afetivo-emocionais, à luz de diferentes autores e teorias (Corbett, 2014). Destacamos, assim, que adotamos uma forma de discussão que incide diretamente sobre as interpretações psicanalíticas do material selecionado. Dessa forma, há um afastamento do material propriamente dito, que é considerado como conduta

manifesta, na medida em que o método psicanalítico visa a ultrapassar esse plano no intuito de acessar substratos afetivo-emocionais não conscientes, concebidos como fundo a partir do qual emergem os atos humanos.

Resultados e Discussão

Lembramos que os resultados desta pesquisa, que se configura como qualitativa com uso do método psicanalítico, correspondem a interpretações do inconsciente, que, na psicologia concreta, não é concebido como instância intrapsíquica individual, mas como campos habitados por indivíduos e coletivos. A consideração do curta-metragem à luz do método psicanalítico permitiu a produção interpretativa de três campos de sentido afetivo-emocional: “Sentidos para o viver”, “Sobra tudo para mim” e “Mulher/mãe/filha cuidadora”.

O campo “Sentidos para o viver” é aquele organizado ao redor da crença de que a troca intergeracional, sob forma lúdica, conferiria novos sentidos para a vida de avós e netos. Algumas passagens do filme podem ser consideradas como condutas que emergem desse campo. Por exemplo, o neto parecia, inicialmente, desmotivado com as atividades da escola, bem como em casa, brincando sozinho. O avô também se encontrava abatido e sem vitalidade, isolado em um canto, apesar de estar sob os cuidados de sua filha. Conforme neto e avô se relacionam por meio do brincar, o garoto desenvolve mais interesse pelas atividades pedagógicas e, principalmente, vivencia afetos carinhosos em relação ao avô. Desse modo, o neto passa a se envolver espontaneamente com o cuidado emocional do idoso, enquanto este proporciona ao neto, por meio das viagens encenadas durante as brincadeiras, oportunidades de fantasiar, brincar e se divertir cotidianamente, além de aprender conteúdos escolares de modo agradável.

O campo “Sobra tudo para mim” é regido pela crença segundo a qual a vida adulta se definiria como um conjunto de pesadas obrigações. Lembremos, por exemplo, da cena em que a filha do idoso se zanga pelo fato de seu pai ter ido até o apartamento de vizinhos para vender seus almanques de viagem. As dificuldades para lidar com os lapsos de memória do pai compõem a ideia segundo a qual o idoso deve ficar quieto, sentado, sem fazer barulho, isolado, comportado, ou melhor dizendo, em completa submissão. Nesse caso, as relações e o ambiente seriam fatores que dificultam e até mesmo limitam as relações entre as gerações familiares, sendo impossível se manter saudável em tais condições. Esse campo é ilustrado, portanto, pelas dificuldades vividas pela adulta que precisa começar a cuidar de um idoso que é seu pai.

O campo “Mulher/mãe/filha cuidadora” se organiza ao redor da crença segundo a qual a mulher seria a melhor cuidadora da família. Este campo é ilustrado pelo cuidado fundamental, porém, muitas vezes, pouco reconhecido, que passa a ser de responsabilidade da filha de Mário. Além de cuidar da casa, ocupar-se do sustento financeiro e criar o filho pequeno, precisa garantir que neto e avô possam passar tempo juntos. A personagem mulher-mãe-filha precisa estar sempre atenta às necessidades de todos que estão ao seu redor e só aparece quando precisa “dar ordens”, sempre preocupada, aflita e utilizando um tom de voz mais elevado.

Enunciadas as interpretações, sob forma de definição dos campos de sentido afetivo-emocional, podemos passar para a discussão, momento em que entabulamos interlocuções reflexivas, na medida em que revisitamos as interpretações em companhia de interlocutores teóricos. Neste caso, o interlocutor privilegiado é D. W. Winnicott, apreendido a partir da perspectiva clínica Ser e Fazer (Ambrosio, 2013), que busca atender a exigências metodológicas de Bleger (1963/2007).

Começamos, assim, a discutir o primeiro campo de sentido afetivo-emocional, “Sentidos para o viver”. Podemos ampliar nossa compreensão a partir perspectiva winnicottiana sobre a capacidade criadora do brincar. Devemos especificar que o brincar seria, do ponto de vista winnicottiano, a base do viver autêntico e real. Para o autor, a atividade lúdica segue sendo fundamental ao longo da vida, pois expressa facetas criadoras do *self* e permite a expressão de angústias, elaboração de conflitos e inserção no meio cultural:

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentam suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina (Winnicott, 1971/1975, p. 95).

Portanto, ressaltamos que os ganhos são mútuos, na medida em que ambos se tornam sensíveis às necessidades um do outro, em condições de abertura aos encontros. Podemos interrogar se esses ganhos se ligam ao fato de o curta apresentar trocas geracionais entre avô e neto num contexto familiar propício que não

se caracteriza, por exemplo, pela sobrecarga de idoso cuidando de uma criança pequena, mas que se configura pela convivência do mais velho com uma criança que já ultrapassou fases de dependência características da primeira infância. Levamos em conta, também, que houve uma ampliação forçosa do núcleo familiar, porque, devido ao envelhecimento, o idoso passa a precisar morar com a filha. Questionamo-nos, por fim, como esses ganhos poderiam ocorrer em contextos comunitários e sociais mais amplos.

Em estudo antropológico sobre interações cotidianas, Gottlieb (2009, 2012), sensível a formulações winnicottianas sobre a maternidade e o cuidado infantil, mostra, pela via de estudo de bebês e seus cuidadores, como relações construtivas e solidárias entre gerações são comuns em certas formações sociais. Em pesquisa realizada numa sociedade africana tradicional, que se caracteriza por uma convivência contínua entre pessoas de diferentes idades, relata como crianças e jovens brincavam no meio da aldeia, além de demonstrar que todos compartilhavam os cuidados direcionados aos bebês e crianças, enquanto trabalhavam e se ocupavam da sobrevivência no dia a dia. Assim, contamos com uma rica descrição do modo como pessoas conseguem inventar uma solução para o problema universal da prematuridade do bebê humano, implicando diferentes gerações, sem distinção de sexo, no cuidado com os pequenos. Essa pesquisa também é tocante por evidenciar que interações solidárias podem ocorrer num ambiente marcado pela miséria material, que se liga a processos coloniais.

Evidentemente, na medida em que o modo humano de viver ultrapassa, decididamente, a esfera biológica, para fazer-se como transmissão cultural, as trocas geracionais são um fenômeno complexo de alta relevância. Como parte dessa complexidade, cabe lembrar que, muitas vezes, nas interações entre gerações, os idosos são atualmente tratados de forma excludente. Devemos ressaltar que há condições estruturais numa sociedade em rápida transformação. Ou seja, com as mudanças sociais, os idosos deixaram de ocupar um papel privilegiado que seria o do sábio nas sociedades antigas. Vale lembrar, com Bleger (1963/2007), que toda conduta é entendida como vínculo; portanto, se concordamos que nenhum ser humano vive isolado e que somos seres sociais e gregários, não caberia, aqui, apontar vítimas e culpados. A negligência para com os idosos pode ocorrer devido ao nosso despreparo social para lidar com questões relativas ao envelhecimento.

O declínio do idoso pode mobilizar angústias nos familiares próximos e na sociedade de forma geral. Assim, ressaltamos que, conforme vai envelhecendo, o idoso perde inúmeras aptidões, por exemplo, vinculadas ao mundo laboral, mas pode, muitas vezes, finalmente “brincar”, no sentido winnicottiano. Nessa perspectiva, quanto mais uma pessoa idosa possa utilizar suas próprias capacidades,

ainda que em declínio natural, menos dissociada e, portanto, mais integrada, estará. Nesse sentido vale recordar a frase autobiográfica de Winnicott: “Oh, Deus! Possa eu estar vivo no momento de minha morte” (Winnicott, 1989, p. 3). Tal frase diz respeito à capacidade de estar integrado, sentindo-se vivo e real, até o fim da vida. Machado e Aiello-Vaisberg (2003) lembram que o pensamento que constitui a base da psicopatologia winnicottiana refere-se à inibição do potencial criativo, advinda da submissão ao outro e, por extensão, ao mundo externo.

No que diz respeito ao segundo campo, intitulado “Sobra tudo para mim”, algumas considerações devem ser tecidas. Quando concebemos a teoria winnicottiana de forma crítica e ampliada, segundo o estilo clínico Ser e Fazer (Ambrosio, 2013), não temos dificuldades em perceber que um adulto só tem condições de cuidar saudavelmente de crianças e idosos se ele mesmo puder contar com suporte ambiental satisfatório. Para tanto, é necessário viver num ambiente suficientemente bom, vale dizer, sensível às necessidades do adulto cuidador. Muitas vezes, o filho se torna cuidador por ser único ou, então, pela proximidade física ou psicológica dos pais, sem jamais ter cogitado assumir tal posição (Augusto et al., 2009). Assim, tal transformação pode significar certa orfandade por parte do adulto que vê sua configuração familiar alterando-se constantemente.

Se entendermos o conceito de *holding* como provisão ambiental suficientemente boa (Winnicott, 1960/1990), parece-nos adequado compreender tal cuidado para além daquele dispensado pela mãe ao seu bebê. Ou seja, não restringindo, no âmbito terapêutico, o *holding* a crianças, psicóticos e pacientes regredidos à fase de dependência absoluta, nossa leitura da teoria winnicottiana, a partir da perspectiva clínica Ser e Fazer (Ambrosio, 2013), faz-nos lançar a possibilidade de compreender que os âmbitos sociais mais amplos poderiam conformar-se como possibilidades de sustentação. Desse modo, podemos conjecturar, a partir do campo “Sobra tudo para mim”, que ocorre uma fragilidade nos laços comunitário, social e institucional com os adultos cuidadores.

Em algumas situações, principalmente na classe média, o adulto responsável opta por contratar profissionais capacitados para a realização de tarefas que ele não consiga – ou não queira – desempenhar em relação ao idoso. Mas sabemos que a maior parcela da população não tem condições financeiras de contar com atendimento profissional; portanto, seriam desejáveis transformações sociais que pudessem sustentar a existência de espaços saudáveis.

Aparentemente, o campo “Sobra tudo para mim” indica a crença segundo a qual o adulto seria entendido, em nossa sociedade, como um indivíduo independente, autônomo e capacitado que não conta com apoio de laços comunitários e institucionais. Os desafios configurados por este tipo de campo ampliam-se

na medida em que outros parentes passam a conviver em função da necessidade de uma possível perda de capacidade de autocuidado.

No que tange ao terceiro campo, “Mulher/mãe/filha cuidadora”, percebemos um imaginário organizado ao redor da crença de que uma mulher seria a melhor cuidadora da família. Como exposto por este campo, ela deveria se responsabilizar pelas gerações mais novas e mais velhas. Há pesquisas indicando que os idosos são majoritariamente cuidados por mulheres, especialmente filhas e netas (Takase Gonçalves et al., 2011). Também encontramos, em estudos psicanalíticos, indícios segundo os quais circulam, em nossa sociedade, fantasias de acordo com as quais as responsabilidades pelas crianças deveriam ser de exclusividade da mãe biológica (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017).

Mota (2012), por sua vez, constatou que a filha geralmente assume o cuidado do idoso, enquanto outros familiares são omissos ou apenas visitam raramente. Ainda assim, a filha cuidadora recebe críticas sobre o modo como lida com os mais velhos. Nessa mesma linha, Robles e Pérez (2012), ao analisarem as expectativas de jovens e idosos sobre o dever dos filhos em relação ao cuidado dos mais velhos, revelaram que é esperado que cuidar dos idosos seja uma tarefa da geração mais nova, sendo ideal que o cuidado também seja realizado pela filha. As mudanças recentes nos papéis da mulher na família configuram a diferença de expectativas que ocorre ao longo dos anos. Por outro lado, a mulher continua sendo a principal responsável pelos pais. Batista et al. (2013) investigaram a influência do gênero do cuidador nos fatores associados à sobrecarga dos familiares de pacientes psiquiátricos, idosos ou não. Perceberam que mulheres sofrem cobranças mais especificamente com respeito ao impacto em suas vidas sociais e profissionais, enquanto que, para os homens, as queixas em relação ao aspecto financeiro se destacam.

Tais estudos nos levam a questionar os motivos pelos quais as mulheres seriam constantemente selecionadas para cumprir tais tarefas e com quais suportes elas têm podido contar ao longo do tempo. Certamente, essas questões são socialmente construídas e as crenças imaginativas vinculadas ao “dom materno” fomentam condutas naturalizantes e abstratas que podem estar a serviço da opressão feminina. Pesquisas desenvolvidas na clínica winnicottiana da maternidade apontam que, em nossa sociedade, ocorrem idealizações da figura materna, no sentido de que a mãe biológica seria compreendida como a melhor e única cuidadora da prole (Granato & Aiello-Vaisberg, 2013, 2016). Se, por um lado, sabemos que bebês nascem em condição de dependência absoluta de cuidados de adultos devotados (Winnicott, 1945/1992), por outro, como bem dissertou Gottlieb (2009, 2012), são inúmeras as possibilidades de arranjos culturais de

acolhimento de recém-nascidos e crianças de modo a não onerar exclusivamente a mãe. O campo “Mulher/mãe/filha cuidadora” faz coro a um conjunto de achados de pesquisas ao demonstrar que, enquanto sociedade, ainda demandamos que a mulher-mãe-filha seja dedicada exclusivamente à sua família. Tal posicionamento, claramente conservador e individualista, coincide com perspectivas segundo as quais a maternidade seria uma obrigação e um dever natural da mulher.

No caso do curta-metragem aqui estudado, a cuidadora é tanto filha como mãe. Associamos seu drama ao “mito do amor materno” (Badinter, 2010), segundo o qual toda mãe deveria amar espontaneamente o seu bebê. Aqui, expandindo tal mito, podemos enunciar a crença de que toda filha deveria devotar-se espontaneamente ao cuidado dos pais idosos. Diante desse quadro, abalizamos que a cobrança da mulher seria duplicada, pois, ao que tudo indica, deveria amar e cuidar não apenas dos filhos, mas também dos pais idosos, aceitando tais encargos com imensa boa vontade, paciência e delicadeza.

Segundo esta investigação de imaginários coletivos sobre relações intergeracionais, podemos elucidar que, no caso da produção cultural selecionada, é apresentado de modo bastante sutil o fato de que o aumento de pessoas dependentes muda o quadro das dinâmicas familiares e põe em questão vivamente a capacidade da família nuclear de atender a todas as demandas que lhe são apresentadas. De fato, o aumento da longevidade potencializa possibilidades de dependências se instalarem, o que requer certa supervisão de adultos, que, certamente, não precisam ser do gênero feminino.

Considerações Finais

O presente estudo permitiu a reflexão de que, por meio do brincar, as relações intergeracionais entre avós e netos podem configurar-se como terreno fértil quando as trocas são autênticas e não submissas. Por outro lado, o curta-metragem evidencia um imaginário segundo o qual sobrecargas recaem sobre a mulher cuidadora, que é mãe e filha, e parece esforçar-se excessivamente para atender a todos. O modo como estamos organizados atualmente, vale dizer, com a mulher assumindo, em jornada dupla, tanto a responsabilidade pela vida doméstica como o sustento da família, sobrecarregam-na intensamente. Ora, dividida entre pesadas obrigações, mesmo esforçando-se pessoalmente, provavelmente a mulher não consegue evitar certo prejuízo no que diz respeito ao desenvolvimento emocional daqueles mais vulneráveis, vale dizer, crianças, adolescentes e idosos, que precisam de muitos cuidados. Tais dificuldades podem gerar falhas no ambiente sustentador.

Destacamos que o material estudado termina por apresentar uma questão certamente importante, relativa à necessidade de cuidar do cuidador que é, no caso, uma mulher-mãe-filha. Mesmo que mudanças sociais, de caráter estrutural, dificilmente ocorram a curto prazo, é fundamental que os problemas sejam bem equacionados. Sem negar o valor de programas voltados ao convívio entre idosos e pessoas de outras faixas etárias, que podem ter caráter instrutivo, finalizamos lembrando que o bem-estar de idosos, crianças e adolescentes depende do adulto, e este merece se tornar foco de interesse do psicólogo clínico, seja para realização de psicoterapia, seja para a realização de práticas psicoprofiláticas.

Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da teoria dos campos. In: Monzani, J.; Monzani, L. R. (org.). *Olhar: Fabio Herrmann – Uma viagem psicanalítica*, p. 311-324. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Alves, S. M. M. (2013). *Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos* (dissertação de mestrado). Curso de Pós-graduação em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE.
- Ambrosio, F. F. (2013). *O estilo clínico ser e fazer na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias* (tese de doutorado). Curso de Pós-graduação em Psicologia como Profissão e Ciência, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Arós, A. C. S. P. C.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(2), 3-17. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000200002
- Assis, N. D. P. de A.; Aiello-Fernandes, R.; Aiello-Vaisberg, T. (2016). “Problemáticos ou invisíveis”: o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum*, 31, 259-275. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6439>
- Augusto, F. M. F.; da Silva, I. P.; Ventura, M. M. (2009). Filhos cuidadores: Escolha, mudanças e desafios. *Kairós Gerontologia*, 12(2), 103-118. <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/4417>
- Badinter, E. (2010). *Le conflit: La femme et la mère*. Paris: Flammarion.
- Batista, C. M. F.; Bandeira, M.; Quaglia, M. A. C.; Oliveira, D. C. R.; Albuquerque, E. P. T. (2013). Sobrecarga de familiares de pacientes psiquiátricos: influência do gênero do cuidador. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 21(4), 359-369. <https://doi.org/10.1590/S1414-462X2013000400002>
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bleger, J. (1963/2007). *Psicologia de la Conducta*. Buenos Aires: Paidós.

- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carrilho, L.; Gameiro, C.; Ribeiro, André (2015). Envelhecer no concelho de Oeiras: Estudo numa população institucionalizada. *Análise Psicológica*, 33(1), 121-135. <https://doi.org/10.14417/ap.736>
- Chinalia, M. J. S. (2012). *Mulheres na Prisão: um estudo psicanalítico de um documentário brasileiro* (dissertação de mestrado). Curso de Pós-graduação em Psicologia como Profissão e Ciência, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Chinalia, M. J. S. (2017). *“Cadê o leite do meu neto?”: A relação entre os crimes de bagatela e o sofrimento social* (tese de doutorado). Curso de Pós-graduação em Psicologia como Profissão e Ciência, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Corbett, E. (2014). *“Contos sem fadas”: Mães e filhos em situação de violência doméstica* (tese de doutorado). Curso de Pós-graduação em Psicologia como Profissão e Ciência, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Daniel, F.; Antunes, A.; Amaral, I. (2015). Representações sociais da velhice. *Análise Psicológica*, 33(3), 291-301. <https://doi.org/10.14417/ap.972>
- Daniel, F.; Caetano, E. Monteiro, R.; Amaral, I. (2016). Representações sociais do envelhecimento ativo num olhar genderizado. *Análise Psicológica*, 34(4), 353-364. <https://doi.org/10.14417/ap.1020>
- Ferrigno, J. C. (2009). *O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária* (tese de doutorado). Curso de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Fioratti, C. (diretora) (2011). *A grande viagem* (filme, Portugal, cor, AVI). <https://vimeo.com/37042434>
- França, L. H. F. P.; Silva, A. M. T. B.; Barreto, M. S. L. (2010). Programas Intergeracionais: Quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 519-531. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300017>
- Frederico, C. (1979). *A Vanguarda Operária*. São Paulo: Editora Símbolo.
- Freud, S. (1922/1996). Dois verbetes de enciclopédia – (A) Psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII, p. 253-274. Imago: Rio de Janeiro.
- Goldani, A. M. (2010). Desafios do “preconceito etário” no Brasil. *Educação e Sociedade*, 31(111), 411-434. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200007>
- Goldmann, A. (1971). *Cinéma et Société moderne – Le cinéma de 1958 a 1968: Godard, Antonioni, Resnais, Robbe-Grillet*. Paris: Anthropos.
- Gottlieb, A. (2009). Para onde foram os bebês? Em busca de uma antropologia de bebês (e seus cuidadores). *Psicologia USP*, 20(3), 313-336. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000300002>
- Gottlieb, A. (2012). *Tudo começa em outra vida*. São Paulo: Editora Unifesp.
- Granato, T. M. M.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25(1), 17-35. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000100002>

- Granato, T. M. M.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Interactive narratives in the investigation of the collective imaginary about motherhood. *Estudos de Psicologia*, 33(1), 25-35. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100004>
- Greenberg, J. R.; Mitchell, S. A. (1983). *Object Relations in Psychoanalytic Theory*. Cambridge, MA & London, UK: Harvard University Press.
- Herrmann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In: Herrmann, F.; Lowenkron, T. *Pesquisando com o Método Psicanalítico*, p. 43-83. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, M. C. L.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2003). Sofrimento, Sentido e Absurdo: Ilusão Criativa e Ação Sobre o Mundo. In: *Cadernos Ser e Fazer*. São Paulo: IP-USP. <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2015/03/Machado-e-Aiello-Vaisberg-Ilus%C3%A3o-Criativa-20031.pdf>
- Machado, M. C. L.; Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Gil, C. A.; Tardivo, L. C. (2003). Oficina psicoterapêutica de cartas, fotografias e lembranças: uma experiência dramática. In: Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Ambrosio, F. F. (org.). *Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e materialidade*. São Paulo: IP-USP.
- Montezi, A. V.; Barcelos, T. F.; Ambrosio, F. F.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19, 74-88. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682013000100007
- Morgan, M. (2017). Extreme and Persistent Inequality: New Evidence for Brazil Combining National Accounts, Surveys and Fiscal Data, 2001-2015. *WID Working Paper Series*, 12, 1-50. <https://wid.world/document/extreme-persistent-inequality-new-evidence-brazil-combining-national-accounts-surveys-fiscal-data-2001-2015-wid-world-working-paper-201712/> (acessado em 05/2018).
- Motta, A. B. (2012). Mulheres Entre o Cuidado de Velhos/as e a Reprodução de Jovens em Famílias no Brasil. *Ex aequo*, (26), 87-101. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200008
- Oliveira, A. R. V.; Vianna, L. G.; Cárdenas, C. J. (2010). Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 461-474. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300012>
- ONU – Organização das Nações Unidas (2003). *Plano de ação internacional contra o envelhecimento, 2002* (trad. Arlene Santos). Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos (Série Institucional em Direitos Humanos, vol. 1). http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf (acessado em 08/2017).
- Pinto, K. L. B.; Arrais, A. R.; Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, 19(1), 37-47. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100005>
- Politzer, G. (1928/2004). *Crítica dos fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba, SP: Unimep.

- Rabelo, D. F.; Neri, A. L. (2014). A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. *Pensando famílias*, 18(1), 138-153. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100012
- Robles, L.; Pérez, A. C. (2012). Expectativas sobre la obligación filial: comparación de dos generaciones en México. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 10(1), 527-540. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2012000100034
- Silva, R. M.; Mangas, R. M. N.; Figueiredo, A. E. B.; Vieira, L. J. E. S.; Sousa, G. S.; Cavalcanti, A. M. T. S.; Apolinário, A. V. S. (2015). Influências dos problemas e conflitos familiares nas ideações e tentativas de suicídio de pessoas idosas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(6), 1703-1710. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152006.01952015>
- Souza, E. M. (2003). Integração entre gerações na promoção da saúde: estudo qualitativo no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 37(4) 463-469. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102003000400011>
- Takase Gonçalves, L. H.; Mendes Costa, M. A.; Martins, M. M.; Nassar, S. M.; Zunino, R. (2011). The family dynamics of elder elderly in the context of Porto, Portugal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(3), 458-466. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000300003>
- Visintin, C. D. N.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Motherhood and social suffering in Brazilian mommy blogs. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 19(2), 108-116.
- Whitaker, D. C. A. (2010). O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse “novo” ator social, titular de direitos. *Cadernos CEDES*, 30(81), 179-188. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622010000200004>
- Winnicott, D. W. (1945/1992). Primitive emotional development In: *Collected papers: through paediatrics to psycho-analysis*. London: Karnac Books.
- Winnicott, D. W. (1960/1990). Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso self. In: *O ambiente e os processos de maturação*, p. 128-139. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1964/1982). O mundo em pequenas doses. In: *A criança e seu mundo*, p. 76-82. Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade*, p. 95-120. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1989). Sum: eu sou. In: *Tudo Começa em Casa*, p. 3. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em 05 de setembro de 2018

Aceito para publicação em 12 de abril de 2019

ESTRATÉGIAS DE REGULAÇÃO EMOCIONAL DE PAIS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

PARENTS' EMOTIONAL REGULATION STRATEGIES: A LITERATURE REVIEW

*ESTRATEGIAS DE REGULACIÓN EMOCIONAL DE LOS
PADRES DE FAMILIA: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA*

Roberta Pereira Curvello ⁽¹⁾

Deise Maria Leal Fernandes Mendes ⁽²⁾

RESUMO

A regulação emocional é uma habilidade importante na vida das crianças, que se desenvolve, sobretudo, por meio das interações sociais com seus pais ou cuidadores primários. Mães e pais podem ajudar usando estratégias de regulação para o manejo das emoções. O objetivo deste estudo foi traçar um panorama atual, examinando características de publicações científicas com esse tema, entre 2008 e 2017. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura para organizar uma síntese de conhecimentos a respeito. Dezesseis artigos foram selecionados nas bases de dados Web of Science, PsychInfo, PubMed e LILACS, sendo preestabelecidas algumas categorias para analisar os estudos. Verificou-se predomínio da perspectiva conceitual da cognição social e de delineamento transversal. A reavaliação cognitiva se destacou nas estratégias empregadas, de modo a favorecer a ressignificação da experiência emocional. A maior parte dos estudos foi realizada nos Estados Unidos e as amostras foram constituídas, sobretudo, por mães e não pais. Foi possível apontar lacunas na produção, em especial a carência de estudos em diferentes culturas. Argumenta-se a necessidade de estudos brasileiros sobre o tema em que se explore a diversidade de contextos socioculturais.

Palavras-chave: regulação emocional; estratégias parentais; desenvolvimento emocional.

⁽¹⁾ Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), integrante e colaboradora do grupo de pesquisa Desenvolvimento Socioemocional e Parentalidade, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: robertapsi@gmail.com

⁽²⁾ Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Professora Associada do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Coordenadora do grupo de pesquisa Desenvolvimento Socioemocional e Parentalidade, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: deisefmendes@gmail.com

Este estudo teve o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

ABSTRACT

Emotional regulation is an important skill in the lives of children, which develops primarily through social interactions with their parents or primary caregivers. Mothers and fathers can help by using regulation strategies for managing emotions. The objective of this study was to draw a current panorama, by examining the characteristics of the scientific publications on this theme, between 2008 and 2017. An integrative literature review was formulated to organize a synthesis of knowledge on the matter. Sixteen articles were selected in the Web of Science, PsychInfo, PubMed and LILACS databases, with some categories being pre-established to analyze the studies. There was a predominance of the conceptual perspective of social cognition and cross-sectional design. The cognitive reevaluation was highlighted in the strategies employed, in order to favor the re-signification of the emotional experience. Most of the studies were conducted in the United States, and the samples consisted mainly of mothers rather than fathers. It was possible to point out gaps in production, especially the lack of studies in different cultures. It is argued there is a need for Brazilian studies on the subject in which the diversity of socio-cultural contexts could be explored.

Keywords: emotional regulation; parental strategies; emotional development.

RESUMEN

La regulación emocional es una habilidad importante en la vida de los niños, que se desarrolla principalmente a través de las interacciones sociales con sus padres o cuidadores principales. Las madres y los padres pueden ayudar utilizando estrategias de regulación para controlar las emociones. El objetivo de este estudio fue dibujar un panorama actual, examinando las características de las publicaciones científicas sobre este tema, entre 2008 y 2017. Se organizó una revisión integradora de la literatura para organizar una síntesis del conocimiento al respecto. Se seleccionaron dieciséis artículos en las bases de datos Web of Science, PsychInfo, PubMed y LILACS, con algunas categorías preestablecidas para analizar los estudios. Predominó la perspectiva conceptual de la cognición social y el diseño transversal. La reevaluación cognitiva se destacó en las estrategias utilizadas, con el fin de favorecer la re-significación de la experiencia emocional. La mayoría de los estudios se realizaron en los Estados Unidos y las muestras consistieron principalmente de madres y no de padres. Fue posible señalar brechas en la producción, especialmente la falta de estudios en diferentes culturas. Se argumenta la necesidad de estudios brasileños sobre el tema para explorar la diversidad de contextos socioculturales.

Palabras clave: regulación emocional; estrategias parentales; desarrollo emocional.

Introdução

O conceito de emoção está relacionado à noção de competência emocional, que abrange variadas habilidades. Dentre elas, está a de regulação emocional, que, para Thompson (1994), consiste em processos intrínsecos e extrínsecos responsáveis por avaliar, monitorar e modificar reações emocionais, além de apresentar respostas individuais variando quanto à intensidade, tempo e objetivos na experiência emocional.

Destaca-se nesses processos, com relação à infância, o papel relevante desempenhado pelos adultos no desenvolvimento emocional de crianças. É exercido por meio da transmissão direta e indireta de orientações, que estejam de acordo com a expectativa social e sejam sensíveis à cultura (Thompson, 1994). Arelado a essa dimensão sociocultural, é também ressaltado que a regulação depende da experiência individual, e que funciona como um regulador de processos fisiológicos.

As crianças manifestam seu estado emocional para seus cuidadores, que reagem com respostas ajustadas às necessidades delas (Thomas et al., 2017). Os autores salientam que o processo de desenvolvimento da habilidade de regulação emocional é gradual e ocorre a partir do meio externo, como acontece quando um adulto auxilia a regulação da criança, e se prolonga até que ela melhore sua regulação interna.

São apontadas na literatura duas estratégias de regulação emocional mais amplamente utilizadas, a reavaliação cognitiva e a supressão emocional. Para Gross e John (2003), a reavaliação cognitiva permite o exame da situação que provoca a emoção e a modificação da expressão mais direta. Entretanto, a supressão emocional inibe a manifestação de comportamentos relacionados às emoções, tais como as expressões faciais.

As estratégias de regulação emocional em seu curso de desenvolvimento sofrem impacto de crenças e valores dos pais com relação às emoções e a formas de manejo delas (Meyer et al., 2014). Também a maneira com que os pais usualmente reagem às emoções dos filhos se reflete no desenvolvimento das capacidades regulatórias da criança.

De acordo com Mirabile et al. (2009), as mães desempenham um papel crítico na socialização emocional dos filhos, incluindo as estratégias regulatórias. Elas costumam acalmar seus filhos usando, por exemplo, estratégias de distração. Nesse sentido, vale ressaltar que o ambiente de cuidado tem suas peculiaridades, e as interações com a criança podem interferir em suas respostas emocionais.

As estratégias de regulação emocional utilizadas pelos pais para favorecer o processo de regulação emocional dos filhos podem ser consideradas também uma prática disciplinar. Como discute Lorber (2012), mães que se esforçam para moderar suas reações emocionais costumam utilizar práticas disciplinares que in-

corporam estratégias de regulação emocional voltadas para a supressão ou inibição das manifestações emocionais dos filhos. Ao contrário, mães que tendem a expressar reações emocionais com mais liberdade utilizam práticas disciplinares envolvendo regulação emocional, consideradas hesitantes.

No que concerne à habilidade de autorregulação, afirma-se que é um aspecto essencial para o bem-estar psicológico e para comportamentos apropriados, como discutem Hofmann et al. (2012). Segundo Shaffer e Obradović (2016), o comportamento dos pais e a qualidade das interações entre eles e os filhos influenciam na eficácia dessa habilidade. As autoras mencionam que há uma lacuna na literatura com relação a diferentes aspectos da autorregulação, comportamento dos pais, práticas de parentalidade e interações de pais e filhos. Apontam ainda fatores que influenciam e permeiam a regulação dos pais com relação aos filhos, como dificuldades de regulação emocional dos pais, o nível de educação que possuem, as condições financeiras da família, entre outras circunstâncias que influenciam as capacidades de regulação emocional.

A relevância da regulação emocional para a vida dos indivíduos, particularmente na infância, como discutido, é amplamente reconhecida na literatura científica e seu impacto no desenvolvimento da criança é considerado crucial para um desenvolvimento saudável. Nesse sentido, conhecer a produção na área e traçar um panorama do conjunto de estudos mais recentes e suas principais características se afigura como iniciativa que agrega valor e promove o conhecimento sobre o tema, possibilitando avanços em termos de novas iniciativas investigativas. Considera-se justificável o objetivo deste estudo, que foi analisar características das publicações científicas no que tange às estratégias de regulação emocional de pais com relação a seus filhos, em período mais recente (de 2008 a 2017), traçando um panorama dos estudos e indicando as principais lacunas encontradas.

Método

Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, método indicado por Creswell (2007) para se organizar uma síntese de conhecimentos, em que foram seguidas cinco etapas: (a) identificação do tema em questão para a elaboração da revisão integrativa; (b) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos e para amostragem ou busca na literatura; (c) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados e categorização dos estudos; (d) avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; (e) apresentação da revisão e síntese do conhecimento.

A busca foi realizada no primeiro trimestre de 2018, em quatro bases de dados (Web of Science, PsychInfo, PubMed e LILACS), utilizando os termos de busca *emotional regulation*, *strategies* e *parents*, e o booleano AND. Na língua portuguesa, foram utilizados os termos *regulação emocional*, *estratégias* e *pais*. Foram estabelecidos como critérios de inclusão: (1) estudos voltados para reações e estratégias de regulação emocional de pais e/ou mães com relação a seus filhos (ainda na infância); (2) publicação entre 2008 e 2017. Como critérios de exclusão, foi decidido não selecionar: (a) estudos de caso, estudos clínicos, ensaios teóricos, revisões de literatura, capítulos de livros; (b) estudos publicados em outros idiomas que não o português e o inglês; (c) artigos com participantes que não fossem crianças e pais ou mães de crianças.

As buscas nas bases supracitadas resultaram na identificação de um total de 300 artigos, assim distribuídos: Web of Science (112); PsychInfo (38), PubMed (150) e LILACS (zero). Retiradas as 88 duplicações, foram lidos os títulos e resumos dos artigos restantes, e após a aplicação dos critérios de exclusão e inclusão, foram selecionados 16 artigos que seguiram para a etapa de leitura completa, procedendo-se em seguida a sua análise. A Figura 1 apresenta o fluxograma do processo de seleção dos artigos.

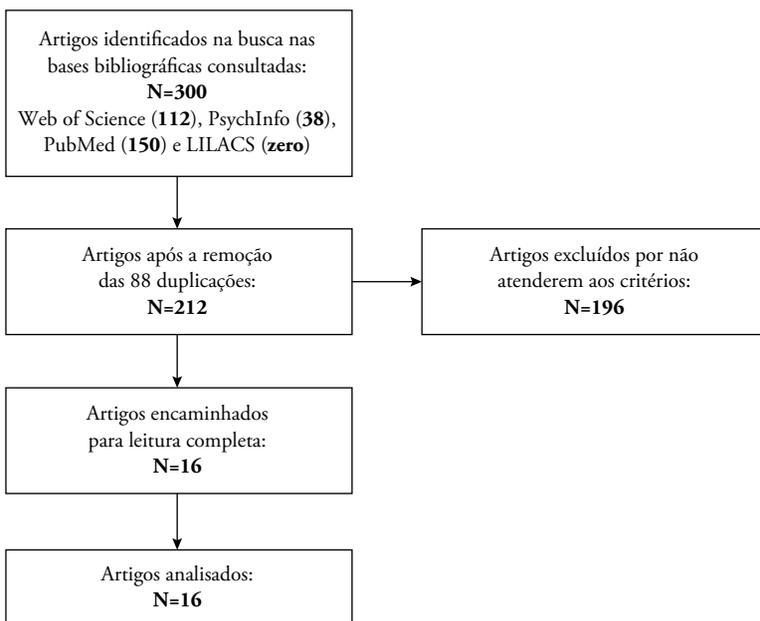


Figura 1 — Fluxograma do processo de seleção dos artigos

Para a análise dos 16 artigos selecionados, foram definidas as seguintes categorias: ano de publicação (para verificar o período de concentração das publicações sobre o tema); local de origem do estudo (país em que foi realizado o estudo, de modo a verificar se havia concentração de publicações em um determinado país); abordagem teórica empregada (perspectiva teórica que embasava a pesquisa); delineamento: transversal ou longitudinal; técnicas de coleta de dados (para analisar as diversas técnicas empregadas na coleta de dados, verificando se foram aplicados questionários, entrevistas, vídeos, tarefas e a combinação de duas ou mais técnicas); instrumentos utilizados na coleta de dados (para analisar se os instrumentos utilizados eram padronizados, o uso de testes ou escalas para medir a regulação emocional e, caso tenham sido empregados, quais e o grau de frequência com que foram utilizados); e participantes (para caracterizar os participantes).

Resultados

Os resultados serão relatados a partir das categorias de análise preestabelecidas e apresentadas anteriormente. Com relação ao **ano de publicação**, dos 16 artigos, oito foram publicados entre os anos de 2008 e 2013 ($n=8$, 50%) e outros oito, publicados entre os anos de 2014 e 2017 ($n=8$, 50%). Para o **local de origem do estudo**, observou-se que a maior parte dos estudos selecionados, onze (68,75%), ocorreu na América do Norte, dois deles no Canadá e nove nos Estados Unidos. Do continente europeu, quatro (25%) estudos foram selecionados. Na Oceania, da Austrália, foi selecionado um artigo (6,25%). Vale ressaltar que não foi encontrado nas buscas nenhum estudo brasileiro, ou mesmo da América do Sul.

No que diz respeito à **abordagem teórica** empregada, foram analisadas nessa categoria as perspectivas teóricas adotadas. Observou-se um expressivo número de estudos, quinze (93,75%), que utilizou a abordagem conceitual da cognição social como embasamento da pesquisa, mas três deles valeram-se também de concepções da perspectiva comportamental.

Os estudos orientados de acordo com a perspectiva da cognição social examinaram questões centrais a respeito de práticas parentais, em que pais conscientizam os filhos sobre as próprias emoções e as emoções dos outros, valorizando esse aspecto no desenvolvimento das crianças (Rogers et al., 2016). As conversas entre pais e filhos, em especial, indicaram a crença de que guiar o desenvolvimento emocional mediante diálogos leva à melhor compreensão dos filhos sobre as emoções (Meyer et al., 2014). Práticas de disciplina consideradas

eficazes entre pais e filhos podem promover intimidade na interação entre eles e favorecer o comportamento adequado das crianças (Kim et al., 2016). As autoras apontam que, quando os pais demonstram ser emocionalmente disponíveis, os filhos tendem a ser socialmente competentes; porém, quando o contrário acontece por parte dos pais, as crianças denotam comportamento mais agressivo e habitualmente quebram regras.

Outra questão encontrada foi o relacionamento de práticas disciplinares às práticas de regulação emocional realizado por Lorber (2012). Segundo essa investigação, as estratégias de regulação, de reavaliação cognitiva e de supressão emocional podem ter impacto nas práticas disciplinares. Constatou-se nesse estudo que, quanto mais os pais se esforçavam por manejar suas próprias emoções, menos utilizavam práticas disciplinares percebidas como exageradas ou como fracas. O esforço dos pais no manejo das próprias emoções possibilita maior adequação nas práticas disciplinares aplicadas aos filhos, vistas como nem tão exacerbadas, nem muito tênues.

Destaca-se, como outro tema investigado, a representação da socialização emocional de pais. As crenças e valores dos pais com relação às emoções estão implicados em práticas de socialização e influenciam na autorregulação das crianças (Meyer et al., 2014). No que diz respeito à expressão emocional, em especial à expressão de raiva e tristeza, Morris et al. (2011) constataram, em pesquisa com mães americanas, que a maioria delas se valeu da utilização de estratégias de resignificação e refocalização da atenção para regulação emocional dos filhos. Em menor proporção, foram utilizadas estratégias em que se realizou o conforto físico. As primeiras estratégias, mais utilizadas, apresentaram redução na expressão de emoções negativas. Os autores argumentaram ainda que o engajamento de pais e filhos no processo de regulação emocional é um importante fator para considerar o desenvolvimento socioemocional.

Dos trabalhos orientados pela perspectiva da cognição social e que se valeiram de concepções da perspectiva comportamental, há um que trata dos efeitos da transferência intergeracional de sobrepeso materno. Esses efeitos pareceram estar associados às dificuldades de regulação emocional de mães na interação com os filhos, em especial nas práticas de cuidado com relação à alimentação. A provisão da comida, dos cuidados no vestir e do calor afetivo auxiliam a criança na regulação de seu estado afetivo, no controle de impulsos e em saber adiar a gratificação. O desenvolvimento das habilidades no uso das estratégias de regulação emocional é interativo e depende das contribuições do cuidador e da criança (Campora et al., 2014).

Nesse estudo, os autores compararam dois grupos de mães italianas, sem sobrepeso e com sobrepeso, e possíveis relações com as dificuldades de manejar a regulação emocional dos filhos. Foi constatado que o grupo de mães com sobrepeso apresentou maiores dificuldades em tal processo. Essas mães denotaram estresse psicológico, riscos de desenvolvimento de quadro clínico depressivo e interações pobres na prática alimentar com os filhos. A hipótese dos autores sobre a condição de sobrepeso e da desregulação alimentar associada à desregulação emocional foi confirmada na pesquisa. Perceberam que a identificação sobre a desregulação emocional das mães influenciou o estado emocional das crianças, afetando negativamente as escolhas, as preferências e o desenvolvimento de habilidades de autorregulação. Essa influência apontou também que as crianças poderiam estar aprendendo a escolher alimentos para obter conforto emocional.

A compulsão alimentar e o consumo calórico excessivo dos pais, bem como os efeitos das suas respostas emocionais relacionadas às emoções negativas dos filhos, foram investigados por Saltzman et al. (2016). Nessa pesquisa, os pais reportaram dificuldades para mudar o humor quando necessário, limitada utilização de estratégias de regulação emocional e ainda dificuldades para identificar um modelo efetivo de regulação emocional. Encontrar estratégias assertivas que regulem também a ingestão calórica dos filhos parece um desafio para os pais no momento em que realizam suas práticas de cuidado, na rotina habitual da família.

Destaca-se também como desafio a construção parental de regulação emocional. No tocante à relação de pais e filhos adotivos, Gavita et al. (2012) pesquisaram como se dá o processo dessa construção, possíveis desordens de comportamento, e a aceitação das crianças da utilização das estratégias de regulação emocional realizadas por seus pais. A pesquisa foi feita à luz da perspectiva da cognição social e das concepções da perspectiva comportamental. Os autores apontaram que as crianças adotivas costumavam manifestar alta incidência de transtornos comportamentais e os pais que as adotaram mostraram-se, muitas vezes, despreparados para lidar com demandas emocionais e comportamentais.

Nessa pesquisa, os pais responderam a duas escalas. A primeira visava a identificar estratégias com relação às disciplinas parentais e a segunda a verificar nível de estresse psicológico dos pais frente às emoções negativas dos filhos. Os pais participaram ainda de um programa de intervenção com o objetivo de auxiliar na redução de estresse e de construir habilidades de regulação emocional para si e com relação a seus filhos. Eles receberam, também, suporte para ampliar as capacidades de comunicação com os filhos e habilidades gerais para auxiliá-los na resolução de problemas. Ao término desse processo, ocorreu *follow-up* com as

crianças e foi constatado um melhor comportamento delas, além de adaptação às estratégias parentais (Gavita et al., 2012).

Dentre todos os dezesseis artigos encontrados, apenas um (6,25%) trouxe a perspectiva biopsicossocial como base teórica de investigação. Encontrou-se na pesquisa longitudinal de Hastings e De (2008) a análise do funcionamento parassimpático do organismo humano e sua relação com a regulação emocional. Nessa perspectiva, examinou-se a manifestação de respostas emocionais, sociais e de comportamento adaptadas ou mal adaptadas em contexto educacional.

Diante desse objetivo apresentado, Hastings e De (2008) pesquisaram como se dá o processo de socialização parental e respostas emocionais competentes e problemáticas de crianças na faixa de idade entre três e cinco anos. Para tanto, as crianças foram monitoradas por um equipamento que acompanhava a atividade cardíaca enquanto assistiam a um vídeo de conteúdo afetivo. Destacou-se maior evidência nos seguintes aspectos estudados: crianças com baixo RSA (*respiratory sinus arrhythmia*) apontavam maior necessidade e dependência da experiência de socialização emocional dos pais, porque quanto maior o RSA, maior é o estímulo à atividade cardíaca, o que aponta baixa capacidade autorregulatória. Os pais responderam a um questionário identificado como Responses to Children's Emotions, que consistia em identificar estratégias que tendiam a utilizar (com categorias definidas) perante as respostas emocionais dos filhos. Essas categorias indicaram respostas de recompensa, de substituição (ou superação), de ampliação (magnificar a reação), de negligência e de punição. As respostas das mães foram mais calorosas, favorecendo a regulação emocional, enquanto os pais estiveram mais propensos a ignorar ou punir seus filhos por expressarem emoções negativas. As tendências de respostas emocionais de pais e mães apontadas pelos autores referiam-se às emoções raiva, tristeza e medo. Os resultados dessa pesquisa podem refletir a tendência mais ampla dos pais a parecerem mais rigorosos e controladores do que as mães nos estilos parentais de socialização emocional (Hastings & De, 2008).

Na categoria **delineamento de pesquisa**, nove estudos apresentaram um delineamento transversal e sete, um delineamento longitudinal. Quanto à **técnica de coleta de dados**, parte relevante dos artigos selecionados (n=13, 81,25%) utilizou a aplicação de escalas psicométricas. Cita-se a escala DERS – Difficulties in Emotion Regulation Scale, aplicada na pesquisa de Shaffer e Obradović (2016), utilizada para analisar dificuldades dos pais em sua regulação emocional e na utilização assertiva das estratégias de regulação emocional com relação a seus filhos. Utilizou-se outra escala para averiguar estratégias de enfrentamento emocional, a Coping with Children's Negative Emotions Scale, aplicada por Gunzenhauser et al. (2014), Rogers et al. (2016), Meyer et al. (2014) e Saltzman et al. (2016)

para examinar reações de suporte e não suporte de mães em relação a seus filhos. A escala requer respostas hipotéticas para se distinguir quais estratégias os pais utilizariam a respeito das reações emocionais das crianças. Foi identificado nos estudos que as estratégias de suporte aos filhos facilitaram as tentativas de levar a criança a regular suas emoções.

O uso de questionários foi outra técnica bastante utilizada nos artigos analisados (n=8, 50%), como o questionário padronizado RCE, identificado como Responses to Children's Emotions Questionnaire, utilizado por Hasting e De (2008). Essa medida requer que os pais relatem suas respostas às emoções negativas discretas (raiva, tristeza e medo) de seus filhos. As respostas dos pais podem indicar apoio emocional, negligência, punição ou amplificação.

No estudo de Hasting e De (2008), as respostas das mães pareceram mais favoráveis, mais calorosas e acolhedoras, enquanto as respostas dos pais foram mais propensas a ignorar e punir as emoções negativas dos filhos. Em um dos estudos (n=1, 6,25%), foi empregada a técnica de observação com registro visual (vídeo) para analisar respostas de enfrentamento às emoções negativas. Roque e Veríssimo (2011) aplicaram uma técnica identificada como Emotion Regulation Paradigm, que consiste na intenção de medir estratégias, expressões e intensidade emocional de crianças interagindo com suas mães durante episódios de contexto emocional, que eram estimulados por diferentes brinquedos. O resultado desse estudo mostrou que o envolvimento materno diminuía a intensidade da expressão emocional do filho, mas, se a mãe não apresentasse envolvimento relevante, a tendência de resposta emocional da criança era aumentar o nível de intensidade da expressão emocional para chamar atenção da mãe para suas necessidades. Esse envolvimento materno demonstrou ser apoio e segurança para a criança regular sua excitação emocional.

Além das escalas e questionários, encontrou-se a aplicação de tarefas com história ilustrada, vídeos com situações-problema, e vinhetas padronizadas que apresentavam possibilidades de seleção de atitudes para regulação emocional. No caso da pesquisa de Zimmer-Gembeck et al. (2011), pais e filhos deveriam assistir a algumas cenas e, nos inquiridos, tinham de relatar o que imaginaram e, em seguida, precisavam responder a questões sobre o que sentiram, e como enfrentariam as situações ilustradas. Nessa tarefa, as crianças lidaram com situações interpessoais estressantes provocadas por outras crianças. Os pais participaram promovendo suporte social e auxiliando nos argumentos dos filhos.

As estratégias utilizadas pelos pais quando os filhos experimentavam raiva pareciam mais estimulantes para as crianças. Já no caso da manifestação de tristeza, as crianças demonstraram motivação na procura de conforto e na tentativa de pedir

apoio e informação para repensarem a situação emocional vivenciada. Outras técnicas valeram-se de medidas fisiológicas, como a coleta de saliva para medir a produção hormonal e a aferição cardíaca (Thomas et al., 2017). Outra técnica encontrada nessa revisão foi a aplicação de medida fisiológica para analisar intervalos de batidas cardíacas contínuas. Elas foram monitoradas pelo Mini-Logger com intuito de verificar o tom vagal cardíaco e relações entre a socialização emocional dos pais e o comportamento das crianças (Hasting & De, 2008).

Quanto aos **instrumentos padronizados**, estão presentes, considerando-se os artigos analisados, três (18,75%) (Gunzenhauser et al., 2014; Lorber, 2012; Meyer et al., 2014) que utilizaram o ERQ (Emotional Regulation Questionnaire). Esse questionário consiste em duas subescalas de estratégia de regulação emocional, reavaliação cognitiva e supressão emocional.

Para analisar funções executivas dos pais em relação a seus filhos, Shaffer e Obradović (2016) utilizaram a escala Parental EF. Essas funções executivas correspondem aos valores e motivações na prática de regulação emocional. Além dessa, outra escala utilizada no mesmo estudo foi a Parental ER, que buscava medir as dificuldades dos pais na escolha efetiva de estratégias para sua regulação emocional e como essas dificuldades poderiam interferir na interação com os filhos.

No sentido de pesquisar desordens de comportamento e regulação emocional, foi utilizada, em um estudo romeno (Gavita et al., 2012), uma escala com itens de autorrelato para pais. O instrumento, identificado como The Parenting Scale, apresenta fatores que indicam estratégias de disciplina e estilos ou práticas parentais. Ainda com esse propósito de examinar práticas parentais, utilizou-se, no mesmo estudo, a escala Profile of Emotional Distress, centrada em emoções valoradas como negativas que apontavam estresse emocional dos pais.

Com o intuito de medir o comportamento emocional dos pais e a depressão materna em especial, Coyne e Thompson (2011) utilizaram como instrumento as escalas Center of Epidemiological Studies Depression e Parental Locus of Control. O primeiro instrumento visava a analisar se as crianças apresentavam problemas internalizantes e como os enfrentavam, de acordo com as influências das reações emocionais maternas. Já o segundo instrumento visava a acessar, por meio do relato dos pais, o controle que eles percebiam ter sobre o comportamento das crianças. Na pesquisa de Coyne e Thompson (2011), foi possível constatar que as mães com sintomas depressivos relatavam perder o controle da utilização de estratégias de regulação emocional com relação a seus filhos. Os autores relataram ainda em seus resultados que a percepção destas mães com sintomas depressivos indicava que seus filhos pareciam estar em alto risco de internalizar os mesmos sintomas.

No estudo da socialização da regulação emocional, Meyer et al. (2014) utilizaram a escala CERP (Children's Emotion Regulation Processes Survey) para acessar estratégias de regulação emocional. O instrumento é apresentado aos pais com cenários do cotidiano que envolvem situações centradas em emoções de raiva e tristeza, e eles deveriam responder como os filhos reagiriam às situações e que estratégias utilizariam para lidar com o problema. Tais estratégias estavam focadas no problema ou focadas na atenção. Os relatos apurados tinham relação com a representação emocional dos pais para lidar com as emoções das crianças. As representações emocionais que demonstraram ser favoráveis às respostas emocionais das crianças apontavam associação com as capacidades autorregulatórias das crianças.

O instrumento Parental Emotion Regulation Inventory (PERI) foi utilizado no estudo de Lorber (2012) para verificar a prática de disciplina e sua possível relação com as práticas de regulação emocional. Há itens nesse inventário que correspondem às estratégias de reavaliação cognitiva e supressão emocional. As estratégias de supressão emocional encontraram-se associadas às práticas exageradas de disciplina.

Com relação aos **participantes**, a maioria dos estudos contemplou adultos que fossem pais e mães. Os pais (homens) participaram de sete estudos (43,75%), já as mães participaram dos 16 estudos selecionados (100%). Pais e mães estiveram juntos em sete estudos (43,75%). Nenhum estudo contemplou somente o pai na pesquisa. As crianças também participaram e estiveram presentes, como participantes, em 12 estudos (75%), em faixas de idade de cerca de sete meses até seis anos. Na Tabela 1, são apresentadas as categorias preestabelecidas para a análise dos artigos selecionados, configurando as características de interesse para apreciação dos estudos.

Tabela 1 — Sumário das Características dos Estudos

Estudo	Abordagem Teórica	Delineamento	Técnica de Coleta	Instrumentos	Participantes
RE e Práticas de disciplina. Lorber (2012) EUA	Cognição social	Transversal	Questionário e escala	ERQ; Berkeley Expressivity Questionnaire; Positive and Negative Affect Scale; Parental ER Inventory	Mães
Estratégias de RE Gunzenhauser et al. (2014) Alemanha	Cognição social	Longitudinal	Questionário e escala	ERQ; CCNES; ER Self-Efficacy Scale	Mães, pais e filhos

continua...

...continuação

Estudo	Abordagem Teórica	Delimitação	Técnica de Coleta	Instrumentos	Participantes
Sobrepeso e RE Campora et al. (2014) Itália	Cognição social e comportamental	Longitudinal	Escala e Observação	Difficulties in ER Scale; The Symptom Checklist; Center of Epidemiological Studies Depression Scale; Multidimensional Scale Perceived Social Support; Observational Scale for Mother-Infant Interaction During Feeding	Mães e filhos
Estratégias efetivas de RE Kim et al. (2016) EUA	Cognição social	Longitudinal	Entrevista e Programa de Intervenção	Entrevista sobre crenças de estratégias efetivas de RE; Grupo de intervenção	Mães e pais
Comportamento materno e RE Roque & Verissimo (2011) Portugal	Cognição social	Transversal	Escala e Contação de História (vídeo) e Observação	ER Paradigm; Emotional Stimuli; Children Behavior Strategies; Emotional Expression; Emotional Intensity	Mães e filhos
RE, expressão emocional Morris et al. (2011) EUA	Cognição social	Transversal	Tarefa com observação	Emotion-inducing task	Mães e filhos
RE e socialização parental Hasting & De (2008) Canadá	Biopsicossocial	Longitudinal	Escala e medida fisiológica	Autorrelato; Medição cardíaca (biometria)	Mães, pais e filhos
Depressão materna Coyne & Thompson (2011) EUA	Cognição social	Transversal	Questionário e Escala	Center of Epidemiological Studies Depression Scale; Parental Locus Control Scale; Accept & Action Questionnaire e Child Behavior Checklist	Mães
Socialização da RE materna Mirabile et al. (2009) EUA	Cognição social	Transversal	Entrevista e Observação	Observational assessment; Contação de histórias	Mães e filhos
Socialização materna e labilidade emocional Rogers et al. (2016) EUA	Cognição social	Longitudinal	Questionário e escala	Parents' Beliefs about Children's Emotions Questionnaire; CCNES; Autorrelato e ER Checklist	Mães e filhos

continua...

...continuação

Estudo	Abordagem Teórica	Delineamento	Técnica de Coleta	Instrumentos	Participantes
RE e sensibilidade materna Thomas et al. (2017) Canadá	Cognição social	Longitudinal	Escala; Questionário; Observação e medida fisiológica	Self-report Depression Scale; Pregnancy Anxiety Scale; Infant Behavior Questionnaire; Parent Child Interaction Teaching Scale; Medida fisiológica	Mães e filhos
Práticas alimentares e RE Saltzman et al. (2016) EUA	Cognição social e comportamental	Transversal	Questionário e escala	Comprehensive Feeding Practices Questionnaire; Eating Disorders Diagnostic Scale; CCNES; Autorrelato	Mães, pais e filhos
RE e funções executivas Shaffer & Obradović (2016) EUA	Cognição social	Transversal	Escala e Observação	Difficulties ER Scale; Parental Executive Function; Dimensional Change Card Sort; PER; Tarefa: Parenting Behavior and Parent-child Interaction Quality	Mães, pais e filhos
Representação social da RE Meyer et al. (2014) EUA	Cognição social	Transversal	Questionário e Escalas	Parent Emotion Representation (TMMS); ERQ; Children ER Processes Survey; CCNES e Self-Expressiveness in the Family Questionnaire	Mães
<i>Coping</i> e competências sociais Zimmer-Gembeck et al. (2011) Austrália	Cognição social	Transversal	Escala; Questionário e Observação	Children's Coping Strategies Checklist; Strengths and Difficulties Questionnaire; Vinhetas com autorrelato	Mães, pais e filhos
Desordens de comportamento de crianças adotivas Gavita et al. (2012) Romênia	Cognição social e comportamental	Longitudinal	Escalas e Programa de Intervenção	Children Behavior Checklist; The Parenting Scale; Profile of Emotional Distress; Encontros terapêuticos	Mães, pais e filhos

Notas

RE: Regulação Emocional (também se utiliza a expressão em inglês, ER: Emotional Regulation)

ERQ: Emotion Regulation Questionnaire

CCNES: Coping with Children's Negative Emotions Scale

Discussão

O presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão da literatura abrangendo o período de publicação entre 2008 e 2017, com foco em estudos empíricos que investigassem estratégias utilizadas por pais e/ou mães para promoverem a regulação emocional dos seus filhos. O propósito foi traçar um panorama do que vem sendo produzido na literatura científica sobre esse tema e, com isso, fornecer subsídios que favoreçam o avanço das investigações. Foram selecionados e analisados 16 artigos, a partir de categorias predefinidas.

Em relação ao ano de publicação, observou-se que oito estudos se concentraram entre os anos de 2008 e 2013 e oito estudos entre os anos de 2014 e 2017. Embora haja um crescente interesse pelo assunto, parece oportuno que sejam empreendidas novas investigações para ampliar a compreensão e a discussão sobre o tema. A maior parte dos estudos foi realizada nos Estados Unidos. Apenas um estudo selecionado teve sua origem fora dos continentes europeu e americano, tendo sido efetuado na Oceania (Austrália). Nesse sentido, constata-se uma lacuna bastante significativa na literatura, a ausência de estudos com população sul-americana. Considerando a importância das emoções na vida de crianças e adultos e, em especial, da regulação emocional como habilidade primordial à vida, desenvolvida em contextos socioculturais específicos, ressalta-se a necessidade de estudos contemplando a população brasileira e que leve em conta sua diversidade cultural.

No que diz respeito às abordagens teóricas encontradas nos estudos, identificou-se a perspectiva conceitual da cognição social como sendo a mais empregada. As questões centrais que abrangem a socialização emocional parental estiveram ancoradas na proposta de Eisenberg et al. (1998) e no tocante à regulação emocional e às estratégias de regulação emocional encontrou-se presença significativa da proposta teórica de Gross e Thompson (2007).

As práticas de socialização emocional selecionadas nessa revisão de literatura voltaram-se para pais e mães. Como resultado de pesquisa, Hastings e De (2008), em seu estudo canadense, perceberam que as mães tendiam a gratificar mais os filhos no momento em que eles manifestavam emoções negativas. Entretanto, constataram que os pais tendiam a negligenciar e punir esse mesmo tipo de emoções. Já Gunzenhauser et al. (2014) não perceberam substancial diferença entre pais e mães alemães nas práticas de socialização. Contudo, apontaram a relevância de compreender, em um quadro mais amplo, particularidades parentais e diferenças entre pais e mães em seus contextos socioculturais.

A maneira como os pais costumam reagir às emoções é um aspecto de socialização importante. Reação em que há redução ou aumento da excitação emocional foi um fator bem examinado por Mirabile et al. (2009), que relataram, dentre as reações maternas com relação às manifestações emocionais dos filhos, estratégias de distração verbal. Os resultados sugeriram que os conteúdos de verbalização das mães nem sempre foram bem recebidos pelos filhos e que as mães com muita frequência responderam às emoções negativas dos filhos descarregando agressão por manifestações verbais.

Há uma complexidade de processos em torno da regulação emocional, com destaque para a reavaliação em meio às estratégias, muitas vezes escolhidas pelos pais para utilizarem no manejo da regulação emocional com relação a seus filhos. Tais estratégias tendem a fazer pais e filhos pensarem e reavaliarem a situação emocional vivenciada, o que parece promover uma oportunidade para desenvolver o pensamento, a percepção, a motivação e a capacidade para ampliar as respostas emocionais, dentre outras habilidades sociocognitivas.

No que concerne às técnicas de coleta de dados, houve um número significativo de estudos que utilizou escalas, questionários e inventários para medir estilos, práticas e estratégias parentais. Tais técnicas pareceram eficientes para examinar respostas emocionais de adultos, pais e mães, com relação aos filhos, no processo de regulação emocional. Além disso, essas medidas padronizadas são autoaplicáveis, o que facilita atingir os objetivos metodológicos de pesquisa.

As medidas fisiológicas foram utilizadas essencialmente para analisar fatores biológicos relacionados com fatores psicológicos e que influenciam as respostas emocionais de pais e filhos. Todavia, vale ressaltar que os aspectos biológicos pesquisados se relacionavam com a sensibilidade emocional das mães e possíveis aspectos de depressão materna.

No que tange aos instrumentos padronizados, o ERQ (Emotional Regulation Questionnaire) foi o instrumento mais utilizado na avaliação da regulação emocional de pais, tendo sido, em geral, usado juntamente com outros instrumentos. O ERQ tem sido bastante utilizado em estudos internacionais, como em John e Gross (2007) e Tamir et al. (2007). O instrumento abrange uma medida de autorrelato a respeito de duas estratégias representativas do processo de regulação emocional, reavaliação cognitiva e supressão emocional, e parece ser considerado como adequado e constituir uma boa opção para a coleta de dados.

Na análise dos resultados referentes aos participantes, as mães estavam presentes em todos os estudos desta revisão de literatura e participaram sozinhas ou com os pais, além de seus filhos. Não foi possível identificar nenhum estudo com a díade pai-filho. Nos estudos em que os pais participaram, as mães tam-

bém fizeram parte da amostra, o que acarretou um menor número de respostas provenientes do pai. Especula-se que a maior parte dos estudos tenham optado por amostras sem os pais em função de facilidades para obtenção da adesão e participação, considerando-se as mães mais disponíveis. Não se pode desprezar, no entanto, o possível entendimento, por parte dos autores, de que as mães estão mais presentes no dia a dia da criança e nos processos de socialização envolvidos no desenvolvimento infantil.

Gunzenhauser et al. (2014) constataram em seu estudo que as mães costumam se envolver mais na socialização emocional dos filhos e tendiam a ser mais eficazes na utilização das estratégias de regulação emocional. Entretanto, no estudo de Hasting e De (2008), foi identificado que apenas um pequeno corpo de pesquisadores considerou que os pais são menos engajados que as mães na socialização emocional dos filhos.

Percebe-se que na literatura há divergências sobre a consideração do engajamento dos pais (genitores masculinos) no processo de socialização emocional dos filhos. Outros fatores merecem ser examinados, como por exemplo, o interesse dos pais na participação em pesquisas. Nessa lógica, outra questão de representação social pode ser examinada, e corresponde às funções sociais cuja dimensão racional volta-se ao homem e a dimensão emocional, com atribuições do plano afetivo, é voltada à mulher. As mães estão bem próximas da experiência emocional dos filhos, seja pelos cuidados iniciais de suporte à sobrevivência, seja por funções de envolvimento materno quando a criança recorre mais frequentemente à mãe, conforme é indicado por Roque e Veríssimo (2011). Entretanto, muitos homens investem um tempo considerável no cuidado com os filhos nos dias atuais e, por essa razão, surge a necessidade de ampliar as investigações sobre manejo de mães e pais ao gerenciarem a regulação emocional dos filhos.

Os estudos selecionados indicaram que há variados fatores importantes a serem investigados no engajamento da regulação emocional entre pais e filhos. Esse conjunto de estudos foi analisado, e foram discutidas as perspectivas teóricas e metodológicas utilizadas, bem como aspectos que mereceram destaque, de modo a traçar um panorama das publicações mais recentes e permitir o direcionamento de interesses de investigações futuras.

A aquisição da habilidade de regulação emocional permite alcançar gradualmente o desenvolvimento das competências emocionais. Em uma perspectiva futura, ressalta-se a importância da realização de novas pesquisas sobre esse tema, para aprofundar aspectos concernentes às práticas parentais de socialização emocional.

É relevante destacar que crianças pequenas não se apropriam somente das capacidades autorregulatórias dos pais, mas suas capacidades para regulação emocional emergem de múltiplas características das respostas emocionais dos pais às expressões emocionais dos filhos, como discutem Meyer et al. (2014).

Os participantes provêm de diferentes grupos no que tange à diversidade cultural e socioeconômica, o que também interfere nas práticas de socialização emocional entre pais e filhos. A depender do contexto, variam as estratégias e reações às emoções positivas e negativas dos pais com relação aos filhos. Requer-se que em futuros estudos sejam examinados, com maior aprofundamento, os impactos dos esforços dos pais para a socialização da regulação emocional dos filhos, como mencionam Mirabile et al. (2009).

Finalmente, ressalta-se a necessidade de analisar padrões de estratégias de regulação emocional em pais e mães que se estabelecem em função das etnoteorias parentais e dos nichos de desenvolvimento e de características individuais das crianças e de seus pais, levando em consideração a influência do contexto sociocultural.

Referências

- Campora, G.; Giromini, L.; Larciprete, G.; Volsi, V. L.; Zavattini, G. C. (2014). The impact of maternal overweight and emotion regulation on early eating behaviors. *Eating Behaviors*, 15(3), 403-409.
- Coyne, L. W.; Thompson, A. D. (2011). Maternal depression, locus of control, and emotion regulatory strategy as predictors of preschoolers' internalizing problems. *Journal of Child and Family Studies*, 20(6), 873-883.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Eisenberg, N.; Cumberland, A.; Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, 9(4), 241-273.
- Gavita, O. A.; David, D.; Bujoreanu, S.; Tiba, A.; Ionutiu, D. R. (2012). The efficacy of a short cognitive-behavioral parent program in the treatment of externalizing behavior disorders in Romanian foster care children: Building parental emotion-regulation through unconditional self and child acceptance strategies. *Children and Youth Services Review*, 34(7), 1290-1297.
- Gross, J. J.; John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348-362.

- Gross, J. J.; Thompson, R. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In: Gross, J. J. (ed.). *Handbook of emotion regulation*, p. 3-24. NY: The Guilford Press.
- Gunzenhauser, C.; Fäsche, A.; Friedlmeier, W.; Suchodoletz, A. V. (2014). Face it or hide it: Parental socialization of reappraisal and response suppression. *Frontiers in Psychology*, 4, 1-14.
- Hastings, P. D.; De, I. (2008). Parasympathetic regulation and parental socialization of emotion: Biopsychosocial processes of adjustment in preschoolers. *Social Development*, 17(2), 211-238.
- Hofmann, W.; Schmeichel, B. J.; Baddeley, A. D. (2012). Executive functions and self-regulation. *Trends in Cognitive Sciences*, 16(3), 1-18.
- John, O. P.; Gross, J. J. (2007). Individual differences in emotion regulation strategies: Links to global trait, dynamic, and social cognitive constructs. In: Gross, J. J. (ed.). *Handbook of emotion regulation*, p. 351-372. New York: Guilford Press.
- Kim, E.; Hong, S.; Rockett, C. M. (2016). Korean American Parent's Perceptions of Effective Parenting Strategies in the United States. *Journal Culture Diversity*, 3(1), 12-20.
- Lorber, M. F. (2012). The role of maternal emotion regulation in overreactive and lax discipline. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 642-647.
- Meyer, S.; Raikes, H. A.; Virmani, E. A.; Waters, S.; Thompson, R. A. (2014). Parent emotion representations and the socialization of emotion regulation in the family. *International Journal of Behavioral Development*, 38(2), 164-173.
- Mirabile, S. P.; Scaramella, L. V.; Sohr-Preston, S. L.; Robison, S. D. (2009). Mothers' socialization of emotion regulation: The moderating role of children's negative emotional reactivity. *Child Youth Care Forum*, 38(1), 19-37.
- Morris, A. S.; Silk, J. S.; Morris, M. D. S.; Steinberg, L.; Aucoin, K. J.; Keyes, A. W. (2011). The influence of mother-child emotion regulation strategies on children's expression of anger and sadness. *Developmental Psychology*, 47(1), 213-225.
- Rogers, M. L.; Halberstadt, A. G.; Castro, V.; MacCormack, J. K.; Garrett-Peters, P. (2016). Maternal emotion socialization differentially predicts third-grade emotion regulation and lability. *Emotion*, 16(2), 280-291.
- Roque, L.; Veríssimo, M. (2011). Emotional context, maternal behavior and emotion regulation. *Infant Behavior & Development*, 34(4), 617-626.
- Saltzman, J. A.; Liechty, J. M.; Bost, K. K.; Fiese, B. H. (2016). Parent binge eating and restrictive feeding practices: Indirect effects of parent's responses to child's negative emotion. *Eating Behaviors*, 21, 150-154.
- Shaffer, A.; Obradović, J. (2016). Unique contributions of emotion regulation and executive functions in predicting the quality of parent-child interaction. *Journal of Family Psychology*, 31(2), 150-159.

- Tamir, M.; John, O. P.; Srivastava, S.; Gross, J. J. (2007). Implicit theories of emotion: Affective and social outcomes across a major life transition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92(4), 731-744.
- Thomas, J. C.; Letourneau, N.; Campbell, T. S.; Tomfohr-Madsen, L.; Giesbrecht, G. F. (2017). Developmental origins of infant emotion regulation: Mediation by temperamental negativity and moderation by maternal sensitivity. *Developmental Psychology*, 53(4), 611-628.
- Thompson, R. A. (1994). Emotion regulation: A theme in search of definition. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59(2-3), 250-283.
- Zimmer-Gembeck, M. J.; Lees, D.; Skinner, E. A. (2011). Children's emotions and coping with interpersonal stress as correlates of social competence. *Australian Journal of Psychology*, 63(3), 131-141.

Recebido em 28 de novembro de 2018

Aceito para publicação em 12 de agosto de 2019

GENDER ROLES IN LONG-TERM MARRIAGES: CONTINUANCE OR RUPTURE?

PAPÉIS DE GÊNERO EM CASAMENTOS DE LONGA DURAÇÃO: PERMANÊNCIAS OU RUPTURAS?

PAPELES DE GÊNERO EN MATRIMONIOS DE LARGA DURACIÓN: ¿PERMANENCIAS O RUPTURAS?

Ana Carolina Graner Araujo Oliveira ⁽¹⁾

Carolina Leonidas ⁽²⁾

Fabio Scorsolini-Comin ⁽³⁾

RESUMO

Os relacionamentos conjugais e as configurações familiares transformaram-se no século XX. Contudo, pesquisas apontam que o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos continuam atribuídos às mulheres, mesmo quando elas participam ativamente da economia familiar, demonstrando diferenças no papel exercido por homens e mulheres dentro do casamento. Este estudo, descritivo e qualitativo, investigou a construção e expressão dos papéis de gênero em casamentos de longa duração entrevistando 32 casais unidos há, no mínimo, 30 anos. Esses casais eram provenientes de cidades do interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Foram realizadas entrevistas individuais com cada cônjuge e com as díades, totalizando 96 entrevistas, transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Como principal resultado, encontrou-se haver uma coexistência de valores tradicionais e contemporâneos que influenciam as vivências e percepções desses casais. A definição das responsabilidades de cada cônjuge, entretanto, continua atrelada a papéis de gênero

⁽¹⁾ Psicóloga pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), MG, Brasil. email: anacarolina-16@hotmail.com

⁽²⁾ Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), MG, Brasil. email: carol.leonidas@gmail.com

⁽³⁾ Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), Professor do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. email: fabio.scorsolini@usp.br

Este estudo teve o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). A primeira autora recebeu bolsa de iniciação científica da FAPEMIG e o terceiro autor recebeu bolsa de Pós-Doutorado Júnior do CNPq (Processo 501391/2013-4).

historicamente estabelecidos, embora possam ser observados manejos, principalmente por parte das esposas.

Palavras-chave: casamento; gênero; relação conjugal.

ABSTRACT

Marital relationships and family configurations changed in the twentieth century. However, research indicates that household chores and child care are still assigned to women, even when they actively participate in family economy, demonstrating that men and women play different roles in marriage. This descriptive and qualitative study investigated the construction and expression of gender roles in long-term marriages by interviewing 32 couples married for at least 30 years. These couples were from towns in the countryside of the states of São Paulo and Minas Gerais, in Brazil. Individual interviews were conducted with each spouse and with the dyads, comprising 96 interviews transcribed and submitted to content analysis. As main result, it was found there is a coexistence of both traditional and contemporary values which influence these couples' experiences and perceptions. The assignment of each spouse's responsibilities, however, continues to be linked to historically established gender roles, although arrangements can be observed, especially on the part of the wives.

Keywords: marriage; gender; marital relationship.

RESUMEN

Las relaciones conyugales y las configuraciones familiares se transformaron en el siglo XX. Sin embargo, investigaciones apuntan que el trabajo doméstico y el cuidado con los hijos continúan atribuidos a las mujeres, aun cuando éstas participan de la economía familiar, demostrando diferencias en el papel ejercido por hombres y mujeres dentro del matrimonio. Este estudio descriptivo y cualitativo investigó la construcción y expresión de los papeles de género en los matrimonios de larga duración entrevistando a 32 parejas juntas por al menos 30 años. Estas parejas provenían de ciudades del interior de los estados de São Paulo y Minas Gerais, Brasil. Se realizaron entrevistas individuales con cada cónyuge y con las díadas, totalizando 96 entrevistas transcritas y sometidas al análisis de contenido. Como principal resultado, se encontró la coexistencia de valores tradicionales y contemporáneos que influyen las vivencias y percepciones de esas parejas. La definición de las responsabilidades de cada cónyuge, sin embargo, sigue ligada a roles de género históricamente establecidos, aunque pueden ser observados manejos, principalmente por parte de las esposas.

Palabras clave: matrimonio; género; relación conyugal.

Introduction

Marriage has been transformed over time by the different social discourses articulated about conjugal union and the historical and cultural aspects that run through gender issues (Amorim & Stengel, 2014; Garcia & Tassara, 2003; Scorsolini-Comin et al., 2018; Torres, 2004). Even though these transformations are significant, it is possible to notice that both male and female roles within the family scope still seem defined by archaic patterns that establish relations of power: women take care of the offspring, while men have the supporting role in this care (Fleck & Wagner, 2003; Poeschl, 2016). The conservative view of the spouses' roles also applies to household chores and responsibility for the care and education of children, and it is difficult to break with values deemed traditional, such as established gender differences, especially when they are reinforced at all times by various discourses that insist on viewing marriage and building up a family as the main “feminine” goals (Coutinho & Menandro, 2010; Jablonski, 2010; Langaro & Preto, 2015; Martins et al., 2014; Perlin & Diniz, 2005; Serpa, 2010; Wagner et al., 2015).

According to Scott (1986), gender is a constitutive element of social relations based on perceived differences between male and female, used to signal power arrangements. Because of its relational and historical aspect, the gender perspective points to the difficulty of changes in face of the deep internalization of the differences in roles. This conception, anchored in cultural biases deeply rooted in patriarchal societies, would overcome the more individual leanings of spouses, making the traditional view of division of tasks predominate. Thus, the entry of women into the labor market did not entail a more balanced sharing of household chores, as found by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE, 2017) in the so-called Brazilian nuclear families, although it is possible to notice a greater male participation in child care.

In contemporary models of family that have already undergone a lot of influence from new gender relations, a strong presence of women in charge of the care of both house and children is still observed, showing a reproduction of the social model of repression and submission (Serpa, 2010). However, despite patriarchal normatization, these family roles can be modified. Such normatization tends to be remodeled as the concept of gender gains greater breadth as an analytical category capable of producing historical knowledge, and comes to be regarded as a primarily political relationship that takes place in a discursive and historical field of relations of power (Scott, 1986).

This context blends contemporary family models with more traditional settings from the gender point of view and enables the discussion about long-term marriages to emerge. Long-term conjugality has been increasingly highlighted in the literature in terms of transformations of conjugality over the years (Alves-Silva et al., 2016; Campos et al., 2017; Paiva & Gomes, 2006; Scorsolini-Comin et al., 2018), of motivations for the maintenance of the marital bond and the strategies developed by spouses over time (Alves-Silva et al., 2016; Silva et al., 2017), reasons and feelings involved in conjugal conflicts (Costa et al., 2015; Costa & Mosmann, 2015), parenting (Grizólio et al., 2015) and marital satisfaction (Norgren et al., 2004).

Considering the importance of this topic, it is necessary to know the gender roles and the stances taken, especially by men, since current studies predominantly approach the female view (Coutinho & Menandro, 2010; Fleck & Wagner, 2003; Serpa, 2010; Souzas & Alvarenga, 2001). Also, the normalization of these roles tends to naturalize various types of violence and oppression, especially those that affect women, which justifies the need for scientific productions on this topic.

In previous studies on long-term conjugality (Campos et al., 2017; Scorsolini-Comin et al., 2018), gender has emerged as a thread of discussions about conjugality, parenting and the division of roles in these settings, raising the need to critically deepen this category, noting how it affects not only the non-dissolution of the relationship, but its transformations over time and with the development of the spouses. Therefore, this research aimed to investigate the construction and expression of gender roles in long-term marriages.

Method

Type of study

This is a descriptive and qualitative study, part of a larger project that sought to investigate the transformations in marriage conceptions in long-term unions, approved by the Research Ethics Committee from the authors' home institution.

Participants

This study comprised 32 couples, consensually united in civil or stable unions for at least 30 years, without having been separated or being in the process

of marital separation, and with at least one child. These couples came from towns in the countryside of the states of Minas Gerais and São Paulo, in Brazil. The couples had been together, on average, for 41.2 years ($SD = 8.99$), with married time between 32 and 53 years. Participants' mean age was 65.03 ($SD = 9.64$), ranging from 51 to 86 years old. Although a socioeconomic classification protocol was not used, couples, for the most part, were described as middle class, with a relative economic rise over time, in line with the departure of the children from home, which resulted in the family income being used solely by the couple.

Instruments

Two semi-structured interview scripts were used for data collection: one for the spouses and one for the couple. The instruments were applied face-to-face with the participants at two different times: first, individually with each spouse and, in a second moment, with the spouses together. The application of the scripts in two different moments aimed at allowing individual experiences, feelings and perceptions to come up, avoiding their feeling inhibited by the presence of their partner and, later, to notice the dynamics of the conjugal relationship and the experiences of the couple. Questions were formulated to cover the experiences provided by the union, seeking to understand the process since the transition from single life to married life, to the building of intimacy and the strategies used by the couple to face the challenges and difficulties of life together. Gender-related markers could be inferred from the narratives about conjugality throughout the life cycle, at times such as the beginning of the relationship, the birth of the children, the departure of the children from home, and the processes of aging of the dyad, for example.

Procedure

Data collection

The procedure known as “snowball” was used to contact the participants. From the contacts of the researchers' social network it was possible to find the first participants, who suggested other participants, and so on, forming a sample of 32 couples. The first interviews came from social cues in the community in which the researchers lived. As part of the ethics requirements, after present-

ing the project objectives and explaining the terms for participation, the couples signed the Informed Consent Form for the interviews to be performed. Individual and couple interviews were conducted by the same researcher in each family, in a single meeting. The entire team of researchers received training on interview techniques, interviews with couples, and on conjugality, allowing greater uniformity in the way data collection was conducted. Collaborators were given the possibility of being referred to psychotherapy if they experienced any discomfort during the research, a resource that was not requested by any participant. After conducting three interviews with each of the 32 couples, a total of 96 interviews were obtained that made up the *corpus* of this study.

Data analysis

Data analysis was carried out in two moments: (a) pre-analysis (reading the transcribed data from the recordings), where the interviews were analyzed vertically (one by one), in order to explain the contents brought by the participants; (b) exploration of the material. To analyze the data, a content analysis technique proposed by Braun and Clarke (2006) was used, which involved steps such as transcription and exhaustive reading of the data, construction, revision and naming of topics, as well as the production of the analytical report. From this process and based on the objective of the study, it was possible to systematize the discussion into the following categories, constructed *a posteriori*: (1) Gender markers in marriages over time; and (2) Old and new ways to be a woman: reinvention or continuance? Data interpretation was based on the literature from the field of long-term conjugality.

Results and Discussion

Category 1: Gender markers in marriages over time

In this category, some gender markers that can be observed in long-term marriages will be discussed. These markers are not considered to be typical or exclusive of these conjugal configurations, but they are expressed at different moments in the development of the couple over time, indicating either situations of greater crystallization of gender roles, or changes that can only be perceived in retrospect. It is argued that these changes and continuances are not exclusive to

the dynamics of each couple, but they also resume constructed and reproduced social discourses about marriage, femininity and masculinity.

According to Coutinho and Menandro (2010), family dynamics of marriages carried out in 1960s were considered traditional, with the man being the head of the family and financial provider and the woman responsible for the household and for taking care of the children and the husband. The socialization of boys and girls was influenced by this model, which resulted in the classic division of roles and the asymmetry of power (Torres, 2004), also found in the interviewed couples. Marriage and the constitution of the family were perceived by the couples as a natural destination and usually happened very early. Some of the interviewed wives, even though they were “prepared” for that moment, showed some difficulty in adapting themselves to life with a partner and wondered at the present time if this was the course of life they would really like to trace, as observed by wife 1: *“I started dating very young, at 13 years old, I do not know if that was what I wanted, or not, I do not know. I started dating, but then we thought that getting married would be better, I ended up marrying at 16 years old (...)”*. However, although they have expressed doubts about this choice, many wives consider themselves satisfied with the relationship, such as wife 23: *“I made my life from this relationship, and thank God, everything went well, everything was going in a way that more and more, I was more satisfied, do you understand? (...)”*.

For husbands, marriage was experienced in a positive way: forming their own family enabled them to begin working on the construction of something of their own, leaving aside subordination to parents, as it can be observed in husband 13’s statement: *“(...) for me, the only thing that changed was that now I was forming a family of mine, independent, right? To the family... of which I... have the origins, I was now starting a new family (...)”*. In addition, finding a wife meant the worries about taking care of the house and the children became hers, sticking the woman as the one who takes care of the husband, even in a maternal way, an outcome also found by Coutinho and Menandro (2010) and evidenced in husband 10’s statement: *“(...) She is excellent, my wife, thank God. She takes care of me as if she’s taking care of a child (...)”*.

It is noticed that taking care of home, children, and one’s own spouse obeys rigid gender roles, so that the management of domestic life is a feminine responsibility, and even if the wife can count on the help of a housecleaner or a babysitter, she is the one who must manage the rendered services (Jablonski, 2010; Perlin & Diniz, 2005), which can be observed in the husband 7’s statement: *“The man goes from the gate out there, he goes there and takes care of making money to keep the house, to keep the family, because from the door in, it’s the woman*

who takes care, because the woman has more capacity (...)". In the present sample, it was possible to find both unions considered to be quite traditional in terms of gender roles and configurations more influenced by contemporary values, such as the one experienced by couple 20: *"(...) I was the one who, so... took care of the house, practically supported the house, right... because he, his work came to be here in the construction of the house, right? (...)"*. Thus, it can be considered that these couples were constituted in the middle of a social, historical and cultural transition in the way of conceiving gender roles in marriage, being both spectators and actors of these transformations.

Considering these changes compared to more traditional models, it was possible to find family configurations in which the wife worked, reconciling the profession with household chores, which caused an overload of functions, as described by wife 22: *"(...) And it was like that, work, home. Home, work. And, so... Too much responsibility, right? Too much, too much, too much, too much... too much responsibility... Too much. Really too much (...)"*. Thus, even when women can take up other positions, suggesting a break with more traditional models, they still need to hold their position of carers in the universe of home maternal responsibilities, which is a double journey rather than the experience of a new gender role. The scientific literature has similar findings (Fleck & Wagner, 2003; Garcia & Tassara, 2003; Jablonski, 2010; Langaro & Pretto, 2015; Perlin & Diniz, 2005).

The dilemmas arising from this double journey are also evident when the emergence of motherhood and the attribution of new tasks to women are discussed. Due to the strenuous workload faced solitarily, some women report guilt for not having dedicated themselves to caring for their children in the way they thought necessary or the way they were charged with, a result also found in the study by Fleck and Wagner (2003). For wife 22: *"(...) working too hard is not good either for children or for us, it is not. We feel a lot of guilt and the children are left very, but very, uh... adrift, right? Because, well... without the mother at home, it's difficult, right? (...)"*. Thus, there is a disqualification of the importance of women in the labor market by both husbands and wives, reinforcing that the greatest obligation, or priority, of a woman should be to dedicate herself to the home and to the children. In a positive perspective of the presence of women in the labor market, some can recognize the importance of female independence, such as wife 24: *"(...) the opening for women to work was very good because she helps... women's work is very important... for the progress of their own children (...)"*.

Although caring for the children is not a current concern, since the children are already adults and no longer reside with these couples, questions about

how the parenting affected the conjugal dynamics showed that the birth of the children caused conflicts between the spouses, mainly due to a disagreement about the model of education, a result also found by Grizólio et al. (2015). The study by Garcia and Tassarà (2003) points to parenting as a source of potential conflict and indicates the mediating position assumed by wives, trying to reconcile parents and children. In this study, different positions assumed by the spouses were found, with the wives being considered more affectionate and the husbands more disciplinary and aggressive.

The study by Martins et al. (2014) points out the weight of the gender issue in motherhood and fatherhood, as well as the differences in the way of conceiving and organizing parenting, translated in the representations of gender present in the cultural imaginary, directly influencing their experiences. In this study it was also possible to find gender differences in determining the meaning attributed to the dimensions “being a father” and “being a mother”. Motherhood is then considered divine and children are seen as a blessing, crowning not only the relationship but also the life of the woman, which gains a new meaning. For wife 20: *“it is a transformation, being a mother is a divine thing, right? So, for me it was a very beautiful achievement, to be a mother and to take care of him, to do everything that was possible for him (...)”*.

On the other hand, fatherhood is a sign of a man’s virility, and the birth of a child is important for the formation of the family he will protect and support. However, the affective sphere of this experience is not evident, which reinforces the idea that fathers’ feelings are different from the mothers’. According to Langaro and Pretto (2015), an explanation for this difference would be the “natural order”, that is, the traditional constructions of these experiences that justify fathers and mothers to be constituted in this way, because these are the general characteristics of these experiences. Thus, this image of the good mother, who is perfect in her functions, selfless and prioritizes her children to the detriment of herself, reinforces this traditional construction of woman that remains alive in contemporary discourse (Martins et al., 2014). As said by husband 27: *“It is important, of course, that the man thinks differently from the woman, right? The woman (...) had all that affection, that intimacy, much greater than the father with the son, always the mother has more than the... than the father. But of course the father also has his feelings, different, but he has the positive, important feeling (...)”*.

In addition, it is observed that this naturalization of the care associated with the feminine universe does not permit disruptions in the sense that the father can experience fatherhood in a more intimate and affectionate way. The responsibility of women for taking care of her children (Grizólio et al., 2015;

Jablonski, 2010; Langaro & Pretto, 2015; Martins et al., 2014; Wagner et al., 2015) and the solitary trajectory they face is striking in the interviews, while the husbands' contribution was sometimes only financial. In the sample, those who offered help reinforced a secondary role in relation to women, delegating to them the responsibility for those tasks. In retrospect, the wives consider that the present-day parents are better companions and help their partners more, which, in turn, demand the sharing of the care, something that was not done by them at the time.

During the interviews it was possible to notice that the characteristics noticed by the spouses in themselves and in their partners also resonate in their gender roles. Thus, individual characteristics such as “being honest and hard-working” were the most pointed out by the wives, stressing the main activity and responsibility assigned to the man. Whereas being a “good housewife”, “doing the household chores carefully” and being a “good mother or grandmother” were the most pointed out by the husbands, which also reinforces the place dedicated to the woman within the family. It is noticed that the construction of the feminine identity is influenced by the condition of existing for the other, being from this aspect that their existence is imparted a meaning, not being possible to sustain another space for her other than the one already designated, in consonance with the literature in the field (Coutinho & Menandro, 2010).

According to Amorim and Stengel (2014), at the time of the union of these couples, legal and indissoluble marriage was the only way to legitimize marital relations and to structure a family. This operation was found in the interviews, reinforcing that what was expected in the families of that time was that all the children got married. However, although marriage is an event expected by both men and women, the latter prepared themselves for this moment since a very young age, learning household chores and planning the trousseau, as said by wife 31: *“the woman as a woman was seen as... the lady of the household chores, because in the past woman used to be prepared for what? To marry, to cook, to wash, to iron, to learn to embroider, to learn to sew and to be a mother (...).”*

In this context, woman's preparation for marriage was naturalized, which was not observed in relation to the man, although it was expected that he also married in adult life. It emerges from these findings that marriage presented itself as a necessity to both, but with different justifications: for the woman, so that she would become a mother and could take care of the home, and for the man, so that he could be taken care of and also express his virility and continuity. The idea of marriage as the only possibility in life is anchored in conceptions that obey historical and cultural constraints that contributed to engender meanings proper

to the feminine condition (Coutinho & Menandro, 2010). Because of these factors, those who deviated from the norm were not accepted, such as women who became pregnant before marriage. Wife 24 says: *“At that time, the couple who... already had children when they were dating was a disaster for the family. There were families that moved from the town, had the girl live elsewhere, it was very hard. That today is seen more naturally (...).”*

Couples mention that there was pressure for the marriage to thrive and that they needed to figure out on their own how to make this new dynamic work for them. Then, it was not possible to go back to the family of origin, and sometimes they had to face problems alone. Apparently, gender roles left partners secure of each other's responsibilities. There is a recognition by the couple of the effort of women to have the marriage work out, given the recrimination they suffered if something went wrong, as they took responsibility for keeping up the home. According to husband 26: *“When you get excited about something, you forget your family. Which I took, I took all the responsibility for the house and [put] on her shoulder.”* Thus, it is observed that women assume the task of resolving domestic conflicts, exempting men from responsibility (Grizólio et al., 2015). The prominence around a successful marriage, often because the relationship is maintained over time and with children, is attributed to women, in a clear gender distinction. In that same line of argument, the failure in this attempt would also be blamed on the woman.

Wives reported that they were never “out of the house”, and expected to be valued for it, demonstrating that having activities beyond family life was considered negative and then repressed. Thus, for husband 17: *“The husband leaves early, arrives in the afternoon and she stays there at one point... because there comes a certain point, when the woman creates, she is young, there is no other type, her type is inside home (...).”* According to Souza and Alvarenga (2001), women's dedication to private life and the fact that they did not have other men, reinforcing the idea of chastity, are arguments governed by the morality that distinguishes the woman “from the house” of the woman “from the street”, the latter being the one who is not well regarded by society and, consequently, will not constitute a family. On the other hand, men are considered “from the street”, that is, they can perform other activities like meeting friends, going to bars and playing ball, which is accepted by the wives, despite their dissatisfaction with the situation. Naturalizing the need for the man to have social and recreational activities outside the home environment, wife 32 emphasizes: *“He likes to be with his friends and I thought not, that he had to stay at home keeping company for me and the children. But a man needs to have this life out there (...).”*

Even questioning the fact that men could socialize in collective spaces and outside the home, these women were invited over time to naturalize the domestic universe as a synonym for feminine space of belonging. In the interviews, marriage was viewed in a double way, now as imprisonment, now as emancipation from the family of origin. Marriage is often seen as a prison by both spouses, but in women's discourse this idea is more expressive because they in effect cease to engage in many activities in the name of marriage. Apparently, this feeling of imprisonment is experienced by the woman at some stage of life, and before marriage, normally, it occurred on account of paternal authority and then by the privations of the husband, that is, always by a man, which can be exemplified by wife 2: *"When I was single I was trapped, normal, indoors, I got married, I dedicated to the family, then it remains the same, you understand, then nothing has changed."*

While there are wives who feel trapped in the marriage, others say they felt free from their parents' oppression, given the rigid upbringing offered by the family at the time, as said by wife 25: *"I had more freedom, my father held me down too much (...) after I got married I started to have as much freedom as possible! It's even funny, usually marriages trap us, right? Mine was the opposite (...)".* Therefore, in terms of gender, it is observed that, among these women, female submission to a structure that "imprisons" them is naturalized, whether it is the yoke of the parents when single or the power of the husband when married. The domestic space experienced as a prison seems to pervade the condition of a woman throughout life, conjugality being a possibility of maintaining this *locus* or, less often, offering a little more flexibility in relation to a more rigid parental upbringing.

Characteristics considered to be "appropriate" for each gender are perceptible, and the spouses seem to occupy this previously established place. Husbands are described as "difficult" and "hard to deal with", as perceived by wife 6: *"It is always harder to tolerate men than wives, but go straight through, ask for God's help (...)".* This masculine representation corroborates the idea of a being historically seen as strong, brave, and endowed with vigor, needing an "equally strong personality" that transcends these attributes. The feminine historical representation, however, is of a sensitive, delicate, affective, physically weak and defenseless being, that is, someone of "soft personality". This difference is also marked in the speech of husband 23: *"Man thinks differently from woman... so she has more patience, but I think... it's a woman's thing, right?"* The wife is also described as a warrior and someone whom family members can turn to, being considered the foundation of the house, that is, an essential structure so that the family does not disintegrate.

It was possible to find among the interviewees the profile of the "good husband", as observed by spouse 24: *"I get up... I have... we have a maid three times*

a week, but I get up, I make coffee, I go to the bakery. It's the life of a good husband, right?" That is, the one who pleases his wife is considered faithful and a good father and helps with household chores periodically, that is, when we don't have a maid, when asked by their wives or on weekends. For husband 26, the help he offers is seen as a sharing of tasks: *"It's... division, that's how I say it, if she needs it, I'm with her, right?"*

However, husbands' "help" continues to be tied to a historical conception of what a man and a woman are, not actually sharing the tasks and responsibilities, which perpetuates gender roles. For Jablonski (2010), although the situation seems unfair, there is not always a clear sign of nonconformity on the part of the wives, which can be explained by the years of socialization from the gender perspective, which inculcated the notion that household chores do not even need to be shared equally between the sexes or that the domestic universe is an essentially feminine space, being exclusive to the woman.

It should be noted that the "good husband" and "good wife" profiles do not include the notions of marital satisfaction, intimacy, love, or passion. The "good husband", for example, is not meant at any moment as someone who loves himself or loves his wife, but as a companion who may be closer to or more distant from the domestic universe. Thus, long-lived couples seem to prioritize the discussion of the tasks and roles assumed by men and women, both in terms of what each one has in terms of what can be shared or divided. Conjuality, therefore, does not emerge only as an affective dimension in these couples, but also an operational one.

Finally, the idea of separation does not figure as a possibility in long-term marriages, although some couples may have thought about it at some point in their relationship. However, contrary to what can be imagined, this does not necessarily reflect satisfaction with the relationship, but shows that couples end up becoming used to this model of functioning and see that getting out of it can be more "laborious". For wife 32: *"At this point... [pause]. If I break up... I think it will be... a mess. Because then... I'm going to have all the responsibilities on my back again... I think I cannot handle it anymore (...)"*.

Besides, the "prohibition" of divorce from the moral point of view, according to reports, can be considered an important factor for the maintenance of long-term marriage (Scorsolini-Comin et al., 2018). In fact, especially for wives, the break-up seems more frightening than for their partners, since beyond financial and/or affective issues, these women were frowned upon by society, in a process of marginalization (Coutinho & Menandro, 2010), which shows the dependence to which they are subject. There would therefore be distinct consequences for a

divorced man and a divorced woman, which places gender not only as a marker of divorce, but also as a driver of individual trajectories after dissolution.

Category 2: Old and new ways of being a woman: reinvention or continuance?

In this category, emphasis will be placed on the way gender pervades femininity in a long-term relationship, and can operate in a certain way in face of moments that involve the search for independence or the disruption with traditional and crystallized models about being a couple. According to Coutinho et al. (2015), the way of being a man and being a woman in the context of marriage and life in general is a resultant construction of social, historical and cultural factors, and cannot be treated in a naturalized way, based on the biological and immutable nature of the genders. The interviewed couples, attuned to these changes, insert this into their reports, although they remain, apparently, not likely to adhere to such transformations. They point out that since the end of the twentieth century the relations between men and women are no longer the same, beyond female independence and their insubmission to certain situations, which is seen both positively and negatively.

For wife 14: “(...) *it changed, thank God, right, that men opened their minds more, because, in the old days, at least back home, women suffered too much (...)*”. It is noticed that when this independence concerns the choices of the woman that transcend patriarchal norms, taking it from a role of submission and making her the owner of her own history, she is seen as “bossy”, irresponsible, or “naughty”, as it is possible to notice in wife 30’s report: “*I think that women need to preserve themselves more, they’re very depraved. Women are not respecting themselves.*”

Despite the transformations in the conception of what it means to be a woman, her social role is still assured, that is, the “real” woman is still the one that corresponds to the old ideal of being dedicated to house and husband, who is the head of the family (Coutinho et al., 2015). Regardless of the greater autonomy of women, the woman is still seen as someone who needs to be attached to a partner, to relate to few people, to remain pure and to aim to find a good marriage. This conception can be observed in husband 26’s report: “*She wants to know, do you understand, it means that she wants to stay, she does not have affinity in dating. And then she goes with another, then some other, then another one, another day someone else... a bit complicated in the, marriage, do you understand? (...)*”.

Langaro e Pretto (2015) point out that the education received by women has reinforced traditional gender models, making it difficult to obtain another space for themselves beyond the one already assigned, that is, marriage and the domestic universe. However, it is noticeable that the differences between being a man and being a woman are known by these couples, who recognize the discrimination suffered by women, even when both genders go through the same situation, as said by husband 32 about the separation at the time: *“I believe the man, he was considered more like the male chauvinist, he did not accept that the woman made a mistake, that the woman had a failing. But man has always been more accepted by society and the woman more discriminated (...)”*.

Some wives talk about their lack of independence and the impossibility of performing some tasks because of husbands' prohibitions, such as driving, working or studying. The impediment to studying, however, does not refer only to a prohibition by the father or partner, but to a cultural issue, since the possibility of studying normally was directed towards the middle or upper classes (Coutinho & Menandro, 2010), often involving the teaching profession, which had an eminently feminine character (Coutinho et al., 2015). However, in the course of this relationship, which has accompanied countless changes in society, the image of contemporary women as a subject that not only desires but also realizes, may have influenced wives to seek autonomy. Thus, with the “times are different” discourse, they are able to fulfill their old desires and depend less on their husbands to go out, leaving the partner at home to join their children, for example. Wife 11 says: *“If he does not leave, he stays and I'm going (...) Because I want to go somewhere, I want to visit (...). I'll learn to drive; I'll go where I want... And then the fight is over (...)”*. This possibility of leaving the domestic space without any sanction by the husband is interpreted as an important move in relation to what happened in the initial years of the relationship, suggesting a change towards greater independence.

Torres's (2004) study shows that when wives find themselves less overloaded, they are able to implement personal projects delayed in favor of the family, finding outlets and possibilities to move into being an agent, despite gender constraints. The deprivations experienced by women can explain why they only show regrets about marriage, manifested by the desire to go back in time to change certain things or even not to marry, as said by wife 15: *“What I would do differently... I would not get married! I would not get married any more. That's it, I have already said it to my daughter, I have said it to my son, if time went back, I would not seek marriage, I would live alone.”* The possibility of hearing these individual desires seems to have come with the time of relationship and with the open-

ness to reflect on it, but also as a result of changes observed in society related to the way in which interpersonal relationships have happened and changed. Thus, contemporarily it is legitimate to move on without the experiences of conjugality and parenting, which was not proclaimed when these women were young and got married.

In the past the wife should know how to perform all household chores and be an exemplary housewife, as this made them honorable and important for the maintenance of the family. However, since the end of the twentieth century there have been various arrangements and patterns sometimes bordering conservative discourses, sometimes contemporary ones, the latter being found mostly in the modern woman (Amorim & Stengel, 2014). For these couples, the fact that women no long bother to perform all these tasks is perceived in a negative way. On the other hand, it is recognized that women perform other functions and do not want to take care of everything else on their own, therefore the tasks need to be negotiated. On this subject, the husband 13 says: *“We know that often, today, mainly due to the economic situation (...), today the woman needs to work. And I see this often as a... loss to the marriage... to the family. To the family. Because the woman ends up having to accumulate these two functions, right? (...) the husband has to be, has to resign, right? (...)”*.

Other contemporary ideas also seem to permeate these relationships, influencing the discourse of couples, such as violence against women, the importance of the Maria da Penha Law (which shields partners – mostly women – from domestic violence) and the influence of male chauvinism in the relationship. According to husband 14: *“There is a male chauvinism business there. The guy wants to go to parties (...) And there, most men do not take the wife, they just want to go there to dance with someone else’s woman, to, well, to tell the story the next day.”* However, for Perlin and Diniz (2005), male egalitarian discourse tends not to reflect on concrete attitudes in the daily life of the couple, and the process of adaptation to new roles and to a new way of functioning has been hampered by the absence of a social system that supports the emerging marital and family models.

In the face of conflicts, it is noticed that the behavior of most wives is to remain silent and not engage in arguments so as not to provoke a fight by opposing her husband’s opinion, as said by the wife 22: *“That’s what I tell you. I was raised, like this, to be resigned, right? So I swallow a lot of insults. I swallow not to make trouble (...)”*. A common strategy is to let the husband talk to himself and to “pour oil on troubled waters”, a strategy used by wife 7: *“(...) if I start to talk and think that it is not right and it turns into a fight or argument I leave, I leave him talking alone.”* The study by Silva et al. (2017) found gender differences during

conflict resolution as comprehension strategies were used primarily by women and the Poeschl study (2016) points out that they need to resort to a greater number of strategies to impose their opinion, even when the matter is traditionally female. Even when there is an equal effort by the spouses, it is the husband who has the last word, which reinforces masculine authority and superiority over the woman within these relationships.

Regarding the present category, in terms of the experience of female sexuality, the encounter with the unknown is frequent in the lives of these women, who knew little of daily life, since few subjects were discussed with them. Thus, what was considered taboo in society such as sexual relations and the birth of children, for example, were only known at the time they would happen, favoring the creation of innumerable fantasies and misconceptions about these subjects. Wife 14 reports: “(...) *I did not know I had to have sex to get pregnant. I thought I was lying in bed with the man, sleeping with him every day and getting pregnant... nobody talked about it, nobody (...)*”. This fact is corroborated by Coutinho and Menandro (2010). Wives who married very young “have become women” in the marriages and show that there was a lot of conflict to exert their sexuality freely, so it took time for them to deal more naturally with their own bodies, other people’s bodies and the relationship itself, to get comfortable with the situation. In the study by Paiva and Gomes (2006), other women in long-term marriages also had their first intercourse only after marriage, reporting difficulties in establishing a full sexual relationship with their husbands and even in terms of their own sexuality and the pursuit of pleasure.

It is observed that the question of sexuality is actively pervaded by gender roles from a conception of what is expected of a man and of a woman about the subject. The idealization of a chaste and holy woman makes it impossible for her to be someone who knows her body, who feels pleasure and desire and exercises her sexuality to satisfy herself and not just another. Being bound by a rigid logic in terms of gender, women remain imprisoned within a moral discourse regarding sexual experiences (Souzas & Alvarenga, 2001). It is the opposite of what is expected of the man, who needs to be virile and sexually potent, being able to experience his sexuality better and assume his pleasure and desire. This conception of man and woman is supported by the roles that the spouses fill; therefore, wives behave very seriously in the matter, they assume that intercourse is more important to their husbands than to them, and are considered “weak” for intercourse. On the other hand, husbands are described as naughty and fiery, they reveal that it was not possible to explore sexuality within marriage, so they did it outside the home, or “went without”. They assume that intercourse is more important to

them. It is noteworthy, therefore, that in the context of intimacy and conjugal sociability, the exercise of power is masculine (Souzas & Alvarenga, 2001). Husband 10's report on sexuality in the marriage describes what was discussed: *"It was not very good not because... [low tone of voice] she's very weak, you know? And I, I was a little... hot... naughty, right? All my life I've been. And I really missed it. I missed it, yes. But not to betray, so as not to mess with other women, I held it tight."*

From the analysis of some wives' reports it was possible to note that the suspicion of extra-marital affairs was something frequent, even when the infidelity was not confirmed, as assumed by one of the couples. Although they reported mistrust in their husbands and feeling hurt, they considered that this masculine behavior was normal and should be expected, legitimized by the simple fact that "men are like that". A similar result was described by Souza and Alvarenga (2001), which brings the infidelity of man in the female discourse as a masculine practice of the conjugal dynamics, and can be considered a mechanism of affirmation of masculinity or a symptom of dissatisfaction with the relationship. This freedom, however, is not allowed to the female partner, and entails social penalties. Infidelity, in this way, is socially constructed as a trait of the male personality acquired from the genetic characteristics of man, which becomes naturalized and accepted. Still naturalizing the docile, affable and submissive aspect of the woman, it is associated with a position of passive acceptance before a behavior that a man could not control, disregarding the feminine suffering resulting from the betrayal and even the "possible needs and desires" of these women for experiencing the sexual freedom attributed to the masculine universe. Thus, infidelity is meant as something masculine, and it is up to the woman to be compassionate.

These findings suggest that long-term marriages are based on traditional and culturally determined gender roles. Obviously, this consideration should be analyzed with parsimony, given that it is a sample with certain characteristics that can retain more traditional traits in terms of family, marriage and the roles attributed to being a man and being a woman. It should be noted that the couples interviewed were born, raised and got married at a time when family dynamics were traditional and these roles were not even questioned. There was, then, a socialization of these subjects who, influenced by this model, began to live and organize themselves assuming a division of roles and asymmetry of power. Today, however, these couples may follow a new model in which the concepts of family, man and woman are constantly revised, questioned, and expanded. It is thus considered that long-lived couples went through the emergence of these new models, remaining faithful to the traditional values of family and marriage, but not remaining exempt or distanced from such changes.

Thinking about the continuance and the disruption commonly observed in relationships over time, it is important to note that the new and the old cohabit with these spouses, influencing them, going through their experiences and making them question themselves, modify some practices, and even criticize what they disagree with, in the light of these new concepts. However, it is noticeable that they are not open-minded about these transformations. It is conjectured that this maintenance of concepts deemed traditional and inflexible is due to the considerable role of culture in the studied milieu, considering that these are people living in small towns, with a strong influence of moral values, that postulate, among others, the maintenance of the conjugal relationship as a *locus* of morality and attachment to tradition.

Final considerations

In conclusion, it can be deduced that several gender markers represent long-term marriages. Although relationships change over time, with different postures being adopted by the spouses, which can be understood as meaning emotional maturity, it is observed that differences between men and women continue to mark the expressions of sexualities and the course of these unions, allowing changes, as long as they do not question gender asymmetry. Although the spouses get emotionally closer to one another, more intimate and more complicit over time, this maturation still seems to be sustained by gender opposition, with men prevailing over women in terms of power and the universe of marriage still typically domestic and, therefore, feminine.

It is necessary to consider that these couples were and continue to be spectators of important changes during recent years and that they also occupy transitory positions when we analyze conjugality in the contemporary scenario and specifically in Brazil. Being in the transition means standing in front of antagonistic and competing models, even if this process is not abrupt, rather the opposite. Thus, it is important to point out that transformations cannot be naturalized or expected as certain either, since these are couples that have been constituted according to a logic that is, more quickly or more slowly, being submitted to revision. The embodiment of these transformations has not been fully observed in these couples, but has occurred in certain opportunities, such as in the possibility of some women working outside the home or with their husbands sharing domestic chores, although these examples can be questioned or considered as part of the maintenance of a *status quo* that crystallizes the woman in the protagonism of the home, as previously discussed.

This study has limitations. It is important to emphasize that the research was based on an existing database in which the focus of research was not specifically on the construction and expression of the gender roles of long-term couples, but rather on general aspects of long-term conjugality, which also presupposes the crossing of the gender category. Thus, the topic emerged in several questions, showing how these roles are part of the constitution and organization of the couple and how much reverberates in their experiences. It is suggested, for future studies, to explore the gender issue from a more directive inquiry into the topic. Interviewing participants from different social strata and from different regions of the country can also broaden the understanding of the subject depicted. Investing in longitudinal studies, accompanying couples over time, can add information on the topic, although conducting such a design will be complex and costly.

In terms of the repercussions of these findings for psychological practice, the possibility of developing a supportive space where these couples' experiences can be heard stands out, especially in terms of how the gender markers cross the couple's experiences over time and the different stages of the life cycle. Recognizing the political aspect of the work in Psychology, questioning the crystallization of gender roles in marriage and taking stands to point out situations of oppression and discrimination of women should lead to more reflective practices in different scenarios, especially those of greater vulnerability, also bringing social voices that tell what it is to be a man and what it is to be a woman, of which marriage is an important depository.

References

- Alves-Silva, J. D.; Scorsolini-Comin, F.; Santos, M. A. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32-50.
- Amorim, A. N.; Stengel, M. (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19(3), 157-238.
- Braun, V.; Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Campos, S. O.; Scorsolini-Comin, F.; Santos, M. A. (2017). Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. *Psicologia Clínica*, 29(1), 69-89.
- Costa, C. B.; Falcke, D.; Mosmann, C. P. (2015). Conflitos conjugais em casamentos de longa duração: motivos e sentimentos. *Psicologia em Estudo*, 20(3), 411-423.
- Costa, C. B.; Mosmann, C. P. (2015). Estratégias de resolução dos conflitos conjugais: percepções de um grupo focal. *Psico*, 46(4), 472-482.

- Coutinho, S. M. S.; Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “Que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, 22(2), 83, 106.
- Coutinho, S. M. S.; Trindade, Z. A.; Menandro, M. C. S.; Menandro, P. R. M. (2015). Sonoridades da vida conjugal registradas em versos de canções brasileiras produzidas entre 1940 e 1960. *Estudos de Psicologia*, 32(3), 461-473.
- Fleck, A. C.; Wagner, A. (2003). A mulher como principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8(esp), 31-38.
- Garcia, M. L. T.; Tassara, E. T. O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 127-133.
- Grizólio, T. C.; Scorsolini-Comin, F.; Santos, M. A. (2015). The perception of parenting couples engaged in long-term marriages. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 20(4), 663-674.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). *Estatísticas do Registro Civil*, vol. 44. Rio de Janeiro: Autor.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Langaro, F.; Pretto, Z. (2015). Experiências de parentalidade como fatores geradores de sofrimento em mulheres. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(2), 130-138.
- Martins, C. A.; Abreu, W. J. C. P.; Figueiredo, M. C. A. B. (2014). Tornar-se pai e mãe: um papel socialmente construído. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(2), 121-131.
- Norgren, M. B.; Souza, R. M.; Kaslow, F.; Hammerschmidt, H.; Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Paiva, M. L. S. C.; Gomes, I. C. (2006). Casamentos duradouros: uso de entrevista e TAT na análise psicanalítica da relação conjugal. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, 14(2), 151-159.
- Perlin, G.; Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, 17(2), 15-29.
- Poeschl, G. (2016). Relação de poder entre cônjuges e representações sociais das estratégias de influência no casal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (111), 109-132.
- Scorsolini-Comin, F.; Alves-Silva, J. D.; Santos, M. A. (2018). Permanências e discontinuidades nas concepções contemporâneas de casamento na perspectiva de casais longevos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, e34423.
- Scott, J. W. (1986). Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *The American Historical Review*, 91(5), 1053-1075.
- Serpa, M. G. (2010). Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 14-22.
- Silva, L. A.; Scorsolini-Comin, F.; Santos, M. A. (2017). Casamentos de longa duração: recursos pessoais como estratégias de manutenção do laço conjugal. *Psico-USF* 22(2), 323-335.

- Souzas, R.; Alvarenga, A. T. (2001). Da negociação às estratégias: relações conjugais e de gênero no discurso de mulheres de baixa renda em São Paulo. *Saúde & Sociedade*, 10(2), 15-34.
- Torres, A. (2004). Casamento: tempos, centramento, gerações e gênero. *Caderno CRH*, 17(42), 405-429.
- Wagner, A.; Predebon, J.; Mosmann, C. P.; Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.

Recebido em 04 de fevereiro de 2019

Aceito para publicação em 03 de abril de 2019

DESIRE TO HAVE CHILDREN: VALIDITY EVIDENCE OF AN INSTRUMENT

*DESEJO DE TER FILHOS: EVIDÊNCIAS DE
VALIDADE DE UM INSTRUMENTO*

DESEO DE TENER HIJOS: EVIDENCIA DE VALIDEZ DE UN INSTRUMENTO

Jean Carlos Natividade⁽¹⁾

Amanda Londero-Santos⁽²⁾

Nathalia Melo de Carvalho⁽³⁾

Renata Machado de Mello⁽⁴⁾

Rebeca Nonato Machado⁽⁵⁾

Terezinha Féres-Carneiro⁽⁶⁾

RESUMO

O construto desejo de ter filhos pode ser compreendido como uma avaliação subjetiva sobre a intensidade da intenção de ter filhos e sobre as consequências decorrentes do ato de ter filhos. Este estudo teve o objetivo de elaborar um instrumento para mensurar o desejo de ter filhos e buscar suas evidências de validade. Inicialmente, buscaram-se evidências de validade baseadas no conteúdo dos itens elaborados. Após análises de juízes, foram selecionados os itens mais representativos do construto e foi aplicada a escala em uma amostra de 419 adultos. Análises fatoriais exploratórias indicaram a emergência de um único fator subjacente com adequada consistência interna, tal como teoricamente esperado. Os itens apresentaram parâmetros satisfatórios de discriminação e dificuldade, mostrando-se capazes de

⁽¹⁾ Doutor em Psicologia, Professor do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: jeannatividade@gmail.com

⁽²⁾ Doutora em Psicologia, Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: londeroamanda@gmail.com

⁽³⁾ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: melo.nathalia@outlook.com

⁽⁴⁾ Doutora em Teoria Psicanalítica, Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: renatamello@gmail.com

⁽⁵⁾ Doutora em Psicologia, Professora do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: recanm@gmail.com

⁽⁶⁾ Doutora em Psicologia, Professora do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: teferca@puc-rio.br

cobrir adequadamente um amplo espectro do construto. Também foram testadas relações entre o desejo de ter filhos e outras variáveis, dentre as quais se destacam a correlação positiva com o número de filhos pretendidos, e a correlação negativa com o tempo pretendido de espera para ter filhos. O instrumento reuniu satisfatórias evidências de validade e pode ser útil tanto em pesquisas quanto em contextos clínicos.

Palavras-chave: construção do teste; validade do teste; reprodução humana; parentalidade; filhos.

ABSTRACT

The desire to have children construct can be understood as a subjective assessment of the intensity of the intention to have children, and of the consequences of having children. This study aimed to elaborate and search for evidence of validity of an instrument to measure the desire to have children. Initially, evidence of validity based on the content of the items was sought. After analysis by experts, the most representative items of the construct were selected and the scale was applied to a sample of 419 adults. Exploratory factor analyses indicated the emergence of a single underlying factor with adequate internal consistency, as theoretically expected. The items showed satisfactory parameters of discrimination and difficulty, and were able to adequately cover a broad spectrum of the construct. Relationships between the desire to have children and other variables were also tested, among which the positive correlation with the number of intended children, and the negative correlation with the expected waiting time for children are highlighted. The instrument has gathered satisfactory evidence of validity, and may be useful in both research and clinical settings.

Keywords: test construction; test validity; human reproduction; parenting; children.

RESUMEN

El constructo deseo de tener hijos puede ser comprendido como una evaluación subjetiva sobre la intensidad de la intención de tener hijos y sobre las consecuencias que surgen del acto de tener hijos. Este estudio tuvo como objetivo elaborar un instrumento para medir el deseo de tener hijos y buscar evidencias de la validez del mismo. Inicialmente fueron buscadas evidencias de la validez basadas en el contenido de los ítems elaborados. Luego del análisis de jueces, fueron seleccionados los ítems más representativos del constructo y se aplicó la escala a una muestra de 419 adultos. Los análisis factoriales exploratorios indicaron la emergencia de un

único factor subyacente con la adecuada consistencia interna, tal como es teóricamente esperado. Los ítems presentaron parámetros satisfactorios de discriminación y dificultad, mostrándose capaces de abarcar adecuadamente un amplio espectro del constructo. También fueron tanteadas las relaciones entre el deseo de tener hijos y otras variables, dentro de las cuales destacaron la correlación positiva entre el número de hijos esperados y la correlación negativa con respecto del tiempo pretendido para tener hijos. El instrumento reunió evidencias satisfactorias de su validez y puede ser útil tanto en investigación como en contextos clínicos.

Palabras clave: construcción del test; validez del test; reproducción humana; parentalidad; niños.

Introduction

Changes in fertility patterns in recent decades have encouraged studies in various fields of knowledge to understand and predict childbearing (Langdridge et al., 2005). In Brazil, for instance, the fertility rate fell from 2.32 children in 2000 to 1.80 children per woman in 2015 (IBGE, 2018). Some scholars claim that these changes are justified because having children is no longer a requirement to fulfill social ideals (Rocha-Coutinho, 2015). Nowadays, having children is mainly the result of a deliberate choice (the result of a desire), considering that there are several contraceptive methods available to the population (Ajzen & Klobas, 2013; Santos, 2013; Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013). This study is inserted in this context of seeking to understand the processes involved in this deliberate choice, aiming to build an instrument capable of measuring the desire to have children.

Regardless of the desire, intention and planning to have children, some variables have been identified as associated with conception. For example, the likelihood of having children decreases with the rise of women's age and the increasing number of preceding children; whereas the likelihood increases in married women who are satisfied with the distribution of housework and between the fifth and ninth year of their marital relationship (Mencarini et al., 2015; Schoen et al., 1999). However, in cases where there is no conscious desire, intention or planning, there are greater risks to the health of mothers and babies. Unintended pregnancy has been associated with poorer psychosocial health of mothers and babies, late initiation of prenatal care, lower intention to breastfeed, smoking behavior during pregnancy, premature birth and underweight newborns, and even termination of pregnancy (Brown & Eisenberg, 1995; Crissey,

2005; Joyce et al., 2000; Maxson & Miranda, 2011; Mohllajee et al., 2007; Koreman et al., 2002; Santelli et al., 2009).

Although not every pregnancy is the result of a desire, the intention to have children is considered an important predictor of the act itself (Shoen et al., 1999). Shoen et al. (1999) observed in a sample of US adults that 11% of those who reported no intention to have children became parents; among those who said they entertained a high intention to have children, 60% became parents. This result was very similar to the one found by Mencarini et al. (2015). However, the level of accuracy with which fertility intent predicts the behavior of having children depends on the definitions worked out for this construct and the methods chosen to access it. Studies in this area start from different theoretical perspectives, with emphasis on different components. For example, it is possible to find authors who emphasize the values attributed to children, the explanatory reasons for having them, the desire, the motivations, the intentions or even the attitudes towards having children (Ajzen & Klobas, 2013; Gerson, 1980; Langdridge et al., 2005).

Miller et al. (2004) propose a theoretical model to explain the intention to have children. According to these authors, the individual motivations of the members of a dyad result in behaviors that increase or decrease the likelihood of generating offspring. As a rule, individual aspirations coincide in a couple, resulting in compatible behaviors, such as a joint decision whether or not to use contraceptive methods. Sometimes, however, one member is more motivated to have children than the other; especially in such cases, it becomes relevant to understand how individuals perceive their partner's motivations. A more recent study proposes another dual perspective for the study of parenting intentions (Matias & Fontaine, 2017). According to this theoretical model, the motives of both members of the dyad (couple) predict the joint intention of having children.

Hoffman, Thornton and Manis (1978) can be considered pioneers in the study of the motives involved in having children. They identified a construct that they called "*value of children to parents*". This construct refers to the fulfillment of psychological needs that children may grant their parents, that is, the psychological benefits that parents derive from parenting (Hoffman et al., 1978). In order to investigate the reasons for having children, Langdridge et al. (2005) reformulated the child value to parents scale of Hoffman et al. (1978) and found 11 categories that could discriminate and make good predictions about who intends to have children and who does not. The reasons identified by the authors were: (1) to feel fulfilled in raising a child; (2) to satisfy the mate's desire; (3) to build a family; (4) to comply with the biological impulse; (5) to be able to give the child a

good home; (6) to deem the child a part of the two parents. The reasons for not intending to have children are: (1) the notion that there are other more important things in life; (2) the restriction of liberty; (3) the partner's lack of desire to have children; (4) the interference in one's career; (5) the concern about the overpopulation of the planet.

Other researchers have also turned to the study of motivations for having children (Gerson, 1980, 1983; Rabin, 1965). According to Gerson, motivation is derived from several factors, including the values of the children postulated by Hoffman et al. (1978). The author found that motivation for motherhood and fatherhood was positively correlated with the number of desired children, memories of childhood care, happiness in family life, family size, femininity, and identification with a religious organization. Among younger people, motivation to have children was negatively associated with positive attitudes toward pro-feminist ideas (Gerson, 1980, 1983).

Other factors that may be associated with the decision to have children were reported by Hadley and Hanley (2011). The authors found that a high level of education, professional status and the demand for a comfortable family income are positively associated with the desire to have children. Lampic et al. (2006), on the other hand, found that a stable relationship, the division of responsibilities with the partner and the feeling of being sufficiently mature are equally important aspects in making the decision to have children.

More recently, Ajzen and Klobas (2013) used the Theory of Planned Behavior (TPB) to help understand the psychological processes involved in forming the intention to have children. This intention, according to TPB, is predicted by three factors: perceived behavioral control, attitudes toward having children, and subjective norms. For the above mentioned authors, the attitude towards having children derives from behavioral beliefs regarding the consequences of having a child, and from the subjective evaluations of these consequences. Subjective norms are a function of the social pressures perceived by the individual in relation to having children and their personal motivation to conform to these norms. Perceived behavioral control refers to the individual's confidence in their own control over the act of having a child.

In this model, the more positive the attitude toward having children, the stronger the subjective norms encouraging the act of having children, and the greater the perceived behavioral control, the higher the intention to have children (Ajzen & Klobas, 2013). As a result, the higher the intention to have children, the more likely it is for the actual behavior of having them to occur. However, this

relation between intention and actually having children is moderated by deliberate control over behavior, for example, contraceptive use (Ajzen & Klobas, 2013).

Mencarini et al. (2015) did research to test Ajzen and Klobas' model (2013). The authors verified that some sociodemographic variables interfere with the antecedents of the intention to have children (perceived behavioral control, attitude toward the act of having children, subjective norms), with the actual intention to have children, and with the act of having children (Mencarini et al., 2015). Among the sociodemographic variables, it was evidenced that, although only the number of previous children impact on all antecedents of the intention to have children, the division of domestic work, the age of the woman, and the duration of the marriage are also important predictor variables. As theorized by Ajzen and Klobas, perceived behavioral control, attitude toward reproductive behavior, and subjective norms are antecedents of the fertility intent, and this in turn is an antecedent of the reproductive behavior.

Another commonly used method for investigating intention to have children is retrospective research (Santelli et al., 2009). In these surveys, women are asked, after conception, about their procreating intent before becoming pregnant, and their responses are classified into categories. The commonly used categories are intention and lack of intention to have children. This latter category can be further divided into early pregnancy, when the pregnancy occurs earlier than expected, although the woman wishes to have children in the future; and unwanted pregnancy, when one does not wish to have (more) children, a category which usually includes abortions (Santelli et al., 2009).

Santelli et al. (2009) report that this method of verifying the intention to have children has received numerous criticisms. The authors deem inadequate the categorical conception of the intention to have children, as this would not represent the complexity of the factors involved. They conceive intent as a construct that includes affective and cognitive components as well as a component related to the partner. Furthermore, based on the theory of cognitive dissonance (Festinger, 1962), it can be assumed that retrospective research on intention to have children (after conception) may lead to distorted results, as the intention reported by women before conception may differ sharply from their intention after conception.

Considering the relevance of the subject and in accordance with the above critiques, this study was designed to construct a scale to measure the desire to have children in the Brazilian context. Therefore, it started from a notion of desire to have children that conceives it as a psychological construct capable of encompassing evaluative and affective aspects of the intention and act of having

children. Thus, the construct was defined as a subjective assessment of the intensity of the intention to have children as well as of the consequences of having children. Thus, the greater the intensity of the intention to have children and the more positive the affective charge related to the act of having children, the greater the desire to have them.

Method

Participants

There were 419 participants, with average age of 27.1 years ($SD=7.84$), of which 64% ($n=268$) were women, and the others men ($n=151$). There was no age difference between men and women ($t(417)=0.40$; $p=.69$; $d=0.04$). The education level of the participants ranged from high school to graduate education, with 2% ($n=8$) of the participants having just high school level, 48.4% ($n=203$) having incomplete undergraduate; and 49.6% ($n=208$) complete undergraduate (among this group, 22.9% ($n=96$) reported having complete graduate level and 11.5% ($n=48$) incomplete graduate level). Most participants, 75.4% ($n=316$), declared to be living in Southern Brazil; 9.5% ($n=40$) were in the Southeast Region; 6.7% ($n=28$) in the Northeast Region; 4.1% ($n=17$) in the Central-West Region; 3.1% ($n=13$) in the Northern Region; the rest, 1.2% ($n=5$), were not in the country at the time of data collection.

Most participants, 87.6% ($n=367$), said they had no children. There was no association between the participants' sex and having children, $\chi^2(1, N=419)=0.71$; $p=0.40$; $v=0.04$. Among those who had children, the average number of children was 1.71 ($SD=1.07$). Considering the total sample, the average number of children was 0.21 ($SD=0.63$). None of the participants were pregnant and none had a pregnant partner at the time of data collection.

As for being in a romantic relationship at the time of data collection, 86.2% ($n=361$) of the participants stated that they were involved in a relationship (among this group, 93% ($n=335$), were in a heteroaffectional relationship, and 7% ($n=26$), in a homoaffectional relationship). The duration of the relationship ranged from 10 days to 41 years ($M=54.4$ months, $SD=65.5$). There was an association between the participants' sex and being in a relationship, such that 61.6% ($n=93$) of men and all the women were in a relationship, Fisher's exact test $p<.001$.

Instruments

An online questionnaire was used, available at an internet address and similar to a pencil and paper questionnaire. The instrument contained sociodemographic questions (sex, age, education); questions about children; questions about relationships; the Factorial Relationship Satisfaction Scale (Wachelke et al., 2004); the Kansas Marital Satisfaction Scale (Schumm et al., 1986); the Desire to Have Children Scale, as developed in this study; and a measure of child care intent. The questions about children asked whether the participants had children (yes or no); how many children; whether they intended to have a child or children; and how they judged the intensity of their will/desire to have children one day on an 11-point scale, such that zero meant no will/desire and 10 meant a great will/desire. Relationship questions asked whether the participants considered themselves in a love relationship (yes or no); and how long they were in this relationship.

Factorial Relationship Satisfaction Scale (Wachelke et al., 2004). This scale measures two dimensions of satisfaction with the love relationship: satisfaction with physical and sexual aspects (five items), and satisfaction with shared interests and behavior (three items). This is an eight-item scale made up of statements that the participants must consider and say how much they agree with them on a five-point scale. Examples of items: “my mate is physically attractive to me”; “my partner and I like to take part in similar activities”. The higher the average, the greater the satisfaction in each factor. In this study, the alpha coefficients were .78 for the physical and sexual aspects factor and .74 for the shared interests and behavior factor.

Kansas Marital Satisfaction Scale (Schumm et al., 1986). This scale measures overall satisfaction with love relationships by taking into account just one factor. The Brazilian translation is by Sorokowski et al. (2017). The scale is composed of three affirmative items and the participants must answer how much they agree with each one of them on a five-point scale. The statements are as follows: “I am satisfied with my relationship”; “I am pleased with my partner regarding his/her role in the relationship”; “I am satisfied with my relationship with my partner”. The higher the average on the scale, the greater the satisfaction. In this study, the alpha coefficient of the scale was .92.

Desire to Have Children Scale. The construction and validity evidence of this scale are shown in this study. It is a scale designed to measure the intensity of the desire to have children considering a single factor. It is made up of 10 items

comprising statements, and the participants must answer how much they agree with them on a six-point scale. See the Annex.

Child Care Intent Measure. Four photos of children followed by an 11-point scale were used. The participants had to evaluate how much each photo aroused in them the willingness to take care of the children. The zero point of the scale meant “it arouses nothing” and the 10 point meant “it arouses a great deal”. The images showed faces of four children: a newborn, a one-year-old child, a three-year-old child, and a six-year-old child. The children were male and had a neutral expression (no smiles or grimaces). The photos were selected from free internet image databases.

Procedures

Elaboration of the items. Two researchers, experienced in the development of psychological instruments and working independently, started from the definition of the construct and elaborated items that could represent it. As many items were elaborated as the researchers could manage to produce. The researchers then compiled together their item lists into a single 30-item list. This list was sent to three judges for evaluation of its representativeness and comprehensibility. The judges, researchers with experience in the elaboration of psychological instruments, indicated whether in their opinion the items concerned the given definition of the construct; whether the statement in the item was understandable or not; and if they had changes to suggest. After this procedure, the items the judges unanimously thought to be representative of the construct were selected, drafting problems were corrected and items with repeated content were eliminated. Later, the researchers reanalyzed the items to remove those that could only be answered by people in a relationship. The final version of the instrument ended up with 10 items, as shown in this study.

Data Collection. Participants were recruited through social networks and through addresses available in the contact list of the researchers. Invitation emails were sent to prospective participants (anyone over the age of 18), and the link to the research was also divulged in social networks. The email messages and those posted on social networks contained a brief description of the study and the internet address of the questionnaire. By accessing the home page of that site, participants could see detailed information about the research, the free and informed consent form, and the question about being willing to participate in the study. Those who agreed to participate were referred to the questionnaire. This

study was developed following all ethical precepts of research with human beings, according to Resolution 466/2012 of the National Health Council.

Analyses. The questionnaire was set up to prevent missing cases on the items of the Desire to Have Children Scale. To verify evidence of validity related to the structure of the construct, two Exploratory Factor Analyses (EFAs) were performed, with two distinct estimation methods. The first EFA used the Principal Axis method through the SPSS program version 23 (IBM, 2015). The second EFA applied the Robust Diagonally Weighted Least Squares (RDWLS) method based on the polychoric correlation matrix, using Factor Software version 10.9.02 (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2017). To search for evidence of validity based on relationships with other variables, tests of Spearman correlations and Student's t-tests were performed using SPSS version 23 (IBM, 2015). In software R version 3.5.3 (R Core Team, 2019), the parameters a (discrimination / slope) and the parameters b (difficulty / threshold) of the items were calculated through the Gradual Response Model (GRM) of the item response theory (Samejima, 1969), using the MIRT Package version 1.30 (Chalmers, 2012). Then, the alpha and omega coefficients were calculated to obtain reliability indicators, using the MBESS R package version 4.6 (Kelley, 2019).

Results

In order to test the structure of the elaborated instrument, a Factor Analysis with the Principal Axis method was performed. Initially, data adequacy to factorization was confirmed, $KMO=.92$ and Bartlett's sphericity test: $\chi^2(45, N=1,419)=2105.8, p<.001$. The emergence of a single factor with eigenvalue >1 was observed, which explained 50.4% of the data variance. The scree plot also showed the emergence of a single factor. Additionally, a parallel analysis of random eigenvalues was performed, and it was found that the last observed eigenvalue greater than the simulated one was in Factor I (Factor II: observed eigenvalue $=.94$ and simulated eigenvalue $=1.22$).

In addition, a factor analysis by Robust Diagonally Weighted Least Squares (RDWLS) method was performed based on the polychoric correlation matrix of the items, and the Hull method (Lorenzo-Seva et al., 2011) was used for retention of factors. The results were very similar to those of the Principal Axis analysis, suggesting a single factor extraction that explained 62.7% of the data variance. Considering the above-mentioned factor retention criteria by Kaiser, Cattell, Horn and Hull respectively, and above all the definition that underlies the con-

struct, it was considered appropriate to extract a factor for the instrument. The items, their respective factor loadings and communalities can be seen in Table 1. With regard to reliability, both alpha and omega coefficients for the instrument were .91 (95% CI=0.90–0.92), proving to be satisfactory (Nunnally, 1978). Parameters a and parameters b were computed, as shown in Table 1. Parameters a ranged from 1.45 to 5.84, and parameters b from -1.13 to 2.15. Figure 1 shows the test information curve.

Table 1 — Factorial Loadings and Communalities from a Principal Axis Factor Analysis, and Discrimination and Threshold Parameters of Items

	Load	h^2	a	b_1	b_2	b_3	b_4	b_5
Meu desejo de ter um bebê aumentou nos últimos tempos [My desire to have a baby has increased recently]	.78	.61	2.38	-0.47	0.08	0.45	0.91	1.44
Sinto que algo em mim pede para eu ter filho(s) [I feel that something in me asks me to have child(ren)]	.76	.57	2.84	-0.39	-0.02	0.28	0.65	1.08
A ideia de ter filho(s) é um tema recorrente em meus pensamentos [The idea of having child(ren) is a recurring theme in my thoughts]	.76	.57	2.52	-0.30	0.06	0.37	0.82	1.36
Eu converso com outras pessoas sobre a ideia de ter um bebê [I talk to other people about the idea of having a baby]	.74	.54	2.21	-0.46	0.03	0.39	0.79	1.37
Hoje em dia penso mais em ter filho(s) do que pensava antigamente [Nowadays I think more about having child(ren) than I used to think]	.72	.52	2.42	-0.73	-0.29	0.01	0.36	0.85
Quero ter filho(s) tão logo quanto for possível [I want to have child(ren) as soon as possible]	.72	.53	2.27	0.19	0.55	0.84	1.20	1.61
Quando vejo bebês ou crianças pequenas, isso me desperta vontade de ter um também [When I see babies or young children, it makes me want to have one too]	.70	.49	2.00	-0.87	-0.33	-0.02	0.52	0.98
Se tivesse filho(s) agora, ficaria contente [If I had child(ren) now, I would be happy]	.66	.44	1.71	-0.29	0.21	0.64	1.18	1.68
Acredito que ter uma criança vai me tornar uma pessoa mais realizada [I believe that having a child will make me a more fulfilled person]	.66	.45	1.81	-1.13	-0.66	-0.20	0.33	1.08

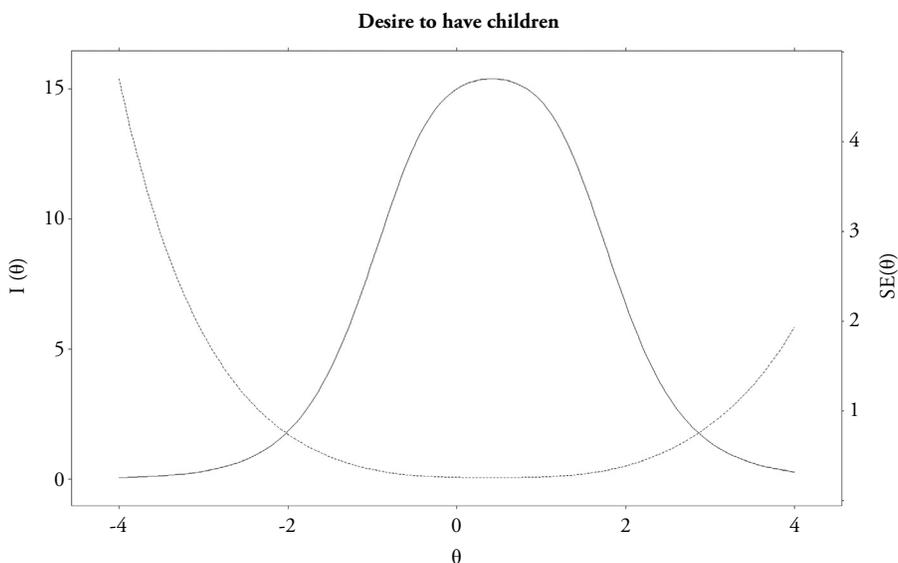
continue...

...continuation

	Load	h^2	a	b_1	b_2	b_3	b_4	b_5
Sinto que estou preparado(a) para ter filho(s) [I feel that I am prepared to have children]	.59	.34	1.45	-0.12	0.39	0.89	1.46	2.15
Eigenvalue	5.52							
% explained variance	50.4							
M	2.95							
SD	1.38							
Alpha coefficient	.91							

Notes a : discrimination parameter. b : threshold (difficulty) parameter.

Parameters of discrimination and threshold were estimated by the Graded Response Model (Samejima, 1969).

Figure 1 — Test information curve

The solid line represents the test information curve.

The dotted line represents the standard measurement error.

In search of more evidence of validity for the instrument, relationships with other variables were tested. Table 2 shows the results of the Spearman correlation coefficients obtained. We highlight the significant and positive correlations between desire to have children and the number of children that one expects to have throughout life; the intensity of desire to have children one day; how much

children's pictures inspire the desire to take care of them. On the other hand, there is a negative correlation between desire to have children and how long one wants to wait to have children.

Table 2 — Means, Standard Deviations and Spearman's Correlations between Variables

	<i>M</i>	<i>SD</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1. Desire to have children, <i>N</i> =419	2.95	1.38	—													
2. Age, <i>N</i> =419	27.1	7.85	.17**	—												
3. Education level [§] , <i>N</i> =419	6.05	1.26	.14**	.65**	—											
4. Number of children one thinks about having, <i>N</i> =360	1.71	1.07	.38**	-.30**	-.20**	—										
5. How long one wants to wait until having children (months), <i>N</i> =419	7.70	45.2	-.47**	-.68**	-.42**	.01	—									
6. Intensity of the desire to have children one day, <i>N</i> =419	7.82	3.23	.64**	-.17**	-.08	.59**	-.19**	—								
7. Current number of children, <i>N</i> =401	0.21	0.63	-.10*	.47**	.23**	-.22**	-.43**	-.22**	—							
8. How much care a photo of a newborn inspires, <i>N</i> =401	8.74	3.11	.37**	.02	.03	.20**	-.13*	.37**	-.01	—						
9. How much care a photo of a 1-year-old inspires, <i>N</i> =400	8.71	2.96	.39**	.05	.02	.21**	-.16**	.37**	.03	.79**	—					
10. How much care a photo of a 3-year-old inspires, <i>N</i> =401	8.19	2.90	.35**	.10*	.03	.18**	-.18**	.34**	.04	.58**	.63**	—				
11. How much care a photo of a 6-year-old inspires, <i>N</i> =361	6.68	3.29	.31**	.07	.003	.21**	-.18**	.29**	.04	.43**	.49**	.71**	—			
12. Relationship time (months), <i>N</i> =361	54.4	65.5	.04	.41**	.22**	-.19**	-.36**	-.08	.35**	-.05	-.01	-.02	-.03	—		
13. Satisfaction with the relationship – physical, <i>N</i> =361	4.39	0.68	.09	-.17**	-.13*	.15**	.08	.17**	-.14**	.07	.12*	.10	.15**	-.12*	—	
14. Satisfaction with the relationship – plans, <i>N</i> =361	3.99	0.82	.14**	-.07	-.003	.11*	-.03	.18**	-.10*	.12*	.13*	.15**	.12*	-.02	.41**	—
15. Overall satisfaction with the relationship, <i>N</i> =361	4.08	1.03	.10*	-.11*	-.06	.09	.01	.15**	-.14**	.03	.05	.04	.07	.04	.46**	.57**

Notes

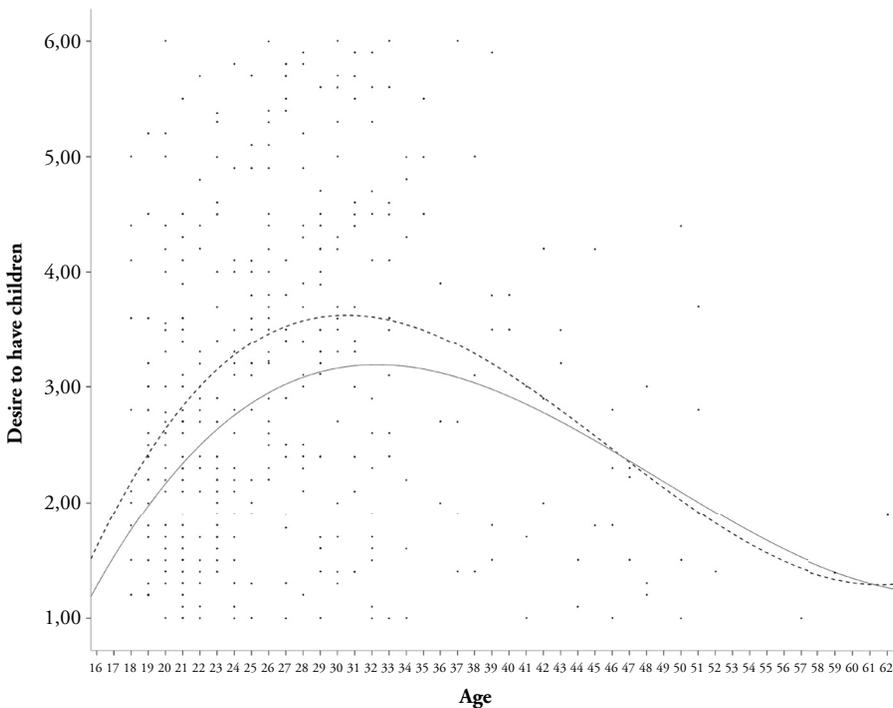
§ Ranging from 4 (high school level) to 8 (graduate level).

* *p*<.05

** *p*<.01

In addition, we sought to characterize the relationship between age and desire to have children, considering that a linear relationship between the variables was not expected. With this in mind, a dispersion graph was elaborated and functions of better fit to the distribution were tested. The best-fit line that was found describes a cubic function, as shown in Figure 2. A tendency to reach the peak of desire to have children stands out in the 26–36 age group for both women and men.

Figure 2 — Scatter plot of desire to have children according to age



The dotted line represents the best data adjustment line for women, $R^2=.12$

The solid line represents the best data adjustment line for men, $R^2=.11$

Still looking for evidence of validity for the instrument, we tested its ability to discriminate between people who said they wanted to have children one day and those who said they did not want children. Most participants, 85.9% ($n=360$), said they would like to have children one day, regardless of the number of children they already had. As expected, it was found that people who claimed

they wanted children had higher levels of desire to have children ($M=3.16$, $SD=1.35$) than those who said they did not intend to have children ($M=1.65$, $SD=0.62$), $t(166.9)=14.0$, $p<.001$, $d=1.53$.

Finally, differences were tested for the desire to have children between men and women, as well as between people who were in a love relationship and those who were not. Women had higher levels of desire to have children ($M=3.09$; $SD=1.42$) than men ($M=2.70$; $SD=1.26$), $t(342.9)=2.87$, $p=.004$, $d=0.29$. With regard to love relationships, there were no differences in the desire to have children between those who were in such a relationship and those who were not, $t(417)=1.49$, $p=.14$, $d=0.22$. As all women in the sample were in love relationships, it was also tested whether there were differences between men who were in a love relationship and those who were not; no difference was found in the desire to have children between these groups, $t(149)=.02$, $p=.98$, $d=0.003$.

Discussion

The objectives of this study were to elaborate an instrument to assess the desire to have children as well as to seek evidence of its validity. It started from the definition of the construct and elaborated a set of items. Initially, the instrument was subjected to expert analysis. The items unanimously deemed representative of the construct were retained in the final version of the instrument, totaling 10 items, which suggests adequate evidence of validity related to the content (AERA/APA/NCME, 2014). Exploratory factor analyses showed the emergence of a single underlying factor explaining the variance of the data. This result is in accordance with the definition of the construct, which conceives it as one-factor, and highlights the evidence of validity based on the instrument structure (AERA/APA/NCME, 2014).

The internal consistency of the scale was also found to be satisfactory, indicating adequate reliability for the instrument (Nunnally, 1978). The item analyses, according to the item response theory (Samejima, 1969), indicated high and very high parameters a (ranging from 1.45 to 2.84), according to Baker (2001). The parameters b of the items reveal that there was a wide coverage of the desire to have children latent trait (ranging from -1.13 to 2.15). Thus, it can be stated that the items can effectively distinguish the various levels of desire to have children.

In addition, evidence of validity based on relationships with other variables was sought. It was found that the greater the desire to have children, the

greater the number of children that one plans to have throughout life, the greater the intensity of the desire to have children one day and the less one wants to wait to have children. Also, participants were shown images of children of different ages and asked how much each child inspired them as needing care. There was a tendency toward the following pattern: the greater the desire to have children, the more people reported willingness to take care of a newborn and of a one-, three- and six-year-old child. Furthermore, a nonlinear relationship was found between age and desire to have children, and a concave function could be observed: the desire to have children gradually grows from early adulthood to the age of 30, when it begins to decrease. This relationship is expected considering that people tend to seek stability in their careers and intimate relationships before having children, while reaching biological limits for fertility (Mencarini et al., 2015, Toulemon & Testa, 2005).

Further evidence of criterion validity was obtained by testing the instrument's ability to discriminate between groups. As expected, people who claimed they wanted to have children one day had higher scores on desire to have children than those who claimed they did not want to have children. Also in the expected direction, women had a greater desire to have children than men. This result reinforces what has been found in the literature on the subject (Dinku et al., 2018). Gore (2008), for example, found that in a sample of US adults 18% of men aged 40–44 said they did not want children, while only 10% of women in this age group stated the same. These differences have been attributed mainly to the social roles played by each sex. Although there is now a more egalitarian panorama for men and women with regard to family functions, motherhood is still seen as a sign of personal fulfillment for women, while a man's success is more commonly assessed by criteria such as income and career (Gore, 2008). Thus, there would be a social stigma in being a childless woman, which would be less pronounced for men (Gore, 2008).

Contrary to expectations, there was no difference in levels of desire to have children between people who were in a romantic relationship and those who were not. Marital status has been considered an important predictor of the act of having children, as the chances of having children increase when people are in a stable love relationship (Mencarini et al., 2015; Toulemon & Testa, 2005). In recent decades, however, family configurations have undergone transformations. Single-parent arrangements have become much more socially accepted and assisted reproduction techniques more widespread (Bernardi et al., 2018; Pontes et al., 2015). In addition, many couples have opted not to have children (Bernardi et al., 2018). It is possible that having children is increasingly becoming

ing an option, both for people in a love relationship and for single people. However, this data should be interpreted with caution, since few participants stated that they were not in a romantic relationship: about 38% of men and no women. Future studies may again address this issue in more diverse samples.

It is also possible that the duration of a relationship may be a more important variable in understanding the desire to have children than the status of a relationship. This is because people in a recent relationship would have less desire to have children, since they would still be building the foundation of their relationship. Similarly, people who are in a long-term relationship but have gone beyond the reproductive age would also have a lower intention to have children. There is likely to be a peak in the desire to have children when couples reach a certain longevity in their relationship, as it was found for age. This hypothesis is in accordance with the results of the research by Mencarini et al. (2015), for example, which revealed that people are more likely to have children between their fifth and ninth year of relationship. In this sense, other studies may further explore the connection between the relationship duration and the desire to have children, considering different types of relationship configurations.

One of the advantages of the instrument built in this research, compared to previous researches, is to evaluate the intensity of the desire to have children at the present time, differing from studies that used retrospective or prospective methods (Brown & Eisenberg, 1995; Toulemon & Testa, 2005). Although all these forms of measurement have limitations, we believe that the desire to have children, assessed at present and measured on a continuum, may prove to be a more accurate predictor of childbearing behavior. When people are asked to declare whether or not they plan to have children, picturing themselves in the future, they can make predictions that disregard contextual variables, such as how much financial stability they will have achieved (Toulemon & Testa, 2005). When asked about their desire to have children at the present time, on the other hand, people are expected to consider their current living conditions to judge, for example, whether they are prepared to have a child. In this sense, at least with regard to short-term forecasts, the measure presented in this study would be more effective in predicting the act of having children. Longitudinal studies may clarify this issue.

Given what has been previously shown, we believe that the constructed instrument gathered evidence of validity that makes it suitable for the Brazilian context. Other studies should be undertaken in order to extend this evidence of validity, for example, by testing the structure of the instrument through confirmatory analyses and on samples with other characteristics. Most studies in this

area have investigated the desire to have children in developed countries, such as the United States, Italy and France, where contraceptive methods are widely available to the population (Gore, 2008; Régnier-Loilier et al., 2011). In contexts of greater social vulnerability, however, a high frequency of unintended pregnancies is observed (Santelli et al., 2009). An instrument capable of assessing levels of desire to have children may allow one to make predictions about unwanted pregnancies and then develop strategies to prevent the associated health risks for mothers and babies. Finally, we consider that the constructed measurement can be useful in clinical contexts, such as couple therapy, genetic counseling and assisted reproduction, since couples often face dilemmas related to differences in the desire to have children.

References

- AERA/APA/NCME – American Educational Research Association; American Psychological Association; National Council on Measurement in Education (2014). *Standards for educational and psychological testing*. Washington, DC: American Educational Research Association Publications.
- Ajzen, I.; Klobas, J. (2013). Fertility intentions: an approach based on the theory of planned behavior. *Demographic Research*, 29(8), 203-232. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2013.29.8>
- Baker, F. B. (2001). *The basics of item response theory*, 2nd ed. University of Maryland, College Park, MD: ERIC Clearinghouse on Assessment and Evaluation.
- Bernardi, D.; Féres-Carneiro, T.; Magalhães, A. S. (2018). Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. *Contextos Clínicos*, 11(2), 161-173. <https://doi.org/10.4013/ctc.2018.112.02>
- Brown, S. S.; Eisenberg, L. (1995). *The best intentions: Unintended pregnancy and the well-being of children and families* Washington: National Academy Press.
- Chalmers, R. P. (2012). mirt: A multidimensional item response theory package for the R environment. *Journal of Statistical Software*, 48(6), 1-29. <https://doi.org/10.18637/jss.v048.i06>
- Crissey, S. R. (2005). Effect of pregnancy intention on child well-being and development: combining retrospective reports of attitude and contraceptive use. *Population Research and Policy Review*, 24(6), 593-615. <https://doi.org/10.1007/s11113-005-5734-1>
- Dinku, R.; Tilahun, T.; Teshome, T.; Belachew, T. (2018). Gender difference in intention to have a child and its predictors among high school adolescents in Hawassa City, Southern Ethiopia: using a theory of planned behavior model. *Ethiopian Journal of Reproductive Health*, 10(4), 1-9.

- Ferrando, P. J.; Lorenzo-Seva, U. (2017). Program FACTOR at 10: origins, development and future directions. *Psicothema*, 29(2), 236-241. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.304>
- Festinger, L. (1962). Cognitive dissonance. *Scientific American*, 207(4), 93-106. <https://doi.org/10.1038/scientificamerican1062-93>
- Gerson, M.-J. (1980). The lure of motherhood. *Psychology of Women Quarterly*. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1980.tb00957.x>
- Gerson, M.-J. (1983). A scale of motivation for parenthood: the index of parenthood motivation. *The Journal of Psychology*, 113(2), 211-220. <https://doi.org/10.1080/00223980.1983.9923577>
- Gore, D. L. (2008). *I don't want any children... ever: gender differences in voluntary childlessness in the U.S., 2002*. Paper presented at the meeting of Population Association of America, New Orleans, April 2008.
- Hadley, R.; Hanley, T. (2011). Involuntarily childless men and the desire for fatherhood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 29(1), 56-68. <https://doi.org/10.1080/02646838.2010.544294>
- Hoffman, L. W.; Thornton, A.; Manis, J. D. (1978). The value of children to parents in the United States. *Journal of Population*, 1(2), 91-131. <https://doi.org/10.1007/BF01277597>
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). *Projeções da população: Brasil e unidades da federação – revisão 2018*, 2ª ed. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE.
- IBM (2015). *IBM SPSS Statistics for Windows*, Version 23.0. Armonk, NY: IBM Corp.
- Joyce, T. J.; Kaestner, R.; Korenman, S. (2000). The effect of pregnancy intention on child development. *Demography*, 37(1), 83-94. <https://doi.org/10.2307/2648098>
- Kelley, K. (2019). *MBESS: The MBESS R Package*. R package version 4.6.0.
- Koreman, S.; Kaestner, R.; Joyce, T. (2002). Consequences for infants of parental disagreement in pregnancy intention. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 34(4), 198-205. <https://doi.org/10.2307/3097730>
- Lampic, C.; Svanberg, A. S.; Karlström, P.; Tydén, T. (2006). Fertility awareness, intentions concerning childbearing, and attitudes towards parenthood among female and male academics. *Human Reproduction*, 21(2), 558-564. <https://doi.org/10.1093/humrep/dei367>
- Langdridge, D.; Sheeran, P.; Connolly, K. (2005). Understanding the reasons for parenthood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 23(2), 121-133. <https://doi.org/10.1080/02646830500129438>
- Lorenzo-Seva, U.; Timmerman, M. E.; Kiers, H. A. (2011). The Hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46(2), 340-364. <https://doi.org/10.1080/00273171.2011.564527>
- Matias, M.; Fontaine, A. M. (2017). Intentions to have a child: a couple-based process. *Family Relations: Interdisciplinary Journal of Applied Family Science*, 66(2), 231-243. <https://doi.org/10.1111/fare.12250>

- Maxson, P.; Miranda, M. L. (2011). Pregnancy intention, demographic differences, and psychosocial health. *Journal of Women's Health, 20*(8), 1215-1223. <https://doi.org/10.1089/jwh.2010.2379>
- Mencarini, L.; Vignoli, D.; Gottard, A. (2015). Fertility intentions and outcomes: implementing the Theory of Planned Behavior with graphical models. *Advances in Life Course Research, 23*, 14-28. <https://doi.org/10.1016/j.alcr.2014.12.004>
- Miller, W.; Severy, L.; Pasta, D. (2004). A framework for modelling fertility motivation in couples. *Population Studies, 58*(2), 193-205. <https://doi.org/10.1080/0032472042000213712>
- Mohllajee, A. P.; Curtis, K. M.; Morrow, B.; Marchbanks, P. A. (2007). Pregnancy intention and its relationship to birth and maternal outcomes. *Obstetrics and Gynecology, 109*(3), 678-686. <https://doi.org/10.1097/01.AOG.0000255666.78427.c5>
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric Theory*, 2nd ed. New York: McGraw Hill.
- Pontes, M. F.; Féres-Carneiro, T.; Magalhães, A. S. (2015). Famílias homoparentais e maternidade biológica. *Psicologia e Sociedade, 27*(1), 189-198. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p189>
- R Core Team (2019). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. <https://www.R-project.org/>
- Rabin, A. I. (1965). Motivation for parenthood. *Journal of Projective Techniques and Personality Assessment, 29*(4), 405-413. <https://doi.org/10.1080/0091651X.1965.10120230>
- Régnier-Loilier, A.; Vignoli, D.; Dutreuilh, C. (2011). Fertility intentions and obstacles to their realization in France and Italy. *Population (English Edition, 2002-), 66*(2), 361-389. <https://www.jstor.org/stable/41488605>
- Rocha-Coutinho, M. (2015). Investimento da mulher no mercado de trabalho: repercussões na família e nas relações de gênero. In: Féres-Carneiro, T. (org.). *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos*, p. 103-108. Rio de Janeiro: Prospectiva.
- Samejima, F. (1969). *Estimation of latent ability using a response pattern of graded scores* (Psychometric monograph n° 17). Richmond, VA: Psychometric Society.
- Santelli, J. S.; Lindberg, L. D.; Orr, M. G.; Finer, L. B.; Speizer, I. (2009). Toward a multi-dimensional intentions: the United States measure evidence from of pregnancy. *Studies in Family Planning, 40*(2), 87-100. <https://doi.org/10.1111/j.1728-4465.2009.00192.x>
- Santos, K. A. (2013). As vicissitudes da mulher contemporânea: ser mãe ou não ser? *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, 9*(16), 1-16.
- Schoen, R.; Astone, N. M.; Kim, Y. J.; Nathanson, A.; Fields, J. M. (1999). Do fertility intentions affect fertility behavior? *International Journal of Conflict Management, 61*(3), 790-799. <https://doi.org/10.1086/250095>
- Schumm, W. R.; Paff-Bergen, L. A.; Hatch, R. C.; Obiorah, F. C.; Copeland, J. M.; Meens, L. D.; Bugaighis, M. A. (1986). Concurrent and discriminant validity of Kansas Marital Satisfaction Scale. *Journal of Marriage and the Family, 48*(2), 381-387. <https://doi.org/10.2307/352405>

- Sorokowski, P.; Randall, A. K.; Groyecka, A.; Frackowiak, T.; Cantarero, K.; Hilpert, P.; ... Sorokowska, A. (2017). Marital satisfaction, sex, age, marriage duration, religion, number of children, economic status, education, and collectivistic values: Data from 33 countries. *Frontiers in Psychology*, 8, 1-7. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01199>
- Toulemon, L.; Testa, M. R. (2005). Fertility intentions and actual fertility: a complex relationship. *Population and Societies*, 415, 1-4.
- Travassos-Rodriguez, F.; Féres-Carneiro, T. (2013). Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. *Tempo psicanalítico*, 45(1), 111-121.
- Wachelke, J. F. R.; Andrade, A. L. de; Cruz, R. M.; Faggiani, R. B.; Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9(1), 11-18. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712004000100003>

Annex

Escala Desejo de Ter Filhos

Abaixo você vai encontrar uma série de afirmativas. Marque o quanto você concorda com cada uma delas, sendo que quanto MAIS PRÓXIMO do 1, MENOS você CONCORDA com a afirmativa; e quanto MAIS PRÓXIMO do 6, MAIS você CONCORDA com a afirmativa.

	Discordo totalmente					Concordo totalmente
	1	2	3	4	5	6
Sinto que algo em mim pede para eu ter filho(s).	1	2	3	4	5	6
Meu desejo de ter um bebê aumentou nos últimos tempos.	1	2	3	4	5	6
Sinto que estou preparado(a) para ter filho(s).	1	2	3	4	5	6
Eu converso com outras pessoas sobre a ideia de ter um bebê.	1	2	3	4	5	6
Se tivesse filho(s) agora, ficaria contente.	1	2	3	4	5	6
Quero ter filho(s) tão logo quanto for possível.	1	2	3	4	5	6
Quando vejo bebês ou crianças pequenas, isso me desperta vontade de ter um também.	1	2	3	4	5	6
A ideia de ter filho(s) é um tema recorrente em meus pensamentos.	1	2	3	4	5	6
Acredito que ter uma criança vai me tornar uma pessoa mais realizada.	1	2	3	4	5	6
Hoje em dia penso mais em ter filho(s) do que pensava antigamente.	1	2	3	4	5	6

Levantamento dos resultados: Calcular a média aritmética das respostas aos 10 itens.

Recebido em 13 de setembro de 2019

Aceito para publicação em 09 de março de 2020

FATORES PREDITIVOS DE DESISTÊNCIA EM UM PROGRAMA PARA ADOLESCENTES COM SOBREPESO OU OBESIDADE: ESTUDO MERC

*PREDICTIVE FACTORS OF DROPOUT FROM A PROGRAM
FOR OVERWEIGHT OR OBESE ADOLESCENTS: MERC STUDY*

*FACTORES PREDICTIVOS DE DESISTIMIENTO EN UN PROGRAMA
PARA ADOLESCENTES CON SOBREPESO U OBESIDAD: ESTUDIO MERC*

Raquel de Melo Boff⁽¹⁾

Natália Boff⁽²⁾

Marina Alves Dornelles⁽³⁾

Martha Wallig Brusius Ludwig⁽⁴⁾

Andreia da Silva Gustavo⁽⁵⁾

Ana Maria Pandolfo Feoli⁽⁶⁾

Márcio Vinícius Fagundes Donadio⁽⁷⁾

Margareth da Silva Oliveira⁽⁸⁾

⁽¹⁾ Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Docente em Psicologia na Universidade de Caxias do Sul (UCS), RS, Brasil. email: rmboff@hotmail.com

⁽²⁾ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), RS, Brasil. email: natalia.boff@gmail.com

⁽³⁾ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), RS, Brasil. email: marina.alves@acad.pucrs.br

⁽⁴⁾ Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Docente do curso de Psicologia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), RS, Brasil. email: marthaludwig@hotmail.com

⁽⁵⁾ Mestre em Enfermagem e Doutora em Epidemiologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora Adjunta e Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), RS, Brasil. email: andreia.gustavo@pucrs.br

⁽⁶⁾ Nutricionista pelo Centro Universitário Metodista (IPA), Mestre e Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora Titular da Escola de Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), RS, Brasil. email: anafeoli@pucrs.br

⁽⁷⁾ Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário Metodista (IPA), Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Pós-doutorado pela University of Edinburgh, Scotland, UK; Professor Titular do Curso de Fisioterapia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. email: mdonadio@pucrs.br

⁽⁸⁾ Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Doutora em Psiquiatria e Psicologia Médica pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com Pós-doutorado na University of Maryland Baltimore County (UMBC), MD, USA; Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. email: marga@pucrs.br

Este estudo foi financiado pelo governo brasileiro, por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com os editais Universal 483257/2013-3 e Universal 455106/2014. Também teve financiamento do edital de Infraestrutura do Programa de Apoio à Integração entre Áreas (PRAIAS) da PUCRS (01/2014).

RESUMO

O objetivo deste estudo foi identificar fatores potenciais de impacto sobre a desistência em um ensaio clínico randomizado. Para participar das 12 semanas de intervenção, foram selecionados adolescentes com sobrepeso ou obesidade (IMC percentil ≥ 85), dos sexos masculino e feminino, com média de idade $16,44 \pm 1,09$. Utilizou-se regressão logística binária para responder pelo desfecho de não conclusão. As regressões foram realizadas por blocos e as variáveis estudadas foram características demográficas e antropométricas, marcadores metabólicos, aspectos motivacionais, funcionamento psicológico e percepção das práticas alimentares parentais. Foi constatada uma taxa de desistência de 48,8%. A maior chance de desistência foi explicada no modelo final de regressão pela autoeficácia para mudança de estilo de vida (OR: 0,732; IC95%: 0,581–0,921; $p=0,008$), pelo suporte familiar (OR: 0,807; IC95%: 0,685–0,950; $p=0,010$), pela HbA1c (OR: 11,366; IC95%: 3,123–37,702; $p=0,010$) e por fatores relacionados às práticas alimentares parentais. Concluiu-se que a família e os aspectos relacionados à motivação para mudança podem ser determinantes de desistência em programas para perda de peso para adolescentes.

Palavras-chave: desistência; obesidade; adolescentes; ensaio clínico; abandono.

ABSTRACT

The number of overweight or obese adolescents has increased, but the rate of dropping out in programs for this population is high. The objective of this study was to identify potential factors of impact on dropping out in a randomized clinical trial. To take part in a 12-week intervention, overweight or obese adolescents (BMI percentile ≥ 85), males and females, with mean age 17.99 ± 1.09 were selected. Binary logistic regression was used to account for the non-completion outcome. Regressions were performed by blocks and the variables studied were demographic and anthropometric traits, metabolic markers, motivational aspects, psychological functioning, and perception of parental food practices. The drop-out rate was 48.8%. The highest chance of withdrawal was explained in the final regression model by self-efficacy to change lifestyle (OR: 0.732; IC95%: 0.581–0.921; $p=0.008$), by family support (OR: 0.807; IC95%: 0.685–0.950; $p=0.010$), by HbA1c (OR: 11.366; IC95%: 3.123–37.702; $p=0.010$), and by factors associated with parental food practices. It was concluded that the family and aspects related to motivation for change can be determinants of dropping-out in weight-loss programs for teenagers.

Keywords: dropping out; obesity; adolescents; clinical trial; attrition.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue identificar factores potenciales del impacto sobre la desistencia en un ensayo clínico aleatorizado. Se seleccionaron para participar en 12 semanas de intervención, adolescentes con sobrepeso u obesidad (IMC percentil ≥ 85), del sexo masculino y femenino con media de edad $16,44 \pm 1,09$. Se utilizó regresión logística binaria para responder por el resultado de conclusión incompleta. Las regresiones fueron realizadas por bloques y las variables estudiadas fueron características demográficas y antropométricas, marcadores metabólicos, aspectos motivacionales, funcionamiento psicológico y percepción de las prácticas alimentarias parentales. La tasa de desistimiento fue de 48,8%. La mayor probabilidad de desistimiento fue explicada en el modelo final de regresión por auto-eficacia para el cambio de estilo de vida (OR: 0,732, IC95%: 0,581–0,921, $p=0,008$), por el soporte familiar (OR: 0,807, IC95%: 0,685–0,950; $p=0,010$), por la HbA1c (OR: 11,366, IC95%: 3,123–37,702; $p=0,010$) y por factores relacionados con las prácticas alimentarias parentales. Se concluyó que la familia y los aspectos relacionados con la motivación para el cambio pueden ser determinantes de la desistencia de programas para la pérdida de peso para los adolescentes.

Palabras clave: desistencia; obesidad; adolescentes; ensayo clínico; abandono.

Introdução

A obesidade em adolescentes tem alta prevalência e está associada a inúmeros problemas de saúde, especialmente ao desenvolvimento de fatores de risco cardiovascular (Bloch et al., 2015). Adolescentes obesos têm cinco vezes mais chances de se tornarem adultos obesos e essa condição precoce pode ter comprometimento na expectativa de vida (Simmonds et al., 2016). O tratamento mais indicado para essa população é a perda de peso por meio da modificação de hábitos alimentares e adesão a exercício físico regular (Spear et al., 2007).

Inúmeros estudos têm se proposto a avaliar a efetividade de intervenções comportamentais para auxiliar adolescentes a modificarem seus hábitos (Boff et al., 2016). A literatura demonstra que a adesão a programas para perda de peso na população de adultos é baixa (Moroshko et al., 2011), e se tratando de adolescentes as taxas de desistência são ainda mais altas (França et al., 2013). Em ensaios clínicos randomizados a taxa de abandono pode influenciar nos desfechos, diminuindo a magnitude do efeito e comprometendo os resultados (Batterham et al., 2016). Em adultos, os fatores preditivos para desistência estão relacionados

à psicopatologia, ter menos idade (Susin et al., 2015), baixa escolaridade, iniciar o tratamento com maior peso, ser do sexo feminino (Hadžiabdić et al., 2015), tentativas de dieta anteriores e dificuldade para perder peso durante o tratamento (Colombo et al., 2014). Em programas para adolescentes, os preditores de desistência apontados pela literatura são idade superior a 15 anos, colesterol elevado (Fidelix et al., 2015), o tipo de seguro saúde, reuniões de acompanhamento durante os meses de verão, residência longe do local da intervenção (Walker et al., 2012), insegurança social em relação ao corpo, falta de consciência sobre o problema (De Miguel-Etayo et al., 2016) e insatisfação com o tipo de intervenção oferecida (Skelton et al., 2014). Outros estudos com foco na adesão concluíram que a motivação para mudar (Bean et al., 2015), a autorresponsabilização pela saúde e o alto nível de escolaridade dos pais foram preditores para manutenção do estilo de vida saudável em adolescentes (Sousa et al., 2014).

O objetivo deste estudo é avaliar potenciais preditores sociodemográficos, metabólicos e comportamentais de desistência no ensaio clínico randomizado Modificação do Estilo de Vida e Risco Cardiovascular (MERC), realizado com adolescentes com sobrepeso e obesidade.

Método

Trata-se de um estudo longitudinal retrospectivo, que se propôs a avaliar os preditores de desistência em adolescentes que participaram de um ensaio clínico randomizado para modificação de estilo de vida (Ribeiro, 2016).

Participantes

Participaram deste estudo adolescentes incluídos no ensaio clínico MERC (Ribeiro, 2016). O recrutamento aconteceu por meio de mídia digital e imprensa. Os critérios de elegibilidade foram avaliados por uma equipe interdisciplinar numa reunião de triagem agendada com os adolescentes e seus pais. Foram incluídos jovens com sobrepeso ou obesidade (IMC percentil ≥ 85), dos sexos feminino e masculino, com idades entre 15 e 18 anos. Os critérios de elegibilidade foram: não ter contraindicação absoluta para atividade física; não ter diagnóstico de transtornos psiquiátricos graves e/ou prejuízos cognitivos significativos; ausência de diagnóstico de diabetes mellitus tipo I; não estar grávida; ter pressão arterial controlada e disponibilidade para participação no programa.

Protocolo do Ensaio Clínico

O objetivo do MERC foi comparar intervenções comportamentais para perda de peso por meio da modificação de hábitos alimentares e adesão ao exercício físico regular. Assim, os participantes foram randomizados em duas intervenções: Grupo Interdisciplinar Motivacional (GI), considerado o grupo experimental, e o Grupo de Educação em Saúde Tradicional (GC), considerado o grupo controle. Ambas as intervenções tiveram 12 encontros grupais, com um encontro por semana. O GI tinha duração de uma hora e meia e o GC tinha duração de uma hora. As intervenções aconteceram na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Ambas as intervenções tinham o objetivo de estimular hábitos alimentares saudáveis e a prática de exercício físico. Maiores informações sobre o protocolo desse ensaio podem ser obtidas na publicação do protocolo do estudo (Ribeiro, 2016).

Avaliação de Desistência

Foram considerados desistência neste estudo os casos de adolescentes que não completaram no mínimo 80% do programa, ou seja, aqueles que não compareceram a no mínimo 9 encontros (incompleto). Os potenciais preditores para o desfecho incompleto foram estabelecidos a partir de variáveis coletadas na linha de base do estudo, uma semana antes do início das intervenções. Assim, consideraram-se como hipóteses características sociodemográficas, medidas antropométricas, variáveis metabólicas, motivação para mudança, funcionamento psicológico e práticas alimentares parentais.

Variáveis Demográficas

As variáveis sociodemográficas foram coletadas por meio de um questionário eletrônico autoaplicável.

Variáveis Antropométricas

O peso corporal foi verificado por meio de uma balança da marca Cauduro®, com capacidade para 160kg, devidamente calibrada. Foi avaliado o Índice de

Massa Corporal (IMC) para a idade e altura. Para cálculo do IMC Percentil, foi utilizada a calculadora Antroplus da World Health Organization (WHO, 2007).

A circunferência da cintura foi aferida com o voluntário em pé e em expiração, utilizando uma fita métrica passando pelo ponto médio, entre a borda do último arco costal e a borda da crista ilíaca anterior (WHO, 2008).

Variáveis Metabólicas

Os procedimentos para análises de HDL (lipoproteína de alta densidade), CT (colesterol total), TG (triglicerídios) e glicose foram realizados por reações enzimáticas utilizando-se kits Johnson & Johnson (Ortho Clinical Diagnostics), metodologia de química seca, e autoanalisador Vitros 750. A insulina em jejum e a hemoglobina glicada (HbA1c) foram analisadas pelo método quimioluminescência. A lipoproteína de baixa densidade (LDL) foi estabelecida pela fórmula $LDL = ((TG/5) + HDL) - CT$ e o HOMA-IR = $glicemia \text{ em jejum} \times 0,0555 \times \text{insulina em jejum} \div 22,5$.

Variáveis Motivacionais

Prontidão para mudar hábitos alimentares e Prontidão para iniciar exercício físico: Para avaliar a prontidão para mudança em relação a hábitos alimentares e à iniciação de exercício físico, o participante deveria responder, numa escala analógica, o ponto que melhor representasse o quão pronto estava para mudar seu comportamento naquele momento. São duas questões referentes à frequência e à intensidade de atividade física e nove questões envolvendo hábitos alimentares, como: aumento da ingestão de frutas, legumes, cereais e peixe; redução da ingestão de embutidos, sal, gorduras trans e açúcar (Velasquez et al., 2001). O escore final dos dois instrumentos foi feito por meio de média aritmética.

Autoeficácia para hábitos alimentares: Foi avaliada utilizando uma escala desenvolvida por Bandura (2006). Composta por 30 itens que avaliam a confiança do sujeito em não recair em relação à dieta frente a situações tentadoras, o indivíduo deve marcar um número de 0 a 100 que represente o quão confiante ele se sente.

Autoeficácia para exercícios: Desenvolvida por Bandura (2006), trata-se de uma escala de autorrelato que avalia por meio de uma escala de 0 a 100 o quanto

o sujeito se sente confiante em não desistir de praticar exercício físico, mesmo diante de situações que podem tentá-lo a não praticar.

Motivação para participar do MERC: Foi avaliada por meio de uma escala analógica, de 0 a 10, na qual o adolescente deveria assinalar o ponto que representasse o quão motivado ele estava para participar do MERC.

Autoeficácia para mudar o estilo de vida: Foi avaliada por meio de uma régua analógica onde o sujeito deveria marcar o quanto ele acreditava na própria capacidade de conseguir modificar o estilo de vida.

Balança decisional (BD): Foi avaliada por meio de um instrumento de autorrelato, composto por 20 questões para avaliar o quão importante são para o sujeito os aspectos que implicam a tomada de decisão para perder peso (Prochaska et al., 1994).

Suporte familiar para mudar o peso: A percepção do adolescente sobre o apoio que os cuidadores dão para perda de peso foi avaliada por meio de uma escala analógica na qual deveria ser marcado um número de 0 a 10.

Funções Psicológicas

Escala de Compulsão Alimentar Periódica (ECAP): Esta escala foi desenvolvida para rastreamento e avaliação da gravidade da compulsão alimentar em obesos (Freitas et al., 2001). É uma escala do tipo *likert*, composta por 16 itens e 62 afirmativas que pontuam de zero a três pontos conforme a gravidade da frequência dos episódios.

Satisfação com a Imagem Corporal (Stunkard): A satisfação com a imagem corporal foi avaliada por meio da escala de silhueta desenvolvida por Stunkard (Stunkard et al., 1983).

Youth Self Report (YSR): Trata-se de um instrumento de autorrelato para rastreamento de problemas de saúde mental em adolescentes (Achenbach & Rescorla, 2001). O YSR fornece o perfil comportamental do adolescente com base em 118 itens que, agrupados, permitem a identificação de oito síndromes (subescalas): ansiedade/depressão; retraimento/depressão; queixas somáticas; problemas com contato social; problemas com o pensamento; problemas com a atenção; violação de regras; e comportamento agressivo. A soma das três primeiras subescalas corresponde à escala de comportamentos do tipo internalização (internalizing), enquanto a soma das últimas duas subescalas corresponde à escala de comportamentos do tipo externalização (externalizing). O conjunto de itens de todas as subescalas corresponde à escala total de problemas de saúde mental.

Práticas Alimentares Parentais

Comprehensive Feeding Practice Questionnaire (CFPQ-Teen): Trata-se de uma escala de autorrelato com 43 itens. A escala é dividida em 9 fatores, sendo consideradas práticas coercitivas: CFPQ-Teen2 (regulação emocional); CFPQ-Teen7 (monitoramento); CFPQ-Teen8 (pressão para comer); CFPQ-Teen9 (restrição para a saúde); CFPQ-Teen10 (restrição para controle de peso); e práticas indutivas de boa alimentação: CFPQ-Teen1 (autoridade do adolescente); CFPQ-Teen3 (incentivo ao equilíbrio e variedade); CFPQ-Teen4 (ambiente); CFPQ-Teen5 (envolvimento); CFPQ-Teen6 (modelo dos pais). (Piccoli et al., 2014)

Análises Estatísticas

Foram incluídos nas análises estatísticas 135 adolescentes que iniciaram as intervenções, divididos entre os grupos completo e incompleto, considerando que o desfecho é o abandono da intervenção. Para a análise bivariada que comparou os grupos nas variáveis categóricas foi utilizado o teste qui-quadrado de Pearson (χ^2), com estimativa da medida de efeito, o Odds Ratio (OR) bruto, com intervalo de confiança de 95% (IC95%). Na análise das variáveis contínuas entre grupos foram aplicados os testes de t-Student ou U de Mann Whitney.

A técnica de Regressão Logística Binária Backward condicional foi aplicada para responder pelo desfecho de desistência de adolescentes (incompleto=1 ou completo=0). As variáveis independentes foram agrupadas por blocos, considerando que as proposições empíricas nesta área ainda não indicam a magnitude e a direção da relação entre variáveis que explicam o abandono. As variáveis foram agrupadas em seis blocos: sociodemográficas; antropométricas; metabólicas; motivacionais; funcionamento psicológico; e percepção das práticas parentais. Para cada bloco foi gerado um modelo de regressão, buscando identificar as variáveis independentes capazes de responder pelo incompleto na intervenção. O $p \leq 0.200$ foi estabelecido como ponto de corte para inclusão nos modelos. Tendo como base as variáveis que se mostraram representativas nos modelos saturados de cada bloco, foi gerado um modelo final onde se buscou detectar as variáveis representativas.

A qualidade de ajuste do modelo foi avaliada de acordo com os estimadores razão de máxima verossimilhança (*likelihood-ratiotest* $-2LL$ ou $-2\log$), R^2 de Nagelkerke e Hosmer-Lemeshow e a área sob a curva ROC. A probabilidade de entrada gradual das variáveis ao modelo foi de 0.05 e para a remoção de 0.10. So-

bre o ponto de corte, a significância foi de 0.50 para o máximo de 20 interações. Os níveis de significância inferiores a 0.01 foram considerados significativos com base no critério de Bonferroni.

Os dados foram analisados no programa *Statistical Package for Social Sciences* versão 23.0 para Windows. Para critérios de decisão estatística, adotou-se o nível de significância de 5%.

Resultados

Dos 135 adolescentes que iniciaram o programa, 69 completaram no mínimo 80% da sua participação. Assim, houve uma perda na amostra de 48.8%, considerando que no GI foram randomizados 65 sujeitos com taxa de desistência de 43.0% (n=28), e no CG foram randomizados 70 sujeitos com taxa de desistência de 54.28% (n=38). Não houve significância estatística em relação à perda amostral quando comparadas médias de GI e GC (p=0.351). A análise descritiva e a comparação entre grupos são mostradas na Tabela 1.

Tabela 1 — Análise descritiva e bivariada

Variáveis	Completo (n=69)	Incompleto (n=66)	Odds Ratio Bruto		Estatística do Teste	p
	M±DP	M±DP	OR	IC95%		
Variáveis Demográficas						
Idade	16.36±1.09	16.52±1.08	1.118	0.818–1.527	t=0.864 ^b	0.417
Sexo n(%)						
Masculino	19 (27.5%)	16 (24.2%)	1.000		$\chi^2=0.191^a$	0.662
Feminino	50 (72.5%)	50 (75.8%)	1.188	0.549–2.570		
Raça						
Branco n(%)	52(75.4%)	42 (68.9%)	1.000		$\chi^2=0.685^a$	0.408
Afrodescendente n(%)	17(24.6%)	19 (31.1%)	1.171	0.793–1.731	$\chi^2=0.685^a$	0.408
Estado Civil Parental						
Em união n(%)	47 (68.1%)	28 (44.4%)	1.000		$\chi^2=7.521^a$	0.006
Separados n(%)	22 (31.9%)	35 (55.6%)	2.607	1.314–5.429		
Estado profissional da mãe n(%)						
Ativo	54 (78.3%)	47 (71.2%)	1.00		$\chi^2=0.890^b$	0.346
Inativo	15 (21.7%)	19 (28.8%)	1.212	0.796–1.844		
Período de participação n(%)						
Outono/Inverno	21 (30.4%)	28 (42.4%)	1.293	0.921–1.816	$\chi^2=2.097^a$	0.148
Primavera/Verão	48 (69.6%)	38 (57.6%)	1.000			

continua...

...continuação

Variáveis	Completo (n=69)	Incompleto (n=66)	Odds Ratio Bruto		Estatística do Teste	p
	M±DP	M±DP	OR	IC95%		
Variáveis Antropométricas						
Peso (kg)	97.10±19.29	95.86±21.30	0.975	0.935–1.017	t=0.356 ^b	0.723
IMC (kg/m ²)	35.41±5.19	35.37±6.28	0.993	0.866–1.139	t=0.045 ^b	0.964
Circunferência da cintura	105.54±14.55	105.49±14.44	1.032	0.982–1.086	t=0.018 ^b	0.986
Variáveis Metabólicas						
HDL (mg/dl)	50.19±13.3848	48.02±15.15	0.980	0.954–1.008	t=0.878 ^b	0.382
Colesterol total (mg/dl)	159.68±30.39	166.91±35.56	1.010	0.999–1.022	t=–1.271 ^b	0.206
Insulina em jejum	20.34±10.85	19.57±11.42	0.983	0.951–1.017	t=0.398 ^b	0.691
HbA1c	5.11±0.35	5.23±0.53	1.820	0.783–4.234	t=–1.575 ^b	0.118
Variáveis Motivacionais						
Autoeficácia para exercícios	52.57±22.72	52.19±21.87	0.984	0.955–1.014	t=0.730 ^b	0.923
Autoeficácia para hábitos alimentares	47.41±22.45	51.06±25.63	1.030	1.000–1.060	t=0.326 ^b	0.380
Motivação para participar do MERC	7.86±2.62	5.77±2.69	0.814	0.689–0.962	U=1129.50 ^c	p<0.001
Autoeficácia para mudar o estilo de vida	7.41±2.04	5.76±2.39	0.720	0.576–0.899	U=1256.50 ^c	p<0.001
Prontidão para mudar a dieta	6.81±1.72	6.70±1.96	1.099	0.815–1.483	t=0.348 ^b	0.729
Prontidão para fazer exercício físico	6.70±1.96	6.40±2.19	1.065	0.846–1.342	t=0.197 ^b	0.845
Suporte familiar	7.07±3.23	5.59±3.30	0.894	0.788–1.015	U=1515.0 ^c	0.016
Função Psicológica						
ECAP	15.39±7.68	14.82±8.99	1.085	0.952–1.033	t=–0.399 ^b	0.691
Stunkard	2.65±1.09	2.34±1.18	1.740	0.579–1.070	t=–1.548 ^b	0.124
YSR – escore total	60.3±7.43	57.83±6.81	1.455	0.785–1.028	t=–1.914 ^b	0.058
Práticas Alimentares Parentais						
CFPQ-Teen – total	13.60±1.91	13.89±2.22	1.026	0.838–1.256	t=0.791 ^b	0.430

Notas^a — χ^2 (qui-quadrado) de Pearson^b — Teste t-Student para grupos independentes (no teste t as variações com base em Levene foram assumidas iguais sem significância)^c — Teste de Mann Whitney U U de Pearson

ECAP — Escala de Compulsão Alimentar Periódica

Stunkard — Satisfação com a Imagem Corporal

YSR — Youth Self-Report Questionnaire

CFPQ-Teen — Comprehensive Feeding Practice Questionnaire

A Tabela 2 apresenta apenas os modelos de regressão por blocos que apresentaram significância estatística. Em relação às variáveis demográficas, os resultados apontaram que o fato de o adolescente ser filho de pais que não vivem em união estável aumenta em 2.912 vezes (IC95%: 1.372–6.504) a chance de não concluir a intervenção. Esta relação se mostra potencializada junto ao status profissional das mães (OR: 1.991; IC95%: 0.860–4.611), bem como o período de participação no MERC ser no outono/inverno (OR: 1.896; IC95%: 0.885–4.058).

Tabela 2 — Regressão Binária Logística (Backward) para variáveis pré-tratamento prevendo o abandono da intervenção MERC

Variáveis independentes para o modelo final	Incompleto					
	Coeficiente de Regressão			Odds Ratio Ajustado		
	B _{bruto}	S.E.	Sig.	Exp(B)	IC95%	
					Mínimo	Máximo
Variáveis Demográficas^A						
Estado civil parental – divorciados	1.069	0.384	0.005	2.912	1.372	6.180
Estado profissional da mãe – inativa	0.689	0.428	0.108	1.991	0.860	4.611
Período de participação – outono/inverno	0.640	0.388	0.100	1.896	0.885	4.058
Variáveis Metabólicas^B						
Insulina em jejum – alta	1.432	0.917	0.120	4.071	0.695	23.974
HbA1c – alta	2.153	0.926	0.022	8.613	1.430	51.814
Variáveis Motivacionais^C						
Suporte familiar	-0.116	0.063	0.068	0.891	0.787	1.009
Motivação para participar do MERC	-0.192	0.081	0.018	0.825	0.704	0.968
Autoeficácia para mudar o estilo de vida	-0.302	0.108	0.005	0.740	0.599	0.913
Autoeficácia para hábitos alimentares	0.022	0.009	0.020	1.022	1.003	1.040
Práticas Alimentares Parentais^D						
CFPQ-Teen2 (regulação emocional)	0.137	0.069	0.049	1.147	1.001	1.314
CFPQ-Teen5 (envolvimento)	0.140	0.062	0.024	1.150	1.018	1.299
CFPQ-Teen8 (pressão para comer)	-0.123	0.067	0.067	0.884	0.775	1.009
Modelo Final^E						
Período de participação – outono/inverno	0.826	0.486	0.089	2.283	0.881	5.918
Estado profissional da mãe – inativa	0.991	0.524	0.058	2.695	0.965	7.525
CFPQ-Teen2 (regulação emocional)	0.202	0.101	0.047	1.224	1.003	1.493
CFPQ-Teen5 (envolvimento)	0.213	0.088	0.015	1.237	1.042	1.469

continua...

...continuação

Variáveis independentes para o modelo final	Incompleto					
	Coeficiente de Regressão			Odds Ratio Ajustado		
	B _{bruto}	S.E.	Sig.	Exp(B)	IC95%	
				Mínimo	Máximo	
CFPQ-Teen8 (pressão para comer)	-0.208	0.091	0.022	0.812	0.679	0.971
HbA1c – alta	3.193	1.245	0.010	11.366	3.123	37.702
Suporte familiar	-0.215	0.083	0.010	0.807	0.685	0.950
Motivação para participar do MERC	-0.187	0.096	0.052	0.829	0.687	1.002
Autoeficácia para mudar o estilo de vida	-0.312	0.117	0.008	0.732	0.581	0.921
Autoeficácia para hábitos alimentares	0.022	0.012	0.025	1.122	1.099	1.416

Notas

A — Variáveis Demográficas (etapa 10) – R2 de Nagelkerke: 0.142; Prova de Hosmer-Lemeshow ($\chi^2=3.584$; $p=0.471$); Cox & Snell: 0.089; Matriz de confusão – Proporção geral de acerto: 64.7% (n=83) / Proporção de acerto NC: 63.1% (n=118).

B — Variáveis Metabólicas (etapa 9) – R2 de Nagelkerke: 0.119; Prova de Hosmer-Lemeshow ($\chi^2=0.333$; $p=0.844$); Cox & Snell: 0.092; Matriz de confusão – Proporção geral de acerto: 61.4% (n=90) / Proporção de acerto NC: 63.1% (n=44).

C — Variáveis Motivacionais (etapa 9) – R2 de Nagelkerke: 0.338; Prova de Hosmer-Lemeshow ($\chi^2=3.671$; $p=0.869$); Cox & Snell: 0.248; Matriz de confusão – Proporção geral de acerto: 75.7% (n=101) / Proporção de acerto NC: 76.8% (n=54).

D — Práticas Alimentares Parentais (etapa 8) – R2 de Nagelkerke: 0.127; Prova de Hosmer-Lemeshow ($\chi^2=6.533$; $p=0.488$); Cox & Snell: 0.099; Matriz de confusão – Proporção geral de acerto: 62.2% (n=84) / Proporção de acerto NC: 67.1% (n=47).

E — Modelo Final (etapa 6) – R2 de Nagelkerke: 0.498; Prova de Hosmer-Lemeshow ($\chi^2=10.021$; $p=0.264$); Cox & Snell: 0.261; Matriz de confusão – Proporção geral de acerto: 81.8% (n=108) / Proporção de acerto NC: 79.4% (n=50). IC95% — Intervalo de Confiança 95%.

Em relação ao bloco das variáveis metabólicas, a HbA1c se mostra como um potencial fator preditor, quando considerada a variável categórica, níveis elevados ($HbA1c \geq 5.7$) apresentaram 8.613 vezes (IC95%: 1.430–51.824) mais chance de desistência, quando comparados aqueles com níveis desejáveis ($HbA1c < 5.7$). Ainda, mostrou-se representativo no modelo a insulina em jejum, na qual maiores níveis apresentaram risco maior de desistência.

No que se refere ao modelo que investigou as variáveis motivacionais, a variável com maior potencial de predição para desistência foi a autoeficácia para mudar o estilo de vida, indicando que pontuações baixas nesta variável implicaram um risco 26.0% maior [1–0.740] (OR: 0.740; IC95%: 0.599–0.913) para não conclusão. Pontuações baixas na motivação para participar do MERC implicaram um risco de desistência de 17.5% [1–0.825] (OR: 0.825;

IC95%: 0.704–0.968). Apesar de o suporte familiar não apresentar significância estatística, esta variável influenciou o comportamento das demais neste modelo.

O modelo sobre as práticas alimentares parentais apresenta o CFPQ-Teen2 (regulação emocional) (OR: 1.147; IC95%: 1.001–1.314), no qual pontuações elevadas implicaram um risco de 14.7% para desistência. Da mesma forma, pontuações elevadas no CFPQ-Teen5 (envolvimento) (OR: 1.150; IC95%: 1.018–1.299) demonstraram um risco de 15% para não conclusão. O CFPQ-Teen8 (pressão para comer) não alcançou significância estatística, mas se mostrou importante uma vez que influencia na variação dos outros dois fatores.

Em relação ao modelo final, a autoeficácia para mudar o estilo de vida ($p=0.008$) apresentou o maior impacto para responder pela desistência, mostrando-se como um fator de proteção, uma vez que baixas pontuações nesta variável implicaram um risco 26.8% menor de desistência (OR: 0.732; IC95%: 0.581–0.921). Baixo suporte familiar também demonstrou um risco de 19.3% para abandono, enquanto que ter níveis elevados de HbA1c apresentou 11.36 vezes mais chances de inconclusão (OR: 11.366; IC95%: 3.123–37.702).

Discussão

As taxas de desistência do estudo MERC são consideradas altas quando comparadas a outros ensaios semelhantes (Bean et al., 2015; De Miguel-Etayo et al., 2016), mas estão dentro do que é esperado pela literatura (França et al., 2013). Os principais resultados deste estudo estão relacionados aos fatores que mais impactaram para a taxa de abandono. O modelo final de regressão demonstra que a autoeficácia, o suporte familiar, a percepção sobre as práticas alimentares parentais e a HbA1c são as variáveis que mais respondem pelo desfecho incompleto na intervenção MERC.

A autoeficácia é um construto já explorado por outros estudos que avaliaram adesão em programas de perda de peso (Susin et al., 2015; Teixeira et al., 2015). No MERC, a autoeficácia para mudar o estilo de vida representa o quanto o adolescente acredita na própria capacidade para modificar seu estilo de vida ao ingressar no programa e valores baixos nessa variável representam risco para desistência. Este resultado corrobora outros estudos que consideram importante o reforço nas crenças de autoeficácia como aliados ao sucesso na manutenção de modificação de hábitos alimentares e na regularidade na prática de exercício físico (Burgess et al., 2017). Por outro lado, valores altos na autoeficácia para regular hábitos alimentares representam maior risco para não conclusão do programa.

Esta variável avalia o quanto o adolescente se sente confiante para não sair da dieta mesmo diante de situações tentadoras. Por representar confiança frente à tentação de recaída, essas crenças autorregulam o comportamento (Ha et al., 2016) e podem ser um fator de risco porque o adolescente que se sente mais confiante em manter a dieta e pode desenvolver a crença de que não precisa estar em um programa de intervenção para manter hábitos alimentares saudáveis. Dessa forma, a autoeficácia para regular hábitos alimentares poderia ser um potencial preditivo de aderência à dieta em vez de desistência.

Para o modelo transteórico de mudança, a autoeficácia representa um dos marcadores que reforçam a mudança de comportamento por meio da motivação (DiClemente et al., 2015). No modelo final de regressão, a motivação para participar do MERC não apresentou significância estatística, mas destacou-se, junto a outras variáveis motivacionais, como uma variável cujos baixos escores representam risco de desistência. Muitos adolescentes participam de programas relacionados a perda de peso por pressão sociocultural ou da família (McCabe et al., 2015), sem resolver sua ambivalência quanto à mudança (Ceccarini et al., 2015). Assim, abordagens motivacionais podem potencializar a participação dos jovens em programas de intervenção, uma vez que se propõem a estimular os motivadores intrínsecos da mudança comportamental para perda de peso (Bean et al., 2015).

Níveis baixos de suporte familiar representaram um risco de 19.3% de desistência neste estudo. O suporte familiar representa o quanto o adolescente se sentiu apoiado pelos pais ao ingressar no MERC. Outros estudos demonstram a importância de envolver a família em programas para perda de peso para adolescentes (Boff et al., 2016). A literatura mostra que há uma forte associação entre o IMC de pais e filhos (Parikka et al., 2015), e estes índices representam o reflexo dos padrões alimentares familiares (Leech et al., 2014). Assim, o apoio familiar implica não apenas o incentivo para participar de tratamentos, mas modificação de hábitos da própria família, o que pode tornar o apoio algo difícil (Eg et al., 2017).

Outro aspecto relevante relacionado à família que explicou desistência no programa MERC foi a percepção sobre práticas alimentares parentais. Altos escores no CFPQ-Teen2 (regulação emocional) representam um risco maior de desistência, ou seja, perceber que os pais/cuidadores oferecem alimentos para lidar com a experiência de emoções negativas está relacionado à desistência no MERC. Usar alimentos como estratégia de regulação emocional pode representar uma prática desastrosa, considerando que aumenta o risco do desenvolvimento de compulsão alimentar (Lu et al., 2016). Além disso, o comer emocional pode dificultar a adesão do adolescente a uma dieta saudável (Isasi et al., 2013). Níveis elevados no CFPQ-Teen8 (pressão para comer) também se mostraram como pre-

ditores para não completar o programa. Este fator diz respeito à pressão que os pais/cuidadores fazem para que o adolescente se alimente, mesmo que não esteja com fome, ou aumente o volume das refeições. Esta prática, quando iniciada de forma precoce, contribui para o estabelecimento de comportamentos alimentares obesogênicos no sujeito (Rodgers, Paxton, Massey et al., 2013). Por outro lado, práticas indutivas como o CFPQ-Teen5 (envolvimento) podem estimular a modificação de hábitos alimentares. No MERC, baixos escores nesta variável são risco para desistência, significando que pais e cuidadores que deixam os filhos participarem menos do planejamento familiar estão de forma indireta contribuindo para que os filhos desistam de programas para mudar o estilo de vida (Rodgers, Paxton, McLean et al., 2013).

A HbA1c se destacou como uma variável robusta para explicar a desistência, tanto no modelo das variáveis metabólicas quanto no modelo final. Quando considerada a variável categórica, níveis elevados representam um risco alto para desistência do MERC. A HbA1c é o teste padrão usado para avaliar o controle do diabetes e tem forte valor preditivo para complicações dessa doença (Kudara et al., 2016). Isolada, acredita-se que não se sustente como variável explicativa para desistência de uma intervenção, mas pode sustentar-se ao considerarmos que está fortemente associada a padrões alimentares ricos em carboidratos e açúcares, bem como à obesidade (Kudara et al., 2016).

No MERC, preditores diferentes dos apresentados pela literatura se configuraram como explicativos para desistência (De Miguel-Etayo et al., 2016; Fidelix et al., 2015; Skelton & Beech, 2011; Walker et al., 2012). No entanto, este estudo permite reflexões sobre a importância do envolvimento da família e do aumento da motivação para a mudança comportamental como variáveis a serem consideradas em intervenções para perda de peso.

Conclusão

Este estudo traçou os preditores de taxa de desistência de adolescentes com sobrepeso ou obesidade que participaram de um ensaio clínico para modificação de estilo de vida. Foram considerados como tendo completado adolescentes que tiveram o mínimo de 80% de participação nos encontros em grupo, obtendo-se uma perda amostral de 48.8%, com taxa de desistência de 43% no IG e 54.28% no CG. Foram estatisticamente significativas as taxas de desistência dos adolescentes com níveis aumentados de HbA1c nas variáveis metabólicas. Quanto às variáveis motivacionais, o questionário Autoeficácia para mudar o estilo de vida e

a motivação para participar do programa indicaram que quando baixas, elevavam a taxa de desistência na intervenção. O suporte familiar não demonstrou significância estatística, mas no questionário Práticas alimentares parentais, pontuações elevadas nas questões CFPQ-Teen2 (regulação emocional) e CFPQ-Teen5 (envolvimento) indicaram maiores chances de desistência. Quanto ao questionário Autoeficácia para mudar o estilo de vida, pontuações elevadas significaram um fator de proteção para permanecer no programa. É importante considerar os preditores de desistência em ensaios clínicos randomizados, considerando que essas taxas podem impactar diretamente no efeito da intervenção testada. Além disso, acredita-se que estes preditores podem se tornar foco de futuras intervenções, prevenindo evasão.

Limitações

Este estudo teve como foco avaliar o desfecho desistência e mediante variáveis coletadas na linha de base, e nele podem-se encontrar algumas explicações. No entanto, seria importante que houvesse avaliações ao longo da intervenção a fim de avaliar o real impacto dessas variáveis sobre o abandono da intervenção.

Outro aspecto importante seria a avaliação dos adolescentes sobre a intervenção que receberam, considerando que a literatura aponta que os motivos de desistência nem sempre estão relacionados a características pessoais.

Referências

- Achenbach, T. M.; Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth and Families.
- Bandura, A. (2006). Guide for constructing self-efficacy scales. In: Pajares, F.; Urdan, T. (ed.). *Self-Efficacy Beliefs of Adolescents*, p. 307-337. Greenwich, CT: Information Age Publishing. <https://www.uky.edu/~eushe2/Bandura/BanduraGuide2006.pdf>
- Batterham, M.; Tapsell, L. C.; Charlton, K. E. (2016). Predicting dropout in dietary weight loss trials using demographic and early weight change characteristics: Implications for trial design. *Obesity Research & Clinical Practice*, 10(2), 189-196. <https://doi.org/10.1016/j.orcp.2015.05.005>
- Bean, M. K.; Powell, P.; Quinoy, A.; Ingersoll, K.; Wickham, E. P.; Mazzeo, S. E. (2015). Motivational interviewing targeting diet and physical activity improves adherence to pediatric obesity treatment: results from the MI Values randomized controlled trial. *Pediatric Obesity*, 10(2), 118-125. <https://doi.org/10.1111/j.2047-6310.2014.226.x>

- Bloch, K. V.; Szklo, M.; Kuschnir, M. C. C.; Abreu, G. de A.; Barufaldi, L. A.; Klein, C. H.; ... da Silva, T. L. N. (2015). The study of cardiovascular risk in adolescents – ERICA: rationale, design and sample characteristics of a national survey examining cardiovascular risk factor profile in Brazilian adolescents. *BMC Public Health*, 15(1), 94. <https://doi.org/10.1186/s12889-015-1442-x>
- Boff, R. de M.; Liboni, R. P. A.; Batista, I. P. de A.; de Souza, L. H.; Oliveira, M. da S. (2016). Weight loss interventions for overweight and obese adolescents: a systematic review. *Eating and Weight Disorders – Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity*. <https://doi.org/10.1007/s40519-016-0309-1>
- Burgess, E.; Hassmén, P.; Welvaert, M.; Pumpa, K. L. (2017). Behavioural treatment strategies improve adherence to lifestyle intervention programmes in adults with obesity: a systematic review and meta-analysis. *Clinical Obesity*, 7(2), 105-114. <https://doi.org/10.1111/cob.12180>
- Ceccarini, M.; Borrello, M.; Pietrabissa, G.; Manzoni, G. M.; Castelnuovo, G. (2015). Assessing motivation and readiness to change for weight management and control: an in-depth evaluation of three sets of instruments. *Frontiers in Psychology*, 6. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.00511>
- Colombo, O.; Ferretti, V. V. V.; Ferraris, C.; Trentani, C.; Vinai, P.; Villani, S.; Tagliabue, A. (2014). Is drop-out from obesity treatment a predictable and preventable event? *Nutrition Journal*, 13(1), 13. <https://doi.org/10.1186/1475-2891-13-13>
- De Miguel-Etayo, P.; Muro, C.; Santabárbara, J.; López-Antón, R.; Morandé, G.; Martín-Matillas, M.; ... Garagorri, J. M. (2016). Behavioral predictors of attrition in adolescents participating in a multidisciplinary obesity treatment program: EVASYON study. *International Journal of Obesity*, 40, 84-87. <https://doi.org/10.1038/ijo.2015.183>
- DiClemente, C. C.; Crouch, T. B.; Norwood, A. E. Q.; Delahanty, J.; Welsh, C. (2015). Evaluating training of screening, brief intervention, and referral to treatment (SBIRT) for substance use: Reliability of the MD3 SBIRT Coding Scale. *Psychology of Addictive Behaviors*, 29(1), 218-224. <https://doi.org/10.1037/adb0000022>
- Eg, M.; Frederiksen, K.; Vamosi, M.; Lorentzen, V. (2017). How family interactions about lifestyle changes affect adolescents' possibilities for maintaining weight loss after a weight-loss intervention: a longitudinal qualitative interview study. *Journal of Advanced Nursing*, 73(8), 1924-1936. <https://doi.org/10.1111/jan.13269>
- Fidelix, Y. L.; Farias Júnior, J. C. de; Lofrano-Prado, M. C.; Guerra, R. L. F.; Cardel, M.; Prado, W. L. do (2015). Multidisciplinary intervention in obese adolescents: predictors of dropout. *Einstein (São Paulo)*, 13(3), 388-394. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082015AO3339>
- França, S. L. G.; Sahade, V.; Nunes, M.; Adan, L. F. (2013). Adherence to nutritional therapy in obese adolescents; a review. *Nutrición Hospitalaria*, 28(4), 988-998. <https://doi.org/10.3305/nh.2013.28.4.6481>

- Freitas, S.; Lopes, C. S.; Coutinho, W.; Appolinario, J. C. (2001). Tradução e adaptação para o português da Escala de Compulsão Alimentar Periódica. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 23(4), 215-220. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462001000400008>
- Ha, O.-R.; Bruce, A. S.; Pruitt, S. W.; Cherry, J. B. C.; Smith, T. R.; Burkart, D.; Bruce, J. M.; Lim, S.-L. (2016). Healthy eating decisions require efficient dietary self-control in children: A mouse-tracking food decision study. *Appetite*, 105, 575-581. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2016.06.027>
- Hadžiabdić, M. O.; Mucalo, I.; Hrabač, P.; Matić, T.; Rahelić, D.; Božikov, V. (2015). Factors predictive of drop-out and weight loss success in weight management of obese patients. *Journal of Human Nutrition and Dietetics: The Official Journal of the British Dietetic Association*, 28(s2), 24-32. <https://doi.org/10.1111/jhn.12270>
- Isasi, C. R.; Ostrovsky, N. W.; Wills, T. A. (2013). The association of emotion regulation with lifestyle behaviors in inner-city adolescents. *Eating Behaviors*, 14(4), 518-521. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2013.07.009>
- Kudara, A.; Tosaki, T.; Nozawa, M.; Murase, Y.; Takate, R.; Kyono, Y.; ... Nakamura, J. (2016). Eating habits of 84 diabetic out-patients with increased HbA1c level or body weight in SGLT2 inhibitors treatment. *Diabetes Research and Clinical Practice*, 120(Suppl.1), S129. [https://doi.org/10.1016/S0168-8227\(16\)31247-5](https://doi.org/10.1016/S0168-8227(16)31247-5)
- Leech, R. M.; McNaughton, S. A.; Crawford, D. A.; Campbell, K. J.; Pearson, N.; Timperio, A. (2014). Family food involvement and frequency of family dinner meals among Australian children aged 10–12 years. Cross-sectional and longitudinal associations with dietary patterns. *Appetite*, 75, 64-70. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2013.12.021>
- Lu, Q.; Tao, F.; Hou, F.; Zhang, Z.; Ren, L. (2016). Emotion regulation, emotional eating and the energy-rich dietary pattern. A population-based study in Chinese adolescents. *Appetite*, 99, 149-156. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2016.01.011>
- McCabe, M. P.; Busija, L.; Fuller-Tyszkiewicz, M.; Ricciardelli, L.; Mellor, D.; Mussap, A. (2015). Sociocultural influences on strategies to lose weight, gain weight, and increase muscles among ten cultural groups. *Body Image*, 12, 108-114. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2014.10.008>
- Moroshko, I.; Brennan, L.; O'Brien, P. (2011). Predictors of dropout in weight loss interventions: a systematic review of the literature. *Obesity Reviews*, 12(11), 912-934. <https://doi.org/10.1111/j.1467-789X.2011.00915.x>
- Parikka, S.; Mäki, P.; Levälähti, E.; Lehtinen-Jacks, S.; Martelin, T.; Laatikainen, T. (2015). Associations between parental BMI, socioeconomic factors, family structure and overweight in Finnish children: a path model approach. *BMC Public Health*, 15(1), 271. <https://doi.org/10.1186/s12889-015-1548-1>
- Piccoli, Â. B.; Mosmann, P. C.; Neiva-Silva, L.; Pellanda, L. C. (2014). *Parental Styles, Parental Food Practices and the Nutritional Status in Adolescents*. Porto Alegre: Fundação Universitária de Cardiologia.

- Prochaska, J. O.; Norcross, J. C.; DiClemente, C. C. (1994). *Changing for Good: The revolutionary program that explains the six stages of change and teaches you how to free yourself from bad habits*. New York: William Morrow.
- Ribeiro, F. de A. (2016). *Autoeficácia e motivação para mudança em adolescentes com sobrepeso/obesidade: estudo de um protocolo de intervenção baseado no modelo transteórico de mudança* (tese de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS. <http://hdl.handle.net/10923/8052>
- Rodgers, R. F.; Paxton, S. J.; Massey, R.; Campbell, K. J.; Wertheim, E. H.; Skouteris, H.; Gibbons, K. (2013). Maternal feeding practices predict weight gain and obesogenic eating behaviors in young children: a prospective study. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 10(1), 24. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-10-24>
- Rodgers, R. F.; Paxton, S. J.; McLean, S. A.; Campbell, K. J.; Wertheim, E. H.; Skouteris, H.; Gibbons, K. (2013). Do maternal body dissatisfaction and dietary restraint predict weight gain in young pre-school children? A 1-year follow-up study. *Appetite*, 67, 30-36. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2013.03.009>
- Simmonds, M.; Llewellyn, A.; Owen, C. G.; Woolacott, N. (2016). Predicting adult obesity from childhood obesity: a systematic review and meta-analysis. *Obesity Reviews*, 17(2), 95-107. <https://doi.org/10.1111/obr.12334>
- Skelton, J. A.; Beech, B. M. (2011). Attrition in paediatric weight management: A review of the literature and new directions. *Obesity Reviews*, 12(5), e273-e281. <https://doi.org/10.1111/j.1467-789X.2010.00803.x>
- Skelton, J. A.; Irby, M. B.; Geiger, A. M. (2014). A systematic review of satisfaction and pediatric obesity treatment: new avenues for addressing attrition. *Journal for Healthcare Quality: Official Publication of the National Association for Healthcare Quality*, 36(4), 5-22. <https://doi.org/10.1111/jhq.12003>
- Sousa, P.; Gaspar, P.; Fonseca, H.; Gaspar, F. (2014). Lifestyle and treatment adherence among overweight adolescents. *Journal of Health Psychology*, 21(4), 562-572. <https://doi.org/10.1177/1359105314531469>
- Spear, B. A.; Barlow, S. E.; Ervin, C.; Ludwig, D. S.; Saelens, B. E.; Schetzina, K. E.; Taveras, E. M. (2007). Recommendations for Treatment of Child and Adolescent Overweight and Obesity. *Pediatrics*, 120(Suppl.4), S254-S288. <https://doi.org/10.1542/peds.2007-2329F>
- Stunkard, A.; Sørensen, T.; Schulsinger, F. (1983). Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. *Research Publications – Association for Research in Nervous and Mental Disease*, 60, 115-120.
- Susin, N.; de Melo Boff, R.; Ludwig, M. W. B.; Feoli, A. M. P.; da Silva, A. G.; Macagnan, F. E.; da Silva Oliveira, M. (2015). Predictors of adherence in a prevention program for patients with metabolic syndrome. *Journal of Health Psychology*, 21(10), 2156-2167. <https://doi.org/10.1177/1359105315572451>

- Teixeira, P. J.; Carraça, E. V.; Marques, M. M.; Rutter, H.; Oppert, J.-M.; De Bourdeaudhuij, I.; Lakerveld, J.; Brug, J. (2015). Successful behavior change in obesity interventions in adults: a systematic review of self-regulation mediators. *BMC Medicine*, 13(1), 84. <https://doi.org/10.1186/s12916-015-0323-6>
- Velasquez, M. M.; Maurer, G. G.; Crouch, C.; DiClemente, C. C. (2001). *Group Treatment for Substance Abuse: A Stages-of-Change Therapy Manual*, 1st ed. New York: The Guilford Press.
- Walker, S. E.; Smolkin, M. E.; O'Leary, M. L. L.; Cluett, S. B.; Norwood, V. F.; DeBoer, M. D.; Gurka, M. J. (2012). Predictors of retention and BMI loss or stabilization in obese youth enrolled in a weight loss intervention. *Obesity Research & Clinical Practice*, 6(4), e330-e339. <https://doi.org/10.1016/j.orcp.2011.08.157>
- WHO – World Health Organization (2007). *AnthroPlus for Personal Computers. Manual: Software for assessing growth of the world's children*. <https://www.who.int/growthref/tools/en/>
- WHO – World Health Organization (2008). *World Health Statistics 2008*. <https://www.who.int/whosis/whostat/2008/en/>

Recebido em 03 de dezembro de 2018

Aceito para publicação em 23 de agosto de 2019

USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS POR ADOLESCENTES: ASSOCIAÇÕES COM PROBLEMAS EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS E O FUNCIONAMENTO FAMILIAR

*USE OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS BY ADOLESCENTS: ASSOCIATIONS
WITH EMOTIONAL AND BEHAVIORAL PROBLEMS AND FAMILY FUNCTIONING*

*USO DE ALCOHOL Y OTRAS DROGAS POR ADOLESCENTES:
ASOCIACIONES CON PROBLEMAS EMOCIONALES Y
COMPORTAMENTALES Y EL FUNCIONAMIENTO FAMILIAR*

Ana Carolina Wolf Peuker ⁽¹⁾

Joici Demetrio Caovilla ⁽²⁾

Cristofer Batista da Costa ⁽³⁾

Clarisse Pereira Mosmann ⁽⁴⁾

RESUMO

O consumo de álcool, tabaco e de drogas ilícitas na adolescência pode aumentar o risco de dependência futura, associar-se a uma série de comportamentos de risco e levar ao desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento. O objetivo deste estudo foi caracterizar o perfil de consumo de álcool e outras drogas por adolescentes oriundos de uma amostra rural e analisar

⁽¹⁾ Psicóloga com Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento (LPNeC/UFRGS) e Pós-doutorado no Grupo de Estudos Avançados em Psicologia da Saúde (GEAPSA) do PPG em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas (CPAD) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Diretora Executiva da Bee Touch. Porto Alegre, RS, Brasil. email: ana@beetouch.com.br

⁽²⁾ Psicóloga, Mestre em Prevenção e Assistência a Usuários de Drogas pelo Programa de Mestrado Profissional em Prevenção e Assistência a Usuários de Álcool e Outras Drogas do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), RS; Secretária de Assistência Social e da Saúde de Chapadão do Lajeado, SC, Brasil. email: joicidemetrio@hotmail.com

⁽³⁾ Psicólogo, Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Pesquisador colaborador no Núcleo de Estudos em Casais e Famílias (NECAF, Unisinos) e Coordenador do Curso de Psicologia da FACEFI, Faculdade do CEFI, Porto Alegre, RS, Brasil. email: cristoferbatistadacosta@gmail.com

⁽⁴⁾ Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Professora do Curso de Psicologia, Coordenadora Executiva do Programa de Pós-Graduação e Coordenadora do Núcleo de Estudos em Casais e Famílias (NECAF) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, Brasil. email: clarissemosmann@gmail.com

possíveis associações entre o consumo, as variáveis cooperação, conflito e triangulação coparental, coesão familiar, conflito pais-filhos e problemas emocionais e de comportamento. Trata-se de uma pesquisa descritiva com 126 adolescentes de escolas municipais e estaduais do Sul do Brasil. Utilizou-se um questionário sociodemográfico e as escalas Faces III, ECPF, CIPA, YSR e ASSIST. Análises descritivas e inferenciais apontaram que 49,2% dos adolescentes já haviam usado álcool e 8,7%, tabaco. O uso de álcool correlacionou-se aos conflitos com a mãe e o de maconha aos conflitos com o pai. Cooperação coparental (pai) foi fator de proteção para uso de álcool, enquanto a intensidade do conflito adolescente-pai e o conflito coparental pai-mãe foram fatores de risco. Os dados são discutidos à luz da literatura científica considerando sua relevância social e clínica. Direções em que podem seguir investigações futuras são sugeridas.

Palavras-chave: drogas; adolescência; sintomas; relações familiares; relações pais-filhos.

ABSTRACT

Consumption of alcohol, tobacco, and illicit drugs in adolescence may increase the risk of future dependence, be associated with a range of risk behaviors, and lead to the development of emotional and behavioral problems. The objective of this study was to characterize the profile of use of alcohol and other drugs by adolescents from a rural sample and to analyze possible associations between consumption, the variables cooperation, co-parental conflict and triangulation, family cohesion, parent-child conflict, and emotional and behavioral problems. It is a descriptive study with 126 adolescents of municipal and state schools in Southern Brazil. A sociodemographic survey was employed, as well as Faces III, ECPF, CIPA, YSR and ASSIST scales. Inferential and descriptive analyses found that 49.2% of the adolescents had used alcohol, and 8.7%, tobacco. Alcohol use was correlated to conflicts with the mother, and marijuana use to those with the father. The father's co-parental cooperation was a protection factor for alcohol consumption, whereas the intensity of an adolescent's conflict with the father and the parents' co-parental conflict were risk factors. The data are discussed in view of the scientific literature and taking into account its social and clinical relevance. Directions for further investigation are suggested.

Keywords: drugs; adolescence; symptoms; family relations; parent-child relations.

RESUMEN

El consumo de alcohol, tabaco y drogas ilícitas en la adolescencia puede aumentar el riesgo de dependencia futura, asociarse a una serie de comportamientos de riesgo y conducir al desarrollo de problemas emocionales y de comportamiento. El objetivo de este estudio ha sido caracterizar el perfil del consumo de alcohol y otras drogas en adolescentes de una muestra rural y analizar posibles asociaciones entre el consumo, las variables cooperación, conflicto y triangulación coparental, cohesión familiar, conflicto entre padres e hijos y los problemas emocionales y de comportamiento. Se trata de una investigación descriptiva con 126 adolescentes de escuelas municipales y estatales del Sur de Brasil. Se utilizó un cuestionario sociodemográfico y las escalas Faces III, ECPF, CIPA, YSR y ASSIST. Análisis descriptivos e inferenciales fueron llevado a cabo y apuntaron que el 49,2% de los adolescentes usaron alcohol y el 8,7%, tabaco. El uso de alcohol se correlacionó con los conflictos con la madre y la marihuana a los conflictos con el padre. La cooperación coparental (padre) ha sido factor de protección para el uso de alcohol, y la intensidad del conflicto adolescente-padre y el conflicto coparental padre-madre fueron factores de riesgo. Los datos son discutidos de acuerdo con la literatura científica considerando su relevancia social y clínica. Direcciones en las que pueden seguir investigaciones futuras se sugieren.

Palabras clave: drogas; adolescencia; síntomas; relaciones familiares; relaciones padres-hijos.

Introdução

O consumo de álcool, tabaco e de drogas ilícitas na adolescência pode aumentar o risco de dependência futura, associar-se a uma série de comportamentos de risco e ao desenvolvimento de sintomas emocionais e de comportamento (Chaplin et al., 2014). Trata-se de um problema de saúde pública em diversos países, especialmente entre os jovens (UNODC, 2015). No Brasil, um número significativo de adolescentes entre 12 e 18 anos já fizeram uso de álcool e outras drogas (Andrade et al., 2017; Elicker et al., 2015; Laranjeira et al., 2014; Sanchez et al., 2013).

Os principais fatores de risco para o consumo de álcool e outras drogas são vulnerabilidade socioeconômica, características do funcionamento familiar, ser do gênero masculino e estar na fase da adolescência, especificamente na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade (Andrade et al., 2017; Cerutti et al., 2015; Noto et al., 2003; Rocha, 2012; Vargas et al., 2015). Quanto ao funcionamento

familiar, os estudos indicam risco aumentado se há elevados níveis de conflito, deficiência na comunicação intrafamiliar, distanciamento emocional entre pais e filhos, pais/cuidadores usuários de álcool e/ou outras drogas (Broecker & Jou, 2007; Costa et al., 2014), estratégias ineficazes de enfrentamento das adversidades e falta de suporte religioso (Andrade et al., 2017; Broecker & Jou, 2007), estilo parental negligente e permissivo (Cerutti & Argimon, 2015; Cerutti et al., 2015), exposição e ocorrência de violência física e sexual (Fosco & Feinberg, 2018; Noto et al., 2003).

Tais fatores geralmente se sobrepõem e desencadeiam problemas de comportamento externalizantes e internalizantes nos adolescentes. Os primeiros se expressam em relação a outras pessoas e envolvem dificuldade de controlar impulsos, hiperatividade, agressividade física ou verbal, raiva, delinquência e uso de drogas (Achenbach & Rescorla, 2001). Os internalizantes se expressam por meio de comportamentos introspectivos e em relação ao próprio indivíduo e envolvem tristeza, isolamento, queixas somáticas e medo, entre outros sintomas (Cerutti & Argimon, 2015; Hess & Falcke, 2013).

Por outro lado, controle e monitoramento parental, proximidade emocional, orientações sobre uso de álcool e outras drogas e valores familiares adaptativos são considerados fatores de proteção (Cerutti & Argimon, 2015; Chaplin et al., 2014; Hess & Falcke, 2013). Ainda, são considerados prognóstico favorável em situações de tratamento e fator de proteção aspectos como coesão familiar (Mosmann et al., 2017; Mosmann, Costa et al., 2018) residir com ambos os pais (Andrade et al., 2017; Noto et al., 2003) e receber demonstrações de apoio pelos cuidadores (Cerutti & Argimon, 2015; Chaplin et al., 2014).

Além disso, um dos subsistemas cada vez mais estudado devido a sua importância para a funcionalidade familiar é o subsistema coparental, que tem sido apontado como mediador entre as características da conjugalidade e da parentalidade e o desenvolvimento dos filhos. A coparentalidade ocorre quando dois adultos compartilham os cuidados referentes à prole, dividindo a liderança e as responsabilidades pelos papéis parentais. Envolve as interações do grupo familiar, que podem se caracterizar como cooperação ou antagonismo, apoio ou oposição entre os cuidadores frente à intervenção um do outro enquanto subsistema parental (Mosmann et al., 2017; Mosmann, Costa et al., 2018).

No modelo de Margolin et al. (2001), as dimensões que compõem o subsistema coparental são cooperação, conflito e triangulação. A cooperação avalia as trocas entre os cuidadores referentes aos cuidados com o filho, apoio e respeito mútuos e a expressão à prole de que há um clima de lealdade entre eles. O conflito coparental refere-se às brigas e discussões sobre questões relacionadas à parenta-

lidade, e envolve sabotar o companheiro por críticas, acusação e afastamento. A triangulação é a coalizão formada pelo filho com um dos pais e o envolvimento deste no conflito coparental (Margolin et al., 2001; Riina & McHale, 2014).

Evidências provenientes de estudos nacionais e internacionais confirmam que as características das relações familiares impactam o desenvolvimento emocional e comportamental dos filhos (Fosco & Feinberg, 2018; Hess & Falcke, 2013; Mosmann et al., 2017; Mosmann, Costa et al., 2018). Também indicam que conflitos parentais e variáveis pessoais, como idade e sexo do adolescente, aumentam as chances de a prole se envolver no consumo de álcool e outras drogas (Cerutti & Argimon, 2015; Samek et al., 2014) e desenvolver sintomas e transtornos emocionais e de comportamento (Noto et al., 2003; Rocha, 2012; Vargas et al., 2015).

Embora esteja evidente a relação entre as características do relacionamento entre pais e filhos adolescentes, uso de álcool e outras drogas e o surgimento de problemas externalizantes e internalizantes (Samek et al., 2014), a influência mútua entre essas variáveis e o quanto cada uma contribui para a ocorrência do fenômeno necessitam ser investigadas. Para tanto, devem ser consideradas as características das relações familiares como fator de risco, proteção e/ou prevenção ao consumo de álcool e outras drogas, os reflexos na saúde e desenvolvimento de crianças e adolescentes e a necessidade de se desvelar este complexo sistema de interações (Cerutti et al., 2015; Hess & Falcke, 2013; Mosmann et al., 2017; Mosmann, Costa et al., 2018; Riina & McHale, 2014).

Ademais, considerar somente a visão dos pais sobre esses fenômenos limita as possibilidades de ampliar e aprofundar o conhecimento, já que evidências apontam que os adolescentes tendem a dar respostas mais fidedignas (Teubert & Pinquart, 2011). Por isso, este estudo foi desenvolvido com o objetivo de caracterizar o perfil de consumo de álcool e outras drogas em adolescentes oriundos de uma amostra rural e analisar possíveis associações entre o consumo, as variáveis cooperação, conflito e triangulação coparental, coesão familiar, conflito pais-filhos e os problemas emocionais e de comportamento.

Método

Delimitação e participantes

Trata-se de um estudo descritivo e correlacional, de caráter quantitativo e de corte transversal. Participaram do estudo 126 adolescentes com idades entre

12 a 18 anos incompletos ($M=14,21$; $DP=1,603$), sendo 46,4% ($n=58$) do sexo masculino e 53,3% ($n=67$) do sexo feminino. Desses adolescentes, 36,5% eram estudantes do ensino médio ($n=45$) e 63,7% ($n=79$) do ensino fundamental da rede pública de ensino. Em relação à variável “acompanhamento psicológico ao longo da vida”, 20,5% ($n=25$) informaram já ter realizado. Quanto à classe social, 59% ($n=69$) indicaram pertencer à classe média, 20,5% ($n=24$) à classe média baixa, 12,8% ($n=15$) à classe média alta, 2,6% ($n=3$) à classe muito alta, 2,6% ($n=3$) à classe baixa, 1,7% ($n=2$) à classe alta e 0,9% ($n=1$) à classe muito baixa. Oito participantes não responderam à questão. Em relação à condição laboral dos pais, os adolescentes indicaram que 88,3% ($n=91$) das mães tinham um trabalho, 2,9% ($n=3$) estavam aposentadas e 8,7% ($n=9$) estavam desempregadas; com relação ao pai, 89,9% ($n=89$) tinham um trabalho, 3% ($n=3$) estavam aposentados e 7,1% ($n=7$) estavam desempregados. Quanto à configuração familiar, 85% dos participantes morava com o pai e a mãe e 15% tinham pais separados, embora ambos os cuidadores exercessem as funções coparentais.

Instrumentos

(a) *Questionário sócio demográfico*: Trata-se de uma medida constituída por 25 perguntas que permitem levantar dados sócio demográficos dos participantes da pesquisa, por meio de informações como sexo, idade, escolaridade, cidade, número de irmãos e outras.

(b) *Escala de avaliação da coesão familiar (Faces III)*: É uma escala com vinte itens pontuados numa escala *likert* de cinco pontos (quase nunca, alguma vez, às vezes, com frequência, quase sempre) para avaliar a coesão e a adaptabilidade familiar (Olson et al., 1979, validado por Falceto, 1997). Neste estudo foi utilizada somente a dimensão de coesão.

(c) *Escala de conflito pais-filho (ECPF)*: Esta escala tem nove itens, apresentados separadamente devido ao enunciado, e está dividida em duas subescalas denominadas de “conflito-desentendimentos” e “conflito-agressão”. A primeira tem seis itens que se referem à frequência com que os indivíduos experimentaram desentendimentos com seu pai e mãe no último ano e são medidos numa escala *likert* de seis pontos. A segunda subescala tem três itens, pontuados numa escala *likert* de cinco pontos. Um item mede a frequência com que se lida de forma calma com os conflitos (codificado invertido) e os outros dois avaliam a frequência das discussões e agressões (Buehler & Gerard, 2002, adaptado por Terres-Trindade & Mosmann, 2015).

(d) *Escala de coparentalidade para pais e adolescentes – The Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CIPA)* (Teubert & Pinquart, 2011; evidências de validade por Mosmann, Machado et al., 2018): Por meio deste instrumento, os filhos realizam uma avaliação em nível diádico, ao investigar a coparentalidade dos pais de forma conjunta (meus pais concordam se atendem ou não a meus desejos e demandas), e individual, ao contemplar a avaliação das características tanto da mãe quanto do pai no desempenho da coparentalidade (antes da minha mãe/pai me permitir fazer algo, ela/ele conversa sobre isso com o meu pai/mãe). A escala tem três partes: (1) díade coparental; (2) contribuições da mãe; e (3) contribuições do pai, cada uma com três subescalas, cooperação, conflito e triangulação, com quatro itens cada uma. Os itens são pontuados numa escala *likert* de quatro pontos.

(e) *Inventário de autoavaliação de jovens de 11 a 18 anos – Youth Self-Report (YSR)* (Rocha, 2012): Este instrumento faz parte do Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado (*Achenbach System of Empirically Based Assessment, ASEBA*), desenvolvido por Achenbach e Rescorla (2001). É uma variação do *Children Behavior Checklist – CBCL*, no qual o respondente é o próprio adolescente (Achenbach & Rescorla, 2001). O YSR é composto por oito escalas de problemas de comportamento (ansiedade/depressão, isolamento/depressão, queixas somáticas, problemas sociais, problemas de pensamento, problemas de atenção, comportamento de violação de regras, comportamento agressivo) e pela dimensão “outros problemas”, com itens que não se encaixaram em nenhuma das outras subescalas. O YSR permite a classificação em três níveis: problemas internalizantes (as três primeiras subescalas), problemas externalizantes (as duas últimas subescalas) e problemas totais (todas as subescalas).

(f) *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test – ASSIST* (Humenuik et al., 2010) validado para a população brasileira por Henrique et al. (2004): Trata-se de um questionário estruturado formulado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) contendo oito questões sobre o uso de nove classes de drogas lícitas e ilícitas (tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos e opiáceos). As questões abordam a frequência de uso, na vida e nos últimos três meses, problemas relacionados ao uso, preocupações a respeito do uso por parte de pessoas próximas ao usuário, prejuízos na execução de tarefas, tentativas malsucedidas de cessar ou reduzir o uso, sentimento de compulsão ou uso de injetável. Cada resposta corresponde a um score que varia de 0 a 4, cuja soma total pode variar de 0 a 20. Considera-se a faixa de score de 0 a 3 como indicativa de uso ocasional, de 4 a 15 como indicativa de abuso e 16 ou mais como sugestiva de dependência.

Segundo o manual do instrumento, um escore de 27 pontos ou mais para qualquer substância sugere que o indivíduo corre alto risco para dependência ou é dependente da substância e, provavelmente, tem problemas de relacionamento, legais, financeiros, sociais e de saúde como consequência do consumo. Neste estudo serão utilizadas as faixas de risco para dependência conforme o manual do instrumento, quais sejam: álcool (baixo risco: 0–10; risco moderado: 11–26, alto risco: ≥ 27), e outras substâncias (baixo risco: 0–3; risco moderado: 4–26, alto risco: ≥ 27).

Procedimentos

Foram acessados todos os estudantes de ensino fundamental e médio matriculados regularmente nas escolas municipais e estaduais do município de Chapadão do Lajeado (SC) (N=278). Inicialmente, foi feito contato com a direção das escolas, apresentados os objetivos da pesquisa e solicitada anuência para a realização da coleta de dados. Com vistas a formalizar o trabalho de coleta, foi entregue uma carta de apresentação juntamente com o projeto de pesquisa e uma cópia do instrumento. A partir da autorização da direção, realizou-se uma palestra para professores e equipe diretiva sobre uso de drogas na adolescência e relações familiares. Na ocasião, foi apresentada também a proposta de pesquisa, os objetivos e criado um espaço de discussão para esclarecer dúvidas.

Após essa etapa, as turmas foram selecionadas de acordo com a idade mínima para inclusão no estudo (12 anos). Participaram quatro turmas de ensino fundamental da escola municipal, e sete turmas do ensino fundamental e seis do ensino médio da escola estadual, totalizando 278 alunos. Antes do agendamento da coleta, os estudantes receberam em sala de aula um convite impresso para a participação na pesquisa, dirigido a eles e aos seus pais/cuidadores. Receberam também duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que deveria ser assinado pelos pais/responsáveis, assim como um Termo de Assentimento (TA), a ser assinado pelos próprios jovens, que declaravam consentir em participar. Na ocasião da entrega, foram prestados os esclarecimentos sobre a participação na pesquisa, a assinatura e devolução dos termos e a data da coleta de dados.

Nas datas e horários agendados, três manhãs, duas tardes e uma noite, numa sala indicada pela direção de cada escola, foram recolhidas as vias assinadas do TCLE e do TA, pré-requisitos para inclusão do aluno no estudo, e realizada a coleta de dados, sempre de forma coletiva, em grupos de no máximo 20 ado-

lescentes. Os protocolos foram distribuídos em envelopes codificados, a fim de garantir o sigilo e a confiabilidade dos dados. A coleta ocorreu no período de fevereiro a abril de 2016, no horário de aula, e o tempo de preenchimento do instrumento variou de 40 a 45 minutos.

Considerações éticas

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), processo nº 14/152 (CAAE: 36888214.0.0000.5344). Os procedimentos para coleta de dados seguiram as normas estabelecidas para a realização de pesquisa com seres humanos, conforme previsto na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, atendendo aos fundamentos éticos e científicos pertinentes. O TCLE e o TA citavam objetivos, caráter voluntário da participação, procedimentos, possíveis riscos e benefícios, anonimato, proteção e cuidado na divulgação das informações.

Análise dos dados

Os dados foram analisados no programa estatístico SPSS (versão 20), considerando o nível de significância de 5% ($p \leq 0,05$). Inicialmente foram avaliadas as propriedades psicométricas (confiabilidade e validade convergente) de cada escala e realizadas análises descritivas (médias, desvio-padrão, porcentagens) dos resultados em geral. Para analisar as associações entre variáveis, realizaram-se correlações (Pearson) entre as variáveis de interesse (uso de álcool e outras drogas, problemas de comportamento e variáveis familiares) e comparação de médias (T de Student) para o pai e a mãe na ECPF. Para a estatística inferencial, foram testados previamente os critérios de pressupostos paramétricos (tipo de variável, tamanho da amostra, normalidade) para a eleição dos testes estatísticos apropriados e então realizada análise de regressão linear para estabelecer um modelo preditivo do consumo de álcool e outras drogas. Conforme indicado por Hair et al. (2009), para realização de análise de regressão múltipla, estudos contendo cinco construtos ou menos, cada um com mais de três itens (condição atendida neste estudo), com um poder de probabilidade de 0,80, o tamanho mínimo exigido da amostra é entre 50 e 100 respondentes para obter um R^2 mínimo de 10%.

Resultados

Perfil de consumo de álcool e outras drogas

Para caracterizar o perfil de consumo de álcool e outras drogas, consideraram-se os marcadores de “uso na vida” e “uso atual” (últimos três meses) de tabaco, álcool e maconha. Para caracterizar o perfil de consumo de risco para dependência de álcool e outras drogas, empregou-se a classificação: baixo, moderado e alto risco, conforme as orientações contidas no manual do instrumento ASSIST, da OMS (Henrique et al., 2004; Humeniuk et al., 2010).

No que se refere ao uso na vida de tabaco, 8,7% ($n=11$) dos adolescentes afirmaram já ter experimentado, 86,5% ($n=109$) relataram não ter feito uso na vida e 4,8% ($n=6$) não responderam. Quanto ao uso de álcool, 49,2% ($n=62$) indicaram já ter bebido alguma vez na vida e 50,8% ($n=64$) relataram não ter feito uso. Quanto ao uso na vida de maconha, 93,7% ($n=118$) indicaram nunca ter usado, 2,4% ($n=3$) fizeram uso de maconha na vida e 4% ($n=5$) não responderam à questão.

Em relação ao uso atual de tabaco, 38,9% ($n=49$) relataram nunca ter feito uso, 2,4% ($n=3$) indicaram fazer uso diário ou quase todos os dias e 58,7% ($n=74$) não responderam. Sobre o uso atual de bebida alcoólica, 21,4% ($n=27$) indicaram nunca ter bebido, 28,6% ($n=36$) afirmaram ter bebido uma ou duas vezes nos últimos três meses, 7,9% ($n=10$) indicaram ter bebido mensalmente, 4,8% ($n=6$) relataram beber semanalmente e 37,3% ($n=47$) não responderam à pergunta. Quanto ao uso atual de maconha, 39,7% ($n=50$) citaram nunca ter feito uso, 0,8% ($n=1$) indicaram fazer uso mensal de maconha e 59,5% ($n=75$) não responderam.

No que concerne ao consumo de risco para dependência de tabaco, 1,6% ($n=2$) dos adolescentes apresentaram risco alto para dependência, 4,0% ($n=5$) apresentaram risco moderado e 21,4% ($n=27$), risco baixo. No entanto, 73,0% ($n=92$) dos participantes não respondeu a essa questão. No que se refere ao risco para dependência do álcool, 4,0% ($n=5$) dos adolescentes apresentaram risco alto, 11,1% ($n=14$), risco moderado e 31,7% ($n=40$), risco baixo. Essa questão não foi respondida por 53,2% ($n=67$) dos participantes. Quanto ao risco de dependência de maconha, 1,6% ($n=2$) dos adolescentes apresentaram risco moderado, 23,0% ($n=29$), risco baixo e 75,4% ($n=95$) dos participantes não responderam ao questionamento.

Variáveis familiares

O exercício da coparentalidade, considerando as contribuições da mãe, do pai e de ambos, foi avaliado pelos adolescentes de acordo com as médias apresentadas na Tabela 1. Considerando a escala de conflito pais-filho (ECPF), realizou-se um teste T de Student para comparação de médias das respostas relativas aos motivos de desentendimentos com o pai e com a mãe. Constatou-se que as médias para conflitos relacionados com o uso de internet, tarefas domésticas e maior intensidade da discussão (gritos) foram significativamente maiores para a mãe do que para o pai ($p < 0,001$), conforme a Tabela 1.

Tabela 1 — Exercício da coparentalidade e motivos de conflito com o pai e a mãe

Dimensões da Coparentalidade	N	Escala atual		Escala original	
		Média	DP	Média	DP
Cooperação mãe	122	2,38	1,137	2,68	0,910
Conflito mãe	122	1,54	1,090	1,50	1,000
Triangulação mãe	125	0,72	0,822	0,56	0,760
Cooperação pai	121	2,38	1,203	2,69	0,980
Conflito pai	122	1,29	1,075	1,38	1,030
Triangulação pai	123	0,44	0,758	0,45	0,700
Triangulação família	123	0,40	0,671	0,85	0,830
Cooperação família	122	2,84	0,970	3,01	0,990
Conflito família	121	1,88	1,137	1,29	0,920

Motivos dos conflitos				EP Médio	P
Tarefas domésticas (mãe)	120	2,98	1,885	,172	<,001
Tarefas domésticas (pai)	120	1,90	1,480	,135	<,001
Internet (mãe)	119	2,97	1,893	,174	<,001
Internet (pai)	119	2,39	1,753	,161	<,001
Discutem intensamente ou gritam? (mãe)	112	2,10	1,200	,113	<,001
Discutem intensamente ou gritam? (pai)	112	1,69	0,987	,093	<,001

Foi realizado teste de correlação de Pearson considerando a ECPF, a CIPA, a coesão familiar, os sintomas internalizantes e externalizantes e os itens do YSR relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Na ECPF constatou-se que o uso de maconha se correlacionou com conflito com o pai relacionado ao “uso de drogas”, o uso de maconha pelo adolescente se correlacionou à maior intensidade de conflito com o pai, caracterizado

por “discutir intensamente ou gritar” e “bater ou atirar coisas um no outro”, e o uso de álcool se correlacionou com conflitos com a mãe relacionados a “sair à noite”.

Também se observou, conforme a Tabela 2, que o consumo de bebida alcoólica se correlacionou positivamente de forma significativa com sintomas externalizantes e internalizantes, intensidade do conflito coparental do pai, conflito coparental do pai e da mãe e triangulação do pai e da mãe. Ainda, beber álcool com aprovação dos pais se correlacionou positivamente de forma significativa com sintomas externalizantes e internalizantes; fumar cigarro se correlacionou positivamente de forma significativa com sintomas externalizantes e usar maconha se correlacionou negativamente de forma significativa com a coesão familiar.

Tabela 2 — Correlação entre uso de álcool e outras drogas, sintomas psicológicos e variáveis familiares

Variáveis		YSR				CIPA						
		Internalizantes	Externalizantes	Coesão	Cooperação – pai	Conflito – pai	Triangulação – pai	Cooperação – mãe	Conflito – mãe	Triangulação – mãe	Intensidade do Conflito – pai	Intensidade do Conflito – mãe
Beber álcool: cerveja, vodka, cachaça etc.	Pearson correlation	,286	,387	-,160	-,103	,239	,199	-,043	,184	,213	,313	,180
	Sig. (2-tailed)	,004	,000	,091	,261	,008	,028	,643	,043	,018	,001	,055
	N	98	86	112	120	121	122	121	121	124	110	114
Beber álcool com aprovação dos pais	Pearson correlation	,264	,324	,010	-,003	,064	,084	-,016	,171	,058	,110	,061
	Sig. (2-tailed)	,008	,002	,918	,978	,482	,359	,860	,060	,521	,255	,518
	N	99	86	112	120	121	122	121	121	124	110	114
Fumar cigarro	Pearson correlation	,109	,313	-,074	,051	-,002	,051	-,083	,002	,124	,018	,004
	Sig. (2-tailed)	,287	,003	,436	,579	,981	,577	,368	,984	,171	,854	,968
	N	98	86	113	120	121	122	121	121	124	110	114
Usar maconha, cocaína, crack e outras drogas	Pearson correlation	,107	,148	-,231	-,019	-,042	,074	-,021	-,093	,087	,144	,141
	Sig. (2-tailed)	,293	,175	,014	,832	,645	,413	,821	,308	,337	,132	,132
	N	99	86	113	121	122	123	122	122	125	111	115

A partir das correlações, identificou-se que a variável “consumir bebidas alcoólicas” apresentou associações de fracas a moderadas, porém significativas, com as variáveis familiares investigadas. Por isso, foi realizada análise de regressão linear múltipla com o objetivo de analisar o conflito pais-filhos, as dimensões da coparentalidade do pai e da mãe, e os sintomas internalizantes e externalizantes como conjunto de variáveis preditoras para o consumo de bebidas alcoólicas. Para isso, foram inseridas como variáveis independentes apenas aquelas que apresentaram correlações significativas com o consumo de álcool ($p < 0,005$).

A Tabela 3 apresenta o modelo significativo ($p = 0,001$), indicando que apenas duas variáveis preditoras foram significativas: “intensidade do conflito com o pai” ($p = 0,005$) e “conflito coparental do pai” ($p = 0,050$), e explicaram 15,7% do consumo de bebidas alcoólicas para os participantes do estudo. As outras variáveis independentes não foram significativas e foram excluídas do modelo final.

Tabela 3 — Variáveis preditoras do consumo de bebidas alcoólicas

Variáveis	B	Std. Error	Beta	t	Sig
Intensidade do conflito com o pai	,178	,062	,246	2,856	,005
Conflito coparental do pai	,063	,033	,173	1,918	,050
Conflito coparental da mãe	,052	,031	,145	1,691	,093
Triangulação da mãe	,027	,056	,059	,492	,623
Triangulação do pai	,016	,060	,031	,268	,789

Modelo testado nº 1.

R=0,396

R²=0,157

R² ajustado=0,122

EP=1,441

Durbin Watson=1,63

Discussão

A partir desta investigação foi atingido o objetivo de caracterizar o perfil de consumo de álcool e outras drogas em adolescentes oriundos de uma amostra rural e analisar possíveis associações entre o consumo, as variáveis cooperação, conflito e triangulação coparental, coesão familiar, conflito pais-filhos e os problemas emocionais e de comportamento. Em relação ao perfil de consumo de álcool e outras drogas, os resultados deste estudo mostraram que as drogas legais como o álcool e o tabaco são mais comuns no uso, corroborando outras pesqui-

sas com a população adolescente no Brasil (Andrade et al., 2017; Cerutti et al., 2015). Os resultados encontrados estão de acordo com uma noção já estabelecida na literatura de que o álcool é a substância mais consumida entre os jovens (Cerutti et al., 2015; Fosco & Feinberg, 2018).

Além disso, chama atenção o número expressivo de adolescentes que não respondeu às questões sobre o consumo na vida ou no momento atual e, principalmente, sobre o uso de maconha, droga menos usual, se comparada ao álcool e ao tabaco. Da mesma forma, tanto o índice de resposta quanto o índice de consumo de álcool e outras drogas diminuiu de acordo com o tipo de droga: álcool, tabaco e maconha, conforme encontrado também no estudo de Cerutti et al. (2015). Esse resultado pode estar demonstrando o que, segundo a percepção dos adolescentes, é mais aceito socialmente e até menos prejudicial. Essa perspectiva também pode explicar o índice de risco maior para o álcool em comparação aos outros tipos de drogas, já que é mais aceito, usual e considerado menos prejudicial, o que o torna potencialmente perigoso na adolescência pelos efeitos diretos do uso e indiretos, como porta de entrada para outras drogas.

Constatou-se que as médias para conflitos relacionados com uso de internet, tarefas domésticas e maior intensidade da discussão (gritos) foram significativamente maiores para a mãe do que para o pai, conforme a Tabela 1. Ainda, foi encontrado associação entre os conflitos com a mãe e o uso de álcool pelo adolescente na variável “sair à noite”. Esses resultados reportam à configuração e aos papéis tradicionais que ainda predominam nas famílias nucleares (caso de 85% da amostra deste estudo), em que a mãe é a principal responsável pelo cuidado e disciplina dos filhos. Esse papel sugere maior envolvimento, monitoramento e controle das atividades e rotina da prole, repercutindo em mais conflitos, já que mãe-adolescente estão mais implicados nesse aspecto do que pai-adolescente (Cerutti & Argimon, 2015; Cerutti et al., 2015).

Por outro lado, foi encontrada associação entre o uso de maconha e o conflito com o pai sobre o uso de drogas e o uso de maconha e a maior intensidade de conflito com o pai. Esse resultado, se comparado ao dado anterior sobre os conflitos entre a mãe e o adolescente, pode sugerir que a presença do pai ocorre se, na percepção do adolescente, trata-se de uma situação mais grave, envolvendo maiores níveis de intensidade durante o conflito e uso de droga ilícita. Segundo os estudos pesquisados, a parentalidade negativa caracterizada por crítica, hostilidade e interações conflituosas entre pais e filhos pode aumentar o risco de consumo de álcool e outras drogas, já que reduz a proximidade emocional entre pais e adolescentes (Broecker & Jou, 2007; Cerutti & Argimon, 2015; Chaplin et al., 2014).

Foram encontradas associações entre problemas de comportamento, conflitos familiares e uso de álcool e outras drogas, corroborando as pesquisas que apontam baixos níveis de funcionalidade familiar, caracterizados por interações predominantemente conflitivas e hostis e o acúmulo de tensões como fatores de risco para o uso de álcool e outras drogas (Cerutti & Argimon, 2015; Samek et al., 2014). O consumo de bebida alcoólica se correlacionou positivamente de forma significativa com intensidade do conflito coparental do pai, conflito coparental do pai, triangulação da mãe, triangulação do pai e conflito coparental da mãe.

Esses resultados sugerem que o conflito no exercício da coparentalidade e a triangulação (envolvimento da prole no conflito coparental) repercutem negativamente nos filhos adolescentes. Esses resultados podem indicar que os conflitos familiares excessivos, aqui expressos pelas dimensões da coparentalidade, inibem o adolescente de levar a cabo suas próprias necessidades de expor sentimentos e contestar as figuras parentais, evitando as discussões inerentes ao processo de desenvolvimento (Chaplin et al., 2014). Pode ocorrer também a diminuição do monitoramento parental, já que os cuidadores estão imersos no conflito coparental, e o aumento da suscetibilidade do adolescente a envolver-se em grupos com condutas de risco ao uso de álcool e outras drogas (Cerutti & Argimon, 2015; Chaplin et al., 2014).

A associação entre consumo de bebida alcoólica e tabaco e os sintomas externalizantes, e entre beber álcool com aprovação dos pais e os sintomas externalizantes e internalizantes pode ser indicativo de que o álcool é a droga lícita mais consumida e, conseqüentemente, causadora de mais prejuízos ao público adolescente (Andrade et al., 2017; Chaplin et al., 2014). Uma hipótese é que se trata de uma droga lícita, socialmente aceita, inclusive com consentimento da família, presente nos rituais comemorativos e festivos.

Além disso, o fato de o álcool ser considerado pelos usuários uma droga que tende a provocar desinibição e condutas socialmente mais ativas na fase inicial da intoxicação pode explicar a ocorrência mais frequente de sintomas externalizantes, já que estes se expressam em relação às outras pessoas e se caracterizam predominantemente como dificuldade de controlar impulsos, hiperatividade, agressividade física e verbal, raiva e delinquência (Achenbach & Rescorla, 2001; Hess & Falcke, 2013). Ademais, o resultado aponta a necessidade de maior fiscalização e controle por parte dos órgãos reguladores com relação ao consumo de álcool e tabaco que, embora lícitos, podem ser um disparador para a iniciação em outros tipos de drogas que provocam prejuízos diretos aos adolescentes, como é o caso de maconha, cocaína, crack, entre outras drogas (UNODC, 2015).

O modelo preditivo para o consumo de bebidas alcoólicas para os participantes do estudo explicou 15,7% do fenômeno por meio das variáveis conflito coparental do pai e intensidade do conflito com o pai. O fato de o modelo conter somente variáveis do pai como predictoras do consumo de álcool sugere que este cuidador exerce um papel ativo sobre a prole, já que se trata de um resultado relacionado à percepção do próprio adolescente. Os resultados podem indicar que o adolescente reconhece a autoridade do pai como preponderante à da mãe, e remete à divisão de responsabilidades conforme o gênero, ou seja, o que se espera enquanto função materna e enquanto função paterna. Neste estudo, o conflito coparental do pai e a intensidade do conflito do pai foram fatores de risco para o consumo.

Em conjunto, esses resultados indicam que pode existir relações entre uso de álcool e outras drogas e problemas familiares, principalmente no que se refere aos conflitos do pai com a mãe (coparentalidade) e com os filhos (conflito pais-filho). Por outro lado, a coesão familiar foi um fator de proteção do uso de maconha, confirmando a existência de uma relação entre as características do ambiente familiar e o envolvimento com álcool e outras drogas, já que abertura e reciprocidade para expor sentimentos e pensamentos, proximidade afetiva e união entre os membros, aspectos que caracterizam a coesão familiar, é um modelo adaptativo e seguro que orienta o adolescente, ainda que surjam oportunidades sedutoras para uso de drogas por meio do grupo de iguais (Cerutti & Argimon, 2015; Chaplin et al., 2014; Hess & Falcke, 2013).

Considerações finais

Por meio dos resultados deste estudo, destaca-se a necessidade de atuar em prevenção, focada no uso de álcool e outras drogas por adolescentes e fornecendo subsídios e embasamento empírico para a prática dos profissionais que atuam com esse público. O papel relevante e decisivo das relações familiares resta evidenciado na mediação do funcionamento emocional de seus membros. Os resultados indicam a necessidade de se desenvolver outros trabalhos e aperfeiçoar os existentes na rede pública e privada no que se refere às práticas direcionadas às famílias, no sentido de que a orientação seja um fator de proteção e prevenção ao uso de álcool e outras drogas, principalmente na adolescência. Psicólogos podem orientar outros profissionais que atuam com famílias em diferentes contextos (escolas, instituições públicas, privadas, programas de prevenção e tratamento em saúde mental, etc.) no sentido de considerar em seu trabalho a importância da intera-

ção familiar, incluindo orientações sobre o exercício da coparentalidade de modo coerente e coeso e a participação ativa de ambos os progenitores/cuidadores nas intervenções preventivas e/ou terapêuticas.

São limitações deste estudo a impossibilidade de generalização dos resultados para outros contextos e o grupo etário adolescente e suas famílias, já que se trata de um estudo transversal com participantes selecionados por conveniência e de tamanho amostral não representativo da população. Por outro lado, os resultados podem ser compreendidos no contexto da realidade de adolescentes oriundos de áreas rurais, pouco estudadas no contexto brasileiro.

Além disso, o viés de deseabilidade social deve ser considerado no estudo, já que os dados indicaram índices de consumo de álcool e outras drogas inferiores ao esperado, se comparados a estudos de prevalência com adolescentes brasileiros, principalmente, quanto à prevalência do consumo de drogas ilícitas (maconha e cocaína, entre outras). A abstenção de respostas dos participantes também apoia essa hipótese e pode estar relacionada ao contexto dos respondentes, ou seja, adolescentes oriundos de uma comunidade de pequeno porte, receosos de que suas respostas os identificassem, resultando em consequências legais e/ou morais. Portanto, os aspectos discutidos podem ter resultado na subestimação dos percentuais de prevalência do uso de álcool e outras drogas na amostra avaliada, indicando que os dados precisam ser analisados e compreendidos com cautela. Além disso, estudos futuros podem utilizar o método da triangulação de dados incluindo outros informantes, como pais e profissionais da escola (professores, orientadores educacionais), por exemplo, para avaliar as associações entre características familiares, sintomas internalizantes e externalizantes e uso de álcool e outras drogas por adolescentes.

Referências

- Achenbach, T. M.; Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the Aseba School-Age Forms and Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth & Families.
- Andrade, M. E.; Santos, I. H. F.; Souza, A. A. M.; Silva, A. C. S.; Leite, T. S.; Oliveira, C. C. C.; Albuquerque Júnior, R. L. C. (2017). Experimentação de substâncias psicoativas por estudantes de escolas públicas. *Revista da Saúde Pública*, 51, 1-9. <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2017051006929>
- Broecker, C. Z.; Jou, G. I. (2007). Práticas educativas parentais: A percepção de adolescentes com e sem dependência química. *Psico-USF*, 12(2), 269-279. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401036067015>

- Buehler, C.; Gerard, J. M. (2002). Marital conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents' maladjustment. *Journal Marriage and Family*, 64(1), 78-92. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2002.00078.x>
- Cerutti, F.; Argimon, I. I. L. (2015). Relación padre-hijo y las implicaciones en el uso de sustancias psicoactivas: una revisión sistemática. *Perspectivas en Psicología*, 12(1), 57-65. <http://200.0.183.216/revista/index.php/pep/article/view/203>
- Cerutti, F.; Ramos, S. P.; Argimon, I. I. L. (2015). A implicação das atitudes parentais no uso de drogas na adolescência. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(2), 173-181. <https://actacolombianapsicologia.ucatolica.edu.co/article/view/124/166>
- Chaplin, T. M.; Hansen, A.; Simmons, J.; Mayes, L. C.; Hommer, R. E.; Crowley, M. J. (2014). Parental-adolescent drug use discussions: Physiological responses and associated outcomes. *Journal of Adolescent Health*, 55(6), 730-735. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.05.001>
- Costa, C. B.; Cenci, C. M. B.; Spies, D. W. (2014). Conjugalidade e parentalidade diante da dependência de crack de um filho. *Contextos Clínicos*, 7(2), 182-191. <https://doi.org/10.4013/ctc.2014.72.06>
- Elicker, E.; Palazzo, L. S.; Aerts, D. R. G. C.; Alves, G. G.; Câmara, S. (2015). Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(3), 399-410. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222015000300399
- Falceto, O. (1997). *Famílias com desenvolvimento funcional e disfuncional: validação das escalas diagnósticas FACES III, Beavers-Timberlawn e GARF* (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Fosco, G. M.; Feinberg, M. E. (2018). Interparental conflict and long-term adolescent substance use trajectories: The role of adolescent threat appraisals. *Journal of Family Psychology*, 32(2), 175-185. <https://doi.org/10.1037/fam0000356>
- Hair, J. F.; Black, W. C.; Babin, B. J.; Anderson, R. E.; Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada dos dados*, 6ª ed. Porto Alegre: Bookman.
- Henrique, I. F. S.; De Micheli, D.; Lacerda, R. D.; Lacerda, L. A.; Formigoni, M. L. O. S. (2004). Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST). *Revista da Associação Médica Brasileira*, 50(2), 199-206. <https://doi.org/10.1590/S0104-42302004000200039>
- Hess, A. R. B.; Falcke, D. (2013). Sintomas internalizantes na adolescência e as relações familiares: Uma revisão sistemática da literatura. *Psico-USF*, 18(2), 263-276. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200010>
- Humeniuk, R.; Henry-Edwards, S.; Ali, R.; Poznyak, V.; Monteiro, M. G. (eds.); WHO (World Health Organization) (2010). *The ASSIST-linked brief intervention for hazardous and harmful substance use: A manual for use in primary care*. Geneva: World Health Organization. https://www.who.int/substance_abuse/publications/assist_sbi/en/

- Laranjeira, R. (superv.) et al. (2014). *Segundo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012*. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP.
- Margolin, G.; Gordis, E. B.; John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.1.3>
- Mosmann, C. P.; Costa, C. B.; Einsfeld, P.; Silva, A. G. M.; Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(4), 487-498. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005>
- Mosmann, C. P.; Costa, C. B.; Silva, A. G. M.; Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: Papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Temas em Psicologia*, 26(1), 429-442. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-17Pt>
- Mosmann, C. P.; Machado, M. R.; Costa, C. B.; Gross, P. R. C.; Cruz, D. V. A. (2018). Propriedades psicométricas da versão brasileira do The Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CI-PA). *Avaliação Psicológica*, 17(3), 399-406. <https://doi.org/10.15689/ap.2018.1703.14281.13>
- Noto, A. R.; Galduróz, J. C. F.; Nappo, S. A.; Fonseca, A. M.; Carlini, C. M. A.; Moura, Y. G.; Carlini, E. A. (2003). *Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas.
- Olson, D. H.; Sprenkle, D. H.; Russel, C. S. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I. Cohesion and adaptability dimensions, family types and clinical applications. *Family Process*, 18(1), 3-28.
- Riina, E. M.; McHale, S. M. (2014). Bidirectional influences between dimensions of coparenting and adolescent adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(2), 257-269. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9940-6>
- Rocha, M. M. D. (2012). *Evidências de validade do Inventário de Autoavaliação para Adolescentes (YSR/2001) para a população brasileira* (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Samek, D. R.; Keyes, M. A.; Hicks, B. M.; Bailey, J.; McGue, M.; Iacono, W. G. (2014). General and specific predictors of nicotine and alcohol dependence in early adulthood: Genetic and environmental influences. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 75(4), 623-634. <https://doi.org/10.15288/jsad.2014.75.623>
- Sanchez, Z. M.; Santos, M. G. R.; Pereira, A. P. D.; Napo, S. A.; Carlini, C.; Carlini, E. A.; Martins, S. S. (2013). Childhood alcohol use may predict adolescent binge drinking: A multivariate analysis among adolescents in Brazil. *The Journal of Pediatrics*, 163(2), 363-368. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2013.01.029>

- Terres-Trindade, M.; Mosmann, C. P. (2015). Discriminant profile of young Internet dependents: The role of family relationships. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 25(62), 353-361. <https://doi.org/10.1590/1982-43272562201509>
- Teubert, D.; Pinquart, M. (2011). The coparenting inventory for parents and adolescents (CI-PA). *European Journal of Psychological Assessment*, 27(3), 206-215. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000068>
- UNODC – United Nations Office on Drugs and Crime (2015). *World drug report 2015*. <https://www.unodc.org/wdr2015/>
- Vargas, D.; Soares, J.; Leon, E.; Pereira, C. F.; Ponce, T. D. (2015). O primeiro contato com as drogas: Análise do prontuário de mulheres atendidas em um serviço especializado. *Saúde Debate*, 39(106), 782-791. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201510600030018>

Recebido em 19 de janeiro de 2019

Aceito para publicação em 29 de outubro de 2019

SUICIDAL BEHAVIOR IN WOMEN OF DIVERSE SEXUALITIES: SILENCED VIOLENCE

*O COMPORTAMENTO SUICIDA EM MULHERES DE
DISTINTAS SEXUALIDADES: VIOLÊNCIAS SILENCIADAS*

*EL COMPORTAMIENTO SUICIDA EN MUJERES DE
DISTINTAS SEXUALIDADES: VIOLENCIAS SILENCIADAS*

Felipe de Baére⁽¹⁾

Valeska Zanello⁽²⁾

RESUMO

O comportamento suicida de mulheres tem sido apontado como efeito das difusas violências sofridas por elas nas esferas pública e privada. Contudo, a fim de não universalizar seu sofrimento psíquico, faz-se mister considerar outros demarcadores sociais que lhes impactam a saúde mental, como a sexualidade. Este estudo teve como escopo analisar as histórias de vida e vivências pessoais de mulheres de diferentes orientações sexuais que manifestaram comportamento suicida, com o intuito de averiguar a relação do autoextermínio com dispositivos de gênero e a sexualidade. Para isso, foram entrevistadas nove mulheres cisgênero, três autodeclaradas lésbicas, três autodeclaradas bissexuais e três autodeclaradas heterossexuais. Após análise das entrevistas, foram encontradas cinco categorias: “Masculinidade Adoecedora”, “Ideal Estético” e “Relações Românticas” foram observadas nos três grupos de orientação sexual; “Heterodissidência como Devassidão” foi identificada nos grupos de lésbicas e mulheres bissexuais; e a categoria “Cuidar” surgiu apenas entre as mulheres heterossexuais. Ao final, tais categorias apontam para similaridades e distinções nas narrativas de cada grupo de orientação sexual e para o impacto das violências de gênero, fundamentadas na misoginia social.

Palavras-chave: suicídio; gênero; mulheres; violência.

⁽¹⁾ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGPsiCC) da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. email: felipebaere@gmail.com

⁽²⁾ Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB), Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. email: valeskazanello@gmail.com

Esta pesquisa teve suporte financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

ABSTRACT

The suicidal behavior of women has been pointed out as an effect of the diffuse violence suffered by women in the public and private spheres. However, in order not to universalize their psychological suffering, it is necessary to consider other social demarcations that impact their mental health, such as sexuality. The purpose of this study was to analyze the life histories and personal experiences of women of different sexual orientations who manifested suicidal behavior, in order to ascertain the relation of self-extinction with gender dispositifs and sexuality. For this, nine cisgender women, three self-declared lesbians, three self-declared bisexuals, and three self-declared heterosexuals were interviewed. After analyzing the interviews, five categories were found: “Sickening Masculinity”, “Aesthetic Ideal” and “Romantic Relationships” were observed in the three sexual orientation groups; “Heterodissidence as Debauchery” was identified in lesbian and bisexual women groups; and the “Caring” category only came up among heterosexual women. In the end, such categories point to similarities and distinctions in the narratives of each sexual orientation group and the impact of gender-based violence, arising out of social misogyny.

Keywords: suicide; gender; women; violence.

RESUMEN

El comportamiento suicida de mujeres ha sido señalado como efecto de las difusas violencias sufridas por ellas en las esferas pública y privada. Sin embargo, a fin de no universalizar el sufrimiento psíquico de ellas, es menester considerar otros demarcadores sociales que les afectan la salud mental, como la sexualidad. El presente estudio tuvo como objetivo analizar las historias de vida y vivencias personales de mujeres de diferentes orientaciones sexuales que manifestaron el comportamiento suicida, a fin de averiguar la relación del autoexterminio con los dispositivos de género y de sexualidad. Para eso, fueron entrevistadas nueve mujeres cisgeneres, tres autodeclaradas lesbianas, tres autodeclaradas bisexuales y tres autodeclaradas heterosexuales. Después del análisis de las entrevistas, se encontraron cinco categorías: “Masculinidad Adoecedora”, “Ideal Estético” y “Relaciones Románticas” aparecieron en los tres grupos de orientación sexual; “Heterodisidencia como Depravación” fue identificada en los grupos de lesbianas y mujeres bisexuales; y la categoría “Cuidar” sólo apareció entre las mujeres heterosexuales. Al final, tales categorías apuntan a similitudes y distinciones en las narrativas de cada grupo de orientación sexual y el impacto de las violencias de género, fundamentadas en la misoginia social.

Palabras clave: suicidio; género; mujeres; violencia.

Introduction

Investing in research related to violence against women is one way of making the epidemic magnitude of this phenomenon in Brazil visible (Garcia, 2016). However, given that sexism in this country is structural, while some forms of violence become apparent at a time when charges go beyond the private sphere, others are imperceptible but no less shocking. From childhood, there is permanent social control over the bodies of women, guaranteed by a naturalized ideal of subservient femininity (Del Priore, 2000). In this sense, culturally reproduced performances create privileged paths of subjectivation for them that reverberate in multiple dimensions of their lives, as well as in mental health (Zanello & Andrade, 2014; Zanello, 2018).

In clinical studies and research involving mental health and gender, Zanello (2018) has used the concepts of *love dispositif* and *maternity dispositif* as analytical categories to think about the process of subjectivation of Western women in contemporary times. According to the author, in sexist cultures, becoming a person is, first of all, becoming a man and a woman, which raises the repeated production of different affective pedagogies, that is, discourses, values and teachings that are transmitted, in order to create distinct subjectivities between men and women.

The *love dispositif* is heir to the ideal of romantic love, which naturalizes heterosexuality as sexual morality and has in marriage the legitimate way of consummation. In Western culture, being the object of loving preference is an identity factor for women, especially in heterosexual relationships. Thus, the *love dispositif* becomes the way in which women relate to themselves and to each other, subjectivized by the gaze of a man who chooses them (Zanello, 2018). This stems from a permanent affective pedagogization that convinces them, through the most diverse ways, that the existential condition of a woman is tied to the romantic relationship, and to achieve this status, one needs to adapt herself to socially valued aesthetic and behavioral ideals. Consequently, what is observed is the perpetuation of an ideal of beauty that has as reference the white, blonde, lean and young woman. That is, although it is possible for some women enjoy this profile at some point in their lives, all will lose such prestige as they grow old.

The *maternity dispositif*, in turn, is the result of a period in which women were ordered to ensure the survival of their offspring, the future labor necessary for the rising industrial market. As a way of ensuring women's bond to the private sphere, the discourse that sought to supersede the capaci-

ty to procreate (restricted to women) for that of caring (exercised by anyone) was propagated, propelled by the concept of maternal instinct (Badinter, 1985).

The notion of instinct has as a consequence the naturalization of motherhood, which makes placing on women all responsibility for the health, safety, and well-being of their children. This unilateral attribution, which disburdens men of these functions, generates an overload for women and the feeling of guilt for possible (real or imagined) slips committed at some point in their life experiences as mothers. Since the expectation on them is the non-negotiable prioritization of their children, motherhood tends to place women at existential crossroads, so that any decisions that do not put their children front and center are seen as selfish (Zanello, 2018).

In addition, the absence of procreation does not exempt women from the influence of the maternity *dispositif*, in which they were subjectivized, since they are expected to comply with the caring actions in all social spheres. According to Zanello (2018), unlike men, who subjectivize themselves in egocentrism, women are subjectively constituted in heterocentrism, with a wide disposition to think about the well-being of others, even if they have to forgo themselves.

Considering the two *dispositifs* presented and that people constitute themselves in gender relations, it would be a mistake to ignore the influence of gendered values and stereotypes on the formation of symptoms (Zanello, 2014a; Zanello & Costa e Silva, 2012). Therefore, it is necessary to consider the psychic incidences of suffering that affect women in an attempt to fulfill the ideal compulsions of femininity.

Often, scenarios of violence are less perceptible as a result of affective learning that subjectivizes them in a culture of silence and resignation (Zanello, 2018). The culture of silencing and submission before forms of violence suffered can cause profound psychological distress among women. Faced with a history of emotional frailty, coupled with intolerable affections such as despair and hopelessness, many women resort to self-extermination. This reality can be observed through the epidemiology of women's suicidal behaviors.

In a survey published by the World Health Organization in 2014 (OMS, 2014), involving 172 nations, a number of attempts at self-extermination among women were pointed out in most of the countries investigated. In Brazil, the latest survey on this topic, released by the Brazilian Ministry of Health (Brasil, 2017), pointed out that women accounted for 69% of suicide attempts between 2011 and 2016. And while the numbers may evidence the extent of suffering

among women, suicidal behavior, ranging from ideation to attempts, is often an occurrence associated with men. Since this phenomenon is commonly reported from death rates, which are higher among them, suicide is seen as a male act, mostly (Jaworski, 2010).

According to Jaworski (2010), intelligibility around suicide is influenced by the values of gender, as this phenomenon, when disclosed as a neutral and self-evident action, hides the discursive production that lies behind its comprehension. As the author points out, since the number of deaths due to self-extermination is greater among men, also due to the use of more lethal methods in their attempts, the judgment that their attacks are more serious and worrying was created. This perspective, coupled with the disqualification of women's suffering, seen as more emotional, has underestimated the seriousness of the fact that the number of suicide attempts is greater among them.

Aware of this issue, Canetto (2008) has shown, through research that investigated suicidal behavior in different nations, that cultural factors, including society's view of suicide, have epidemiological consequences for the phenomenon. In a country like Brazil, for example, where women's suffering is made invisible and medicalized (Zanello, 2014b), the scant discussion about the high number of self-extermination attempts among women is a social symptom. In addition, sociodemographic factors, such as race, social class, and sexuality, also need to be taken into account, since they are markers of vulnerability in classist, racist and LGBT-phobic societies.

With regard to sexual dissidences and suicidal behavior, international surveys point to a higher number of self-extermination cases among the LGBT population (Almeida et al., 2009), especially among the bisexual population (Mereish et al., 2017). Although there is little research on the suicidal behavior of this population in the country in 2018, there was the publication of the *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017* ("Dossier on lesbian killing in Brazil: from 2014 to 2017") (Peres et al., 2018), a document that presents a survey of the deaths of lesbians in the country, including suicide. The research, based on data collected in the media and on social networks, found an increase in the number of suicidal lesbians in the analyzed range, especially in countryside regions. The expression suicidal is justified in the text since death by suicide of lesbians is understood as a crime of collective hatred, perpetrated by a lesbophobic and misogynist society (Peres et al., 2018).

In view of the presented scenario, this study had the goal of analyzing the life histories and personal experiences of bisexual, lesbian and hetero-

sexual women who manifested their suicidal behavior in order to ascertain the functioning of the love and maternity dispositifs (Zanello, 2018) and their relation to self-extirpation. The focus was not on the suicide attempt, but on the description of the contexts of suffering that led them to suicidal behavior.

Method

After being approved by the Committee of Ethics in Human and Social Sciences Research at University of Brasilia (IH/UnB), a virtual public call was made to invite participants to the interviews. The public invitation was made through social networks, with the purpose of avoiding indications that could cause embarrassment, due to the themes (suicidal behavior and sexual orientation). The interviews were scheduled as interest in participation was manifested. At the end of the study, nine interviews were carried out with cisgender women: three self-declared lesbians (L), three self-declared bisexuals (B) and three self-declared heterosexuals (Ht).

The interviewees' ages ranged from 18 to 28 years old, with an average of 22 years old. Seven are from the Federal District, two from São Paulo. The nine interviewees made no mention of a specific family income, but all claimed to be from middle-class families. Seven interviewees are undergraduates and two have already graduated, one of them a master's graduate in a state university. None of them declared themselves black or mentioned race during the interview, although two of them are black. The marital status of the nine interviewees is single, and in terms of relationships, only two claimed to be in a relationship (a lesbian and a heterosexual).

The research was conducted through open interviews, with questions like "Tell me your story" or "Tell me about your life", so that the other questions arose from the content brought up by the interviewee herself. However, when specific information related to the research topic did not appear and/or when there was no deepening in the areas of suicidal behavior and sexual orientation, questions were asked, such as "Tell me more about it" and "What do you mean?". As a result of the theme, ample time was available for the interviews and, if there had been any evidence of emotional discomfort, an interruption would have been made. However, this was not necessary.

The interviews took place between October and December 2017, in a room of the Integrated Laboratory of Graduation Studies and Experimental

Research in Psychology with Humans (LIPSI), at Darcy Ribeiro campus of the University of Brasília. The average duration of interviews was one hour. Audio files were recorded in full for later transcription and analysis. Transcripts took place between December 2017 and February 2018 and, at the end of this stage, content analysis was performed (Bardin, 2011; Minayo, 2014). The two researchers carried out, separately, the integral reading and analysis of the interviews for an initial survey of the themes. From there, they met to discuss the categories found.

The content was assessed in each of the three sexual orientation groups (heterosexual, bisexual, and lesbian) and later compared to each other. The intention was to observe the existence of specificities in the information, as well as similarities and differences in the life experiences of each participant. The results were analyzed in the light of feminist and gender theories (Butler, 2015; Zanello, 2018).

Results and Discussion

Through the analysis of the content of the interviews, in the three sexual orientations, five categories were listed, namely: (1) Sickening Masculinities; (2) Aesthetic Ideal; (3) Romantic Relationships; (4) Caring; (5) Hetero-dissidence as Debauchery – see Table 1. Although certain categories were found in more than one sexual orientation, their expression was distinct in each.

Table 1 — Distribution of the five categories found in interviews

Lesbians	Bisexual Women	Heterosexual Women
Sickening Masculinities		
Aesthetic Ideal		
Romantic Relationships		
Hetero-dissidence as Debauchery		Caring

A description of each category found, as well as the excerpts from the interviews that exemplify them, is presented below. The fragments from the narratives are formatted in italics and identified as follows: (L) lesbian, (B) bisexual and (Ht) heterosexual.

(1) Sickening Masculinities

Masculinities have been constituted within a pedagogy of violence and competitiveness (Welzer-Lang, 2001; Cecchetto, 2004), in which misogyny is the main reference used to support the hegemonic and oppressive social pattern of men. Consequently, from an early age, women are liable to deal with the effects of maintaining this toxic masculinity.

Based on this understanding, the category of “sickening masculinities”, which involves the life experiences of violence suffered by the interviewees in their relations with men, was differentiated in two ways: by omission and by action. This is due to the fact that, in the multiple dimensions of their lives, the psychic vulnerability of women does not result only from the aggressions suffered explicitly, but also from the experiences of indelible abandonment and indifference that are similarly constitutive to them.

With regard to the sickening masculinities by omission, a negative representation of the paternal figure was observed in almost all interviewees. In most narratives, what was evidenced was the father’s absence, as the case of interviewee Ht1, who said she has little contact with him in present days. L3, for her part, said they did not have any acquaintanceship, so much so that her father is unaware of her lesbianity, already assumed socially. While certain parents distance themselves from their children over the years, there are those who were never present or only came years after their birth. Interviewee Ht2, for example, met her father at the age of seven, after her mother’s death. *I didn’t know my father. I didn’t know my father’s family. But the judge determined that I should stay with him and not with my mother’s family because I had a biological father. But that was not what he wanted.*

In terms of parental reference, the parental presence was also represented by infidelity. *I was six, seven. That’s when I started to feel bad. Because they didn’t have a nice breakup. My father cheated on my mother with a friend of hers who studied with her.* (B2) Marital betrayal, in this category, is related to the other mode of expression of sickening masculinity, which is manifested by action.

Sickening masculinity by action appeared, mainly, in the reports on romantic relationships. In a similar way to what happened with the mothers of some interviewees, betrayed by their husbands, episodes of infidelity on the part of boyfriends were also described. Not even the lesbian group escaped male betrayal. L1, in her early teens, before coming out as a lesbian, while engaging with a young man to camouflage her lesbianity, also reports having been betrayed by him while they were together.

Upon the discovery of lies, especially of betrayals, many men resort to the artifice of disqualifying the speech of their partners. One of the most used resources in these contexts is known as gaslighting, that is, the attribution of insanity as a way of delegitimizing women's arguments. *But everything I said, he made me look like I was crazy, he'd put me down until I thought I was indeed crazy.* (Ht3) The goal is to get their partners to doubt their own standings. *He played an emotional game, blackmailed me. I said one thing and he'd say I didn't say that before. Or he would say something and say he didn't say it. That I was going crazy.* (B3)

As the affective relationship is an identity component of women (love dispositif), even if they are within violent settings, the need to be committed causes many to follow the orders of their companions and find justifications for any aggressive behavior. *I ended up losing many people, because he put his foot down and said: "I don't want you to see this person, I don't want you to talk to this person, if I find out you're talking to them..." He forced me to be in a way that I didn't want. But since I was so desperate to have someone, to love, I stayed with him.* (Ht1)

The threat of returning to single status causes women to submit to situations of marked violence. *I was very passive in the relationship. I didn't know how to say no.* (B3) Thus, among women who have relationships with men, there have been reports of involuntary sex in order to fulfill marital debt (Zanello, 2018). *I basically thought sex was horrible. I only had sex with him because he'd ordered me to.* (Ht3) If their partners signal their unwillingness to have sex, some men use their fears to threaten them. *My first boyfriend said that if I didn't give him sex, he would look for it in the street.* (Ht3)

In addition to the threats that impel their partners to unwillingly consent to sex, there are men who go beyond these aggressions and, backed by the belief of possession that comes from the relationship, rape their partners. *He even raped me when I was drunk. And then I kind of slept, and when I woke up, he was on top of me. After that, I felt very guilty.* (B3) Sexual abuse within the relationship tends to generate perplexity and hesitation in naming it aggression. *I knew there was something very wrong. I felt bad, dirty. I wanted to die. But I didn't have the courage to do anything. And then I thought that if I didn't stay with him, I wouldn't be with anyone.* (B3)

Sickening masculinities are not exercised only in intimate relationships, but also occur in the public sphere. Sexism in the workplace and sexual harassment demonstrate this reality, as in the case of Ht2, who was harassed by her undergraduate professor. *He forced me to go with him to his office. I was at a Physics event, which I was helping to organize, and then he asked me to go into his room afterward. And on vacation time, there is no one in the college campus. I was wearing*

a dress, he put me on the table, he held my arms, told me to shut up, otherwise, I would lose everything I cared about (the research project). But, in the end, I ended up losing anyway. (Ht2)

Just like what happened to B3 after the rape committed by her boyfriend, Ht2 also attempted suicide following sexual abuse by her professor. In this sense, it must be pointed out that a violation, although it is not the only reason that leads a person to attempt self-extinction, is a factor of deep psychic suffering, which may become a triggering event. Suicide, for being a complex phenomenon, involves predisposing and precipitating factors (Botega, 2015). Therefore, from the participants' reports, it is possible to point out that histories of sexual abuse in childhood are configured as aspects of vulnerability, while rape inside a relationship can be a driving force for attempts of self-extinction.

What is observed in this category is that women, regardless of sexuality, have had experiences with sickening masculinities, which have psychically weakened them in some way.

(2) Aesthetic Ideal

Just as sickening masculinities cross the experiences of women of different sexualities, so does the imposition of an aesthetic ideal to be achieved. Although being hard on oneself is manifested differently among sexual orientations, in the three groups there was some experience of suffering signaled due to one's non-compliance with the cultural standards of beauty.

If the aesthetic ideal of women in Brazil is to be young, white, blonde, and thin, the less a person is aligned with that model, the more likely she is to experience discomfort of social disapproval. According to the participants' reports, this annoyance has been manifested since childhood, at which time children have already demonstrated to harbor prejudices towards those considered "different". Ht1, for example, claims that as a child she was darker and had curly hair, which made her schoolmates keep her distant. *I don't even think I'm too dark-skinned, but when I was younger I was much darker. Especially compared to the girls at school. They were white, blonde and had straight hair. I realized people were pushing me away and I didn't know why. And then as I was growing up, I realized that maybe that was it.*

Just like to become human in sexist societies is to become either a man or a woman, in racialized societies like Brazil to become human is to become a certain skin color (Zanello, 2018). *And I saw that a friend of mine, in the third or fourth*

grade, she was much darker than me. Curly hair. I could see people moving away from her too a little. (Ht1) Therefore, subjects born with negroid traits will, from an early age, encounter racism that, when incorporated, are usually expressed in the need to change their appearance. *When I was little I'd ask her (her mother) why I was not born like her, white and with blond hair. She'd tell me I had to dress nicely, to be like the other people. You have to dress nicely, you have to straighten your hair, you have to wear a skirt, a certain shoe.* (Ht1)

Her relation with her kinky curly hair was not the only aesthetic issue faced by Ht1. By the age of ten, she was well overweight. Not to face social lipophobia, she implemented long-term fasting in her routine in order to lose weight. *I spent days without eating and I was able to lose weight very quickly. I spent all day without eating and could hide it from my parents.* (Ht1) In the case of B1, her situation was diagnosed as more severe. *When I was 13, I already had eating disorders. I had a brief period of anorexia. I had a goal of 300 calories a day.* Feeding interruption was also reported by L1, due to the jokes in the school space. *The heaviest part of this bullying was when I started not wanting to eat. I didn't eat at all. I was at school. Like, a whole week at school, having to have lunch there and I didn't eat. I just drank water, had some drops. Not wanting to eat because I was feeling fat.*

Although lipophobia also appeared in the speech of the lesbians, what was most present in her discourses related to the aesthetic question was the bullying resulting from the male presentation. *When I was a kid, I suffered a lot of prejudice at school and in my family, because I always dressed in a more "male" way. I was not very feminine.* (L3) That is, masculine appearance is resented as a characteristic that arises among lesbians the discrimination for not complying with gender presentations. Prejudice against masculine appearance was also present in the discourse of bisexual women. *In my childhood, I suffered a lot of bullying. I was called Macho Mary, was more masculinized within the environments.* (B1) However, in the same speech, the discontent for the lack of attractiveness on the part of men also showed up. *I was always the ugliest friend. The least seen by the boys.* (B1)

While prejudice against a male appearance has appeared in the discourse of the lesbians and bisexuals, the impact of this hostility is not analogous to that of men, for the effeminate presentation calls into question their identity. In a different way, women don't cease to be seen as women because they look masculine. However, if they don't care or strive to be beautiful, they will be questioned about the type of woman they have chosen to be. And even if the aesthetic ideal goes through the experience of all, in conjugal terms, the beauty standard among lesbians is not imperative as in relationships involving men (Baére & Zanello,

2020). Consequently, it was observed that this category is more marked among heterosexuals and bisexuals.

In addition to the lower impact of the beauty standard on lesbians, the expression of gender is also seen among them as a protective factor for suicidal behavior. According to *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017* (Peres et al., 2018), the suicide of lesbians is higher among young feminized women. To account for this phenomenon, the authors infer that masculinized women, being aware of their lesbianity from an early age and facing greater social prejudice, reach youth and adulthood better prepared to deal with lesbophobic adversities.

(3) Romantic Relationships

When they are constituted in the love dispositif, women tend to prioritize relationships in relation to other areas of their lives (Zanello, 2018). *I had a lot of it, to think that love is what determines life. To look for someone who loved me like this, madly.* (Ht3) Therefore, when they are not in a relationship, they are in search for one, in the longing to be chosen. Moreover, because it is an identity dimension for women, conjugality becomes a factor of suffering when they have to expend great efforts to remain in the relationship. In this category, unlike the “sickening masculinities”, the factors that generated psychological distress for women did not stem directly from their partners, but from the relationship they established with their marital ideals.

The expectation that precedes the relationship and the fear of not being chosen appeared in the speech of Ht1. *It was this lack of love. I thought maybe I could never be loved due to the personality I had, the way I was. That no one would love me the way I was. When I totally gave myself to someone else and they rejected me, it hurt a lot. It made me think: “Wow, if I’ll never get the love of my life, what am I going to live for, then?”* In the case of B3, the responsibility for failure at an attempt falls on her. *When I don’t succeed, I feel alone. And I always put the blame on myself. “Why doesn’t this person want to talk to me? Did I do something wrong?” And the person is just busy, y’know? There’s a lot of this, from the beginning. Thinking that I have to be much better so that people can like me.*

The threat of not meeting someone, or the fear of being single again, turns romantic relationships to be hyper-invested, regardless of sexual orientation. Consequently, any signs of approaching a break-up, even if desired, can cause suffering. *I suffered because, at the same time that I wanted to break up, I didn’t want to, because I thought he was the love of my life.* (Ht3) This suffering can be even

more intense if it is a consequence of the partner's indifference. *We were fighting a lot. She wasn't treating me like a girlfriend anymore. She treated me like a friend. Whenever she saw me, she hugged me. We barely kissed. Sex, I won't even go into that, because we didn't have it anymore. (...). I wouldn't go out with my friends because I kept waiting for her to call me out or not. So I, like, started feeling really down, I was really very depressed.* (L2)

Among the shared narratives, the ending of relationships were the main triggering events for self-extinction attempts among women. *I had just broken up, and I simply got tired. So I took many, many pills. And very strong medicine too.* (B1) In the case of B3, the suicidal behaviors manifested after the end of her relationships occurred progressively, starting from ideation up to the execution of part of the planning. *At that moment, after this first relationship, there were ideations. But this second time I got to sit at the window, looking down, trying to find the courage to throw myself through it. I was researching a lot. Which drug should I take to die? I even bought the drugs. But I never really took them. And then after that relationship ended, I got really bad, because he put all the blame on me.*

When it comes to conjugality and suicidal behavior, it is common for women, having their happiness deposited in a romantic relationship, to expect their "cure" to be there, even when the causes of their suffering are in the relationship itself. *Because all I wanted was for this person to give me a reason to live. And when that person who would give me a reason to live acted like this with me, I would lose that will. Because I had no one to support me.* (Ht1)

The same way that the end of a relationship was observed as the main precipitating factor for the accomplishment of a self-extinction attempt, drug intoxication was seen as the preponderant method, both in ideation and in the attempt. Of the nine participants, six mentioned this procedure. Even in cases where more than one method was used in the attempt, as in the case of Ht3, there was ingestion of medicines. In the epidemiological bulletin published by the Brazilian Ministry of Health in 2017 (Brasil, 2017), exogenous intoxication was the second largest cause of deaths by suicide among women in Brazil between 2011 and 2015.

(4) Caring

Subjectivized in the maternity dispositif, women are directed early on to emphasize the task of being maternal and, consequently, are assigned to most activities that involve zeal and dedication to others (Zanello, 2018).

This social pedagogy causes women to be constituted in a heterocentrism, in the sense of prioritizing the other. In the case of relationships involving two women, both can benefit from the love disposition as well as the maternity disposition of the other (Zanello, 2018). However, in heterosexual relationships, men always take advantage from their partners' willingness to care for them and to maintain the relationship.

Aware of this expected social behavior for women, men use their care to exploit the time and effort of their partners. In the case of Ht3, for example, what started as a favor to her boyfriend at school, became a rule. *I did his homework for him. Just because it was an emergency. We were from the same grade but from different classes. But it became a pattern for me to do 10-page work for him. It became a pattern in my life. On the junior year, he just passed because of me. I even did his tests hidden.*

In contrast, when she needed help, Ht3 found no caring reciprocity. *By senior year, I had a problem with my thyroid. So I had to be away from school for a month, but I had already passed. He didn't even give me any support at this time, I was always home alone. And it was always this pattern. When I got very sick, I wanted to be alone, because the guys never knew how to take care of me. Even when I was sick, I always had to take care of them. This is a factor that I can still talk about how my relationships were.*

Women's caring behavior tends to place them in multitasking scenarios, with the need to increase working hours in order to meet the requests of all their acquaintances. This conduct generates exhaustion and, because it is a social expectation, they are afraid to share their dissatisfaction with this overload. On the other hand, as far as psychic suffering is concerned, this attitude that puts them in situations of exhaustion is the same one that, according to Ht1's account, keeps her alive in the face of the desire to take her own life. *My brother also doesn't help much, because he remains distant from my parents. So it's me who has this thing of having to take care of my parents because nobody else does. My father's family, they are all in São Paulo and my mother's family is in Goiânia. The two are completely alone. They have dated one person or another, but they are alone. So I think that, if I kill myself, I'll leave them unattended. And they need someone to support them. I was alone all my life and had no support. (Ht1)*

Parental care as a protective factor against self-extinction is also manifested as concern for their reaction to this hypothetical loss. *I already had several suicide attempts during my life. One reason I don't want to do this is my parents. Because they have many problems and I wouldn't want to be one more for them. (Ht1)*

(5) *Hetero-dissidence as Debauchery*

Unlike what happens to men, whose masculinity is constructed through the permanent denial of everything that refers to the feminine, the identity issues are differently added up between women. Thus, although this category distinguishes sexual dissidences from standard sexuality, this hetero-dissidence, unlike what occurs between gays and bisexual men, does not put the identities of lesbians and bisexual women in check. That is, they are not socially deprived of their womanhood because they are not heterosexual.

Although sexual dissidence is not an identity issue for them in comparison to men, lesbians and bisexual women also experience intense psychic suffering from social violence and reprehensions. It was during adolescence that L2 noticed her romantic interest in women. *I kept thinking this was just because I still hadn't get involved with any men and that my time would come.* However, after two experiences of kissing men, she was sure that her desire was for women, not for men. *So I started looking for ways not to think about it. "I can't think of men, but I mustn't think of women either."* For her, it was only possible to have the first experiences away from her family, when she moved out of town to go to college.

Upon learning about her daughter's sexual orientation, L2's mother took her to a gynecologist, who reinforced prejudices and biologized her lesbianity, requesting chromosome exams. *"You even have feminine shapes, but it would be good for us to exam the chromosomes to see if there are any problems there on the second X." I felt like trash.* The professional even completed *"If you can choose, choose the easiest"*. L2's father, admittedly opposed to any sexual dissidence, despite not having turned away from her, increased his discriminatory comments in her presence. *He was always very homophobic, but after I told my mother, things got much worse. Never aimed at his daughter. "I think there should be a bathroom for men, one for women and one for the rest. The rest of all those things out there."* *"Because I think Iran is right. We have to kill all fags and throw them from the building."* L2 parents' posture was a factor of intense suffering, corroborating her attempt of self-extermination. *The pressure of looking at my parents, at "people who love me unconditionally", and they want me to be someone else.*

The family's religiosity marked the history of L3's psychic weakening. *My whole family is evangelical and Catholic. All of them are religious. So there was always this talk of this is wrong, that makes you go to hell. Just now, after a whole process of suffering, people are beginning to understand that I didn't choose to like the same.* Just like L3, who made an attempt at self-extermination through the ingestion of medications, L2's relationship with her parents was transformed the mo-

ment they felt sorry for their daughter's sadness. *She (her mother) didn't retroact anymore. My father is the same. He just stopped talking about homophobic things. But he still puts on an annoyed face. Every time he sees a homosexual in the street, he puts on a serious face and grunts. A true alpha male.*

The attribution of sin on the part of religious families was more present in the lesbians' narratives. Lesbianity, in these cases, was understood as debauchery, perverting the heteronorm. Bisexual women, in turn, are also considered to be debauched, but in a different way from lesbians. Although both subvert the full sexual subjugation to a man, the debauchery of bisexual women is seen as promiscuity. According to reports, the belief in hypersexuality of the bisexual woman manifests as much among men as among lesbians. In both, this perception is crossed by prejudices. *Bisexuals, because they are attracted to both genders, are more likely to betray their partner, to transmit HIV. All this makes people not feel attracted to us. It's something that happens a lot among girls because of this insecurity. And from guys, they are more into the fetish. I'm dating a bisexual to be able to have a threesome.* (B1)

Because they are seen as promiscuous by men and lesbians, they are often sought only for sporadic, uncompromising sexual intercourse. She is seen as an insatiable person, unable to maintain stable relationships. *Because there's even the process in which lesbian women use us, because we're just supposed to be fucked. And it turns out they do the same thing as men. So I've never had a serious relationship. And for a long time, I did want one.* (B2) Consequently, the complaint of loneliness was present in the statements of the bisexual participants. *Not because I was damaged for being bisexual, but society damaged me so that that I was marginalized.* (B2)

The bisexual subject's loneliness is a stress factor, which is also related to the higher prevalence of suicidal behavior in this population (Mereish et al., 2017). In a study comparing the mental health of bisexual and lesbian women, it was pointed out that the psychic fragility of bisexuals is more intense (Colledge et al., 2015). According to the investigation, bisexuals are more likely to present self-injurious behaviors and self-extermination attempts.

A lesbian is usually seen as a woman who has not yet met a man, based on the idea of the penis, which has made her change her mind about the expression of her desire. Bisexual women, in this sense, are seen as more subversive. It is not about being inexperienced, but an outlet for their desire. *Yes, I think there is a question of sexual violence. And I think bisexual women are more abused. And I fall into this statistic. Because it's something that destroys your mental health. And it's not like you're back to being what you were, because you don't go back. And there are vari-*

ous situations of abuse. I've never been raped, but there are various situations of abuse. Of people touching my genitalia without my authorization. (B2)

Among the reasons listed for psychic suffering in sexual dissents is the incomprehension of others, especially among bisexuals. *It's very difficult. For example, my family doesn't get it. My mother accepts it. She doesn't have any problem with it. But for my dad, I'm a lesbian. (B3)* In this sense, entering the university environment was described as a protective factor for them. *Then I went into college and the world opened up wonderfully. Because I went to college, my range of friends was already totally different, with different ideas, black people, bisexual people. From there I began to create bonds of friendship, I started participating in the campus politics movement. (L2)* For B1 and B3, it was in these spaces that bisexuality itself could be recognized and lived. *I learned about the bisexuality agenda and I found my place in the world like that. So that's what I am and it's okay to be bisexual. Then, from the moment I discovered that I could be drawn to two genders and not have to choose to either be a lesbian or straight, things have been improving in my life. (B1)* *There's an LGBT feminist collective there. And then I met many people who had been through various problems similar to mine in relationships. (B3)*

The identification with similar stories not only suppresses the belief of solitary life experience but also opens the space to find ways of self-care in the dialogues shared in the collectives. Moreover, the possibility of expressing affection in the university environment has also shown to be a protective factor for mental health. *Here is a place where I can be who I am. In my house, there is my mother who will be judging me. Not here. Here I can be who I am. If someone judges me, it will not have anything to do with my life. It's just some random person. Here I can show affection. I can be freer. (L3)*

Final Considerations

In the present research, it was possible to approach the suicidal behavior of women through a perspective that is not restricted to the presentation of epidemiological data, which tend to associate this phenomenon with the suffering of men. Through the sharing of narratives, it was possible to show how ideations, planning and suicide attempts compose the repertoire of actions of women who, in moments of fragility and despair, are led to self-destructive paths.

Through the categories presented, it was possible to evidence the impact of gender violence on women's mental health. From an early age, the signs of femininity, which propel them toward subservience and renunciation fates, have

an impact on the psychic constitution of women, especially in societies structured by sexism. Therefore, those who do not conform to the dictates of patriarchy tend to deal with all the social mechanisms of reparation of the behaviors considered as deviant.

In addition, it's possible to observe, from the experience of the nine participants, the necessity of increasing the frequency of the debates on the psychic suffering due to sickening masculinities. If the representation of man is marked by the violence and subjugation of their partners, family members and acquaintances, they need to find other ways of identity reaffirmation which are not based on misogyny and the exploitation of women. For this, they will have to give up their privileges, something so costly for a group that has been historically in positions of power.

As an analytical tool, the love dispositif was identified in the configuration of categories belonging to the three sexual orientations investigated. Although the expressiveness in each of them was different, it was possible to verify, as already pointed out in previous research, that the dispositif of sexuality does not necessarily subvert the gender dispositif (Baére & Zanello, 2020; Zanello, 2018).

References

- Almeida, J.; Johnson, R. M.; Corliss, H. L.; Molnar, B. E.; Azrael, D. (2009). Emotional distress among LGBT youth: The influence of perceived discrimination based on sexual orientation. *Journal of youth and adolescence*, 38(7), 1001-1014. <https://doi.org/10.1007/s10964-009-9397-9>
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baére, E.; Zanello, V. (2020). O envelhecimento de lésbicas e gays: a longevidade dos dispositivos de gênero. In: Araújo, L. F. de; Silva, H. S. da (org.). *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais*, cap. 7. Campinas: Alínea.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Botega, J. N. (2015). *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed.
- Brasil (2017). Suicídio: saber, agir e prevenir. *Boletim epidemiológico*, 48(30). Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde.
- Butler, J. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Canetto, S. S. (2008). Women and suicidal behavior: a cultural analysis. *American Journal of Orthopsychiatry*, 78(2), 259.
- Cecchetto, F. R. (2004). *Violência e estilos de masculinidades*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

- Colledge, L.; Hickson, F.; Reid, D.; Weatherburn, P. (2015). Poorer mental health in UK bisexual women than lesbians: evidence from the UK 2007 Stonewall Women's Health Survey. *Journal of Public Health*, 37(3), 427-437. <https://doi.org/10.1093/pubmed/fdu105>
- Del Priore, M. (2000). *Corpo a corpo com a mulher: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC.
- Garcia, L. P. (2016). A magnitude invisível da violência contra a mulher. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25(3), 451-454. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222016000300451
- Jaworski, K. (2010). The gender-ing of suicide. *Australian Feminist Studies*, 25(63), 47-61. <https://doi.org/10.1080/08164640903499752>
- Mereish, E. H.; Katz-Wise, S. L.; Woulfe, J. (2017). Bisexual-specific minority stressors, psychological distress, and suicidality in bisexual individuals: The mediating role of loneliness. *Prevention science*, 18(6), 716-725. <https://doi.org/10.1007/s11121-017-0804-2>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, 14ª ed. São Paulo: Hucitec.
- OMS – Organización Mundial de la Salud (2014). *Prevención del suicidio: un imperativo global*. Washington, DC: Organización Panamericana de la Salud. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/136083>
- Peres, M. C. C.; Soares, S. F.; Dias, M. C. (2018). *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017*. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados. <https://dossies.agenciapatriagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, 9(2), 460-482. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>
- Zanello, V. (2014a). A saúde mental sob o viés de gênero: uma leitura gendrada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação diagnóstica. In: Zanello, V.; Andrade, A. P. M. (ed.). *Saúde mental e gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade*, p. 41-58. Curitiba: Appris.
- Zanello, V. (2014b). Mental health, women and conjugality. *Labrys, Estudos Feministas*, (26). <https://www.labrys.net.br/labrys26/psy/valeska.htm>
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.
- Zanello, V.; Andrade, A. P. M. (2014). *Saúde mental e gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade*. Curitiba: Appris.
- Zanello, V.; Costa e Silva, R. M. (2012). Saúde mental, gênero e violência estrutural. *Revista bioética*, 20(2), 267-279.

Recebido em 26 de setembro de 2018

Aceito para publicação em 08 de outubro de 2019

SEÇÃO LIVRE

Psicoterapia de abordagem gestáltica:
um olhar reflexivo para o modelo terapêutico

O estruturalismo e algumas de suas vicissitudes: política e sujeito

PSICOTERAPIA DE ABORDAGEM GESTÁLTICA: UM OLHAR REFLEXIVO PARA O MODELO TERAPÊUTICO

*GESTALT PSYCHOTHERAPY: A REFLECTIVE
LOOK AT THE THERAPEUTIC MODEL*

*PSICOTERAPIA DE ENFOQUE GESTÁLTICA: UNA MIRADA
REFLEXIVA HACIA EL MODELO TERAPÉUTICO*

Manoel Antônio dos Santos⁽¹⁾
Patrícia Francielly Araújo Lara Silva⁽²⁾
Lucila Castanheira Nascimento⁽³⁾
Marciana Gonçalves Farinha⁽⁴⁾

RESUMO

Tendo em vista a relevância da Gestalt-Terapia (GT) para o cenário atual da Psicologia, este estudo apresenta reflexões teóricas sobre os fundamentos filosóficos e teórico-epistemológicos que sustentam essa abordagem. Por meio de breve retrospectiva histórica, a pesquisa localiza o surgimento da abordagem em um cenário então dominado pelas perspectivas psicanalítica e comportamental. A seguir, são abordados os fundamentos teórico-epistemológicos que sustentam e norteiam as intervenções da GT. Em seguida, discorre-se conceitualmente sobre o modelo terapêutico da GT, concentrando-se na análise de conceitos como aqui-agora, 'awareness' e fronteiras de contato. A última parte é dedicada à consideração de apontamentos críticos e identificação de limitações da GT. A partir das reflexões desenvolvidas, entende-se que a intervenção terapêutica em GT privilegia a experiência presente e tem por objetivo restaurar o contato, utilizando para

⁽¹⁾ Psicólogo, Mestre, Doutor e Livre-Docente pela Universidade de São Paulo (USP); Professor Titular da Universidade de São Paulo (USP), Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil. email: masantos@ffclrp.usp.br

⁽²⁾ Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), MG, Brasil. email: triccia.araujo@gmail.com

⁽³⁾ Livre-Docente pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), com Pós-doutorado pela University of Alberta, Edmonton, Canada; Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil. email: lucila@eerp.usp.br

⁽⁴⁾ Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (USP); Docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), MG, Brasil. email: marciana@ufu.br

Os autores agradecem o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

tanto a relação dialógica. Na abordagem gestáltica, o indivíduo é considerado um ser provisório que está em permanente construção, a partir das relações que estabelece. Essas relações acompanham o movimento de inacabamento, inerente à condição do homem, e a eterna reconstrução que caracteriza o devir humano. Ao final, demonstra-se que a GT reúne um acervo que contribui de modo significativo não apenas para a clínica psicoterápica, como também para o avanço do saber psicológico.

Palavras-chave: Gestalt terapia; psicoterapia; processos psicoterapêuticos; psicologia e filosofia; contato.

ABSTRACT

Given the relevance of Gestalt-Therapy (GT) to the current scenario of Psychology, this study presents some theoretical reflections on the philosophical and theoretical-epistemological foundations that support this approach. Through a brief historical retrospective, the study locates the emergence of the approach in a scenario then dominated by the psychoanalytic and behavioral perspectives. Next, the theoretical-epistemological foundations that support and guide GT interventions are addressed. Conceptual discourse is then discussed about the therapeutic model of GT, focusing on the analysis of concepts such as here-now, awareness, and contact boundaries. The last part is devoted to the consideration of critical notes and limitations of GT. From the reflections developed, it is understood that the therapeutic intervention in GT privileges the present experience and its function is to restore the contact, using to that end the dialogical relation. In the Gestalt approach, the individual is considered a provisional being, which is under permanent construction, based on the relationships established. These relations accompany the movement of unfinishedness, inherent to the human condition, and the eternal reconstruction that characterizes becoming human. Finally, it is shown that the GT brings together a collection that contributes significantly not only to the psychotherapeutic clinic, but also to the advancement of psychological knowledge.

Keywords: Gestalt therapy; psychotherapy; psychotherapeutic processes; psychology and philosophy; contact.

RESUMEN

En vista de la relevancia de la Gestalt-Terapia (GT) para el escenario actual de la Psicología, este estudio presenta algunas reflexiones teóricas sobre los

fundamentos filosóficos, teóricos y epistemológicos que sostienen ese abordaje. Por medio de una breve retrospectiva histórica, el estudio localiza el surgimiento del abordaje en un escenario entonces dominado por las perspectivas psicoanalítica y conductual. Así, se abordan los fundamentos teórico-epistemológicos que sostienen y orientan las intervenciones de la GT. En seguida se discurre conceptualmente sobre el modelo terapéutico de la GT, concentrándose en el análisis de conceptos como aquí-ahora, 'awareness' y fronteras de contacto. La última parte está dedicada a la consideración de apuntes críticos y limitaciones de la GT. A partir de las reflexiones desarrolladas se entiende que la intervención terapéutica en GT privilegia el experiencia presente y tiene por función restaurar el contacto, utilizando, para tanto, la relación dialógica. En el abordaje gestáltico el individuo es considerado un ser provisional, que está en permanente construcción, a partir de las relaciones que establece. Estas relaciones acompañan el movimiento de inacabamiento, que es inherente a la condición del hombre, y la eterna reconstrucción que caracteriza al devenir humano. Al final, se demuestra que la GT reúne un acervo que contribuye de modo significativo no sólo a la clínica psicoterápica, sino también al avance del saber psicológico.

Palabras clave: terapia de Gestalt; psicoterapia; procesos psicoterapéuticos; psicología y filosofía; contacto.

Introdução

Este estudo pretende apresentar reflexões sobre os principais fundamentos filosóficos e teórico-epistemológicos da Gestalt-Terapia (GT), bem como delinear um breve panorama histórico de suas origens, em um cenário então dominado pelas abordagens psicanalítica e comportamental. De acordo com Cardoso (1999), a GT surgiu de uma discordância capitaneada por Frederick (Fritz) S. Perls (1893-1970) em relação a alguns postulados básicos da Psicanálise. Porém, é preciso examinar com cuidado as circunstâncias históricas, os fundamentos epistemológicos e as influências teóricas e filosóficas que levaram à criação da GT por Perls e seus outros precursores.

A abordagem gestáltica (e, dentro dela, a GT) tem um vasto campo de sustentação teórica, enraizada em postulados filosóficos (Ribeiro, 2006). Preliminarmente, é preciso reconhecer a colaboração de autores considerados fundadores da abordagem, que historicamente contribuíram para sistematizar e impulsionar a GT em seus primórdios. O Grupo dos Sete era constituído por Isadore From, Paul Goodman, Paul Weisz, Sylvester Eastman, Elliot Shapiro,

Laura Perls e Fritz Perls. Em especial, deve ser creditada a contribuição destacada de Laura Perls, psiquiatra e neurologista, além de professora e psicoterapeuta, que havia estudado os existencialistas (especialmente Kierkegaard e Heidegger) e os fenomenólogos (Husserl e Scheler). Laura (nascida Lore Posner) havia trabalhado com Paul Tillich e foi aluna de Wertheimer, um dos expoentes da psicologia da Gestalt, com quem se tornou íntima das ideias da doutrina conhecida como psicologia da forma. Ela também havia trabalhado com o neurologista alemão Kurt Goldstein, pai da Teoria Organísmica. Foi nesse contexto que conheceu Fritz Perls, no período em que ambos viviam na Alemanha antes de emigrarem em razão da perseguição aos judeus pelo nazismo (Frazão, 2013). Perls, na época em que exerceu a função de médico-assistente de Goldstein, foi profundamente influenciado por sua teoria sobre o processo de readaptação de soldados que haviam sofrido lesão cerebral durante a segunda guerra mundial (Lima, 2009). As observações de Goldstein evidenciaram que, embora o dano fosse circunscrito a uma área cerebral específica, ocorria uma reorganização geral do comportamento do indivíduo lesionado (Frazão, 2013).

O ano de 1951 é considerado o marco histórico do surgimento da GT, com a publicação da obra *Gestalt-therapy: Excitement and growth in the human personality* (Perls et al., 1951). Esse livro inaugural é fruto de rascunhos de um manuscrito que Perls trouxe de sua viagem à África e de anotações dos debates ocorridos com a colaboração dos demais precursores que compunham, junto com ele, o Grupo dos Sete, que se reuniam no apartamento de Laura e Perls em Nova York (Frazão, 2013).

Perls tinha formação médica, como a maioria dos pioneiros da psicoterapia. Formou-se em medicina em 1920 e recebeu sua formação psicanalítica até 1932, transitando entre as cidades de Frankfurt, Viena e Berlim. Em 1928 foi analisado por Wilhelm Reich, de quem assimilaria seus ensinamentos sobre *couraçã caracterológica* e tomaria emprestado o termo “terapia da concentração”, que chegou a ser cogitado pelo Grupo dos Sete para nomear a GT (Frazão, 2013). Goodman também havia sido influenciado pelas ideias de Reich, tendo contato com seu pensamento por intermédio de seu terapeuta Alexandre Lowen, discípulo de Reich. Perls emigrou para os Estados Unidos da América (EUA) em 1946, onde se dedicaria à prática clínica e a divulgar a GT até o final de sua prolífica vida, tendo falecido em 1970.

Segundo Nascimento e Ribeiro (2017), em 1952 foi fundado o primeiro instituto de GT nos Estados Unidos. A partir desse marco inaugural, a GT e a abordagem gestáltica se difundiram em diversos países, incluindo o Brasil (Holanda, 2009; W. F. R. Ribeiro, 2007). Logo nos seus primórdios a GT

conquistou projeção e ganhou visibilidade nos EUA, com os *workshops* coordenados por Perls, que alcançaram grande repercussão. Mas a consistência dos fundamentos teórico-epistemológicos e a difusão sistemática da teoria só se tornaram possíveis com o extraordinário impulso proporcionado pela criação dos institutos e associações.

Para conhecer os primórdios da abordagem gestáltica é imprescindível se debruçar sobre o primeiro livro de Perls (1942/2002). Intitulado *Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*, essa obra foi escrita em um período de transição e virada teórico-epistemológica do autor, quando ele já não se identificava com a Psicanálise e questionava abertamente várias das concepções psicanalíticas vigentes na época. Esse movimento de vigorosa contestação doutrinária teve início bem antes da criação da GT. O referido livro reúne uma variedade de estudos elaborados em diferentes momentos e permite conhecer as convergências e divergências fundamentais do autor em relação à psicanálise e seu método terapêutico.

Uma das críticas mais incisivas de Perls à Psicanálise põe em relevo a excessiva ênfase do método psicanalítico clássico à esfera do intelecto. Na perspectiva do autor, esse foco em conteúdos intelectuais deixava em segundo plano, ainda que não negligenciasse, a dimensão afetivo-emocional do cliente. Para Perls (1942/2002), era fundamental que o terapeuta levasse o cliente a usar mais de suas capacidades sensoriais e afetivas, e menos de suas faculdades racionais, para que pudesse viver integralmente suas sensações, emoções e pensamentos, sem censuras e cesuras. Nesse sentido, Perls se colocou totalmente alinhado a uma postura existencial-experiencial e imprimiu esse caráter fortemente vivencial ao método terapêutico que viria a desenvolver. No entanto, a princípio, ele se preocupou mais em difundir o método que criara de forma prática, ministrando regularmente *workshops* e seminários, vindo a desenvolver tardiamente os fundamentos teóricos da GT apenas no final da década de 1960, portanto, em seus últimos anos de vida.

O vocábulo *gestalt*, de origem alemã, significa forma ou configuração, ou ainda “um modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição” (Perls, 1988, p. 19). Dessa maneira, *gestalt* corresponde a uma forma, uma integração de partes, uma totalidade indivisível. Já a palavra *terapia* tem origem no vocábulo grego *therapeia*, que significa ato de curar ou reestabelecer-se. Esse termo, por sua vez, remonta ao verbo grego *therapeuein*, que significa “curar” ou “realizar tratamento médico”.

Por conseguinte, na perspectiva da GT entende-se que o cliente se submete a um processo sistemático de “cura”. Em síntese, é um modelo de psicoterapia

que enfatiza o tratamento do indivíduo como um todo e que tem como foco a percepção sensitiva da experiência presente (Perls, 1977). Já no subtítulo da obra inaugural da GT – *Excitement and growth in the human personality* (Perls et al., 1951), nota-se que a preocupação de Perls não era apenas com a “cura”, mas sim com o desenvolvimento e crescimento do ser humano, o que inclui a totalidade de suas potencialidades (Frazão, 2013).

É preciso entender o que significa “crescimento” para as abordagens existenciais. Sabemos que “a terapia é um processo de mudança da *awareness* e do comportamento. O *sine qua non* do processo criativo é a mudança: a conversão de uma forma em outra” [...] “a responsabilidade essencial do terapeuta em relação ao cliente é criar um terreno experimental em que ele procede a uma ativa investigação de si mesmo como um organismo vivo” (Zinker, 2007, p. 17). Portanto, por “cura” entende-se o processo de desenvolvimento e crescimento do cliente.

O encontro entre o terapeuta e seu cliente é capaz de ativar poderosas forças restauradoras, que mobilizam a remoção dos processos obstrutivos do *contato*, corrigindo a interferência das barreiras e impedimentos emocionais que obstaculizam o crescimento do indivíduo. Fazer *contato*, na abordagem gestáltica, “tem que ver com relacionar-se, com encontrar-se consigo mesmo e com o outro, sem nunca perder a perspectiva de que tudo ocorre no mundo. (...) é olhar para dentro e se reconhecer como sendo si mesmo” (Ribeiro, 2006, p. 91). A pessoa está necessariamente sempre em contato, embora este ocorra “em diferentes níveis: do sentir, do pensar, do fazer, do falar” (p. 91). Por essa razão tem-se o pré-contato, contato, contato pleno e pós-contato, a depender do nível de aproximação. A essência do contato é estar em contato consigo mesmo. Por outro lado, a intensidade e duração do contato dependerão do sentido que o indivíduo dá à realidade fora dele próprio.

Segundo Ribeiro (2006), “o contato com o passado e com o futuro acontece em determinado espaço e tempo” (p. 91). Para estar inteira no contato, a pessoa precisa ter consciência de ter intuído a totalidade de sua relação com um determinado campo e em um determinado momento. “O contato, portanto, é aqui e agora” (p. 91). O processo de crescer em psicoterapia diz respeito a caminhar cada vez mais na direção daquilo que a pessoa realmente é, ampliando seu senso de congruência interna e fortalecendo a identidade com base na autenticidade. Segundo Beisser (1975), a mudança acontece quando o indivíduo se torna o que ele é, não quando tenta se converter no que não é. A compreensão do processo terapêutico, na perspectiva da abordagem gestáltica, requer uma visão de campo, que norteia a compreensão da mudança em psicoterapia. O campo é o solo ne-

cessário para se abordar uma transformação que não é apenas psíquica, mas que incide sobre a totalidade do ser.

A GT sofreu a influência direta da noção de campo (Teoria de Campo) de Kurt Lewin. Isso implica conceber a psicoterapia como um campo de forças. A relação terapêutica, experienciada como campo, é orientada para “a realidade das coisas existentes, o mundo, o corpo” (Ribeiro, 2007a, p. 76). Ali são ativados os processos psicológicos por meio dos quais a psicoterapia se mantém como um campo constante de força e de energia de mudança. Toda a realidade acontece em um dado campo e em dado momento, como afirma Ribeiro (2007a), “nada acontece antes ou depois, pois o que está acontecendo é o que devia estar acontecendo, tanto que está acontecendo” (p. 76). “A questão é saber como o campo se organiza se conservando e, ao mesmo tempo, se transformando. O contato é a força permanente do crescimento e a consciência emocionada é o veio que garante e produz mudanças” (p. 77).

Fundamentos teórico-epistemológicos da GT

Evidentemente, não se pretende abarcar o conjunto das contribuições teóricas e filosóficas da GT, mas tão somente articular alguns de seus fundamentos com a prática. Yontef (1993, 1993/1998) define a GT por meio de três princípios complementares: (1) é um método terapêutico que tem fundamento fenomenológico, sendo que seu objetivo e metodologia confluem para a *awareness*; (2) também tem por fundamento o existencialismo dialógico; (3) sua visão de mundo é sustentada no holismo e na teoria de campo. A visão holística preconiza que qualquer parte só é compreendida a partir do todo. O todo tem uma unidade orgânica, sendo muito mais do que a simples soma das partes. Desse modo, o fundamento central da sólida base conceitual e epistemológica da GT é a consideração da interação, da integração e da totalidade.

A fundamentação filosófica da GT está baseada em três pilares centrais: o Humanismo, a Fenomenologia e o Existencialismo. Isso significa que a abordagem gestáltica está comprometida com uma visão de ser humano e de mundo, o que assegura maior consistência epistemológica para a abordagem (Ribeiro, 2006). Outras teorias fundamentais que influenciaram a GT foram: Psicologia da Gestalt, Teoria de Campo e Teoria Organísmica. Também podem ser consideradas fontes de inspiração a psicanálise, o pensamento reichiano e o Zen Budismo.

(1) No que diz respeito ao Humanismo, Cardoso (1999) aponta que é uma teoria que elege como questão central o homem, ou seja, é uma forma de

compreender o ser humano como ser único em sua totalidade, tendo como proposta principal favorecer condições propiciadoras do crescimento do indivíduo, a partir daquilo que ele tem de positivo, de qualidades e criatividade, enfim, do que cada pessoa possui de potencial de vida. Assim, a GT se apropria do Humanismo no que concerne à valorização do ser humano, levando-o a experimentar todas as suas potencialidades e limites, na busca por crescimento existencial (Holanda, 1998b). Outra dimensão importante é a ênfase dialógica, que imprime protagonismo ao encontro entre o “eu” e o “outro”. Isso aparece, claramente, no conceito de “fronteira de contato” extraído da teoria da Gestalt, que é o espaço no qual os indivíduos se encontram e interagem, implicando sempre uma relação (Perls et al., 1998).

Contato, na perspectiva da GT, se refere ao fato de que o ser humano é compreendido como inerentemente relacional, singular, corporificado, concreto e criativo, aberto a infinitas potencialidades e sempre em movimento, em eterna construção a partir das interações que estabelece com o meio. O indivíduo se caracteriza como ser de relação, que se constitui “entre”, em um espaço vincular compartilhado com outros seres, sendo o vínculo terapêutico uma dessas relações.

Essa concepção relacional reverbera em um dos construtos cruciais da abordagem gestáltica: o contato, um dos mais importantes elementos teóricos e práticos da GT. O contato é considerado como a forma pela qual a vida acontece e se expressa. É pelo contato com o outro que o ser humano se percebe como existente e como estando presente nas relações intra e interpessoais (Ribeiro, 2007c, p. 11). Por isso, a “Gestalt-terapia tem sido definida como Terapia do Contato” (Ribeiro, 2007b, p. 135). Como fenômeno, o contato é o que possibilita o encontro, sendo por esse motivo um ingrediente essencial da relação terapêutica (Ribeiro, 2007a). É por meio do encontro que acontece e se funda a relação psicoterapêutica, na qual tanto o cliente como o psicoterapeuta são modificados.

Considerado como unidade processual, “o contato não é fruto do acaso, mas de uma intencionalidade que dirige o encontro entre os diversos seres do e no universo, o contato é a alma que dita e dirige todos os passos evolutivos de nossa caminhada” (Ribeiro, 2007b, p. 135). Na terapia ancorada no encontro entre psicoterapeuta e cliente desvendam-se outras formas de ser e estar no mundo. A relação psicoterapêutica, centrada no contato, é propiciadora de mudanças e desenvolvimento pessoal. Por meio dela o cliente pode descobrir novos caminhos de crescimento.

Perls et al. (1998) dividem o ciclo de contato em quatro fases: pré-contato, fase na qual a sensação corporal torna-se figura; contato (nessa fase o que se destaca é a ação do organismo no ambiente); contato final (na qual ocorrem as trocas

devido à flexibilização ou perda temporária da fronteira de contato) e pós-contato (quando ocorre a assimilação do novo, que gera crescimento). O contato “inclui a experiência consciente do aqui-agora, envolve uma sensação clara de estar em, de estar com, de estar para e cria algo diferente do sujeito e do objeto (pessoa ou coisa) com a qual está em relação” (Ribeiro, 2006, p. 93).

Ao contrário do senso comum, aqui-agora em GT é um campo temporal, é o vivido; diz respeito ao fluxo de experiência vivido no presente. São as figuras que emergem no presente de um fundo indiferenciado, formado tanto por memórias difusas de experiências do passado como pelas expectativas com relação ao futuro.

Segundo Mesquita (2011), o contato ocorre no limite denominado fronteira de contato. Essa fronteira une e ao mesmo tempo separa. Como uma membrana semipermeável, tanto pode favorecer como dificultar – ou até mesmo impedir – o contato. O processo de interação entre organismo e meio não pode prescindir de uma fronteira de contato que o indivíduo estabelece dialeticamente com o ambiente com o qual se mantém conectado em uma relação de reciprocidade (Perls et al., 1998). Sujeito e mundo estão longe de serem instâncias distintas e cindidas, tendo em vista que estão em permanente movimento e constante processo de determinação recíproca acerca de suas necessidades. Por conseguinte, o contato pode ser definido como o processo (e impulso) mais primitivo do ser humano em sua relação com o mundo e, como tal, está situado aquém da relação dialógica e é até mesmo anterior ao estabelecimento das relações objetais (Mesquita, 2011).

Segundo Perls et al. (1998), a experiência é, em essência, contato, isto é, tem estreita relação com o funcionamento da fronteira móvel e porosa entre organismo e ambiente, que permite calibrar o ajustamento. Contato saudável com o mundo é o que mantém o sujeito consciente na situação presente, é a *awareness* que possibilita fortalecer seu senso de estar vivo e existir – em outras palavras, a autopercepção. Esta, por sua vez, é o que leva à vivência autêntica. No vocabulário da GT, o termo *awareness* ganha um sentido próprio. Alvim (2014) propõe compreender o conceito como “saber da experiência”. O sujeito está presente e se mantém alerta, consciente de si mesmo e de suas possibilidades e limites (Mesquita, 2011). Para Ribeiro (2006), “a *awareness*, ou o dar-se conta pleno, é uma forma integrada e totalizante do resultado das variáveis presentes em dado campo e apreendidas pela consciência” (p. 91).

Uma atenção especial é dedicada às possíveis perturbações existentes na fronteira de contato entre paciente e terapeuta. É no âmbito das relações que se constituem os contatos tidos como disfuncionais ou não saudáveis, bem como a

ressignificação dessas interrupções de contato. Assim, a psicoterapia busca disponibilizar ao cliente a retomada da fluidez de contato, promovendo a emergência de contatos saudáveis e a ampliação de sua *awareness*. Quanto mais o psicoterapeuta consegue estar junto e disponível, mais o cliente é capaz de ficar *aware* de seus processos, mobilizar seus próprios recursos, descobrir suas capacidades e desenvolver suas potencialidades em sua plenitude. E quanto mais o cliente se sente reconhecido em sua singularidade, mais fortalecido se sentirá para enfrentar suas vulnerabilidades e mais ele se sentirá acolhido e confiante para a entrega. As novas formas de estabelecer contato proporcionam à pessoa a experiência de assinar e ser autora de sua existência, reconhecendo-se capaz de estabelecer escolhas satisfatórias para si e de se responsabilizar pelas opções que fez, em vez de considerá-las como incontornáveis desígnios do destino.

(2) Em relação à Fenomenologia, Rehfeld (2013) afirma que a GT busca a suspensão do pré-dado, isto é, daquilo que é da ordem do senso comum e que é, portanto, dado *a priori*, para tentar descobrir o novo, desvelar uma nova compreensão sobre as coisas. Esse aprendizado provém da atitude fenomenológica, que, ao contrário da atitude natural, preconiza a *epoché*, que por sua vez implica a suspensão em relação à posição de existência do mundo, de fundamental importância para promover o desenvolvimento de atitudes e posturas terapêuticas. Dessa forma, na intervenção operada pelo gestalt-terapeuta, compreender passa a ser mais importante do que interpretar. Assim, psicoterapeuta e cliente passam a caminhar juntos, rumo àquilo que é novo e desconhecido para ambos. Assim, terapeuta e cliente se constituem mutuamente como dois parceiros de caminhada, que participam de forma colaborativa do processo de “cura”, marcado pela experiência relacional e por uma atitude autêntica, afetuosa e respeitosa. Estar aberto para o novo significa abrir outras possibilidades de criar significações e sentido no decorrer do processo terapêutico. A consciência em fluxo – ou, como é chamada na GT, a *awareness* – é um conceito primário nessa abordagem e um dos construtos mais importantes do seu arcabouço teórico (Yontef, 1993, 1993/1998), como será tratado mais detalhadamente no decorrer deste estudo.

(3) No que concerne ao Existencialismo, Cardoso (2013) argumenta que a GT herdou dessa corrente filosófica notadamente a preocupação em compreender a existência humana e em perceber o homem como um ser livre e responsável por construir sua própria existência, ou seja, ele é livre para escolher sua essência continuamente. Além disso, o ser humano é um ser aberto para o mundo, condenado à liberdade, mas ele é, acima de tudo, possibilidades. No entanto, essa liberdade radical acarreta, para o homem, o que os existencialistas denominaram de angústia, que é um sentimento irrevogável, gerado por essa condição de ser

lançado no mundo sem qualquer garantia ou salvaguarda. Nesse sentido, a GT é existencialista, porque busca auxiliar a pessoa a ampliar sua consciência de si mesma no mundo, capacitando-a a fazer escolhas mais autênticas. Do existencialismo heideggeriano a GT importa, ainda, o conceito de *Dasein*, que pode ser compreendido como uma percepção do homem enquanto ser de possibilidades, sempre em contato com o que lhe é significativo e com aquilo que constitui a sua essência. A perda do sentido da vida seria, então, uma queda no vazio existencial, outro conceito muito difundido na GT (Perls, 1977; Perls et al., 1998).

Cardoso (2013) aponta que a GT também se apropriou do conceito de cuidar, que é próprio do quadro teórico do Existencialismo. O gestalt-terapeuta persegue uma forma de cuidar que seja autêntica, que é aquela na qual há o reconhecimento do outro na sua singularidade, buscando-se “estar com” o cliente, olhando-o e acolhendo-o por inteiro, ajudando-o a descobrir suas potencialidades, mas acima de tudo respeitando seu ritmo e suas fragilidades. Esse cuidar equivale a inspirar no outro a confiança vital de que ele necessita para reconhecer em si o seu próprio valor e sua capacidade singular para realizar seu potencial.

Há, entretanto, outras bases filosóficas importantes para a fundamentação da GT, tais como a Teoria de Campo, a Teoria Organísmica e a filosofia oriental (Holanda, 2005). Com relação à Teoria de Campo, também conhecida como “espaço vital psicológico”, Rodrigues (2013) esclarece que suas formulações consideram a totalidade de fatos que determinam o comportamento do sujeito em um determinado momento. Essa totalidade é composta pela pessoa em si e seu ambiente. Temos, então, uma dinâmica de forças do meio interno e externo, que se influenciam mutuamente e, juntas, configuram um todo unificado e interativo. O que vai influenciar a GT, dentre os vários aspectos que constituem a Teoria de Campo de Kurt Lewin, é o fato de que todo campo se organiza em função do que ocorre nele e tudo tem um sentido que deve ser compreendido nessa interação (Perls et al., 1998; Rodrigues, 2013). Além disso, Rodrigues (2013) aponta que tudo o que afeta o campo está no presente, no aqui-agora, mesmo que seja um fato passado ou um pensamento futuro.

Segundo Rodrigues (2013), Perls não estava satisfeito com a transposição da teoria de campo de Kurt Lewin e mais de uma vez manifestou seu desejo de criar uma teoria de campo própria para a GT. Atualmente, as novas concepções de campo oferecem uma melhor sustentação para a abordagem do que a teoria proposta por Lewin, que permanece um autor importante do ponto de vista histórico. Desde então a concepção de campo da Gestalt se desenvolveu e se sofisticou, assim como as teorias de campo evoluíram, gerando contribuições variadas para a GT.

A concepção de campo está na base de toda a teoria e prática da GT. Yontef (1993, 1993/1998) concebe o campo como uma totalidade composta por uma teia de vínculos, relacionamentos mútuos, multidimensionais, dinâmicos, organizados e contínuos no espaço e no tempo. A perspectiva de campo da abordagem oferece importante contribuição para o trabalho terapêutico. A psicologia da Gestalt emerge como base da GT, como se verá mais adiante na concepção de figura e fundo (Robine, 2006; Silveira & Peixoto, 2012).

Segundo Frazão (2013), Goodman, um dos mais destacados membros do chamado Grupo dos Sete, reconheceu a influência do psicanalista Otto Rank no pensamento de Perls, por ter sido o primeiro analista a usar a expressão aqui-agora e a perceber sua relevância na psicoterapia. Mas Perls e Goodman ampliaram consideravelmente esse conceito, que se converteu em uma das pedras angulares da abordagem. Assim, aqui-agora, na abordagem gestáltica, diz respeito à experiência individual do momento presente, atual. A GT consiste em um modelo psicoterápico que enfatiza a experiência individual do momento presente (aqui-agora) e seu papel matricial na autorregulação e ajustamento criativo do sujeito ao seu contexto de vida.

A GT também é influenciada pelo conceito reichiano de autorregulação orgânica, articulada à noção de ajustamento criativo (Frazão, 2013). Esse princípio ofereceu um solo fértil para o desenvolvimento da GT, que pensa o ser humano como um sistema complexo que se atualiza na permanente interação que se estabelece entre suas partes constitutivas e seu contexto de vida, estando, portanto, em constante e inevitável transformação. Autorregulação é definida, no contexto da GT, como um processo que, quando se estabelece de maneira harmônica, leva a pessoa a viver a experiência de permanentes mudanças no seu viver (Lima, 2013). A função da psicoterapia é justamente auxiliar o cliente a perceber como e para que ele interrompe seu fluxo autorregulativo.

O gestalt-terapeuta se empenha em fornecer subsídios facilitadores para que a pessoa busque modos criativos de agir, ou seja, que encontre respostas inovadoras para as diversas situações da vida com as quais ela inevitavelmente se defronta no transcurso de seu processo de desenvolvimento e crescimento pessoal (Lima, 2009). Para que isso funcione a contento, a GT exige envolvimento e engajamento da dupla terapeuta-paciente. A efetividade da postura acolhedora do terapeuta depende de sua capacidade de ser tocado, sensibilizado e mobilizado nesse processo.

Em relação à Teoria Organísmica, a GT deve muito de suas concepções a essa doutrina, principalmente porque parte da percepção do ser humano em sua totalidade, ou seja, como algo que transcende, indo muito além da mera soma de

suas partes constitutivas. O ser humano é um todo em si, inserido em um dado contexto e horizonte histórico; portanto, é preciso enxergá-lo assim, como um ser em suas circunstâncias (Lima, 2013; Perls et al., 1998; Rodrigues, 2000). Esse método foi designado como holístico por Goldstein. Desse método e da Teoria Organísmica foi deduzida a lei geral, que afirma que todo organismo tende a se atualizar recorrendo ao princípio da autorregulação (Lima, 2009).

Além dessas influências teóricas, a GT recebeu forte inspiração do pensamento oriental, especialmente do taoísmo e do zen-budismo. Para Veras (2013), essas filosofias orientais propõem uma visão de existência paradoxal e uma ampliação dos conceitos de tempo e espaço, dentro da compreensão do aqui-agora da GT. Dessa maneira, podemos afirmar que a perspectiva da GT visa a promover condições facilitadoras do processo de crescimento, bem como desenvolver todo o potencial humano. Assim, por meio dessa abordagem psicoterápica, o foco se concentra no momento e na experiência presentes, ressaltando as vivências do indivíduo por meio dessa consciência aguçada do aqui-agora (Costa, 2014; Ginger & Ginger, 1995). Um dos objetivos centrais da GT é ampliar a consciência do cliente sobre sua forma de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o mundo à sua volta. Essa ampliação favorece com que ele vislumbre um caminho de maior autonomia e independência, e que se sinta seguro, acreditando que pode contar com seus próprios recursos internos (autossuporte) (Freitas, 2016).

Na perspectiva da abordagem gestáltica, o indivíduo é compreendido como um ser inerentemente relacional, singular e criativo, com aberturas e potencialidades inesgotáveis. É um sujeito que está sempre em movimento, em incessante busca de realizar seu potencial. Portanto, é considerado um ser transitório, em estado provisório, que está em permanente construção, na medida em que se constrói, se desconstrói e se reconstrói continuamente e a cada momento, com base nas relações que estabelece com o meio externo. Essas relações acompanham os movimentos de perene inacabamento e de interminável reconstrução que caracterizam o devir humano em sua busca de realização.

Modelo terapêutico da GT

O processo psicoterapêutico sempre é mediado por uma determinada visão de homem e de mundo. Desse modo, a prática clínica do terapeuta está fortemente calcada na singularidade do seu olhar. Essa prática é fundamentada pela perspectiva teórica adotada. Como toda teoria que sustenta um método terapêu-

tico, a GT tem sua própria metodologia, que visa a apoiar o terapeuta com todas as ferramentas disponíveis para melhor compreender o cliente, propiciando as mudanças necessárias e o seu fortalecimento, ou seja, seu crescimento enquanto pessoa. Na sequência serão abordados os principais conceitos estruturantes da GT, como: aqui-agora, *awareness*, fronteira de contato, *Self*, maturação, impasse, figura-fundo e autorregulação organísmica.

Na GT o agora pode ser entendido como uma ponte entre a teoria e a prática. Discorrendo sobre a temporalidade, Perls (1977) lembra a importância do *agora*, uma vez que o passado não existe mais e o futuro é um ponto incerto. Assim, o agora passa a ser o ponto de equilíbrio, pois é a própria experiência, o fenômeno em si, a consciência em seu desdobrar-se. Para Polster e Polster (2001), apenas o presente (o *ethos* do agora) existe e qualquer tentativa de se desviar dele poderia nos afastar de uma realidade viva e pulsante. No entanto, esses autores apontam dois paradoxos que podem encobrir a dinâmica do presente: (1) embora exista uma preocupação com o passado e o futuro no funcionamento psicológico do indivíduo, estar preso a um desses polos compromete as possibilidades vitais de ter a experiência do agora, ou seja, a apropriação da existência em si, no tempo e espaço onde ela acontece; (2) o ato de falar sobre alguma coisa sem, com isso, sacrificar a imediaticidade e o valor real da experiência que se está tendo *naquele* momento pode tornar isso um ciclo vicioso para o indivíduo.

D'Acri et al. (2014) chamam a atenção para o termo *aqui e agora*, ressaltando a importância de compreender que esse conceito não pode ser entendido separadamente, isto é, de forma a tornar estanques o aqui e o agora. Dessa forma, na perspectiva da GT, a prática clínica vai se utilizar desse conceito buscando experienciar a situação passada no aqui-agora, pois, como afirma Costa (2014), os fatos passados que têm significância são aqueles que são vivenciados no presente. Por isso, só existe o agora, enquanto fenômeno e estado de consciência. A prática do aqui-agora busca integrar situações não fechadas, chamadas de *gestalt* incompleta, solicitando ao cliente que permaneça focado no que está acontecendo consigo naquele momento, por meio de uma situação ocorrida no passado, o que favorece a *awareness*.

A concepção de *awareness* é central na abordagem da GT e se caracteriza pela consciência de si e a consciência perceptiva. *Awareness* é um termo de difícil tradução. Seu significado literal designa o estado de estar consciente de alguma coisa. Para evitar confusão com a palavra “consciência”, um conceito psicanalítico, os gestalt-terapeutas preferiram manter o termo original em inglês (Frazão, 1995). Em uma tradução aproximada, pode significar presentificação (*tornar-se presente* ou *estar presente*), concentração, conscientização (Costa et al.,

2017). Por essa razão Perls, inicialmente, manifestou o desejo de nomear a GT de *terapia de concentração*.

Awareness pode ser definida como estar em contato pleno com a própria existência, com *aquilo que é* (Costa et al., 2017). Desse modo, equivale a *dar-se conta* ou *estar presente*. Então, por *awareness* compreende-se também a forma singular de cada indivíduo experienciar, ou seja, é a tomada de consciência global no instante presente, com total implicação do *Self* e máximo envolvimento de todas as vias de comunicação com o mundo e consigo mesmo: sensorial, emocional, racional e energética (Yontef, 1993, 1993/1998). Assim, entende-se por *awareness* total o processo de manter-se em contato atento com os eventos mais relevantes do campo constituído pela relação da pessoa com seu ambiente, vivenciando em plenitude o apoio em todos os níveis: sensorio-motor, emocional, cognitivo e energético. “Tudo no universo está em contato, pois é ele a alma que transforma e sintetiza todas as coisas. O contato está no olhar, na fala, no ouvido, no gosto, no movimento. Contato não é toque” (Ribeiro, 2006, p. 92-93). “O contato inclui a experiência consciente do aqui-agora, envolve uma sensação clara de estar em, de estar com, de estar para e cria algo diferente do sujeito e do objeto (pessoa ou coisa) com o qual está em relação” (p. 93).

De acordo com Polster e Polster (2001), o conceito de *awareness* está diretamente relacionado ao aqui-agora do cliente. Estar *aware* significa estar consciente do que se está pensando, sentindo, fazendo, planejando, desejando no momento. É uma forma de abranger e, depois, integrar as sensações e sentimentos do indivíduo, a fim de que ele possa alterar de alguma forma o seu comportamento. *Awareness* é apreensão da ocorrência do mundo dos fenômenos dentro e fora de nós, com todas as possibilidades de captação de nossos sentidos; apreensão que se dá no presente, no aqui-agora (Frazão, 1995). Assim, pode-se dizer que “a *awareness* é um meio contínuo para manter-se atualizado com o próprio eu” (p. 217). Segundo Alvim (2014), remete à “consciência”, diferenciando-se, no entanto, da noção de consciência como representação, reflexão, conhecimento. Assim, na abordagem gestáltica *awareness* assume um sentido próprio, que é o *saber experienciado*. Seria como uma apreensão de totalidades e um estar e manter-se em fina sintonia com o que se passa consigo mesmo. “Mesmo quando lembramos de algo do passado, o *lá-e-então*, o ato de lembrar está se dando no presente. Embora a *awareness* seja sempre presente, o objeto dela pode pertencer a um outro tempo e espaço” (Frazão, 1995, p. 146).

A GT trabalha com o sujeito como um todo, considerado dentro de um contexto específico do qual ele não pode ser jamais abstraído, ou seja, o seu ambiente, valores, costumes, hábitos, crenças, experiências de vida (Frazão & Fuku-

mitsu, 2015). O sujeito é formado pela coordenação de diferentes partes de si mesmo, as quais compõem o todo do organismo. Essa integração dinâmica das partes é o que se chama de tomar consciência de si por si mesmo (Perls, 1977). O psicoterapeuta na abordagem gestáltica almeja promover condições facilitadoras de uma ampliação das perspectivas do indivíduo, acompanhando-o como um anjo protetor em sua jornada única e imprevisível rumo ao crescimento. Quando tomamos consciência de que existe um eu (*Self*) e o outro (ou o mundo), delimitamos o que Perls (1977, 1988) denominou de *fronteira do ego*. Essa fronteira é a margem que delinea o limite de trocas entre o eu e o outro. É a zona liminar onde duas pessoas se encontram. Para o autor, existem dois fenômenos da fronteira do ego: (1) *identificação*: que são pessoas, coisas ou situações com as quais o indivíduo se identifica ao longo de seu processo de desenvolvimento, e os quais deseja preservar; (2) *alienação*: que são pessoas, coisas ou situações com as quais o sujeito não se identifica e, portanto, gostaria de excluir de sua vida.

Self é um conceito complexo na abordagem gestáltica. Entende-se por *Self* “uma estrutura cujo processo pretende revelar o íntimo funcionamento da personalidade ou da pessoa. É também um processo na e da pessoa, que indica um jeito peculiar e restrito de funcionar da personalidade” (Ribeiro, 2006, p. 170). *Self* pode ser traduzido como “o si mesmo”. O conceito de *Self*, para a GT, refere-se à condição de estar totalmente conectado ao eu ou à personalidade de alguém. Nessa acepção, o *Self* faz parte das relações, não existe fora delas, é um fenômeno que emerge no processo de contato (Távora, 2014). Por *Self*, na perspectiva da GT, entende-se o processo perceptivo, visto como uma totalidade, utilizado pelo indivíduo para esquematizar as próprias ações dentro do campo em que se encontra. Para apreender sua configuração e seu papel, é fundamental que se esteja atento a todas as dimensões e possibilidades. Não é definido, como em outras perspectivas teóricas, como representação de si ou centro da personalidade. Na abordagem gestáltica, o *Self* caracteriza-se como um sistema complexo, que atua como agente propiciador do contato (Rodrigues, 2000). Também é por meio do *Self* que se estabelece o ajustamento aos estímulos, contribuindo assim para a adaptação da pessoa ao seu meio. É o “eu”, o si mesmo vivido e percebido pelo sujeito quando está em contato com o outro e consigo próprio.

Segundo Ribeiro (2006), o *Self* tem a função de facilitar a cada pessoa a percepção de si mesma, de fazer com que ela sinta *quem e como* ela é. A pessoa tem a sensação de que ela é. Essa sensação nada mais é do que o *Self* sendo experienciado. O *Self* é “um sistema de contatos mediante os quais a pessoa se vê como sendo ela mesma e que lhe dá identidade” (p. 170). O *Self* não pode ser pensado apenas como processo, uma vez que, segundo esse autor, não existe processo em estado

puro. Deve ser visto também como um atributo da personalidade, que auxilia em sua estruturação. É um sistema de contatos definido por três estruturas: id, ego e personalidade, no qual cada estrutura tem uma função. O processo de estruturação da personalidade, guiado pelo *Self*, ocorre por meio de suas três atribuições: (1) O id, que tenta responder à pergunta sobre “o quê” é o *Self*, está ligado ao sistema sensorio-motor e representa o arcaico, o primevo e as emoções básicas. (2) Já o ego tenta responder à pergunta sobre “o como” o *Self* funciona e está relacionado à função motora da personalidade, sendo responsável pelo movimento e execução das tarefas que a pessoa pensa e propõe. (3) A personalidade, que responde ao “para quê” o *Self* existe, é parte do sistema cognitivo da personalidade, sendo responsável por responder à pergunta: “Quem sou eu?”.

É preciso, no entanto, diferenciar a “função personalidade do *Self*” do construto “personalidade” em si, que envolve a totalidade da pessoa. Essas três funções, id, ego e personalidade, estão sempre funcionando juntas: “o ‘id’ como um gerador de processos, a personalidade como uma experiência consciente do que a pessoa humana é [...] e o ‘ego’ como aquele que faz, que executa e está sempre disponível motoramente para o id e para a personalidade” (p. 171).

O *Self* está intimamente relacionado a outros conceitos fundamentais da GT, como *awareness*, que diz respeito à consciência de si, e à consciência perceptiva, caracterizada como consciência global centrada no aqui-agora, que influencia as percepções pessoal, corporal e emocional. Além disso, o *Self* se desenvolve (ou não) *no e por intermédio* do vínculo que o sujeito estabelece com determinada situação, no ato de contatar ou, ainda, como fenômeno que emerge no campo, um acontecimento que, ao se atualizar, põe em marcha e atualiza também os processos de subjetivação.

O ajustamento criativo é definido como um processo no qual o *Self* pensa, sente e age, e assim realiza a autorregulação, estabelecendo estratégias para satisfazer as necessidades, escolhendo ou rejeitando determinadas possibilidades e atribuindo um sentido para determinada situação. Só a partir daí o *Self* pode se ocupar espontaneamente do contato na fronteira organismo-ambiente, usufruindo dessa experiência na medida em que é assimilada ou rejeitada, o que pode contribuir para o processo de evolução do indivíduo.

Para Polster e Polster (2001), esse fenômeno é o que designa a *fronteira de contato*, e é por meio dessa função que a percepção do indivíduo acerca das diferentes facetas que compõem sua identidade pessoal pode se desenvolver plenamente. É, então, *no e pelo* contato que se dá a experiência e, desse modo, a possibilidade do crescimento. O contato é o solo que envolve o que é de senso próprio do indivíduo e também o senso daquilo que difere dele, ou seja, o que

distingue o eu do não-eu, a alteridade. Isso possibilita, inclusive, ampliar a capacidade de contato consigo mesmo, o que contribui para ampliar o autoconhecimento do sujeito, permitindo que esse saber gradualmente deixe de ser rígido ou que tenda a se cristalizar em formações estereotipadas. Felizmente, mesmo pessoas altamente inflexíveis podem mostrar, sob certas circunstâncias, ampla disponibilidade para admitir mudanças em suas fronteiras de contato. As pessoas que promovem as maiores mudanças em suas fronteiras são reconhecidas como aquelas que mais crescem do ponto de vista psicológico e existencial.

D'Acri (2014) argumenta, inclusive, que é na fronteira de contato que os fatos realmente ocorrem e que as mudanças acontecem porque o contato remete à ideia do organismo situado em um determinado campo e, por conseguinte, mobiliza as interações. Ou seja, a experiência é essencialmente contato. O indivíduo, por ser relacional, promove seu crescimento na interrelação entre eu e não-eu. Para Salomão et al. (2014), a dinâmica de funcionamento da fronteira de contato pode ser comparada à da membrana citoplasmática das células, por ter uma função seletiva e semipermeável, ou seja, deixa entrar o que pode ser nutritivo e se mostra impermeável ou elimina o que é desnecessário ou potencialmente nocivo, mantendo assim o organismo em constante equilíbrio, o que na GT é denominado de autorregulação orgâsmica. A preservação da homeostase é possível porque essa fronteira é permeável e dotada de elasticidade e plasticidade. Uma vez que o indivíduo entra em contato com o que é diferente ou novo, ocorre a assimilação e apropriação do que é nutritivo e/ou a repulsa daquilo que é percebido como nocivo, para que, assim, o crescimento aconteça com base nessa permeabilidade seletiva de sua fronteira de contato.

Pode-se estabelecer, até certo ponto, uma comparação entre a autorregulação orgâsmica e o princípio homeostático da biologia, pois a homeostasia nada mais é do que a busca de manutenção das condições mais constantes no meio interno, ou seja, é o trabalho do organismo para a preservação de condições favoráveis ao seu ajustamento interno e externo (Lima, 2014). O organismo se esforça para satisfazer suas necessidades mais prementes; a autorregulação é a busca pelo equilíbrio como princípio para reger todos os processos de funcionamento orgânico, inclusive quando se é frustrado na sua plena satisfação. Diante da frustração, entra em ação o que a GT denomina de *ajustamento criativo*. Segundo Perls (1977), se o indivíduo não se frustra, anula-se a necessidade de mobilizar seus recursos internos a fim de buscar restaurar a fluidez do contato. É, portanto, a existência de um descompasso entre a necessidade e a possibilidade de satisfazê-la que acionará o ajustamento criativo, com a finalidade de revigorar a capacidade do organismo, restituir seu dinamismo e a fluidez.

dez do contato. Por isso esse fenômeno adquire tanta relevância no caminhar do processo terapêutico. Na GT o manejo da evitação do contato é um importante recurso psicoterapêutico de compreensão fenomenológica das experiências vividas pelo cliente.

Ainda em relação ao ajustamento criativo, Cardella (2014) afirma que esse conceito se refere à criatividade que busca se ajustar, bem como a um tipo de ajustamento que é ativo e criativo, proporcionando uma relação que compõe uma totalidade. Portanto, todo contato é ajustamento criativo do organismo ao seu ambiente. Para a autora, ajustar-se criativamente é colocar sua própria marca nos acontecimentos da vida, atualizando, assim, suas potencialidades e singularidades. Cardella aponta que, quando há uma adaptação excessiva ou acomodação servil ao meio, ocorre um ajustamento inócuo e destituído de criatividade, que é ao mesmo tempo produto de submissão servil e cristalização. Trata-se, assim, de um ajustamento estéril, também conhecido como ajustamento criativo disfuncional, com reações autorreguladoras precárias e reforço de estereotípias.

Outros conceitos fundamentais operam no cenário da GT, como a diferenciação entre autorrealização e autoimagem proposta por Perls. Para o autor, muitas pessoas passam toda a vida realizando com esmero uma concepção do que elas *devem ser*, ao invés de realizarem a si mesmas; ou seja, a maior parte do tempo essas pessoas vivem em função de sua imagem e, portanto, daquilo que projetam de si. Perls (1977) afirma: “Onde algumas pessoas têm um *Self*, a maioria tem um vazio, pois estão muito ocupadas em parecer isso ou aquilo” (p. 38). Isso vai ao encontro de um dos principais conceitos da GT, que é aceitar o que se é e, portanto, conseguir realizar-se naquilo que se é, buscando ser fiel e autêntico consigo mesmo.

Perls (1977) destaca ainda um outro conceito relevante, que ele designa como *maturação*. Consiste na possibilidade de transição ou transcendência de um apoio do ambiente, ou seja, do outro e do mundo, para um autoapoio. Nesse sentido, ele acrescenta um outro conceito: o *impasse*. O impasse seria o ponto crucial da psicoterapia, pois é o momento em que o indivíduo caminhará por si mesmo, ou seja, sem a ajuda do meio ou de qualquer força exterior a ele, buscando o suporte em si próprio. É, portanto, por meio da resposta que dará ao seu impasse que o sujeito crescerá (ou não) com vistas a atingir o processo de maturação, que nada mais é do que deixar de depender dos outros para passar a depender exclusivamente de si mesmo.

Ainda com relação ao processo de maturação, Perls (1977) menciona que sem frustração não existe necessidade de o indivíduo mobilizar seus recursos, de modo a fazê-lo crescer diante de determinada situação desafiadora. Conforme

mencionado anteriormente, a frustração seria, portanto, o combustível necessário para o autocrescimento, uma vez que gera no sujeito uma potencialização interior. Assim, ao frustrar o paciente, o terapeuta o coloca frente ao impasse diante de seus medos e bloqueios, provocando deliberadamente uma mobilização de suas potencialidades.

Outro conceito-chave no arcabouço teórico da GT é o de *figura-fundo*. O fundo seria um contexto e a figura seria aquilo que de mais relevante se destaca dentro de determinado contexto ou situação experienciada. Para Perls (1977), é necessário relacionar a figura, ou seja, a experiência que está em primeiro plano, com o fundo, que é o conteúdo, a circunstância vital, a situação de vida. Essas partes, juntas e indissociáveis, formam a *gestalt*. Para Polster e Polster (2001), a figura também emerge do fundo, tal qual um baixo-relevo, de modo a requerer para si toda atenção. Já o fundo, por não ter limites ou forma específica, não se destaca, embora seja um campo fértil e provocativo em termos de possibilidades latentes. Sua função principal é fornecer um contexto que dê total visibilidade à figura.

Na GT, a experiência de cada indivíduo é captada como algo que tem fluidez, ou seja, o que agora é figura pode daqui a pouco se transformar em fundo, e vice-versa, isto é, sob certas circunstâncias, algo do fundo a qualquer momento também pode emergir como figura. Segundo Polster e Polster (2001) existem três elementos que compõem o *fundo* na vida de uma pessoa: (1) suas vivências anteriores; (2) situações inacabadas; e (3) o fluxo da experiência presente. Dessa forma, se o indivíduo não consegue formar figuras claras e precisas sobre suas necessidades no contexto de determinado fundo, então dizemos que essa *gestalt* ainda não foi fechada. Ao longo da vida, várias *gestalts* se fecham e outras tantas permanecem abertas, ora emergindo do fundo, ora se tornando parte dele, em um movimento contínuo e dinâmico. Por isso, o indivíduo está sempre em busca do equilíbrio interior por meio da autorregulação orgânica, que como vimos é um recurso imprescindível para restituir a fluidez da fronteira de contato (Frazão & Fukumitsu, 2015).

Dialogar na fronteira: apontamentos críticos e limitações da GT

Os conceitos fundamentais da GT desenham mais claramente seus contornos quando articulados com as experiências que lhe deram origem. Um ponto frequentemente criticado por alguns teóricos da GT, a começar pelo próprio Perls (1977, 1988), é o fato que, nessa abordagem, não haveria espaço para análise,

mas sim para uma integração. Na compreensão proposta pelo autor, interpretar é buscar explicar algo, uma função que o autor considera extremamente irrelevante na psicoterapia. Pelo contrário, se o terapeuta tenta explicar, por meio da interpretação, ele deixa de compreender profundamente. Esse mesmo pensamento vale para a questão de como os sonhos são trabalhados na GT.

Para Perls (1977), a abordagem gestáltica não se ocupa apenas dos sintomas, mas se preocupa, principalmente, com a existência total do indivíduo. Assim, ele acredita que tudo o que acontece na existência do cliente, seus problemas, vivências e atribuições cotidianas, podem, claramente, aparecer no conteúdo dos sonhos. Os sonhos seriam, então, o caminho mais verdadeiro e genuíno para a integração do sujeito, uma vez que eles são a criação mais espontânea do ser humano. Perls (1988) acredita que as diferentes partes dos sonhos são, em verdade, a projeção de fragmentos de nossas personalidades e, por isso, elas não devem ser interpretadas. A melhor forma de se chegar até o que há de mais vital nos sonhos não é, propriamente, relatando seus conteúdos, mas os encenando no presente para que eles possam se tornar verdadeiramente parte do indivíduo. Outro pressuposto é o de que o relato de sonhos durante o processo terapêutico oferece uma oportunidade valiosa para o terapeuta descobrir as dificuldades de seu cliente.

Polster e Polster (2001) concordam com Perls (1977) e acrescentam que uma estratégia interessante é propor ao cliente desempenhar todos os papéis que emergiram em seu sonho, encenando-o na sessão terapêutica, pois dessa forma ele conseguirá sentir uma total identificação no aqui-agora. Para esses autores, a identificação é exatamente o oposto da alienação. No entanto, Polster e Polster (2001) foram além, ao sugerir trabalhar o sonho como projeção, o que sem dúvida é apenas uma das perspectivas possíveis. O terapeuta teria diante de si uma gama enorme de alternativas para escolher, dentre elas, o modo como deseja trabalhar os sonhos com seu cliente. Para esses autores, entretanto, o sonho é um estágio no qual o contato pode ser significativamente ativado. Além disso, o sonho é, via de regra, trazido para o aqui-agora, sendo trabalhado no presente e não apenas compreendido como veículo de vestígios oníricos.

Nunca é demais lembrar que as descobertas da GT também contribuíram de modo significativo para movimentar os estudos da percepção, linguagem, inteligência, aprendizagem e memória, dentre outros campos do saber psicológico (Frazão, 2013). Apesar desse rico acervo de contribuições, como em todo sistema composto por uma teoria e uma técnica psicoterápica, a GT tem suas limitações e, portanto, deve ter cautela e prudência na aplicação de seu método. De acordo com Shepherd e Fagan (1977), a GT nos oferece um leque

de possibilidades surpreendentes, com técnicas potentes para operacionalizar a intervenção terapêutica tanto nos casos de neurose quanto de autofrustração, prestando-se à reorientação e mobilização da energia do cliente no sentido de buscar o desenvolvimento de sua capacidade de independência e expansão de sua criatividade e espontaneidade. O terapeuta busca ampliar a consciência do cliente ao trabalhar com o aqui-agora, ou seja, com o fenômeno que se mostra, mantendo ativa sua atitude fenomenológica. Assim, o cliente é estimulado a vivenciar uma situação passada ou futura no *agora*, o que é o mesmo que promover a *awareness*, o que só pode acontecer quando se está com os pés fincados no presente (Costa et al., 2017).

Segundo Freitas (2016), o trabalho do gestalt-terapeuta é apoiar seus clientes no processo de descoberta de si, acompanhando-os nessa jornada de maneira a ampliar sua *awareness*, seu crescimento e amadurecimento pessoal, com possibilidades de construir relações vitalizadoras. A GT é

uma prática psicoterapêutica que se orienta por uma visão integradora do homem, procurando vê-lo como um todo, não como um “neurótico”, um “esquizofrênico” ou como um “isso” ou “aquilo”. A patologia é apenas mais uma das várias partes do todo que aquele indivíduo é, e sua “doença” é encarada como a maneira mais “saudável” que encontrou para enfrentar situações insuportáveis ou conscientemente inconciliáveis (Freitas, 2016, p. 89).

Antes de o cliente contar sua história ao psicoterapeuta, ele já o fez a si mesmo inúmeras vezes. Como muitas vezes essa história é contada com uma fala sem uma expressão emocionada, produz uma leitura que já se faz encurtada (Rehfeld, 2013). Ciente desse viés, em seus primórdios a GT desenvolveu um grande número de técnicas com a finalidade de facilitar a expressão emocional do cliente. Porém, com o decorrer do tempo, percebeu-se que o uso dessas técnicas que liberam os afetos mais intensos induzia o paciente a assumir a perspectiva do olhar prévio do terapeuta. Ou seja, o excesso de técnicas acaba por conduzir o cliente a um ponto em que o terapeuta já se encontrava, ou seja, arrasta-se o cliente para assumir a percepção ou posição que o terapeuta já tinha assumido previamente. Com isso, incorria-se no erro de induzir o cliente em sua expressão, perdendo sua singularidade e originalidade. Por essa razão, a GT contemporânea tende a valorizar o “experimento” em detrimento da técnica. Nessa redução fenomenológica, cliente e terapeuta caminham juntos em direção ao novo, que é novo para ambos (Rehfeld, 2013).

Segundo Hycner (1995), a GT é vista como uma abordagem dialógica que valoriza a relação entre pessoa e pessoa. É uma abordagem que acontece no “entre”, na qual ambos participam e se mostram envolvidos e genuinamente interessados em outra pessoa. A compreensão desses preceitos é relevante para o exercício da prática terapêutica.

O cliente necessita experienciar profundamente em seu íntimo que o terapeuta o compreende ou, pelo menos, que está fazendo um esforço humanamente possível para compreendê-lo. É somente a disposição dos dois participantes de se engajarem nesse tipo de aliança e vínculo que irá permitir que o ambiente terapêutico seja verdadeiramente curativo (Hycner, 1995, p. 112).

Para que o cliente se engaje de forma plena na psicoterapia é importante que ele se sinta como parte fundamental do seu percurso singular. Para que isso ocorra, ele necessita ser considerado pelo psicoterapeuta como o melhor conhecedor de si mesmo, já que a história é originalmente sua, cabendo a ele assumir o protagonismo. Certamente o terapeuta o acompanhará nesse processo, para facilitar essa apropriação das possibilidades de acesso à própria experiência e lhe mostrar possibilidades de modos de atuar em um processo que, no entanto, é do cliente (Hycner, 1995).

É no cerne das relações que acontecem os contatos funcionais (saudáveis), assim como os não funcionais (não saudáveis). Ao colocar em pauta um novo modelo de relação, que é proposto ao cliente, a psicoterapia enseja uma oportunidade de resgatar a fluidez do contato, dissolvendo os pontos de estrangulamento que obstruem o fluxo de energia. A intervenção terapêutica tem por função buscar restaurar o contato, o que o psicoterapeuta faz ao instrumentalizar a relação dialógica. Essa relação é pensada como um encontro que se dá entre duas pessoas, no qual uma se deixa impactar e responder à totalidade da outra, sendo que o interesse de ambas é fundamentalmente naquilo que acontece *entre* elas (Yontef, 1993, 1993/1998). Por meio do encontro e da mobilização de forças autocurativas, busca-se reparar os processos obstrutivos do contato e, assim, remover os impedimentos que interferem no desenvolvimento e crescimento do indivíduo (Holanda, 1998a, 1998b).

O vínculo terapeuta-cliente, quando genuinamente baseado em empatia, confiança, honestidade e respeito, é o fator mais decisivo para o sucesso do tratamento. A GT considera a relação terapêutica como sua principal ferramenta de trabalho. Na realidade, “estar em contato é nosso principal instrumento de cresci-

mento e de trabalho [...] é muito mais que estar atento, que estar consciente de si e do outro. Estar em contato é se tornar cúmplice com e da totalidade do outro” (Ribeiro, 2007b, p. 135).

Uma relação terapêutica positiva é forte preditor de sucesso no tratamento e desponta como um fator mais significativo do que a abordagem escolhida ou as técnicas utilizadas pelo psicoterapeuta; é a qualidade da relação que facilita a melhora do cliente (Cooper, 2008). Caminhando por essa vertente, o psicoterapeuta da abordagem gestáltica promove um contexto facilitador que possibilita inaugurar uma experiência que possa dar novos contornos e significados às interrupções de contato do cliente, ressignificando os curtos-circuitos que impedem e travam o trânsito fluido, de modo a revitalizar as artérias que alimentam e oxigenam os relacionamentos. Assumindo esse propósito como guia, o processo terapêutico é conduzido no sentido de propiciar a retomada da fluidez de contato, mediante a ampliação da *awareness* do cliente, conforme será discutido mais adiante. “Fazer, de fato, contato com o outro é a mais radical das possibilidades que o outro me apresenta” (Ribeiro, 2007b, p. 135).

A terapia visa à manutenção e desenvolvimento de um bem-estar harmonioso que a pessoa sinta ao experimentar a si própria. Não se visa à cura ou reparação de qualquer distúrbio, anormalidade ou transtorno. A ideia de perturbação sugere que há uma referência implícita a um estado de suposta normalidade, o que evidentemente é uma posição que contraria o próprio espírito da psicologia da Gestalt, que valoriza as diferenças, o direito à diversidade e a originalidade irredutível de cada pessoa.

Considerando essas dimensões do trabalho terapêutico, um desafio importante na abordagem da GT tem a ver com o tempo de formação e o montante de experiência clínica necessários para a sedimentação da perícia e discernimento do terapeuta, já que é uma abordagem que facilita e até mesmo encoraja o exercício da liberdade no fazer psicológico. Isso mostra os desafios que aguardam os gestalt-terapeutas, supervisores, docentes, clínicos e pesquisadores. O mais importante é que cada um, no decorrer de sua formação, encontre seu próprio modelo terapêutico (Vieira & Vandenberghe, 2011), no qual se sinta confortável para expandir sua criatividade e curiosidade na arte de cuidar do outro. O estudo de Nascimento e Ribeiro (2017) mostrou que a formação em GT em solo brasileiro se dá basicamente por duas vertentes: cursos livres e especializações, e a partir de estudo e supervisão clínica com gestalt-terapeutas mais experientes. Assegurar a qualificação dos profissionais no decorrer de seus diferentes itinerários formativos é uma responsabilidade coletiva, mas cabe principalmente aos protagonistas desse

cenário oferecer sua parcela de contribuição decisiva para que a GT se mantenha saudável e enriquecida.

Como lembram Vieira e Vandenberghe (2011), o Movimento de Integração em Psicoterapia sugere que nenhuma abordagem psicoterapêutica, isoladamente, é capaz de esgotar a compreensão do ser humano em sua infinita complexidade. As diferentes abordagens e escolas psicoterapêuticas apresentam sua visão própria da natureza humana, do sofrimento e do modo de conduzir o processo de *cura*. Os autores ilustram a questão das fronteiras entre abordagens, apontando a proximidade entre a GT e o Psicodrama. Argumentam que essas abordagens, resguardadas suas singularidades e contornos próprios, compartilham uma concepção antropológica e filosófica fenomenológico-existencial, o que dá margem para refletirmos sobre algumas aberturas possíveis para o estabelecimento de um diálogo profícuo entre elas. Esse diálogo é viabilizado pela similaridade entre os estilos clínicos dessas duas escolas consagradas de psicoterapia, uma vez que ambas valorizam as dimensões da ação e do experienciar, da criatividade e da espontaneidade no viver. Para os mencionados autores, dialogar na fronteira entre diferentes abordagens não é uma tarefa simples. Requer que o terapeuta abandone posições dogmáticas e assuma uma postura de permeabilidade e abertura permanente para acolher conceitos e técnicas que, em alguns aspectos, são perfeitamente conciliáveis, em outros aspectos mostram-se complementares e, em outros ainda, claramente antagônicos.

De modo geral, pode-se concluir que, na perspectiva da GT, a relação terapêutica, quando bem manejada, pode ser potencializadora de mudanças e crescimento pessoal (Frazão & Fukumitsu, 2015). Quando o processo é bem-sucedido, ensina o cliente a ser mais autêntico consigo mesmo e com o outro, tornando-o mais motivado e criativo para usufruir em plenitude do seu viver.

Segundo a concepção gestáltica, para que se processe a mudança, é preciso que a pessoa se aproprie de si mesma e consiga integrar e harmonizar suas polaridades, incorporando-as ao seu patrimônio existencial. Para tanto, ela tem que se reconhecer em suas fragilidades, além de saber identificar suas potências. E também tem de se aceitar plenamente, para que possa mudar de fato. Quando isso, por alguma razão, não pode ser alcançado, o fluxo energético e a motivação são jogados para o futuro, lançados para o que se deseja ser e não para o que se é realmente. E como o futuro é sempre um projeto, um *para além* do presente, o momento atual é esvaziado de projetos e, assim, nenhuma mudança real acontece (Mesquita, 2011).

Isso significa que a proposta de mudança terapêutica está intimamente vinculada ao conceito do aqui-agora. É preciso mobilizar o cliente, levando-o a

se apropriar plenamente de sua existência presente. Quanto mais o indivíduo se mostrar apropriado e consciente de quem ele é, mais estará preparado para transitar com leveza em um mundo que se apresenta a cada dia mais fraturado, desigual, polarizado, hostil às diferenças e em constante mutação (Mesquita, 2011).

Para Perls et al. (1998), o eu cresce e se desenvolve por meio da assimilação do não-eu, ou seja, do diferente, a partir da interação e dos laços que estabelece com outras pessoas, com base na diversidade. Isso é parte da concepção de contato, na qual se percebe que é a troca com o meio o elemento que promove mudança. A neurose, por exemplo, é entendida como a perda da capacidade de estabelecer novos contatos e vínculos vivificantes.

Considerações finais

Este estudo buscou examinar os principais conceitos e eixos condutores da GT, com o propósito de desvendar seus percursos e refletir sobre as contribuições dessa perspectiva para o campo da psicoterapia. O exame de algumas das temáticas essenciais da abordagem gestáltica empreendeu uma releitura do que já é conhecido, porém dotando esse olhar de um significado novo, que buscou iluminar a proposta singular dessa vertente, nascida do encontro fecundo entre diferentes inspirações filosóficas de base, notadamente o Humanismo, o Existencialismo e a Fenomenologia.

A GT é um modelo psicoterápico que enfatiza a responsabilidade na condução de si mesmo, na experiência individual do momento presente (aqui-agora), no relacionamento terapeuta-cliente e na autorregulação e ajustamento criativo do indivíduo, sempre levando em conta seu ambiente e contexto de vida. Assim, pode-se afirmar que a GT é hoje uma abordagem com contornos definidos e em constante desenvolvimento, mas que já conta com uma elaboração teórica e prática consistente. Nessa perspectiva, teoria e prática se entrelaçam de forma complementar. Cada uma promove e compõe uma faceta da outra, enriquecendo-se mutuamente. A preocupação com a consistência teórico-epistemológica move o esforço de pesquisadores e estudantes da GT no sentido de aprimorarem cada vez mais sua fundamentação, disponibilizando um corpo conceitual coeso e sólido, de modo a fortalecer o vínculo entre o arcabouço teórico e a operacionalização de cada conceito na prática clínica.

Tendo em vista que a GT pretende abordar a experiência humana contemplando suas diferentes dimensões (afetivas, sensoriais, corporais, intelectuais), o método terapêutico proposto busca alcançar a totalidade da expe-

riência vivida por meio do desvelamento de sua singularidade, colaborando para que o indivíduo se reorganize e se reconstrua por meio da resignificação de sua relação consigo mesmo e com o mundo. Na perspectiva da GT, o psicoterapeuta não faz interpretações sobre as dimensões existenciais do cliente, mas o acompanha de perto em seu processo de desenvolvimento e crescimento, conservando os contornos de sua própria alteridade. Todavia, o psicoterapeuta também desfruta da possibilidade de ser transformado pelo encontro inter-humano.

Espera-se que as reflexões apresentadas neste estudo tragam insumos que contribuam para a ampliação do entendimento sobre o método terapêutico da GT, além de proporcionarem uma compreensão mais balizada do arcabouço teórico que fundamenta a prática clínica, estabelecendo a necessária ligação entre teoria e prática. Isso pode favorecer tanto a atuação quanto o desenvolvimento de novos estudos, que possam contribuir para sua expansão teórica e metodológica, de maneira que a consistência teórica possa se integrar harmonicamente com a prática.

Referências

- Alvim, M. B. (2014). *Awareness: Experiência e saber da experiência*. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais*, p. 13-30. São Paulo: Summus.
- Beisser, A. R. (1975). A Teoria Paradoxal da Mudança. In: Fagan, J.; Shepherd, I. L. (org.). *Gestalt-terapia: Teorias, técnicas e aplicações*, p. 110-114. Rio de Janeiro: Zahar.
- Cardella, B. H. P. (2014). Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais*, p. 104-130. São Paulo: Summus.
- Cardoso, C. L. (1999). Aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos da Gestalt-terapia. *Revista Psique*, 9(14), 47-65.
- Cardoso, C. L. (2013). A face existencial da Gestalt-terapia. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*, p. 59-75. São Paulo: Summus.
- Cooper, M. (2008). *Essential research findings in counselling and psychotherapy: the facts are friendly*. London: Sage.
- Costa, V. E. S. M. (2014). Temporalidade: Aqui e agora. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais*, p. 131-146. São Paulo: Summus.
- Costa, V. E. S. M.; Lopes, M. R. P. R.; Samaridi, I. (2017). A vivência aqui-e-agora na relação terapêutica na abordagem gestáltica. *Fragments da Cultura*, 27(2), 303-312.

- D'Acri, G. C. R. M. (2014). Contato: funções, fases e ciclos de contato. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais*, p. 31-46. São Paulo: Summus.
- D'Acri, G.; Lima, P.; Orgler, S. (org.) (2014). *Dicionário de Gestalt-terapia*, 2ª ed. São Paulo: Summus.
- Frazão, L. M. (1995). A relação psicoterapeuta-cliente. *Psicologia USP*, 6(2), 144-149.
- Frazão, L. M. (2013). Um pouco da história... um pouco dos bastidores. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*, p. 11-23. São Paulo: Summus.
- Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (2015). *A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Freitas, J. R. C. B. (2016). A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica. *Revista IGT na Rede*, 13(24), 85-104.
- Ginger, S.; Ginger, A. (1995). *Gestalt: Uma terapia do contato*, 2ª ed. (trad. S. S. Rangel). São Paulo: Summus.
- Holanda, A. F. (1998a). Filosofia dialógica e Gestalt-terapia. *Boletim de Gestalt Terapia*, 3(6), 17-24.
- Holanda, A. (1998b). Saúde e doença em Gestalt-terapia: Aspectos filosóficos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 15(2), 29-44.
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. In: Holanda, A. F.; Faria, N. J. (org.). *Gestalt-terapia e contemporaneidade: Contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica*, p. 21-53. Campinas, SP: Livro Pleno.
- Holanda, A. F. (2009). Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: Análise de mestrados e doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(1), 98-123.
- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: Psicoterapia dialógica* (trad. E. P. Z. Gomes, E. Chagas, M. Portella). São Paulo: Summus.
- Lima, P. A. (2009). Criatividade na Gestalt-terapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(1), 87-97.
- Lima, P. V. A. (2013). A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*, p. 145-156. São Paulo: Summus.
- Lima, P. V. A. (2014). Autorregulação organísmica e homeostase. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais*, p. 88-103. São Paulo: Summus.
- Mesquita, G. R. (2011). O aqui-e-agora na Gestalt-terapia: Um diálogo com a sociologia da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 59-67.
- Nascimento, L. C. S.; Ribeiro, J. P. (2017). Reflexões acerca da formação em Gestalt-terapia no Brasil. *Psi UNISC*, 1(1), 142-153.
- Perls, F. S. (1942/2002). *Ego, fome e agressão: Uma revisão da teoria e do método de Freud*, 3ª ed. (trad. G. D. J. B. Boris). São Paulo: Summus.
- Perls, F. S. (1977). *Gestalt-terapia explicada*, 11ª ed. (trad. G. Schlesinger). São Paulo: Summus.

- Perls, F. S. (1988). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*, 2ª ed. (trad. J. Sanz). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Perls, F. S.; Hefferline, R. F.; Goodman, P. (1951). *Gestalt-therapy: Excitement and growth in the human personality*. New York: Dell.
- Perls, F. S.; Hefferline, R. F.; Goodman, P. (1998). *Gestalt-terapia*, 3ª ed. (trad. F. R. Ribeiro). São Paulo: Summus.
- Polster, E.; Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada* (trad. S. Augusto). São Paulo: Summus.
- Rehfeld, A. (2013). Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*, p. 24-33. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2006). *Vade-mécum de Gestalt-terapia: Conceitos básicos*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2007a). A resistência olha a resistência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(spe), 73-78.
- Ribeiro, J. P. (2007b). Eu-tu-nós: A dimensão espiritual da alteridade nos ciclos de contato. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(1), 135-146.
- Ribeiro, J. P. (2007c). *O ciclo do contato: Temas básicos na abordagem gestáltica*, 4ª ed. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, W. F. R. (2007). Gestalt-terapia no Brasil: Recontando a nossa história. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(2), 255-259.
- Robine, J.-M. (2006). *O self desdobrado: Perspectiva de campo em Gestalt-terapia* (trad. S. Augusto). São Paulo: Summus.
- Rodrigues, H. E. (2000). *Introdução à Gestalt-terapia: Conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rodrigues, H. E. (2013). Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*, p. 114-144. São Paulo: Summus.
- Salomão, S.; Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (2014). Fronteiras de contato. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais*, p. 47-62. São Paulo: Summus.
- Shepherd, O. I. L.; Fagan, J. (1977). *Gestalt-terapia: Teoria, técnica e aplicações*, 2ª ed. (trad. A. Cabral). Rio de Janeiro: Zahar.
- Silveira, T. M.; Peixoto, P. T. (2012). *A estética do contato*. Rio de Janeiro: Arquimedes.
- Távora, C. B. (2014). *Self e suas funções*. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais*, p. 63-87. São Paulo: Summus.
- Veras, R. P. (2013). A influência do pensamento oriental na Gestalt-terapia. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*, p. 157-177. São Paulo: Summus.
- Vieira, É. D.; Vandenberghe, L. (2011). Reflexões sobre Gestalt-terapia e psicodrama a partir do movimento de integração em psicoterapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 75-84.

- Yontef, G. (1993). *Awareness, dialogue, process: Essays on Gestalt Therapy*. New York: The Gestalt Journal Press.
- Yontef, G. M. (1993/1998). *Processo, diálogo e awareness: Ensaios em Gestalt-terapia* (trad. E. Stern). São Paulo: Summus.
- Zinker, J. (2007). *Processo criativo em Gestalt-terapia* (trad. M. S. M. Netto). São Paulo: Summus.

Recebido em 15 de junho de 2019

Aceito para publicação em 13 de setembro de 2019

O ESTRUTURALISMO E ALGUMAS DE SUAS VICISSITUDES: POLÍTICA E SUJEITO

*STRUCTURALISM AND SOME OF ITS
VICISSITUDES: POLICY AND SUBJECT*

*EL ESTRUCTURALISMO Y ALGUNAS DE SUS
VICISSITUDES: POLÍTICA Y SUJETO*

Thales Fonseca ⁽¹⁾

RESUMO

Este ensaio parte de dois questionamentos que se entrecruzam: um, que diz respeito aos limites do estruturalismo no que tange à proposição de uma política emancipatória; e outro, à importância que o conceito de sujeito pode ter para esse tipo de proposta política. Assim, fizemos um brevíssimo percurso sobre o conceito de estrutura enquanto objeto central do estruturalismo. Em seguida, articulamos as noções de ideologia e poder em Althusser e Foucault, partindo do caráter onipresente de tais instâncias na teoria desses filósofos, que acreditamos se desdobrar da onipresença do conceito de estrutura, e das consequências de tal onipresença para a categoria de sujeito. Posteriormente, mostramos as divergências existentes entre Lacan e os outros autores no que diz respeito ao conceito de sujeito, ressaltando o alcance político desse constructo e da própria clínica psicanalítica.

Palavras-chave: estruturalismo; ideologia; poder; sujeito do inconsciente; política.

ABSTRACT

This essay emerges from two interwoven inquiries: one of them about the limits of structuralism concerning the proposal of an emancipatory policy; the other about the importance of the concept of subject for this kind of political proposal. Therefore, we weave a short course about the concept of structure as a central object of structuralism. Next, we articulated the notions of ideology and power according to Althusser and Foucault, from the omnipresent character of these instances in these philosophers' theories, which we hold that arises from

⁽¹⁾ Psicólogo, Mestre e Doutorando pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG, Brasil.
email: thalesalberto94@gmail.com

the omnipresence of the concept of structure; and the consequences of such omnipresence for the category of subject. Later, we display the divergences between Lacan and the other authors about the concept of subject, highlighting the political reach of this construct and of the psychoanalytic clinic itself.

Keywords: structuralism; ideology; power; subject of the unconscious; policy.

RESUMEN

Este ensayo parte de dos cuestionamientos que se entrecruzan: uno, con respecto a los límites del estructuralismo en lo que se refiere a la proposición de una política emancipatoria; y otro, a la importancia que el concepto de sujeto puede tener para ese tipo de propuesta política. Así, hicimos un brevísimo recorrido sobre el concepto de estructura como objeto central del estructuralismo. En seguida, articulamos las nociones de ideología y poder en Althusser y Foucault, partiendo del carácter omnipresente de tales instancias en la teoría de esos filósofos, que creemos desdoblarse de la omnipresencia del concepto de estructura, y de las consecuencias de tal omnipresencia para la categoría de sujeto. Posteriormente, mostramos las divergencias existentes entre Lacan y los otros autores en lo que se refiere al concepto de sujeto, resaltando el alcance político de ese constructo y de la propia clínica psicoanalítica.

Palabras clave: estructuralismo; ideología; poder; sujeto del inconsciente; política.

Introdução

É preciso acordar desse *sono antropológico*, é o que nos diz Michel Foucault (1965/2011), em entrevista concedida a Alain Badiou. Por antropologia, ele ressalta, “[...] entendo essa estrutura propriamente filosófica, que faz com que, agora, os problemas da filosofia sejam todos alojados no interior desse domínio que podemos chamar de domínio da finitude humana” (p. 221). Para bom entendedor, “meia explicação” basta: Foucault não está se referindo à antropologia enquanto disciplina do campo das chamadas ciências humanas e sociais, mas à antropologia enquanto enfoque no Homem (do grego *anthropos*). Em suma, o filósofo está se referindo ao humanismo.

Partimos, neste ensaio, desse movimento teórico-filosófico que marcou o século XX, o estruturalismo, que, a nosso ver, foi um dos principais responsáveis pelo abalo e conseqüente despertar do *sono antropológico* que, como nos lembra

Foucault, fascinou a filosofia e as ciências humanas a partir do século XIX. Mais especificamente, partiremos da confrontação de algumas de suas vicissitudes¹, quais sejam, três importantes figuras do pensamento francês – Louis Althusser, o próprio Foucault e Jacques Lacan – que de alguma maneira foram influenciadas por tal movimento e que buscaram de diferentes maneiras pensar o sujeito, tendo por base não a busca da essência humana, mas, pelo contrário, a dos mecanismos estruturais e simbólicos dos quais esse sujeito é efeito.

A questão que nos colocamos no presente ensaio pode parecer um tanto paradoxal – diante da vulgata que dissocia completamente o que é de ordem subjetiva do que é de ordem social –, a saber: *qual o alcance político do conceito de sujeito nesses três intelectuais?* Nossa aposta é de que *sujeito*, longe de inspirar individualismo (ou mesmo subjetivismo), pode dar ensejo para se pensar o campo político, social e alteritário. Mais especificamente, que uma doutrina do sujeito pode indicar as brechas presentes nesse campo normativo que o social, por vezes, representa, configurando-se como elemento de subversão – sem que seja necessária uma busca humanista pela pureza do Homem, anterior a sua corrupção pelos processos sociais e ideológicos.

Para tanto, num primeiro momento, trabalharemos de maneira mais conceitual sobre a noção de *estrutura* – objeto por excelência do estruturalismo –, a partir de um brevíssimo percurso em que passaremos por autores como Ferdinand de Saussure, Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, entre outros. Posteriormente, buscaremos articular as teorias da ideologia e do poder em Althusser e Foucault, partindo da ideia de que haveria nelas algumas convergências que acreditamos ter sua origem na *onipresença* engendrada pelo próprio conceito de estrutura, o que implica corolários significativos no que diz respeito à forma como esses autores veem a categoria de sujeito. Em seguida, passaremos pelo conceito de *sujeito do inconsciente* em Lacan, dando ênfase aos pontos em que ele diverge em relação aos sujeitos althusseriano e foucaultiano – principalmente no que tange à influência determinante (ou não) da estrutura – e ao alcance político desse conceito; e, nesse sentido, para o alcance político da própria clínica psicanalítica. Por fim, cotejaremos as elaborações dos três autores, apontando os pontos de contato e afastamento entre eles.

Estrutura: um lugar fechado e sem exterior

Roland Barthes, em sua célebre *Aula* (1977/2013), que inaugurou a cadeira de semiologia literária no Collège de France, afirma ser a linguagem,

em seus mecanismos de poder e opressão, um lugar fechado e sem exterior. Dessa constatação culmina sua enfática advertência que “[...] a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista, pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.” (p. 15).

Já desde Saussure (1916/1970) tais afirmações podem ser sentidas. O linguista suíço não cessou de afirmar que o indivíduo não possui meios para modificar a língua, enquanto “[...] tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (p. 21). Em outras palavras, o indivíduo não tem capacidade de modificar o *sistema linguístico*; assim, cabe a ele submeter-se às leis que regem os signos; submeter-se, enfim, a esse lugar fechado que tal sistema designa. Como nos diz Saussure: “[...] o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.” (p. 132).

Mas, se nos é possível entrever, de maneira clara, que para Saussure (1916/1970) o sistema linguístico é um lugar fechado – aqui, vale comentar que o sistema saussuriano foi o pontapé inicial para o que conhecemos como *estrutura*, objeto central dessa tradição de pensamento chamada estruturalismo –; a proposição de que ele é sem exterior parece ser menos evidente. Nisso consiste, aliás, um ponto importante no que tange ao método do “estruturalismo nascente” de Saussure: o fato de ele pressupor a existência de elementos, no que se refere ao estudo da língua, que seriam estranhos, externos ao seu sistema, aos quais ele denomina como “linguística externa”. Ainda assim, o linguista não deixa de afirmar que as questões que dizem respeito à linguística externa não se sentem apertadas pelo *torniquete do sistema* (lembramos que se trata de um lugar fechado, ora!), de modo que a linguística interna, na qual ele de fato se envereda, “[...] não admite uma disposição qualquer; a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (p. 31). O que vemos é que, apesar da pressuposição de elementos externos, Saussure, por uma motivação metodológica, acaba por ignorar tais elementos, de modo a poder isolar a língua e, assim, formalizá-la a partir da proposição de que ela possui um sistema próprio, isto é, uma estrutura autônoma.

O que vem a se constituir posteriormente como estruturalismo, a partir desse pontapé linguístico, parece ser uma tentativa de levar a tese saussuriana às suas últimas consequências. Assim, o estruturalismo, metodologicamente, ignora a existência de algo externo à estrutura, a ponto de podermos afirmar, no que diz respeito a ela, a inexistência de exterior. Como nos diz Deleuze (1972/2006,

p. 225), ao comentar sobre o estruturalismo: “Os elementos de uma estrutura não têm designação extrínseca nem significação intrínseca”. Daí ele afirmar que o estruturalismo não deixa de ser uma filosofia transcendental nova, pois podemos pensar a estrutura como uma espécie de matriz simbólica que, como ele nos lembra, “[...] começa por ter seus efeitos primários em si mesma.” (p. 246). Para o filósofo francês, é possível pensar o estruturalismo como a constatação de um profundo não-sentido – que, como ele atenta, nada tem a ver com a falta de sentido proposta por Camus em sua filosofia do absurdo. Um não-sentido que origina o sentido, isto é, que resulta em superprodução, em sobredeterminação de sentido pela combinação de elementos implicada na estrutura.

E, se olharmos de perto, isso se expressa de diferentes maneiras nas proposições daqueles que de alguma forma se utilizaram dos pressupostos do estruturalismo. Saussure (1916/1970), por exemplo, nos diz da arbitrariedade do signo, de modo que seu valor linguístico é produzido, primeiramente, pela articulação entre significado (conceito) e significante (imagem acústica) e, ainda, pela relação de oposição entre os diversos signos que compõem o sistema linguístico. Como ele adverte: “[...] Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora.” (p. 132). Consequentemente, o sistema, a partir do qual os signos ganham valor linguístico, perderia sua primazia.

Já Lévi-Strauss (1958/2012), ao comentar sobre a estrutura elementar de parentesco, isto é, os quatro elementos (irmão, irmã, pai, filho) que ele denomina de *átomo de parentesco*, nos diz que “[...] não há existência que possa ser concebida ou dada a quem das exigências fundamentais de sua estrutura e, por outro lado, ele [o átomo de parentesco] é a única matéria-prima de construção dos sistemas mais complexos.” (p. 81).

Aqui, é importante lembrar que o sistema de parentesco, para Lévi-Strauss, tem um caráter primordialmente sociossimbólico e não biológico. Como nos diz o antropólogo: “Ele só existe na consciência dos homens, é um sistema arbitrário de representações, e não o desenvolvimento espontâneo de uma situação de fato.” (p. 85). Se assim não fosse – se o sistema de parentesco fosse o desenvolvimento espontâneo das relações (biológicas) de consanguinidade, por exemplo – ele seria determinado por elementos impostos “de fora” que afetariam o caráter arbitrário da estrutura. Desse modo, Lévi-Strauss não ignora a importância da consanguinidade, mas aposta na primazia das relações de aliança (o casamento entre pessoas sem qualquer grau de parentesco), das quais se deduz, aliás, a universalidade da proibição do incesto (afinal, tal proibição acaba por reforçar a tendência a relações de aliança). Como ele nos diz:

Sem dúvida, a família biológica está presente e se reproduz na sociedade humana. Mas o que confere ao parentesco seu caráter social não é aquilo que ele tem de manter da natureza. É o procedimento essencial pelo qual ele se afasta dela. [...] Assim, o que é de fato “elementar” não são as famílias, termos isolados, e sim a relação entre esses termos [as relações de aliança]. (Lévi-Strauss, 1958/2012, p. 84-85).

Lacan (1960/1998), por sua vez, propõe que o Outro é o *lugar do tesouro do significante* – a semelhança com a já comentada definição saussuriana da língua não é mera coincidência –, de modo que “[...] qualquer enunciado de autoridade não tem nele outra garantia senão sua própria enunciação, pois lhe é inútil procurar por esta num outro significante, que de modo algum pode aparecer fora desse lugar.” (p. 827). É o sentido, enfim, de seu aforismo segundo o qual *não há Outro do Outro*, ou de sua afirmação de que não existe metalinguagem: de uma maneira ou de outra, tudo que diz respeito ao significante passa pelo grande Outro, pois ele se configura como o próprio esqueleto, a armação significante – aquela que não possui exterior².

Em outros termos, podemos dizer que o que Lacan identifica, nesses enunciados, é o fato que a linguagem, em si, implica sempre certo grau de alienação. Daí ele afirmar, em *A instância da letra...* (1957/1998), que “[...] o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (p. 498). Como ele comenta em um momento do *Seminário 3* (1955-56/1988), a descoberta freudiana revela uma metafísica da condição humana que nos transcende e que se inscreve inteiramente em nossa relação com o simbólico. Tal metafísica, ele nos diz: “[...] vocês a recebem em cima da cabeça, pode-se confiar nas coisas tal como são *estruturadas* – elas estão aí, e vocês estão *dentro*” (p. 91, grifos nossos).

E, aqui, se o nosso argumento sobre a primazia da estrutura (enquanto produtora de sentido, significação etc.) já não fosse suficientemente claro, arriscaríamos dizer que a lista de exemplos se estenderia, enfadonhamente, por quantos “estruturalistas” resolvêssemos citar. Da primazia da estrutura enquanto *matriz simbólica determinadora* deduz-se o que já de saída afirmamos com Barthes: que a estrutura, como tal, apresenta-se como um lugar fechado e sem exterior. Fazendo uso das palavras de Deleuze (1972/2006):

A determinação recíproca dos elementos simbólicos prolonga-se, deste modo, na *determinação completa* dos pontos singulares que

constituem um espaço correspondente a esses elementos. [...] Em todo caso, *sempre os elementos simbólicos e suas relações determinam a natureza dos seres e objetos que vêm efetua-los*, ao passo que as singularidades formam uma ordem dos lugares, ordem que determina simultaneamente os papéis e atitudes desses seres enquanto os ocupam. (p. 228-229, grifos nossos)

A onipresença da ideologia e do poder em Althusser e Foucault

É comum encontrar, no campo da filosofia e da teoria social, a asserção de que haveria certa homologia no que tange às análises do social presentes no pensamento de Louis Althusser e de Michel Foucault.

A título de exemplo, podemos citar o filósofo esloveno Slavoj Žižek (1996), que vê no micropoder de Foucault um contraponto à teoria althusseriana dos Aparelhos Ideológicos de Estado (doravante AIE), pois enquanto aquele pensa no controle social a partir de sua horizontalização pelos processos disciplinares nas instituições, este centraliza tal controle na figura de um Sujeito institucional e interpelador – em ambos os casos, diga-se de passagem, o sujeito acaba (sobre) determinado sócio-institucionalmente. De modo semelhante, o também filósofo e crítico literário Terry Eagleton (1996) afirma haver certa similaridade no que diz respeito à maneira como ambos pensam o sujeito, seja como assujeitamento (Althusser), ou como auto-encarceramento (Foucault).

Em tal homologia, qual seria o ponto nodal em que se daria a interseção entre ambas as teorias? Nosso palpite é que tal ponto se localizaria no que acreditamos ser uma influência comum aos dois filósofos, qual seja, a filosofia estruturalista subjacente às suas concepções: Althusser era notadamente estruturalista, sendo tal “filiação”, inclusive, uma das marcas de sua originalidade no marxismo ocidental. Foucault, por sua vez, apesar de não se nomear um filósofo estruturalista (e inclusive se irritar quando assim denominado), já confessou ter feito uso de tal modelo de análise, o que, geralmente, é circunscrito a suas primeiras obras, do período chamado arqueológico.

Caso nossa hipótese esteja correta, poderemos, então, esclarecer os motivos das noções de ideologia e de poder tomarem proporções tão grandes para esses pensadores, a ponto de se tornarem onipresenças que, inevitavelmente, acarretam a anulação do sujeito enquanto possibilidade de escape, de subversão – afinal, não foi o estruturalismo que proclamou diversas vezes a morte do sujeito? Se não a morte, pelo menos seu esmagamento, como nos mostra Deleuze (1972/2006,

p. 245): “O estruturalismo não é absolutamente um pensamento que suprime o sujeito, mas um pensamento que o esmigalha e o distribui sistematicamente, que contesta a identidade do sujeito, que o dissipa e o faz passar de um lugar a outro, sujeito sempre nômade, feito de individualizações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais”.

Começamos por Althusser, em que é possível ver a influência estruturalista de maneira mais evidente. Em um de seus textos mais importantes – o hoje clássico *Contradição e Sobredeterminação* (1965/1979) –, o filósofo faz uma crítica contundente à retomada, no marxismo, do conceito hegeliano de dialética (e, conseqüentemente, de contradição) mediante uma simples inversão (que ele caracteriza como uma *ficção de inversão*) do idealismo para o materialismo. Para Althusser, nessa extração pura e simples, juntamente com o conceito de dialética, “viria” toda a concepção de mundo hegeliana que, como tal, é idealista. E como ele nos diz: “[...] é impossível jogar *verdadeiramente* às urtigas essa ‘concepção de mundo’, *sem se obrigar a transformar profundamente as estruturas dessa mesma dialética*” (p. 90, grifos do autor). Daí a sua proposta teórica de abandonar a noção de contradição simples pela ideia de um acúmulo, de uma fusão de contradições (uma unidade de ruptura, ele nos diz) que ele chamará de *sobredeterminação*³.

A partir de tal elaboração teórica, é permitido, enfim, a Althusser (1970/1996) explicar materialmente a origem de um fenômeno que, enquanto tal, é sempre *sobredeterminado em seu princípio* pela infraestrutura e, inversamente, reafirmar o poder de (sobre)determinação da estrutura. Em outras palavras, a partir de tal leitura (uma leitura do materialismo pelo estruturalismo, podemos dizer), é possível, então, pensar o sujeito não mais como substância, mas como produto de um complexo processo de sobredeterminação ideológica: “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (p. 131); sujeito esse esmigalhado, efeito da estrutura.

Como comenta Deleuze (1972/2006), o verdadeiro sujeito, para Althusser, acaba por ser a própria estrutura. Afinal, como podemos ver em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1970/1996), o sujeito é completamente determinado pelo Outro Sujeito Absoluto do aparelho ideológico – pela estrutura, enquanto “armação ideológica” – por meio da interpelação, de modo que aquele se apresenta como simples reflexo especular deste. Devemos notar que, aqui, quando afirmamos que os AIE designam a estrutura enquanto “esqueleto ideológico”, o fazemos partindo de um léxico estruturalista, pois, se estivéssemos nos utilizando de termos marxistas, o mais correto seria afirmar que os AIE se configuram como um dos níveis da superestrutura que, como mostra Althus-

ser, são determinados, em última instância, pela infraestrutura. De todo modo, como é evidente, mantêm-se o poder de sobredeterminação, seja pela estrutura ideológica (Outro Sujeito Absoluto) que os AIE designam, seja por eles enquanto superestruturas submetidas, enfim, à infraestrutura. E como lembra Deleuze (1972/2006, p. 242): “Todas as estruturas são infraestruturas.”. Logo, a estrutura sempre detém a faculdade de *determinação em última instância*.

Aqui, é interessante chamarmos a atenção para o fato de que tal maneira de se pensar o sujeito em Althusser acaba por se aproximar bastante da abordagem foucaultiana; porém, nesta, em vez de a *ideologia* (em sua raiz material nos AIE) ocupar o lugar determinante, quem o ocupa é o *poder*. Assim, se Foucault elabora sua teoria sobre o poder em um momento em que buscava se afastar do paradigma estruturalista, tal paradigma parece retornar (tal como um conteúdo recalçado retorna nos sintomas) na maneira como o filósofo pensa o sujeito (mais uma vez), esmigalhado e constituído por relações de poder e saber. Aliás, a própria forma como Foucault lida com as afirmações de que haveria, subjacente a sua teoria, uma abordagem estruturalista, é sintomática, ora afirmando ter feito uso do método estruturalista, ora rechaçando (recalcando?) veemente tal influência. De todo modo, o que nos importa é que Foucault, assim como Althusser, repudia a perspectiva de pensar o sujeito como substância. Como ele nos diz:

Procurei mostrar *como o próprio sujeito se constituía, nessa ou naquela forma determinada*, como sujeito louco ou são, como sujeito delinquente ou não, através de um certo número de práticas, que eram os jogos de verdade, práticas de poder, etc. Era certamente necessário que eu recusasse uma certa teoria *a priori* do sujeito para poder fazer essa análise das relações possivelmente existentes entre a constituição do sujeito ou das diferentes formas de sujeito e os jogos de verdade, as práticas de poder etc. [...] [O sujeito] *não é uma substância. É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma.* [...] o que me interessa é, precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas do sujeito, em relação aos jogos de verdade. (Foucault, 1984/2006, p. 275, grifos nossos).

Dessa maneira, podemos dizer que Foucault buscou “fugir” aos limites do estruturalismo, mas, no que diz respeito ao sujeito, tal influência parece se perpetuar, talvez pelo ímpeto do filósofo por se afastar de uma perspectiva humanista. Aliás, esta é mais uma característica comum a Foucault e Althusser: um anti-humanismo radical enquanto recusa da busca incansável pela *essência*

humana. Dessa recusa, surgem as noções de sujeito para ambos os filósofos, seja como indivíduo fabricado pelo poder – “[...] o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber” (Foucault, 1975/1983, p. 171) –, seja como sujeito interpelado pela ideologia – que, como lembra Eagleton (1996), está mais para o *moi* lacaniano (a instância imaginária do Eu) do que para o *je* (o sujeito do inconsciente).

Nesse sentido, aliás, concordamos com Zizek (1996) que Althusser leva vantagem sobre Foucault ao propor que a micropolítica presente nos processos ideológicos é sempre determinada, em último caso, pela presença maciça do grande Outro ideológico dos AIE, dando consistência ao caráter determinante (interpelador) dessa instância sobre o sujeito – consistência que é, enfim, imaginária, visto que Althusser pensa a interpelação a partir da teoria lacaniana do estágio do espelho e de formação do Eu. Pensado dessa maneira, tal processo, cujo privilégio imaginário do Outro Sujeito Absoluto é crucial, pode, inclusive, ser explicado psicanaliticamente por meio da transferência, tal como o fez Freud (1921/2011), por meio do conceito de sugestão, ao explicar as mudanças psíquicas ocorridas nos indivíduos que compõe uma massa e que condiciona, enfim, sua identificação com a figura de um líder (lugar homólogo ao ocupado pelo Sujeito Absoluto althusseriano). Porém, inversamente, acreditamos que Foucault (1984/2006) leva vantagem sobre Althusser ao buscar uma saída possível do domínio do poder pela problematização do sujeito e da prática do cuidado de si – por ele proposto a partir da retomada do imperativo socrático: *ocupa-te a ti mesmo*. Tal problematização, aliás, ao denunciar o que determina o sujeito, mais uma vez o aproxima da abordagem althusseriana, que vê o sujeito como produto da interpelação: “[...] o doente mental se constitui como sujeito louco em relação e diante daquele que o declara louco” (Foucault, 1984/2006, p. 275).

De todo modo, é importante dizer que o próprio Althusser (1970/1996) chega a prever a existência de formas encarniçadas de luta no interior dos Aparelhos de Estado, em que ele recorre ao conceito gramsciano de *hegemonia*. Assim, Althusser (1976/1980) não deixa de prever formas de resistência política (e mudança hegemônica), formas que, como um fiel marxista, ele localiza na luta de classes. É basicamente o que faz Foucault (1984/2006), partindo, porém, de outra construção teórico-filosófica, isto é, a partir da brecha do cuidado de si como prática de liberdade e da assunção de que as relações de poder se configuram como jogos estratégicos entre liberdades (os quais, arriscamos dizer, também se tratam de jogos de luta hegemônica), em que se deve buscar “[...] jogar com o mínimo possível de dominação” (p. 285).

Assim, mesmo que tanto Althusser, quanto Foucault – como bons militantes que eram – tenham pressuposto formas de resistência política, tais formas acabam sempre se dando do interior dos próprios limites impostos pelos mecanismos de sujeição pela ideologia, para um, e de dominação pelo poder, para o outro. Acreditamos que o caráter onipresente dessas instâncias (ideologia e poder) é derivado, enfim, da noção *estrutura* enquanto lugar fechado e sem exterior, da estrutura enquanto instância que, para aproveitar a referência barthesiana, é fascista. Desse modo, em ambos os casos, as formas de resistência acabam por ser interiores à própria instância a que se busca resistir e, portanto, por ela presumidas.

Como nos diz Althusser (1976/1980), “a existência das classes está [...] inscrita na produção mesma, *no próprio coração da produção*: nas relações de produção” (p. 135, grifos do autor), de modo que o que acabamos de afirmar se faz sentir: a luta de classes é interior à própria infraestrutura (que designa, justamente, as forças produtivas e as relações de produção). Foucault (1984/2006), por sua vez, afirma ser o cuidado de si uma espécie de conversão do poder, uma maneira de controlá-lo e limitá-lo (de seu próprio interior); afinal, a liberdade é inerente à relação de poder:

[...] para que se exerça uma relação de poder, é preciso que haja sempre, dos dois lados, pelo menos uma certa forma de liberdade. Mesmo quando a relação de poder é completamente desequilibrada, quando verdadeiramente se pode dizer que um tem todo poder sobre o outro, um poder só pode se exercer sobre o outro a medida que ainda reste a esse último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro. Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência – de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação –, não haveria de forma alguma relações de poder. (p. 276-277).

Assim, podemos dizer que em Althusser e Foucault até mesmo a resistência política não escapa completamente à onipresença da estrutura, de modo que esta, encarnada na ideologia e no poder, praticamente se configura como a representante legítima do Divino (ou pelo menos de Sua vontade). Ou seja, se a crença humanista na autonomia do homem é ingênua – como bem mostram Althusser e Foucault –, o “estruturalismo” desses filósofos parece levá-los a uma falta de saída

em que o sujeito se apresenta como mera imagem e semelhança do Outro da estrutura; como puro reflexo Dele, por Ele completamente determinado.

O próprio Althusser (1970/1996) privilegia o exemplo da ideologia religiosa cristã, em que o Sujeito Absoluto dos AIE encarna nada menos que a figura de Deus. Por outro lado, mesmo que o poder em Foucault (1975/1983) se apresente de maneira anônima e fragmentada em uma série de processos microfísicos⁴, podemos dizer que seu “arquétipo” fundamental se expressa no *dispositivo* do Panóptico de Jeremy Bentham – que parece dar um mínimo de consistência imaginária ao poder foucaultiano, ainda que seja na figura da torre central, dessa espécie de *olho que tudo vê, mas que nunca é visto*:

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, [...] isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. [...] *um poder onipresente e onisciente que se subdivide ele mesmo de maneira regular e ininterrupta até a determinação final do indivíduo, do que o caracteriza, do que lhe pertence, e do que lhe acontece.* (p. 174-175, grifo nosso).

E, como nos lembra Miller (1975/1996), ao falar do projeto arquitetural de Bentham, trata-se, enfim, de uma instância em que se pode reconhecer uma espécie de Deus artificial, uma máquina que faz semblante de Deus. Diante de Deus em sua onipresença, pouco resta a fazer – o próprio texto bíblico nos mostra, em *Carta aos Hebreus*: “Não existe criatura que possa esconder-se de Deus; tudo fica nu e descoberto aos olhos Dele; e a Ele devemos prestar contas” (Hb. 4:13).

Em meio a isso, parece-nos que a única saída possível frente à onipresença do poder e da ideologia é acreditar em um milagre às avessas – às avessas, pois ao invés de ter sua origem no Divino, é um milagre que permita fugir ao Seu domínio. Talvez seja esse o sentido do que nos diz Zizek, ao comentar sobre o conceito lacaniano de *real*. Como ele afirma, “[...] o Real-come-impossível significa que ele acontece. Para Lacan, milagres acontecem, e esse é o Real lacaniano” (Zizek & Daly, 2006, p. 203), real que denota, antes de qualquer coisa, “[...] a liberdade como um corte radical na textura da realidade” (p. 205).

Jacques Lacan e o *sujeito enfim em questão*

Não é raro Jacques Lacan ser rotulado de estruturalista. Tal rotulação, apesar de imprecisa, não é de todo injustificada. Afinal, Claude Lévi-Strauss, com sua antropologia estrutural (Lacan, 1953/1998), e Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson, com a linguística estruturalista (Lacan, 1957/1998), talvez componham, ao lado de Freud, o referencial teórico básico do psicanalista francês. De tal articulação, aliás, surge o célebre aforismo de que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* – a grande marca de seu *retorno a Freud*.

Assim, o que nos permite afirmar ser impreciso chamar Lacan de estruturalista? Que ele tenha feito uso de seus pressupostos, é inegável, como já demonstramos. A interrogação a ser feita, portanto, é: como se caracteriza tal uso? Jacques-Alain Miller (1968/1996), ao tentar constituir uma exposição sistemática do conceito de *estrutura* em Lacan – como se sabe, o ensino/teoria do psicanalista parisiense é marcado por certo hermetismo e dispersão, apesar de seus *Escritos* possibilitarem uma visão mais sistemática (porém não menos abstrusa) de sua elaboração teórica –, deixa claro que seu uso parte da crítica, que “[...] o desdobra, sem excedê-lo” (p. 10), de modo que é possível falar em um conceito lacanianiano de estrutura. Em outros termos, Lacan realizaria um *trabalho sobre o conceito*, tal como definido por Canguilhem⁵.

Talvez o principal indicativo de que a estrutura, em Lacan, não tem o mesmo sentido que em outros estruturalistas seja sua doutrina do sujeito. Assim, fazemos da pergunta de Lacan (1960/1998, p. 814) a nossa: “Uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?”.

De antemão, podemos responder que, a despeito do estruturalismo, a psicanálise afirma o sujeito, mesmo que não o faça, como atenta Miller (1968/1996), a partir de uma busca fenomenológica: o sujeito, sustentado pela estrutura, isto é, pelo significante, “[...] não conserva assim nenhum dos atributos do sujeito psicológico, ele escapa à sua definição” (p. 14). Para além do fenômeno e, portanto, para além do imaginário – e, devemos acrescentar, não obstante a estrutura simbólica e seu potencial de determinação –, eis o sujeito do inconsciente.

Daí podermos afirmar que a estrutura, para Lacan, se sustentaria em uma *falta* fundamental: “Nenhuma relação de um sujeito com outro sujeito, ou de um sujeito com um objeto, preenche a falta, a não ser por uma formação imaginária que a sutura, mas ela volta a se encontrar em seu interior” (Miller, 1968/1996, p. 16). Desse modo, se a categoria do sujeito, em Althusser e em Foucault, é completamente determinada pela estrutura, pelo processo de interpelação ideológica

ou pelos microprocessos que caracterizam o poder disciplinar – o que acaba por implicar um certo pessimismo no que tange às suas teorias (quase que como um contraponto direto ao “otimismo” humanista), principalmente se levarmos em conta que ambos eram ativamente engajados e preocupados com uma prática política transformadora –, em Lacan, o sujeito é correlato justamente do que surge como impasse (como falta) da estrutura, ponto impossível de formalizar, simbolizar, subjetivar e que, paradoxalmente, permite ao sujeito ser colocado em questão – sujeito que, como nos lembra Zizek (1992), denota, justamente, a falha da subjetivação: “[...] o sujeito não subsiste ‘além’ de sua representação impossível, mas é como que o efeito dessa própria impossibilidade, *constitui-se* pelo fracasso de sua representação significante” (p. 77, grifo do autor).

E o que permite à psicanálise operar com o que surge do impossível? Para Lacan (1966b/1998, p. 230), se “[...] a psicanálise não tem o privilégio de um sujeito mais consistente, porém deve, antes, permitir esclarecê-lo igualmente nas vias de outras disciplinas”. E isso, ela só faz por se constituir, antes de tudo, como uma clínica, e uma clínica que se propõe a escutar um sujeito implicado em sua demanda: sujeito implicado no que há de mais enigmático do seu ser, justamente por saber que *isso* lhe concerne; sujeito estimulado a associar livremente por um psicanalista, na busca de dizer o indizível.

Pensamos ser esse, aliás, o principal distintivo da psicanálise – esse discurso que surge com a descoberta freudiana e que, devemos dizer, é consecutório ainda da “descoberta de Freud por Jacques Lacan” (como consta na contracapa da edição brasileira de seus *Escritos*). Distintivo que lhe permite “esclarecer” o sujeito, sem pretender, com isso, lançar-lhe uma luz que não produza sombra; afinal, *o sujeito é correlato do que lhe escapa*.

Por essa razão mesma, o sujeito também escapa. Daí ter se apresentado como um impasse clínico que Lacan (1966b/1998), seguindo a tradição inaugurada por Freud com a metapsicologia, foi obrigado a elaborar teoricamente: “Queremos falar do sujeito colocado em questão por esse discurso, pois ao reinstaurá-lo aqui, pelo ponto em que de nossa parte não faltamos com ele, é apenas fazer justiça ao ponto em que ele nos concedia um encontro marcado” (p. 229). Por tudo isso, por operar com um sujeito que, subversivamente, não se reduz à determinação por mecanismos sociossimbólicos, acreditamos ser a clínica psicanalítica dotada de relevância política.

Aqui, vale lembrar o que dissemos sobre a estrutura no primeiro tópico deste ensaio. Para Barthes (1977/2013), a saída dos mecanismos de poder impostos pela linguagem se dá, necessariamente, de seu interior: “[...] é no interior da língua que a língua deve ser combatida” (p. 17) – afirmação tautológica; afinal,

como não cessamos de comentar, ela é fechada e sem exterior. Dela, disse-nos Barthes, só se pode sair pelo preço do *impossível*, da trapaça, que ele localiza na literatura. Perguntamos: qual o estatuto de tal impossível? Ao que o semiólogo francês, prontamente, nos responde: é o real de Lacan, real como impossível, real que topologicamente não coincide com a ordem da linguagem, mas a que nem por isso devemos nos render. Em suas palavras: “[...] a literatura não quer, nunca quer render-se” (p. 23).

Ora, e não foi justamente por meio de um recurso topológico à chamada *banda de Moebius* que Lacan deu uma representação formal ao real (mesmo que de maneira paradoxal, já que o real se configura, justamente, como o irrepresentável, o impossível de formalizar) e, assim, conseguiu explicar a estrutura do sujeito – que, para parafrasear Barthes, igualmente não se rende?

Que se aprenda nisso a marca a não perder de vista do estruturalismo. Ele introduz em toda “ciência humana” – entre aspas – que conquista uma modalidade muito especial do sujeito, aquele para o qual não encontramos nenhum índice senão o topológico, digamos, o signo gerador da banda de Moebius, que chamamos de oito interior. O sujeito está, se nos permitem dizê-lo, em uma exclusão interna ao seu objeto. (Lacan, 1965/1998, p. 875).

Nesse ponto surge, enfim, o sujeito lacaniano. Sujeito que, ao mesmo tempo em que é efeito da estrutura em suas identificações *simbólicas* e *imaginárias* – um significante que representa o sujeito para outro significante (Lacan, 1960/1998) etc. –, é correlato de um objeto puramente negativo, objeto que se apresenta como hiância, como antagonismo fundamental, como impasse irreduzível da simbolização: o objeto *a*, que, como lembra Lacan (1965/1998, p. 878), “[...] deve ser inserido, já o sabemos, na divisão do sujeito”. É justamente nesse ponto que Lacan, ao subverter o sujeito, indica haver nele um “para além” da estrutura (a despeito de esta denotar um lugar fechado e sem exterior). E isso, Lacan o enuncia de maneira irônica já na abertura de seus *Escritos*, ao comentar a célebre frase de Buffon, contestando que o sujeito seja simples lugar de retorno da mensagem vinda do grande Outro da estrutura:

“O estilo é o próprio homem” repete-se sem nisso ver malícia, e sem tampouco preocupar-se com o fato de o homem não ser mais uma referência tão segura. [...] O estilo é o homem; vamos aderir a essa fórmula, somente ao estendê-la: o homem a quem nos ende-

reçamos? Isso seria simplesmente satisfazer a este princípio por nós promovido: na linguagem nossa mensagem vem do Outro, e para enunciá-lo até o fim: de forma invertida. [...] Mas se o homem se reduzisse a nada ser além do lugar de retorno de nosso discurso, não nos voltaria a questão de para que lho endereçar? [...] Pois deciframos aqui [...] a divisão onde se verifica o sujeito pelo fato de um objeto o atravessar sem que eles em nada se penetrem, divisão que se encontra no princípio do que se destaca, no fim desta coletânea sob o nome de objeto *a* (a ser lido: pequeno *a*). (Lacan, 1966a/1998, p. 9-10-11).

Assim, é como se Lacan, por meio de uma *trapaça topológica* (parafraçando mais uma vez Barthes) e motivado por um imperativo clínico (de considerar o sujeito que procura um psicanalista e, ali, se põe a falar), conseguisse burlar os limites que o estruturalismo acaba impondo no que se refere à proposição de uma política emancipatória; burlar, enfim, o fascismo da estrutura; em suma, desdobrar a estrutura sem excedê-la. A insígnia fundamental dessa trapaça, como já deve ser evidente ao leitor, é nada menos que o *sujeito do inconsciente*.

Considerações finais

Há de se convir que, apesar das diferentes contingências e percursos teóricos trilhados pelos três pensadores franceses apresentados e contrapostos neste ensaio – Althusser, Foucault e Lacan –, parece ser possível ver neles alguns pontos de contato. Um dos mais notáveis talvez seja o fato de todos eles terem sido, de alguma maneira, atravessados pelo estruturalismo – atravessamento este que não foi sem consequências. Desse ponto de contato, é possível medir, pelo menos em parte, seus efeitos, dos quais destacamos um, por sua pertinência com a questão do sujeito (questão primordial deste trabalho): há uma profunda recusa em pensá-lo (o sujeito) como substância⁶.

Se não é substância, o sujeito implica, necessariamente, algo de uma dimensão vazia, ou seja, de uma forma, *a priori*, sem conteúdo. De uma maneira ou de outra, este ensaio se dedicou a tentar demonstrar como esses autores, em seus respectivos percursos teóricos, deram conta desse sujeito marcado, em seu fundamento, por uma ausência de conteúdo positivo e, a partir disso, pensar no alcance político de tais percursos – numa espécie de tentativa de matar os dois coelhos (o fundamento teórico do sujeito e seu potencial político) com

um argumento só. Avancemos na ordem que até aqui seguimos (começando por Althusser, passando por Foucault e chegando, finalmente, a Lacan), o que talvez mostre que ela não é completamente arbitrária.

Tomando a estrutura como referência, talvez possamos dizer que, deles, Althusser foi o que menos avançou⁷, mantendo-se no limite desse espaço fechado e sem exterior que a estrutura designa. A sua via de emancipação política pela luta de classes, apesar de possuir um peso retórico, parece ter pouca consistência teórica. Afinal, o que impede que, tomados os meios de produção por meio de uma revolução proletária, este mesmo proletário não continue sendo objeto da interpelação – o Estado Stalinista (do qual o próprio Althusser era crítico), por exemplo, não seria fundamentalmente interpelador?

Nesse sentido, nos parece que a onipresença da infraestrutura em Althusser – com sua característica de determinação em última instância – desemboca em um conceito de sujeito limitado, que se apresenta como simples produto de sobredeterminação simbólica e imaginária; como, por exemplo, o conceito de *Eu (moi)* em Lacan. Desse modo, sua crítica da ideologia e sua aposta na luta de classes acabam por implicar a simples assunção do polo oposto ao burguês, quando, como nos lembra Zizek (1996), a crítica da ideologia, para ser efetiva, deve, antes, se pautar no antagonismo (do qual a luta de classes pode, inclusive, ser um dos nomes) em sua negatividade pura⁸, isto é, pensar “[...] o antagonismo social (luta de classes) como Real, e não como (parte da) realidade social objetiva” (p. 30). Afinal, como prossegue Zizek: “Essa ideia de luta de classes enquanto antagonismo permite-nos contrastar o real do antagonismo com a polaridade complementar dos opostos: talvez a redução do antagonismo à polaridade seja uma das operações ideológicas elementares” (p. 28).

Foucault, por sua vez, parece alargar um pouco mais os limites desse lugar fechado (encarnado pelo poder em sua filosofia) que, devemos dizer, continua sem exterior. Tal alargamento se dá na possibilidade de saída pela própria subjetividade, ou melhor, de sua problematização por meio do cuidado de si. Porém, tal saída ainda se apresenta de maneira sutil, pois se mantém em meio às relações de poder (que permanecem onipresentes), com a diferença de que esse poder, nos lembra Foucault (1984/2006), não deve ser mais visto como representando sempre o mal – em declarada oposição a Sartre, que via no poder a expressão do mal. Assim, a perspectiva do cuidado de si como prática de liberdade busca um estado em que as relações de poder mantenham-se num nível aceitável, e no qual tais relações sejam definidas como jogos estratégicos abertos em que as posições podem se inverter sem que, necessariamente, isso implique

dominação de um lado pelo outro, como, por exemplo, nas relações amorosas e nos jogos de sedução.

Já Lacan, ao afirmar o furo do estruturalismo, parece subverter completamente o enunciado que o afirma como um lugar fechado e sem exterior – subvertendo, inclusive, a própria ideia de exterior, já que a partir de seu recurso à topologia, os registros são trabalhados pela lógica do espaço euclidiano, que não prevê a distinção entre interior e exterior. Nisso consiste, para nós, o estatuto fundamental do conceito de real em Lacan: uma impossibilidade radical ao simbólico estrutural – o que não implica, necessariamente, vê-lo como uma entidade positiva externa à estrutura, metafísica, tal qual a Coisa-em-si kantiana (como se o real fosse da ordem do numênico), e sim como pura negatividade, ao modo hegeliano. Daí o real ser, em seu fundamento, impasse: da representação, da simbolização, da formalização. Žizek (1992) dá uma explicação precisa para essa passagem de Kant para Hegel:

Kant continua a pressupor que a Coisa-em-si existe como um dado positivo, além do campo da representação, da fenomenalidade; a falha da fenomenalidade, da experiência dos fenômenos, não é, para ele, mais do que uma ‘reflexão exterior’, uma simples maneira de mostrar, no próprio interior do campo da fenomenalidade, essa dimensão transcendental da Coisa, que persiste intrinsecamente além da fenomenalidade. A posição de Hegel, ao contrário, é que não existe *nada* além da fenomenalidade, além do campo da representação – a experiência da negatividade radical, da inadequação radical de todos os fenômenos para representar a Ideia, a experiência da distância radical entre os dois, essa experiência já é a *Ideia como negatividade ‘pura’ e radical*. Quando Kant considera estar sempre lidando com a exposição negativa da Coisa, já estamos no seio da própria Coisa, *porque essa mesma Coisa não é nada além dessa negatividade radical*. (p. 130, grifos do autor)

É por meio dessa leitura “mais hegeliana” de Lacan – da qual o pensamento zizekiano é paradigmático – que alguns autores, como Safatle (2007) e Dunker (2007), afirmam que a psicanálise opera com uma ontologia negativa, por se pautar em uma perspectiva que vê no sujeito um correlato da negatividade do real. Acreditamos que tal perspectiva nos possibilita ver, na irredutibilidade do real ao poder de determinação da estrutura, um potencial inquebrantável de liberdade, em que nossa aposta no alcance político da noção de sujeito tem sua expressão le-

gítima. Parece-nos ser isso o que quer dizer Lacan (1960/1998, p. 815) ao afirmar que é o corte da cadeia significante que nos permite “[...] verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso”.

E nesse ponto, concordamos com Lacan que só a clínica poderia ter feito tal revelação, em sua aposta na singularidade da enunciação frente ao enunciado. A relação do sujeito com o significante, com a estrutura, se apresenta “[...] através de uma enunciação com que o ser estremece, pela vacilação que lhe retorna de seu próprio enunciado” (p. 816). A clínica aposta, justamente, nesse sujeito da enunciação que expressa o mal-entendido próprio à linguagem, que denuncia a inconsistência de nosso sistema linguístico, que demonstra, enfim, que o enunciado não é tão estável quanto supomos.

Aqui, é interessante atentar, ainda, que se em Althusser, as críticas aos resquícios do hegelianismo na teoria de Marx acaba por encaminhá-lo para o estruturalismo, em que ele dá ênfase ao conceito de sobredeterminação (conceito, aliás, de extração psicanalítica), em contrapartida, a retomada do hegelianismo na teoria de Lacan, realizada principalmente por Žižek, acaba por implicar um certo recuo frente ao estruturalismo, a partir, principalmente, do real como conceito negativo. A negatividade do real implica a assunção de que a estrutura, longe de ser onipresente e homogênea, é inconsistente; que o Outro da estrutura, longe de ser absoluto, é barrado – $S(A)^9$. De todo modo, é importante ratificar que tal recuo é parcial (e de modo algum um rompimento completo); afinal, a própria perspectiva de uma sobredeterminação estrutural do sujeito é aceita em psicanálise para explicar, por exemplo, suas identificações simbólicas e imaginárias – o sujeito do inconsciente não é somente dividido (como efeito do antagonismo irreduzível implicado pelo objeto *a*), mas também vazio (pois sustentado pelo significante que, enquanto tal, não significa nada).

Mas, aqui, não seria justo dizer que, dos três “protagonistas” deste ensaio, somente Lacan tentou responder aos limites do estruturalismo. Foucault, que, assim como o psicanalista, ora é chamado de estruturalista, ora de pós-estruturalista, também tentou responder a tais limites, tendo em vista, porém, outros objetivos que não a *colocação do sujeito em questão*, apesar de ter buscado na década de 1980 pensar em um contrapeso à sujeição pelo poder mediante uma ética do cuidado de si e da problematização do sujeito enquanto produto de intrincadas relações de poder e saber (Foucault, 1984/2006). Aliás, talvez o fato de ele acreditar na possibilidade de problematização da sujeição justifique que ele reconhecesse,

a despeito de suas críticas ao psicanalista parisiense, a teoria lacaniana do sujeito (Foucault, 1981/2011) – e nesse sentido, não seria a clínica psicanalítica uma modalidade do cuidado de si?

Em todo caso, essas constantes tentativas (fracassadas) dos estudiosos de nomear a que movimento teórico o filósofo e o psicanalista se filiavam apontam para um outro esforço teórico – surgido na cena intelectual francesa – de responder e ultrapassar os limites impostos pelo estruturalismo: a já citada filosofia pós-estruturalista. Mas isso já é capítulo de outra história.

Referências

- Althusser, L. (1965/1979). Contradição e sobredeterminação. In: Althusser, L. *A favor de Marx*, 2ª ed., p. 75-113. Rio de Janeiro: Zahar.
- Althusser, L. (1970/1996). Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: Zizek, S. (org.). *Um mapa da ideologia*, p. 105-142. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Althusser, L. (1976/1980). Marxismo e Luta de Classes. In: *Posições II*, p. 131-137. Rio de Janeiro: Graal.
- Barthes, R. (1977/2013). *Aula*. São Paulo: Cultrix.
- Deleuze, G. (1972/2006). Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: Deleuze, G. *A ilha deserta e outros textos*, p. 221-247. São Paulo: Iluminuras.
- Dunker, C. I. L. (2007). Ontologia negativa em psicanálise: entre ética e epistemologia. *Discurso*, 36, 214-239.
- Eagleton, T. (1996). A ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental. In: Zizek, S. (org.). *Um mapa da ideologia*, p. 179-226. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Foucault, M. (1965/2011). Filosofia e Psicologia. In: Motta, M. B. da (org.). *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise* (Ditos & Escritos I, 3ª ed., p. 220-231). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1975/1983). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (1981/2011). Lacan, o “libertador” da psicanálise. In: Motta, M. B. da (org.). *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise* (Ditos & Escritos I, 3ª ed., p. 329-330). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1984/2006). A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: Motta, M. B. da (org.). *Ética, sexualidade, política* (Ditos & Escritos V, 2ª ed., p. 264-287). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freud, S. (1921/2011). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Obras Completas*, vol. 15, p. 9-100. São Paulo: Companhia das Letras.

- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*, p. 238-324. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1955-1956/1988). *O seminário, livro 3: as psicoses*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*, p. 496-533. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1960/1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*, p. 807-842. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1965/1998). A ciência e a verdade. In: *Escritos*, p. 869-892. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1966a/1998). Abertura desta coletânea. In: *Escritos*, p. 9-11. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1966b/1998). Do sujeito enfim em questão. In: *Escritos*, p. 229-237. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lévi-Strauss, C. (1958/2012). *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.
- Miller, J.-A. (1968/1996). Ação da estrutura. In: *Matemas I*, p. 9-23. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J.-A. (1975/1996). A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: *Matemas I*, p. 24-54. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Safatle, V. (2007). A teoria das pulsões como ontologia negativa. *Discurso*, 36, 148-189.
- Saussure, F. de (1916/1970). *Curso de linguística geral*, 2ª ed. São Paulo: Cultrix.
- Zizek, S. (1992). *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Zizek, S. (1996). O espectro da ideologia. In: Zizek, S. (org.). *Um mapa da ideologia*, p. 7-38. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Zizek, S.; Daly, G. (2006). *Arriscar o impossível*. São Paulo: Martins.

Notas

- ¹ Vicissitudes que, devemos dizer, nem sempre foram fiéis ao estruturalismo e que, em alguns casos, como veremos, o criticaram ou romperam com seus próprios limites.
- ² É interessante atentar para o caráter ambíguo do aforismo lacaniano sobre a inexistência de um Outro do Outro. Por um lado, tal aforismo demonstra que a estrutura se apresenta como um “circuito fechado”, de modo que não há uma “estrutura da estrutura”, ou seja, ela determina a si mesma (o que, como vimos, é uma premissa do próprio estruturalismo). Por outro lado, o aforismo de Lacan denuncia a inconsistência desse Outro, ao afirmar que não existe um “meta-Outro”, ao dizer da inexistência de uma alteridade transcendental absoluta. Para o psicanalista, até mesmo o grande Outro, enquanto estrutura que nos transcende, é barrado. Como veremos mais adiante, essa ambiguidade se explica pela dupla fundamentação teórica do conceito de sujeito em Lacan, cuja expressão se dá no fato de ele ser, ao mesmo tempo, vazio (sujeito da estrutura) e dividido (sujeito da dialética).

³Tomamos a liberdade de trazer um trecho do texto althusseriano que, apesar de longo, é bastante exemplar de sua crítica ao conceito de *simples contradição* em Hegel: “A simplicidade da contradição hegeliana não é, com efeito, possível *a não ser* pela simplicidade do *princípio interno* que constitui a essência de todo período histórico. É porque é possível, *de direito, reduzir-se a totalidade*, a infinita diversidade de uma sociedade histórica dada (Grécia, Roma, o Santo Império, a Inglaterra etc.) a um *princípio interno simples, que essa mesma simplicidade, adquirindo assim direito à contradição*, pode aí se refletir. [...] Daí porque, aliás, Hegel pode-nos representar como ‘dialética’, isto é, movida pelo jogo simples de um princípio de contradição *simples*, a História Universal desde o longínquo Oriente até os nossos dias. Daí porque para ele não há jamais, no fundo, verdadeira ruptura, fim efetivo de uma história real – nem, ademais, começo radical. Daí porque também a sua filosofia da História é cheia de mutações todas uniformemente ‘dialéticas’. Ele não pode defender essa concepção estupefaciente a não ser mantendo-se no cume do Espírito, onde pouco importa que um povo pereça, visto que encarnou o princípio determinado de um momento da Ideia” (Althusser, 1965/1979, p. 89, grifos do autor).

⁴Que, como nos diz Foucault (1975/1983, p. 158): “Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo; [...] uma rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente”.

⁵Como nos diz Georges Canguilhem (1963, citado por Miller, 1968/1996, p. 10): “[...] trabalhar um conceito é fazer variar sua extensão e sua compreensão, é generalizá-lo pela incorporação de traços de exceção, exportá-lo para fora de sua região de origem, tomá-lo como um modelo ou, inversamente, buscar-lhe um modelo; em suma, conferir-lhe progressivamente, por meio de transformações regulares, a função de uma forma.”

⁶Neste ponto vale um pequeno comentário à margem: a afirmação de que Lacan recusaria pensar o sujeito como substância pode ser imprecisa. Imprecisa, porque se tomarmos Lacan a partir de uma leitura hegeliana – tal como faz, por exemplo, Žizek (perspectiva adotada neste ensaio, como o leitor verá mais adiante) –, devemos afirmar que a “essência substancial” do sujeito é descentrada de si mesma, é autodividida, ou em outros termos, que “[...] a essência é ‘sujeito’, e não apenas ‘substância’” (Žizek, 1992, p. 142). Como explica Žizek (1992): “[...] podemos falar da diferença, da separação entre essência e a aparência, unicamente na medida em que a própria essência é dividida [...] Paradoxalmente, poderíamos dizer que o sujeito é precisamente *a substância que se apreende como substância* (isto é, como uma dada entidade estranha, exterior e positiva, existente em si): o ‘sujeito’ é apenas o nome dado à distância interna entre a ‘substância’ e ela mesma, o nome dado ao lugar vazio de onde a substância pode se perceber como ‘estranha’ a si própria. Sem essa autodivisão da essência, não há nenhum lugar que possamos distinguir da própria essência, aos olhos do qual a essência possa *aparecer* também distinta dela mesma, isto é, precisamente, como ‘pura aparência’: a essência só pode *aparecer* na medida em que já é exterior a ela mesma.” (p. 142, grifos do autor). *Grosso*

modo, o que estamos afirmando é que, apesar de Lacan não reduzir o sujeito à substância (o que dá inteligibilidade à nossa afirmação de que ele, assim como Foucault e Althusser, recusa pensar o sujeito como substância), ele não recusa a noção de essência, mas a toma como negatividade.

⁷ O “avanço” a que aqui nos remetemos nada tem a ver com mérito teórico – que de modo algum é mensurável –, mas sim um avançar em direção à ruptura com os limites impostos pela estrutura. Nesse sentido, vale lembrar que não era do interesse de Althusser superar o estruturalismo.

⁸ Como nos diz Žižek (1996): “[...] *esse lugar de onde se pode denunciar a ideologia tem que permanecer vazio, não pode ser ocupado por nenhuma realidade positivamente determinada*; no momento em que cedemos a essa tentação, voltamos à ideologia” (p. 22-23, grifo do autor). Acreditamos que Althusser acaba cedendo à tentação, ao tomar a luta de classe como conceito positivo, isto é, Althusser determina em demasia o que deveria manter-se uma negatividade indeterminada.

⁹ O que estamos dizendo é que a crítica de Althusser (1965/1979) à noção de *simples contradição* em Hegel (que como vimos, recai na elaboração do conceito de sobredeterminação) acaba por ser, em certa medida, uma crítica à ideia de que haveria uma *contradição essencial* ou uma *essência em forma de contradição*. Em suma, uma crítica à própria ideia de *essência*, que de alguma maneira remeteria ao “cume do Espírito” (como ele mesmo nos diz). Ora, nos parece que a posição de Žižek (e de outros “ontólogos negativos”) nesse debate que Althusser trava com Hegel é que Hegel tinha razão e sua influência se faria sentir na psicanálise de Lacan, principalmente em sua doutrina do sujeito – mesmo que, para afirmar isso, Žižek precise inaugurar uma leitura totalmente original de Hegel. Sobre tal influência, nos diz Safatle (2007) ao falar da pulsão de morte como negatividade irreduzível (devemos lembrar que o objeto *a*, correlato do sujeito do inconsciente, é objeto pulsional por excelência): “Essa irreduzibilidade tem um peso ontológico, pois está assentada em uma noção de negação, nem sempre tematizada de maneira explícita por Lacan, como *modo ontológico de acesso à essência*” (p. 174, grifo nosso).

Recebido em 09 de agosto de 2018

Aceito para publicação em 18 de dezembro de 2018

RESENHA

E o mundo parou!

É O MUNDO PAROU!

AND THE WORLD STOPPED!

Y EL MUNDO SE DETUVO!

Esther Maria de Magalhães Arantes ⁽¹⁾

Paulo Armando Esteves Martins Viana ⁽²⁾

Resenha

Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak (1ª ed., 2019). São Paulo: Companhia das Letras, 85p.⁽³⁾

O que mais dizer deste importante livro e já comentado por muitos? Desnecessária, portanto, uma resenha? Talvez – não fosse este livro fonte inesgotável de reflexão, e não tivesse a pandemia da COVID-19 colocado em xeque, de maneira dramática, o nosso modo de vida dito civilizado.

A COVID-19 surgiu e/ou foi detectada na China no final de 2019, espalhando-se rapidamente por outros países a partir do início de 2020. Com o número crescente de doentes e de óbitos, e na falta de uma vacina e de medicamentos eficazes e adequados para tratar a infecção, em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estarmos atravessando uma pandemia.

Não é que não soubéssemos que havia um rastilho de pólvora sendo aceso, podendo resultar no “fim do mundo” ou, pelo menos, no “fim de um mundo”. Com insistência temos sido alertados por estudiosos, cientistas, ecologistas, povos originários e o próprio Papa Francisco sobre as mudanças climáticas em curso, sobre a destruição das florestas, a contaminação dos alimentos, a poluição do solo, das águas e do ar que respiramos.

Grandes debates foram e têm sido travados, com ponderações diversas, desde os que insistem em acelerar o processo de devastação da Terra, apostando

⁽¹⁾ Doutora em Educação pela Boston University, MA, USA, com Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPFH-UERJ); Professora aposentada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: arantes@puc-rio.br

⁽²⁾ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPFH-UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. email: pauloarmando83@yahoo.com.br

⁽³⁾ Todas as citações com apenas os números das páginas são da obra resenhada.

ser melhor habitar um mundo com tudo fabricado pela técnica, até os que acreditam não mais haver condições de deter o processo que levará irremediavelmente ao fim dos humanos, sobrevivendo a Terra por sua enorme capacidade de se refazer e se reinventar – ou seja: “um mundo sem nós”.

Dentre as vozes que se apresentam na defesa da mãe Terra, Ailton Krenak, autor do livro aqui resenhado e uma de nossas maiores e mais queridas lideranças indígenas – na boa companhia do cacique Caiapó Raoni Metuktire e o xamã Yanomami Davi Kopenawa, dentre tantas outras lideranças –, destaca-se tanto pela clareza e contundência de seu pensamento e apreço pela diversidade, como pela gentileza, alegria e suavidade de sua fala.

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (p. 22-23)

Ailton, como pessoa pública e liderança indígena é, sobretudo, fala e presença. Não por outro motivo, o livro aqui resenhado é constituído de transcrições de uma entrevista (*A humanidade que pensamos ser*) e duas palestras (*Ideias para adiar o fim do mundo* e *Do sonho e da Terra*) que tiveram lugar em Portugal, entre os anos de 2017 e 2019 (p. 85). Assim, é fundamental ler o livro, mas acreditamos indispensável vê-lo e ouvi-lo sempre que possível.

É pela força desta fala/escrita/presença, certa como flecha mirando o alvo, que ele nos convida – a nós, os brancos, se assim o desejarmos – a habitar o mundo de outra maneira. Para isto, é necessário que o entendimento de nós mesmos não possa se dar mediado pela mercadoria, ou não apenas por ela, exigindo um voltar-se para as produções subjetivas possibilitadas a partir de nossas relações com humanos e não humanos, que é o canteiro, segundo Ailton, que pode criar mundos (Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, 2019).

E é por estarmos andando por aí tão desavisados desse organismo vivo que é a Terra e tão descuidados dos nossos parentes indígenas, que muitos de nós, talvez, não nos damos conta de como o povo Krenak, que vive à margem do rio Doce, foi atingido de maneira radical pelo rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco, em novembro de 2015.

O despejo de toneladas de material tóxico no rio Doce colocou o povo Krenak “na real condição de um mundo que acabou” (p. 42) – uma vez que habitar uma terra sagrada não é o mesmo que habitar um território qualquer.

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa). (p. 40)

Ailton nos lembra que ao nos deslocarmos constantemente de um lugar a outro, sem nenhum sentido de pertencimento, tomando todas as coisas apenas como recursos ou mercadorias, nos afastamos desse organismo vivo que é a Terra e nos colocamos “num dilema em que parece que a única possibilidade para que comunidades humanas continuem a existir é à custa da exaustão de todas as outras partes da vida” (p. 46). Assim:

Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferentes graduações são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos. (p. 49-50)

Com o advento da pandemia da COVID-19, Ailton Krenak recomenda que aproveitemos este momento para fazermos uma pausa e uma correção de rumos: “Tomara que, depois de tudo isso, não voltemos à chamada ‘normalidade’, pois se voltarmos é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. Aí, sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira.” (Intercept Brasil, 2020)

Para estarmos à altura desse desafio, para não retornarmos à “normalidade vigente”, o livro se torna um valioso companheiro, oferecendo ferramentas para pensarmos de maneira crítica as noções de Humanidade, Natureza, Terra e Mundo, na medida em que nos ajuda a entender que esta humanidade, da qual fazemos parte e reproduzimos, endossamos e reconhecemos como vida, é uma abstração, forjada, dentre outros motivos, para subjugar e explorar aqueles povos, sujeitos e organizações sociais que não tomam a experiência da vida como um extrativismo acelerado dos recursos naturais e nem têm como projeto essencial a produção e reprodução infundável de mercadorias que marcam e fundamentam as relações sociais.

Nesta humanidade, compreendemos a natureza como cindida da nossa própria vida e, partindo dessa constatação, passamos a tomar esse humano que

chamamos de “nós” como uma entidade superior, autorizada a intervir na natureza como recurso e sobre os outros humanos como humanos menores, desumanos, inumanos, como aqueles que não seguem o coro e atrapalham o “progresso” da humanidade normal e afinada.

Isso que chamamos de humanidade, como diz Ailton, nos produz ausências: dos sentidos de viver em sociedade, de se relacionar com o outro, de experimentar formas subjetivas que nos garantam oxigenação, liberdade e prazer. Suspender o céu, seguindo a proposta do livro de Davi Kopenawa, se torna, então, uma aposta imprescindível: aposta na ampliação das experiências subjetivas. (Kopenawa & Albert, 2015)

Empurrar o céu dançando, cantando, sonhando e contando sempre mais uma história, uma nova narrativa que contemple a diversidade e as alianças com o outro, os outros, humanos e não humanos, com a Terra. Tudo isso se torna fundamental para lutarmos contra esse modo de subjetivação “zumbi”, que insiste em ser acionado por essa humanidade cindida, abstrata, extrativista, autocentrada, racista e colonizadora.

Como já dito, Ailton nos alerta que esse divórcio da Terra está nos deixando órfãos: sem ar, sem mar, sem rio... Essa cisão nos aproxima do fim e aciona a insustentabilidade de afirmar tal humanidade.

No primeiro episódio da série *Guerras do Brasil* (Bolognesi, 2019), Ailton diz ao entrevistador: “Nós estamos em guerra”. Precisamos reconhecer essa guerra. Precisamos assumir a insustentabilidade desse modo de produção. Precisamos nos implicar fortemente nesse processo a que todos estamos submetidos: de colonização, folclorização e subjugação daqueles que não respondem à lógica de mercantilização da vida.

Assumir a existência dessa guerra é acessar a responsabilidade que temos pela devastação progressiva da Terra e de tudo aquilo que nela pode diferir.

Assumir a existência dessa guerra é, também, paradoxalmente, poder contar uma outra história e suspender o céu, para que ele não nos achate. É poder expandir o espaço do ar que respiramos, prolongar um pouco mais a oxigenação e nos livrarmos processualmente da claustrofobia de vivermos aprisionados ao individualismo predador que nos constitui.

Dessa maneira, Ailton Krenak, em seu livro, nos ensina que os povos indígenas se constituem como sujeitos coletivos que não protocolam e nem normatizam a vida. Ao contrário, contemplan a diversidade como forma de conhecer o mundo, tendo no sonho um caminho para a aprendizagem que permite a emergência de cantos, danças e inspirações. O sonho como conhecimento da realidade e ponte para interagir com pessoas e com a Terra. Poder sonhar e contar outra história é uma via para adiar o fim do mundo.

Quando eu sugeri que falaria do sonho e da terra, eu queria comunicar a vocês um lugar, uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, de reconhecer essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia. (p. 51-52)

(...) Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. (p. 65-66)

O livro *Ideias para adiar o fim do mundo* é isso e muito mais, e pode ser acompanhado pelas inúmeras entrevistas e palestras disponibilizadas na internet.

Referências

Livros

Kopenawa, D.; Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Vídeos

Bolognesi, Luiz (dir.) (2019). *Guerras do Brasil.doc*, episódio 1 (indígenas). Nossa História Viva. <https://www.youtube.com/watch?v=VeMISgnVDZ4&t=873s>

Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ (2019). *Constelações insurgentes: fim do mundo e outros mundos possíveis*. Conversa com Ailton Krenak e Sueli Rolnik, mediada por Tatiana Roque, em 11 de outubro de 2019. <https://www.youtube.com/watch?v=k5SP0GHjWfw>

Intercept Brasil (2020). *A terra inabitável*. Ailton Krenak e Leandro Demori conversam sobre a crise do coronavírus. <https://www.youtube.com/watch?v=6XoRg3nj1Ws>

Recebido em 15 de abril de 2020

Aceito para publicação em 17 de abril de 2020

